

SÉRIE IRMÃOS BECKER

CARLIE FERRER

sacrifício

Você abriria
mão da sua vida
por amor?





SACRIFÍCIO

Você sacrificaria sua vida por amor?

Carlie Ferrer



Copyright © 2018 Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra sem o consentimento escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Foram usados nomes de cidades reais, porém os locais citados, assim como procedimentos destes locais e pessoas descritas, são fictícios, tendo sido criados para esta obra apenas.

Equipe editorial

Capa: Marina Ávila

<http://marina.fantasya.com.br/>

Diagramação digital: Carlie Ferrer

Dedicado a Ellen Souza, minha amiga e irmã, nunca terei palavras para agradecer por seu apoio e amizade!

Ajude a salvar vidas! Seja um doador. Informe a sua família.



Parte 1

Diário de Christopher Becker

Presídio de Caxambu – 12 de junho de 2014

Não sei como contar meu passado de uma maneira em que eu não pareça o vilão, o que na verdade, eu não sou. Apaixonei-me duas vezes na vida, e foi por puro azar que essas duas mulheres tiveram alguma ligação com meu irmão mais velho, Richard Becker. Na primeira vez que me apaixonei por alguém, foi Sarah Marins, a conheci quando ainda era um adolescente magrelo e bobo, demorei demais a me aproximar dela e ao piscar os olhos, ela estava com ele. O amor deles me enojava, era pra eu ser o centro do mundo dela, como ela era o meu. Foi aí que comecei a odiá-lo. Não apenas por causa de uma mulher, mas por tudo o que ele tirava de mim. Ele tinha a vida que eu deveria ter, e por algum motivo, eu sempre falhava ao tentar ser como ele. E isso era um requisito obrigatório se queria ter qualquer atenção dos meus pais. Eles me comparavam a ele em tudo, e eu sempre era o errado, o fracassado, o que nunca conseguia alcançar Richard. Quando entendi que eu não tinha que ser como ele, descobri que poderia ser melhor do que ele. Sarah também percebeu isso, já que não tive muito trabalho para convencê-la a deixá-lo e casar-se comigo.

Nós poderíamos ter sido felizes. Se ela não o tivesse visto tão logo retornamos de nossa lua de mel. Se ele não houvesse sido tão frio com ela, a ponto de ela sentir falta da atenção dele. E tudo desandou, ela o queria de volta e ele nunca a perdoaria, então ela também não me perdoou. Como se a culpa fosse inteiramente minha. Ela não se casou comigo obrigada, foi escolha dela, mas como sempre, eu fui o vilão.

Então veio Gabriella, a guerreira. Uma vida difícil, sozinha no mundo, Richard a viu primeiro, mas era mau com ela, a ponto de ela sempre preferir a mim, minha companhia, minha proteção. E num segundo isso mudou, num segundo seus olhos brilhavam por ele, e ela mal me via como amigo.

Mas estou escrevendo nessas páginas para falar dela, a terceira mulher. Aquela por quem não me apaixonei apenas, eu a amei. Como um soco na boca do estômago, eu apenas recebi um golpe inesperado que me fez

vê-la como a razão de tudo. A única com quem fui sincero, pelo menos até agora. A única a quem eu não mediria esforços para fazer feliz. A que me conheceu como seu herói, desnudando-me logo depois, vendo o monstro que eu havia me tornado e pareceu querer-me ainda mais depois disso. Aquela que foi minha uma única vez, e foi o suficiente para o resto da minha vida. Sarah, Gabriella, hoje sei que não foram nada comparadas a ela, à sua pureza e verdade.

Tudo começou quando descobri que Gabriella estava esperando um filho dele. Mesmo após ele tê-la deixado ir embora. Não queria mais olhá-la nos olhos, aqueles olhos tão apaixonados por ele. Deixei-a parada ali, odiando-me por minhas vitórias, e saí. Não sabia para onde ir, não queria ir para lugar nenhum, e ao mesmo tempo queria ir para longe.

Dirigi até sair da cidade, vi o sol sumir, depois sair de novo e eu precisava parar porque estava sem gasolina. Meus olhos vermelhos, estava tão cansado, mas não queria parar. Enchi o tanque e voltei a dirigir, sem perceber, de volta à cidade, para Caxambu, decidi pegar minhas coisas e sumir.

Quando cheguei, a manhã estava nascendo, eu estava passando próximo ao Presídio de Caxambu, mal enxergava a rua à minha frente, meus olhos fechando pelo cansaço. De repente, um baque no carro me assustou e pisei no freio a tempo de ver um corpo bater no vidro do carro e cair ao chão. Desci imediatamente e avistei uma mulher caída na frente do carro. Abaixei-me até ela e tirei o longo cabelo ruivo de seu rosto, havia sangue por toda parte, toquei gentilmente seu rosto, para me certificar que estava viva, e ela abriu os olhos emitindo um pequeno gemido. Porém, foi quando olhou para mim que o mundo à minha volta parou. Ela tinha os olhos mais lindos que eu já havia visto na vida. Meu coração disparou e minha boca ficou seca. Eu já tinha visto essa história, sabia onde isso daria, mas não podia apenas afastar-me. Eu provoquei aquilo, tinha que salvá-la. Ela me olhou por um tempo, seus olhos presos nos meus como que guardando algo, depois fechou os olhos, e me desesperei. Ela havia desmaiado nos meus braços. E eu só conseguia pensar em uma maneira de salvar a vida da mulher que tinha os olhos mais lindos do mundo, olhos de anjo.

Fiquei à espera dela no corredor do hospital, sentindo-me um ser miserável por feri-la daquela maneira. Eu queria poder curá-la, tomar seu

lugar e pagar sozinho por meus pecados. Quando o médico me disse que ela estava bem, que os ferimentos eram superficiais e logo ela se recuperaria, senti-me nascer de novo, tamanho alívio senti. Fiquei ao seu lado por horas, observando-a. Desde a maçã do rosto rosada e proeminente, aos lábios delicados e aqueles grandes olhos fechados. Ela murmurou coisas ininteligíveis e me peguei sorrindo de suas caretas durante o sono. Eu já havia pagado a conta do hospital, já sabia que ela estava bem e podia ir embora, mas não conseguia. Por algum motivo estava esperando que ela acordasse, que brigasse comigo por tê-la atropelado e assim eu pudesse ouvir sua voz.

Me diverte recordar que cheguei a pensar que meu fascínio por ela fosse apenas obra da minha mente machucada.

Quando finalmente ela abriu os olhos, já de noite, pude anotar a cor exata deles, verdes com pequenas manchas castanhas. Como um mar calmo. Ela era divertida, simples, doce e triste. Carregava uma tristeza que eu precisava descobrir o motivo. Sabia que ela tinha um problema no coração, isso me foi dito pouco depois de chegarmos ao hospital, o que exigiu o dobro de atenção dos médicos. Mas ela me parecia tão bem! Saudável! Linda! Foi tão gentil, geniosa e sincera. Ah, sua sinceridade. Me pego sorrindo como um bobo ao escrever isso, quantas vezes me surpreendeu e me fez rir por falar sempre o que pensa, sem qualquer filtro, e até mesmo noção, nos momentos mais impróprios. E eu menti para ela.

Fiz jogos para conquistá-la, fingi ser alguém que eu queria ser, mas não era. A vi se envolvendo com esse alguém que inventei, mas nunca o bastante para se entregar. Havia o outro cara, afinal esta é minha cruz. Aquele a quem ela amava, a quem pertencia. E foi no momento em que me revelei, quando disse a ela como era fraco e mentiroso, que ela se entregou a mim. Foi nesse momento que eu percebi que ela sentia algo por mim. E me dói que nunca vá me amar como eu a amo. Se descobrir que eu menti, irá odiar-me por fazer isso poucas horas após jurar não mentir mais. E se não descobrir, e é o que espero, vai me odiar para sempre por ser o monstro que acabou com sua vida, o monstro que há meses ela odeia. Não há saída para nós dois.

Ao menos me conforta saber que seus últimos meses em vida serão os mais felizes. Que terá tudo o que sempre quis, a paz que procurava, o amor

que tanto sentia falta, terá tudo! E saber disso faz valer a pena meu sacrifício.



Capítulo UM

03 de fevereiro de 2014

4 meses antes

O pesadelo era real.

Abri os olhos para encontrar o lado direito da cama vazio, de novo. Eu esperava realmente que fosse um pesadelo. Mas nunca é. Não me sobravam tantos dias bons, por que até mesmo estes tinham que ser tirados?

Eu tinha uma entrevista de emprego, não sabia como teria cabeça para fazê-la no estado em que me encontrava, mas eu precisava naquele momento, mais do que em qualquer outro, de um emprego. Precisava contratar um advogado, o melhor que encontrasse e *tirá-lo* da prisão. Havia pegado como hábito nos últimos dez dias, abrir a porta do quarto dela, apenas para ver suas coisas bagunçadas, a poeira tomando conta e a falta que ela fazia.

Não quis tomar café, embora isso significasse que não tomaria o remédio da manhã, fui bem cedo para a entrevista, para não correr o risco de chegar atrasada. O prédio oponente me parecia intimidador, assim como os

olhares tortos da recepcionista e dos seguranças na entrada. Talvez não estivessem aprovando minha roupa simples e sem marca, minha aparência cansada e a falta de confiança com que adentrei aquele lugar. Eu não os culpava. Aproximei-me da recepcionista e disse mais baixo do que pretendia:

— Estou aqui para a entrevista com o senhor Becker.

A mulher me analisou com um semblante que expressava pena, e confusa, seguiu suas instruções até o andar em que um dos herdeiros de todo aquele império estaria me aguardando. Logo que cheguei à recepção do andar correto, senti minhas esperanças se esvaírem. Havia mais quatro mulheres para serem entrevistadas para a vaga. Mas diferente de mim, elas estavam muito bem vestidas, aparentemente saudáveis e o mais importante, confiantes de que conseguiriam o cargo. Sentei-me encolhida ao lado de uma loira que mais parecia uma modelo, e ela cochichava com a morena ao seu lado:

— Tenho três anos de experiência em uma gravadora grande, do período que passei em São Paulo. Tenho certeza que esta vaga é minha.

— Pois eu tenho seis anos de experiência, e sou fluente em quatro idiomas. O que a faz pensar que tem mais chances do que eu? — confrontou a morena.

— Eu conheço o chefe. Intimamente, quero dizer. Já nos encontramos diversas vezes, ele me chamou pessoalmente para esta entrevista.

A morena se calou diante da trapaça e xinguei mentalmente minha falta de sorte.

— Quem mandou não ser vadia, Ellen? — murmurei alto o suficiente apenas para que elas ouvissem, e recebi olhares atravessados da senhorita vaga garantida.

Estava me decidindo entre tentar a sorte ou ir embora com o resto da minha dignidade, quando uma luz no fim do túnel surgiu à minha frente. Damy, meu amigo de faculdade, sorriu ao me reconhecer, dando-me os pêsames pela perda de Liz, já que não havíamos nos visto desde a morte dela, dois meses antes.

— Você veio para a entrevista? — perguntou curioso com aquela expressão de pena, de quem sabia que iria perder meu tempo e me decepcionar, e como última tentativa de virar o jogo, respondi alto demais:

— Vim só porque você insistiu. Porque essa coisa de cortarem o salário pela metade e alguns benefícios por causa da crise, não me agrada! Sem falar desse horário desumano de trabalho, enfim, me agradeça por estar aqui.

Vi as mulheres olharem de uma para a outra buscando uma confirmação do que eu havia falado. Primeiro com descrença, mas Damyandreson entendeu meu jogo e entrou nele, respondendo em alto e bom som:

— Eu disse ao senhor Becker que perderia a secretária anterior se fizesse isto, mas ele não me ouve. Aquele homem não ouve ninguém, tão intragável quanto o pai e os irmãos. Mas ele acha que pode encontrar uma secretária que aceite trabalho escravo pela metade do preço, duvido que tenha essa sorte.

Ele mal terminou de falar, as mulheres se levantaram em direção à recepcionista, exigindo maiores informações sobre a vaga. Ainda bem que no anúncio não dizia carga horária, salário nem benefícios. A porta da sala se abriu em seguida, e uma voz masculina chamou lá de dentro:

— A próxima.

Uma moça aparentemente nova demais saiu de lá aos prantos e Damy quase me carregou para dentro da sala. *“Eu, furando fila depois de velha, isso é que dá não transar com os empresários da cidade.”* Ergui minha cabeça, consertei minha postura e entrei exibindo a confiança que jamais estive em mim. O homem atrás da grande mesa era jovem, os cabelos loiros um pouco compridos, olhos muito azuis e, apesar de ser tão bonito, havia algo de frio e cruel na maneira como me olhava, avaliando-me dos pés à cabeça com o mais puro desdém. Ele exibiu um sorriso de escárnio, ao comentar como que para si mesmo:

— Só pode ser brincadeira! — Girou em sua cadeira demonstrando certa impaciência, até se aquietar em minha direção com o semblante determinado. — Seu nome — exigiu.

— Ellen Dummont — respondi quase gaguejando.

Ele procurou algo entre alguns papéis e encontrou, fazendo uma careta para o meu currículo e mais algumas folhas que tenho certeza que não entreguei quando me candidatei à vaga.

— Sou Alec Becker, sente-se — ordenou sem desviar os olhos para

mim ou estender a mão, como qualquer pessoa educada faria. Contudo, obedeci prontamente.

Nunca fiz uma entrevista de emprego, mas havia assistido a várias antes desta. Estava preparada para responder qualquer pergunta, por mais capciosa que fosse ela. Preparei-me para jogos mentais e testes, para pegadinhas e perguntas intimidadoras, eu me preparei para tudo, menos para a primeira pergunta que ele me fez.

— Você está doente, senhorita Dummont?

Gaguejei, gaguejei e não consegui pronunciar uma resposta plausível. Então, ele prosseguiu com a segunda bomba:

— Nunca trabalhou por conta desta doença, não é? Por que começar agora? Você não recebe um auxílio do governo?

Ele me encarou com todo aquele desprezo e me senti tentada a sair correndo como a candidata anterior, mas me apressei em respondê-lo, não querendo demonstrar minha fraqueza.

— Eu posso garantir ao senhor que este pequeno detalhe em nada interfere no meu serviço. Estarei disponível para o senhor em qualquer horário ou dia, e sou perfeitamente capaz de cumprir o serviço solicitado com perfeição.

— Doente? E sem experiência alguma em nada? Eu duvido muito disso — respondeu debochado.

Pouco depois, atirou minha ficha sobre a mesa e avistou meu histórico médico que eu jamais seria burra o suficiente para entregar a uma empresa em que pretendia trabalhar.

— Você não pode ter sido tão ingênua de pensar que eu contrataria alguém que abusaria do plano de saúde, só para morrer em seguida. Está dispensada, senhorita Dummont, mande entrar a próxima.

— Mas... — balbuciei baixinho em busca de algo que o fizesse deixar o desprezo de lado por tempo o suficiente para me ouvir, mas não havia nada que eu pudesse dizer, afinal de contas, ele estava certo. Seria um tiro no escuro contratar-me, porém, poderia dar certo, quem sabe...

Ele não estava disposto a pagar para ver, por que estaria, não é mesmo? Levantei-me cabisbaixa e sentindo um peso sobre os ombros, um peso que

indicava meu desespero, só havia um motivo para eu estar ali, me dispondo a passar por uma humilhação como aquela, e este motivo era forte o suficiente para me fazer procurar outros lugares, e ouvir o tom de deboche de muitos outros entrevistadores. Uma hora, alguém me contrataria. Nem que eu tivesse que implorar.

— Muita prepotência... — ouvi-o resmungar e respondi antes de deixar a sala:

— Bem, seria a primeira vez que sua empresa não seria processada por uma ex-funcionária caso eu morresse antes de ser demitida, não é mesmo? — comentei como quem não quer nada, fitando-o nos olhos impacientes.

Um sorriso surgiu em seu rosto, seguido da expressão de clara surpresa. Ele tornou a avaliar-me dos pés à cabeça, mas balançou a cabeça em negativa, livrando-se do que quer que havia tomado sua mente, dispensando-me com um gesto de mãos, como se dispensa um animal.

— Não vai me servir de nada. Vá embora.

Ergui a cabeça e não chorei, pelo menos eu tentei. Bati a porta ao sair apenas para que ele tivesse o trabalho de vir abri-la para chamar a próxima candidata. Não me incomodei com os olhares mortais delas, fossem eles por eu ter furado a fila ou por eu ter mentido sobre o salário, tanto faz. Nunca mais voltaria a vê-las, nunca mais pisaria naquele lugar, mesmo.

Ao invés de ir para a casa, como meu corpo pedia, vaguei sem rumo à procura de vagas pela cidade. Ao final do dia, exausta e sem nada que me animasse, segui para a prisão. Se o motorista do ônibus fosse rápido o bastante, conseguiria ao menos dez minutos com ele, apenas para vê-lo, já que não teria boas notícias. Por mais que pensasse, e pensasse, não fazia ideia de como faria para pagar um bom advogado. Um que pudesse soltá-lo sem os julgamentos por sermos pobres e simples. Um que não achasse que ele era culpado só porque não tínhamos condições de pagar valores mais altos. Um que se preocupasse em fazer justiça à morte de Liz, mandando o verdadeiro assassino para a cadeia. O motorista da noite dirigia feito um louco, e mais cedo do que havia imaginado, me peguei diante da prisão da cidade, do outro lado da rua, vendo as pessoas saírem cabisbaixas ao deixarem seus entes queridos lá dentro. Eu estava aprendendo a lidar com aquela sensação nas

últimas semanas.

Preparei-me para atravessar quando o sinal do pedestre ficou verde, mas o que eu faria lá? Dez minutos para dizer a ele que não deu certo dessa vez? Que nada havia mudado, ele ainda continuaria preso por um crime que não cometeu e nós ainda não tínhamos dinheiro para pagar um bom advogado. Decidi que eu deveria ir embora e voltar depois, no dia seguinte, ou quem sabe na semana seguinte. Quando tivesse um sim de alguma alma caridosa e pudesse dizer ao meu noivo que eu o libertaria. Meu coração se apertou enquanto tomava o ônibus de volta para casa. Eu sentia tanta falta dele, e às vezes essa saudade parecia querer me sufocar. Talvez valesse a pena ter dez minutos apenas para ouvir sua voz e ver seu rosto tão bonito. Só para dizer a ele que eu ainda estava ali por ele, que sempre estaria e daríamos um jeito. Nós tínhamos que dar. Mas não tive forças para descer no ponto mais próximo e voltar à prisão, pensei que nem teria tempo, de todo jeito. Fiquei me perguntando por que havia momentos na vida em que tudo se fechava ao seu redor como se você tivesse caído em um buraco fundo e escuro. E não adiantasse pensar em coisas boas estando ali, pois suas paredes se tornavam impenetráveis para a esperança. E sem esperança, você pensava que nunca mais sairia dali.

Não havia muitas vagas de emprego na pequena cidade. Talvez eu devesse ir para a capital, lá seria mais fácil, talvez ninguém descobrisse sobre meu estado de saúde, mas como poderia ir embora e deixá-lo? Como eu o veria? Ele ficaria completamente sozinho no inferno. E este pensamento me impediu de dormir à noite, eu sabia que ele havia me esperado, esperado minha visita no dia anterior para dizer como tinha sido a entrevista e eu fui covarde em não olhá-lo nos olhos para dizer que daríamos outro jeito.

Antes mesmo do sol nascer, eu estava em um ônibus, o primeiro do dia, em direção ao presídio. Ficaria na fila para ser uma das primeiras a entrar e poderia passar mais tempo com ele. Mais tempo tentando convencê-lo de que tudo daria certo. Sentindo-me mais cansada do que nos dias anteriores pela noite de sono mal dormida, fui recebida pela brisa fria ao saltar do ônibus. Ensaiei colocar um sorriso no rosto para animá-lo quando o encontrasse, mesmo que estivesse parecendo louca sorrindo para o nada àquela hora da manhã. *“Sempre ouvi dizer que os loucos é que são felizes, então como faço*

para não ser sã?”

Para alguém com um relógio ligado sobre a cabeça, marcando o tempo que ainda tinha de vida, eu era cuidadosa ao extremo. Verifiquei a rua antes de atravessá-la, e não havia nada, absolutamente nada quando pisei apressada no asfalto, e poucos passos depois, um carro freou causando um barulho enorme em meus ouvidos e, no segundo seguinte, algo pesado me atingiu com força, lançando-me ao chão. Em um segundo as luzes dos postes giraram e com um baque, senti minha cabeça bater no chão. Parecia que o ar ficava mais frio a cada segundo, minha respiração estava pesada demais para que eu a puxasse sozinha, uma mão quente tocou a minha e alguém falava comigo, mas eu não conseguia discernir suas palavras. Foquei meus olhos na pessoa que pairava sobre mim, eu já não conseguia respirar. Os olhos naquele tom indecente de azul pareciam em pânico, um rosto bonito como o de um anjo falava algo comigo, devia ser mesmo um anjo, eu devia estar morrendo. Memorizando aquele rosto tão belo, deixei meus olhos pesados vencerem, e tudo ficou escuro.



Capítulo **DOIS**

A primeira coisa que pensei ao abrir os olhos foi “o céu dói”. Meu corpo todo doía. Algo preso à minha mão incomodava e minha garganta estava tão seca, que tive a sensação de dor ao engolir. Não fui uma má pessoa, embora não tenha cultivado amizades, nem relações mais próximas com o resto dos meus familiares, tirando minha irmã. Eu fui uma pessoa boazinha. Nunca fiz mal a ninguém. Pelo menos que eu tenha ficado sabendo, então por que doía tanto? E se eu estivesse no inferno? Abri os olhos indo contra o incômodo da luz forte e o avistei: o anjo da morte que me buscou. E eu soube que não estava no inferno porque ele estava ali, pairando sobre mim, os olhos com uma luz acolhedora.

— Eu... — Minha garganta ardia, mas me forcei a continuar. — Eu morri na rua? Em frente a um presídio? — Não estava achando justo a maneira como havia morrido.

As sobrancelhas do anjo da morte se franziram e ele pareceu confuso.

— Você é um anjo? Desses que buscam a alma da pessoa quando ela morre? É um ceifeiro? Acho que é esse o nome.

Ele riu. Tentou disfarçar, dada minha cara feia para sua reação, então

pigarreou e, lentamente trouxe a mão em direção ao meu rosto, tocando-me gentilmente por poucos segundos.

— Não acho que esteja morta, Ellen. Você está com sede? O médico já virá vê-la.

Ele me ajudou a sentar-me ajeitando-me nos enormes e confortáveis travesseiros e percebi que o incômodo que sentia na mão, era de uma agulha, com acesso a medicação. Pouco depois, o anjo aproximou-se de mim de novo, pediu licença para sentar-se na cama e levou o copo com água até meus lábios. Bebi como um camelo seco no deserto. Apesar da dor ao engolir, minha boca parecia seca.

— Você quer mais? — ele me perguntou limpando gentilmente uma gota que escorria por meus lábios, e demorei pouco mais que alguns segundos para processar sua pergunta e respondê-la, afirmando.

— Quem é você? — perguntei finalmente ao me dar conta de que não estava morta.

Ele pareceu muito sem graça com minha pergunta. Como um menino que fez arte, colocou as mãos no bolso tentando parecer casual, e, apesar da falta de jeito, olhou-me nos olhos ao responder.

— O motorista.

— Motorista assassino, sei. E eu pensando que era um anjo.

— Não entendo porque pensaria isso — comentou com certa tristeza em seu tom de voz.

— Me lembro de um baque, muito barulho e tudo girando. Sei que caí na rua, e você apareceu, era tão bonito que pensei... — de repente meu rosto estava quente. Toquei-o com as mãos e me dei conta de que aqueles olhos indecentes estavam sobre mim, e um sorriso divertido se escondia muito mal em seus lábios. — Acho que bati a cabeça com muita força. Eu estou bem?

Já estava tão habituada a fazer aquela pergunta, que não me soou estranha. A cada médico, enfermeiro, a cada exame. Sempre achando que seria o último exame, a última consulta. Que o cronômetro do relóginho acima da minha cabeça seria drasticamente acelerado. Eu sempre fazia essa pergunta. Porque infelizmente não dependia de mim meu estado, e não cabia a mim saber como eu estava. Sempre nas mãos de estranhos.

— Considerando a pancada que levou — ele confirmou. — O médico já deve estar chegando.

Como que combinado, o médico entrou, fazendo-me um milhão de perguntas, tocando-me em diversos lugares. Reclamei apenas da dor que sentia e do incômodo na garganta, que ele garantiu que logo passaria.

— Vou mandar uma enfermeira agora mesmo para administrar um remédio para dor, senhorita Dummont, pela manhã já poderá ir para a casa.

Recostei-me de volta no travesseiro tentando descobrir que horas eram. Vi que minhas roupas e minha bolsa estavam sobre uma cadeira próxima. E o motorista assassino continuava ali, avaliando-me interessado, de pé. Ele era muito bonito! Alto, o cabelo loiro curtinho, arrepiado, aqueles olhos naquele tom indecente de azul. O corpo largo e braços que delineavam o suéter que usava com músculos bem definidos. E estava imundo. O cabelo seguia várias direções, como se tivesse passado a mão diversas vezes por eles. Os olhos azuis, cercados de vermelho, e olheiras apareciam em seu belo rosto confirmando que não dormia há horas. A expressão estava além de cansada, ele parecia esgotado, os ombros largos curvados para baixo, o franzido em sua testa, seu dia não havia sido dos melhores.

— Também não tive um dia bom, ontem — comentei.

— Como? — perguntou confuso.

— Estou avaliando você. Parece péssimo.

— Sou um motorista assassino, deveria aparentar-me melhor?

Sorri olhando-o de esguelha e seus olhos estavam fixos em mim.

— *Quase* assassino. Não foi uma crítica. Você parece cansado, não apenas por estar dirigindo, parece realmente cansado. Você está bem?

Ele ficou surpreso com a pergunta, sentou-se sem convite ao meu lado na cama, e parecia não saber bem o que responder.

— Você não me disse seu nome — observei ao me lembrar que ele havia me chamado pelo meu.

— Christopher. Quer meu sobrenome para me processar? — Estendeu a mão em minha direção e a toquei, sua mão era grande e fria, e ele manteve a minha ali por tempo demais, até eu praticamente arrancá-la, fazendo-o sorrir abertamente pela primeira vez.

— Você vai pagar a conta do hospital. Isso é particular, não é? Eu com certeza não tenho dinheiro para bancar isso aqui — decretei e ele concordou. Então o encarei esperando a resposta para a pergunta anterior não respondida.

— Você me disse que seu dia não foi bom, ontem. Por que não me fala mais sobre isso? — perguntou deixando claro que não responderia minha pergunta.

Não me importei, eu precisava mesmo desabafar. Desde a morte de Liz e a prisão de André, eu não tinha mais com quem conversar. E falar era algo que eu realmente adorava.

— Eu preciso de um emprego. Nunca trabalhei de carteira assinada antes, mas não sou nenhuma tapada. Eu sei me virar. Então tive uma entrevista ontem em uma gravadora, aquela do prédio de luxo no centro da cidade. Muito bonito, o lugar, mas me colocaram um completo idiota para fazer as entrevistas. Primeiro, as candidatas à vaga eram amiguinhas íntimas do chefe, achei que minhas chances estavam mortinhas ali mesmo, já que só me relacionei com gente como eu. Um CEO de uma empresa? — Soltei uma risada debochada e ele riu também, claramente centrado na minha história.

A enfermeira entrou para aplicar o remédio e continuei falando. Eu tinha esse defeito, quando acumulava coisas demais a serem ditas, não conseguia calar a boca depois. Era como se um botão fosse acionado e não pudesse ser desativado.

— Enfim, o cara que me entrevistou era um babaca! — Continuei. — Arrogante, olhou-me dos pés à cabeça como se eu fosse um objeto, foi grosso, insensível e me enxotou de lá como se enxota um animal. Acabou que nem fiquei tão triste, não gostaria de trabalhar para um ser tão desprezível. Não sei como existem pessoas assim no mundo, mas se você tivesse atropelado a ele e não a mim esta manhã, e ele morresse, ia direto para o inferno.

Ele deu uma gargalhada alta e fiquei confusa, então ele explicou:

— Sinto muito por isso, meu irmão tende a ser mesmo um idiota.

— Seu irmão? — Esperei que ele risse da minha cara e dissesse que era uma brincadeira, mas ele me estendeu um cartão que tirou da carteira em seu bolso.

E li seu nome e sobrenome, assim como o lugar em que ele trabalhava,

no mesmo instante em que ele decidiu se apresentar direito.

— Sou Christopher Becker, CEO da Becker Records. Alexander, que a entrevistou, é meu irmão.

Deixei o cartão cair e, sem olhar para ele, escondi-me debaixo da coberta. Puxei a enfermeira quando ela ajeitou meus travesseiros e supliquei:

— Por favor, me mata!

Ele riu ainda mais alto, e deixando-me morta apenas de vergonha, a enfermeira saiu do quarto.

Algumas horas depois, perguntei a hora pela sexta vez a Christopher, era quase meia-noite. Eu queria ir pra casa, tomar um banho, dormir em minha cama, sair do escrutínio daquele homem que afinal de contas, me era quase um estranho e não tirava os olhos de mim. Como se não tivesse uma janela imensa atrás dele, nem enfermeiras passando pelo corredor atrás da porta aberta. Seus olhos não se desviavam de mim, ora com culpa, ora com curiosidade e ora com intensidade. E eu não estava falando com ele, porque depois da vergonha que passei, me castiguei com o completo silêncio. Ele também não tentou puxar assunto e assim ficamos, por um bom tempo, completamente calados.

— Eu vou embora — disse, por fim.

— O médico quer que você fique até de manhã.

— Eu sei, mas estou bem. Quero dormir na minha cama, tenho coisas para fazer amanhã e não vou descansar neste hospital. Eu assino o que for preciso, estou bem. Não há necessidade de você pagar mais uma diária para eu ficar aqui.

— Isso não é problema, está aqui por minha causa.

— Então, por favor, ajude-me. Eu quero mesmo ir embora.

Ele assentiu e saiu do quarto, pouco depois o médico apareceu para me dar alta, fazendo mais um monte de perguntas. Christopher acompanhou-me até à rua, obrigando-me a descer numa cadeira de rodas quando eu podia perfeitamente andar. Meio sem graça, me despedi dele:

— Muito obrigada pela assistência, Christopher. Pode ir descansar tranquilo, eu estou realmente bem.

Ele apenas sorriu, e quando confusa com sua falta de resposta, levantei-me da cadeira para finalmente me ver livre dele, ele segurou minha mão, pegando-me no colo em seguida.

— Vou levá-la até sua casa.

— Você não precisa fazer isso. E com certeza eu posso andar.

De nada adiantaram meus protestos, e acabei passando os braços em volta de seu pescoço para me equilibrar. Apesar de parecer sujo e esgotado, seu cheiro era bom, um cheiro leve de amêndoa e floresta. Poderia encostar minha cabeça em seu ombro, estava me sentindo exausta apesar das horas de cama no hospital, mas não o fiz. Havia um limite para sua gentileza e eu não o ultrapassaria. Ele chegou rapidamente até seu carro, e me acomodou lá dentro. Dando a volta e entrando em seguida.

— Para onde vamos, senhorita? — perguntou ao ver que eu o observava com certo pânico nos olhos. — Prometo levá-la para a casa.

— Você me atropelou esta manhã. Não tenho certeza se quero andar de carro com você.

— Não se preocupe, aparentemente você tem sete vidas — respondeu sorrindo e arrancou com o carro.

— Você não precisa me carregar até em casa, é um caminho curto, eu posso andar — reclamei assim que pus os pés no chão e fui suspensa por seus braços fortes novamente.

— É o mínimo que posso fazer. Só irei soltá-la quando estiver quietinha em sua cama.

Por algum motivo, imaginá-lo tão perto da minha cama me deixou com o rosto em chamas novamente. E disfarcei alegando estar uma noite fria. Ele me levou até o meu quarto e me depositou gentilmente sobre a cama, esperei que se despedisse e fosse embora, mas ele avaliava-me dos pés à cabeça, concentrando seu olhar por um maior tempo em meus seios. Eu usava uma roupa fechada, havia saído no frio da madrugada, mas seu olhar fez-me sentir nua.

— Você vai precisar trocar essa roupa — afirmou ainda com os olhos fixos no meu corpo.

— Eu vou tomar um banho. — De repente seus olhos se fixaram nos meus e eu não conseguia desviar os meus dos dele. Era como um fio nos obrigando a ficarmos ali nos olhando sem nenhum motivo aparente.

Um sorriso pequeno surgiu em seus lábios e ele disse, sem desviar os olhos dos meus, de uma forma lenta e arrastada, carregada de malícia:

— Eu poderia ajudá-la com isso. — Seus olhos pareciam em chamas, ou eram os meus que estavam.

Abaixei a cabeça quebrando nosso contato, confusa sobre a maneira como ele me fazia sentir. Nunca fui esse tipo de mulher, que deseja demais, que se rende por beleza, ou cantadas. Sempre fui centrada e pé no chão, sempre soube que o desejo nada mais é do que um complemento de um sentimento muito mais real. O complemento da intimidade. E a maneira como meu coração estava acelerado e minha mente indo para diversas direções desconhecidas, me assustava. Havia algo nele, em seus olhos, na maneira como me olhava, como se movia e como falava, que emitia um alerta em neon de perigo. Algo estava muito errado com Christopher Becker.

— Eu consigo sozinha. Agradeço sua ajuda e atenção, Christopher, mas você pode ir pra casa agora.

— Claro, ir para a casa. É o que farei — concordou com certa ironia em seu tom e olhei-o novamente, estava com a cabeça baixa, olhando seus pés, mas não se moveu para fora do meu quarto.

— Você não vai para a casa?

Quando me olhou novamente, havia tanta dor em seus olhos que tive vontade de abraçá-lo, só para fazer aquilo passar.

— Eu vou para algum lugar. Boa noite, Ellen, apesar de tudo, foi um prazer conhecê-la. Se cuida e qualquer coisa que precisar, você tem meu número.

Ele andou até a porta e quando estava prestes a passar por ela, mesmo sabendo que deveria deixá-lo ir, me peguei chamando-o.

— Você deveria tomar um banho — falei um pouco baixo, para as costas dele, parado na porta. Lentamente, girou o corpo em minha direção, os olhos surpresos e com aquela intensidade flamejante. Sorriu ao me perguntar:

— Isso é um convite?

— O que?! Não! Não é. Desculpe, não é.

— Você disse que precisava de um banho e agora está me oferecendo um. Apenas liguei os pontos.

— Não comigo. — Respirei fundo, buscando acalmar minhas batidas desenfreadas. — Você deveria tomar um banho quente. Não sei para onde está indo, na verdade, me parece meio perdido. Você deve ter uma casa, mas não quer voltar para ela. Talvez não queira estar em lugar algum esta noite, mas precisa de um banho. A água quente te dá a sensação de acolhimento, de pendências resolvidas, de descanso. Você poderia tomar um banho, comer algo e depois, mesmo que não vá a nenhum lugar específico, estará se sentindo melhor.

Seus olhos estavam cravados em mim de tal maneira, que sentia essa urgência de ir até ele, ampará-lo, guiá-lo, cuidar dele, como fez comigo o dia todo.

— É uma sugestão, mais do que isso, um conselho. Você não rejeita conselhos de quem quase assassinou. É a lei — insisti.

Ele abaixou a cabeça e sorriu, concordando, receoso.

— Segunda porta à esquerda — orientei e finalmente voltei a respirar em meu ritmo normal quando ele passou por ela.

Como eu previra, conseguia andar tranquilamente, apesar do meu estado de cansaço. Abri a porta do André no guarda-roupa e a falta dele na casa me causou uma pontada de tristeza no peito. Eu não estava nem um passo mais perto de ajudá-lo, e não o via há dois dias. Peguei as maiores roupas dele, torcendo para que servissem em Christopher e o encontrei saindo do banheiro, usando apenas a minha toalha em volta da cintura. Tentei não prestar atenção em seu abdômen coberto de pelos loiros e músculos, tentei não ver a água que ainda escorria por seu peito e nem sentir o calor de sua pele após um banho quente. Estendi para ele a muda de roupa, olhando para todos os lados, menos para ele.

— Acho que estas roupas irão servir em você.

Ele tocou a minha mão ao pegá-las, e atrevi-me a olhá-lo, ele me avaliava de uma maneira divertida. E seu rosto aparentava calma, tranquilidade, de uma maneira que eu não tinha visto ali o dia todo.

— Você não devia estar de pé. Por que tem roupas masculinas no armário?

Levantou a camisa avaliando seu tamanho e estava fazendo o mesmo com a calça, porém parou o movimento ficando imóvel com a minha resposta.

— São do André, meu noivo.

Voltou o olhar para mim, buscando algo em meu rosto, como que esperando que eu desmentisse a informação. E não parecia mais relaxado e tranquilo como segundos atrás.

— Você é noiva.

Assenti.

— É claro que é. — Virou-se de costas para mim e tirou a toalha para vestir a roupa, imediatamente virei-me de costas.

— Você parece... surpreso — observei.

Ele me entregou a toalha molhada, já vestido e olhou em meus olhos, ao responder:

— Decepcionado, na verdade.

Guardei a toalha no banheiro e tentei não pensar no fato de ele estar dando em cima de mim, o segui até a cozinha. As roupas do André ficaram um pouco apertadas nele, mas daria para se virar até decidir voltar para sua casa. E uma parte minha queria muito saber o que havia de tão mau em sua própria casa para que não quisesse voltar para lá.

O encontrei avaliando a quantidade enorme de caixas de remédio sobre a geladeira. Leu o nome em algumas delas e as devolveu ao lugar, olhou para mim em busca de uma explicação, mas eu não daria. Não era algo que eu gostava de falar com qualquer estranho que tomava banho de madrugada na minha casa.

— Onde ele está? O seu noivo. Acho que não vai ficar feliz se me encontrar aqui, usando suas roupas a esta hora — disse revirando a geladeira como se já fosse de casa.

Achei graça e me sentei deixando-o servir-se do que tivesse vontade de comer.

— Ele não está aqui — não quis entrar em detalhes sobre onde ele

estava. — E não se importaria por você estar. Eu vou contar a ele, na verdade. Ele não é ciumento.

Sua cabeça girou em minha direção com incredulidade, em seguida, moveu-a de um lado para o outro em um gesto de negativa. Mais uma vez, seus olhos passaram por meu corpo com aquela intensidade que me atordoava, mas sua voz soou casual ao dizer:

— Se você fosse minha, com certeza cuidaria melhor de você. Deixá-la sozinha com um desconhecido de madrugada em sua casa? Nem pensar!

— Talvez esteja aí a diferença entre vocês. Ele não é meu dono, é meu noivo. Nós nos respeitamos, não nos limitamos.

Ele achou graça, pegou ingredientes para um sanduíche e o deixei montando-os quando fui tomar um banho.

Quando saí do banho, meu sanduíche estava montado em um prato e ele estava sentado no sofá, olhando o céu escuro pela janela, perdido em pensamentos. Pigarreei para chamar sua atenção e ele veio até mim, olhando-me nos olhos.

— Posso te fazer uma pergunta? E por favor, seja sincera na resposta.

— Não costumo mentir — concordei.

— Por que você fez isso? Por que me mandou tomar um banho e comer alguma coisa? Por que se importou o suficiente para perceber que algo está errado comigo?

Ele parecia desesperado pela resposta, mas eu não sabia o que ele esperava ouvir. Confusa com sua pergunta, não consegui chegar a uma resposta direta.

— Não entendo. Por que não me importaria?

Ele apenas me olhou por um momento, depois abaixou a cabeça, parecendo derrotado.

— Por nada. As pessoas não se importam muito umas com as outras.

— Você me ajudou, Christopher. Fez mais do que sua obrigação, aparentemente, você se importou comigo. Não custava nada me importar com você. Esta resposta está boa o bastante para você?

— Não como eu queria, mas sim. Você é uma boa pessoa, Ellen.

— Agora eu posso te fazer uma pergunta? — Ele me avaliou antes de concordar, e enfiei um pedaço do sanduíche na boca, fazendo-o esperar pela pergunta. — Não apresse a hora da comida, é sagrada — ralhei de boca cheia a maneira ansiosa com que me olhava, e ele riu.

Sentou-se na bancada e esperou que eu comesse todo o sanduíche e tomasse o suco que ele havia preparado, o tempo todo mantendo os olhos sobre mim, atento a cada gesto meu. Quando por fim terminei, ele parecia prestes a pular sobre mim para saber a pergunta. Imitando seu gesto, olhei em seus olhos e perguntei:

— Por que você não quer ir pra casa?

Surpreso, ele desviou seus olhos dos meus e levantou-se.

— Eu não disse isso, você deduziu isso. Faz muito tempo que não tenho uma casa. — Abriu a porta e olhou-me uma última vez. — Boa noite, Ellen. E apareça na gravadora assim que possível, tenho uma vaga de emprego para você.

Então fechou a porta atrás de si e eu fiquei ali entre cair na cama de cansaço, entender o turbilhão de sentimentos confusos que ele me despertou, ou comemorar que aparentemente eu tinha um emprego.



Capítulo **TRÊS**

E lá estava eu, mais uma vez em frente ao grande prédio de luxo, lugar este que achei que jamais voltaria a pisar. Uma parte em mim não acreditava realmente que ele me contrataria. Eu não tinha experiência, ele queria ser legal comigo por achar que eu havia sido legal com ele, essa verdade que gentileza gera gentileza. E ainda havia o fato de eu estar doente. Eu não fazia ideia se ele havia visto isso na minha ficha no hospital, se havia deduzido pela quantidade de remédios na minha casa, mas com certeza veria aquelas folhas anexadas ao meu currículo, como o irmão dele viu. Então eu esperava entrar lá, ir até o décimo primeiro andar e ouvi-lo dizer-me sem graça que infelizmente não poderia me dar o emprego. Deixei minha mente pronta para essa opção e apenas por este motivo, não tinha ido ver André na prisão ainda. Já era o quarto dia, dois depois do meu acidente, e eu esperava ter uma notícia concreta para dar a ele. Na situação em que se encontrava, não faria bem dar esperanças e depois dizimá-las.

Eu estava melhor vestida desta vez, acabei gastando um dinheiro que nem tinha para comprar algo melhor para vestir-me. Não queria passar o vexame que passei na primeira entrevista. Usava uma calça preta social e uma blusa creme com um decote discreto. Também tive o cuidado de me

maquiar, mesmo que levemente e preendi meu longo cabelo alaranjado em um rabo de cavalo arrumado. Subi com o coração suspenso, tentando muito não ter qualquer esperança e ao mesmo tempo, não ter qualquer negatividade. Tentava deixar que o destino se encarregasse do que aconteceria e estar com a mente pronta para aceitar fosse qual fosse o próximo passo.

Uma mulher de cabelos ruivos e lisos, o corpo magro e muito bem vestida, avaliou-me desde o momento em que saí do elevador até aproximar-me de sua mesa. Com cara de poucos amigos, anunciou a Christopher que eu havia chegado e me orientou a ir até sua sala. Bati duas vezes e abri a porta.

Christopher estava jogado sobre um pequeno sofá no canto da sala e seu irmão, o imbecil que havia me entrevistado na primeira vez, girava a cadeira rindo de algo que o irmão havia dito. Vendo-os juntos era nítida a semelhança. Os mesmos lábios, traços do rosto, tom do cabelo, menos os olhos. Os de Christopher eram de azul mais intenso. Christopher abriu um enorme e sincero sorriso ao me ver e aproximou-se avaliando os machucados em minha testa, que era a única parte machucada exposta.

— Você está cuidando direitinho disso? — perguntou-me de uma maneira doce e preocupada, como se fôssemos íntimos e ele realmente se importasse.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Alexander soou mais alta do que a minha ao tentar responder Christopher. — A vaga não é sua. Não vamos contratar uma funcionária moribunda para...

— Alec, chega! Saia desta sala! — ordenou Christopher calando o irmão imediatamente e assustando-me. Apesar de abatido na primeira vez em que o vi, durante todo o tempo em que estivemos juntos ele me pareceu o retrato da calma e gentileza e a maneira firme e autoritária com que falara com o irmão não combinava com esse retrato.

— Chris, não foi isso o que combinamos. Você já tem uma nova secretária, o que essa garota está fazendo aqui?

— Eu não me lembro de ter autorizado que você contratasse alguém para o cargo, disse apenas para fazer as entrevistas e me passar as melhores candidatas.

— Com certeza a ficha dela não está sobre sua mesa — Alexander estava irredutível.

— E não precisa passar por ela. Eu a estou contratando, e estou assumindo os riscos — falou ainda mais alto quando o irmão começou a falar sobre meu estado de saúde. — Alec, esta é minha empresa agora, sou grato por sua ajuda, mas eu tomo as decisões.

Alec riu, mas não era por achar graça da situação, foi um sorriso debochado. Avaliou-me dos pés à cabeça com aprovação fingida e passou por nós dizendo ao irmão:

— Primeiro as garotas que foram para a cama com você, agora a que você quer levar para a cama. Você está bem como presidente, irmão, não dou um semestre para que o Richard volte a comandar esta empresa.

— Não me importo com sua avaliação. Saia!

Assim, Alexander, a cópia mais nova de Christopher, deixou a sala, e me peguei suando frio, sem saber direito como agir. Ele me conduziu até uma cadeira e tomou o lugar de Alexander. Pensei que fosse olhar as fichas que ele havia passado, mas em vez disso, apoiou o queixo nas mãos e fixou aqueles olhos tão azuis em mim.

— Sinto muito por isso, Ellen. Mas você já estava avisada que meu irmão tende a ser um idiota.

— Ele está certo. Ou você realmente não percebeu, ou está fingindo ignorar, mas estou doente. Caso você me contrate, e realmente torço para que o faça, será um tiro no escuro. Posso não estar aqui por você na semana que vem.

Seu sorrisinho sumiu e ele adotou uma postura mais rígida, respirando fundo antes de voltar os olhos para mim e falar de forma convicta:

— Eu sei sobre o seu estado, fiquei sabendo no hospital.

Foi tudo o que disse ficando em silêncio em seguida, os olhos me avaliando, aparentando toda a calma do universo. Enquanto eu estava me controlando para não tremer em expectativa pela sua resposta.

— E? — insisti.

— E me senti ainda mais culpado por tê-la ferido. Achamos que você não sobreviveria, Ellen. Parecia realmente mais machucada do que realmente estava. Acho que nunca estive tão em pânico na minha vida. Você me fez rezar, e não tenho este costume.

— Mas deveria ter. E não deveria contratar alguém só por culpa. Eu estou bem. Não foi nada demais.

— Nós não vamos discutir isso.

— Tudo bem! — Respirei aliviada e tentei quebrar a tensão que se estendeu sobre nós. — Bom, então você vai mesmo me contratar? — Ele assentiu com um meio sorriso. — Ainda bem que você é ruim de direção, então.

Seu meio sorriso sumiu totalmente e ele parecia prestes a me dar uma bronca, tratei logo de corrigir.

— Eu não quis dizer isso, ainda bem que é desatento no trânsito... desculpe. — Cobri a boca com a mão, incapaz de olhar sua reação e voltei a falar porque não conseguia ficar calada quando as explicações se amontoavam em minha mente. — Você é barbeiro! Me atropelou num horário tranquilo, numa rua mais tranquila ainda, não há explicação para isso, mas por favor, não me demita!

Ele riu alto. Esperei pacientemente que parasse de rir, e finalmente seus olhos voltaram aos meus, com o resquício de seu sorriso e acho que nunca o tinha visto tão bonito. Tentei não prestar atenção em como ele estava elegante em um terno bagunçado com a camisa por baixo meio aberta e o cabelo despenteado.

— Por que a gente não começa de novo? — propôs ele. — Faz de conta que eu não te atropeliei e você não me insultou.

O encarei de volta, totalmente confusa.

— Então já consegui perder o emprego? Acho que bati algum tipo de recorde. Isso não pode ser uma coisa boa na minha carteira de trabalho.

Ele estendeu as mãos para que eu me calasse e indicou a porta.

— Vamos fazer assim, você vai sair por aquela porta e vai entrar por ela novamente. Vai se apresentar a mim, como se não nos conhecêssemos e me dizer porque quer trabalhar aqui. Então faça o seu melhor.

Levantei-me decidindo entre rir de seu pedido ou manter a pose de secretária séria que ele precisaria acreditar que eu tinha. Saí de sua sala, tornei a entrar, mas me lembrei que não havia batido.

— Ops! Vamos começar outra vez — pedi já fechando a porta e

batendo em seguida. Ouvi sua voz preguiçosa e risonha me pedir para entrar.

— Bom dia, senhor Becker, meu nome é Ellen Dummont, estou aqui para a vaga de secretária.

— Sente-se, Ellen. — Seus olhos passearam preguiçosamente por todo o meu corpo e ele fingiu mexer em uns papéis, perguntando-me tão logo me sentei à sua frente: — Por que você não escolheu uma saia?

— Perdão? — Estava aprendendo que não existia preparo no mundo para uma entrevista com os irmãos Becker.

— Uma saia. Pernas à mostra. É assim que a maioria das candidatas a esta vaga se apresentaram, por que não você?

— Sinto muito, senhor. Não sabia que o senhor queria uma vitrine de pernas no trabalho. Posso vir de lingerie da próxima vez, se assim desejar.

— Não me faça promessas.

Ele riu em seguida indicando que estava brincando, mas o tom de malícia em sua voz não me passou despercebido.

— Agora vamos falar sério. Por que quer esta vaga? Você disse que precisa do emprego, por quê?

Então era a hora difícil. Chorar minha vida a um futuro chefe não me faria ser escolhida para nada, exceto talvez, para uma campanha na igreja. Então respirei fundo e dei o meu melhor.

— Eu nunca trabalhei de carteira assinada, mas sou muito esperta e inteligente. Recebo um auxílio do governo, mas é pouco e mal banca meu tratamento, não me importo em perdê-lo ao trabalhar para vocês. — Ele assentiu e continuou com aqueles olhos fixos em mim, buscando uma verdade oculta, a que eu não queria revelar. Eu não tinha experiência com nada, não tinha situações para dividir, nem méritos para contar, nem recomendações. Encarei aqueles olhos sobre mim em silêncio por alguns segundos e quis me abrir para ele, quis dizer o que estava acontecendo, mesmo que depois ele me olhasse como a maioria das pessoas que descobriam sobre a minha doença, com pena. — Tenho cardiopatia terminal. Minha saúde não é tão boa, como deve imaginar. Se não o fez eu o faço por você. Eu sinto tonturas, tenho desmaios, falta de ar e me canso com muita rapidez. — Resolvi parar por ali para não assustá-lo demais. — Não se sabe

ao certo quanto tempo tenho de vida. Apenas que o medicamento não está surtindo o efeito esperado e não há nada que possam fazer.

Ele piscou os olhos, tentando esconder a emoção e quando falou, sua voz parecia embargada.

— Você deve estar em uma fila de transplante de coração, não é?

Neguei com a cabeça.

— Não dá mais tempo. Olha, eu sei que parece loucura eu querer começar a trabalhar agora, mas ainda não estou morta. Ainda tenho algum tempo de vida, pode ser um dia, dois meses, três anos, quem sabe? Quero vivê-la bem. Há dois meses perdi minha irmã, ela foi assassinada. E o meu noivo está preso injustamente por este crime. A polícia não conseguiu achar o culpado, e ele não tinha um bom álibi. É mais complicado do que parece, mas preciso de um advogado. O do estado pouco fez por ele, sequer acreditava em sua inocência. Eu preciso de dinheiro para pagar um bom advogado e tê-lo ao meu lado no meu para sempre. E preciso que o monstro que assassinou minha irmã pague pelo que fez.

Ele ficou calado. Abaixou a cabeça e cobriu os olhos, seu corpo tenso e entregue, não tinha mais nada da postura rígida e de chefe, parecia tão perdido quanto eu. Meus olhos estavam cheios, mas eu não queria chorar. Não chorava pela minha vida, eu estava viva afinal de contas, tinha todos os sentidos intactos, apesar da medicação pesada e do constante mal-estar, minha vida era boa. Todos temos um prazo de validade, o meu só podia ser medido, ao contrário da maioria das pessoas, mas isso não me assustava mais. Ver o André atrás das grades, acusado de matar minha irmã, isso sim me destruía.

Ao ver que ele não falava nada e talvez estivesse procurando um meio de me dispensar, já que nada poderia fazer por mim, tentei quebrar o clima. Não contei sobre mim para que ele ficasse o resto do dia repensando a vida, achando que o mundo é injusto e com um peso no peito. Isso acontecia com quase todo mundo que sabia sobre mim. Então coloquei um sorriso no rosto, e o provoquei:

— Olha, isso de começar do zero não funciona, você quase me matou, é o mínimo que pode fazer por mim. — Sorri, esperando que ficasse claro que eu estava apenas quebrando o clima triste.

Ele tirou as mãos que cobriam seus olhos e me encarou em choque. Um sorriso surgiu em seu rosto molhado, seus olhos estavam vermelhos, ele havia chorado. Assentiu, recompondo-se e finalmente pegou alguns papéis sobre a mesa e uma caneta.

— Muito bem, você está contratada, Ellen. Mas não pense que vou pegar leve com você.

— Eu realmente não quero isso.

Ele olhou para mim e largou a caneta e os papéis, levantou-se do nada, vindo até mim. Me pegou pelos ombros, levantando-me, então me abraçou. Prendeu-me em seus braços e apertou, afundando a cabeça em meus ombros. O cheiro gostoso dele estava lá, junto com as batidas muito aceleradas de seu coração. Retribuí o abraço e ele se afastou algum tempo depois, segurou meu rosto em suas mãos e disse com toda sinceridade:

— Você é incrível, Ellen. É realmente maravilhosa. Por dentro e por fora. Ele tem muita sorte por ter você.

Eu não soube o que dizer. Entre as palavras sinceras e o jeito como seus olhos buscavam os meus, fiquei sem palavras, o que era extremamente raro. Então apenas assenti e ele chamou a garota de cabelo alaranjado em seguida.

— Lúcia, acompanhe a senhorita Dummont até o RH, em seguida, ensine a ela o que deve saber. Peço que seja paciente e atenciosa ao extremo, Lúcia, ela é sua prioridade, entendeu?

A garota assentiu e fez um gesto para que eu a seguisse. Peguei minha bolsa e fui atrás dela, porém antes de sair pela porta, encarei o belo homem de terno atrás da enorme mesa e perguntei:

— Você voltou para sua casa?

— Eu voltei para algum lugar — respondeu surpreso com minha pergunta.

— Talvez devesse chamar esse lugar de casa.

— É, talvez eu faça isso.

Sorri e o deixei ali, para aprender finalmente minha função. Eu mal podia acreditar que tinha mesmo um emprego.

Lúcia me explicou rápido demais minhas funções e me esforcei para

pegar tudo, ou pelo menos o máximo possível. Sua expressão sempre fechada e debochada. Não se esforçava em nada para ser legal, sequer simpática, e eu não entendia de onde vinha sua antipatia por mim. Por fim, perguntei da maneira mais educada possível.

— Não entendo o que te fiz. Estou aprendendo devagar demais?

Ela revirou os olhos impaciente e olhou para a porta da sala de Christopher antes de se aproximar do meu ouvido e destilar:

— Não pense que me engana com essa pose de boazinha. Sei muito bem porque conseguiu esta vaga.

— Eu realmente duvido muito que saiba — respondi sendo sincera, mas ela tomou como uma provocação.

— Dormir com o chefe não é tão difícil, sabia? Você não é a primeira e com certeza não será a última.

Fiquei tão chocada que sequer consegui formular uma resposta. Continuei fazendo meu trabalho em silêncio depois disso, e comecei a pedir ajuda a algumas outras pessoas, de outros andares, pelo chat da empresa, seria bem mais fácil aprender daquele jeito. Concluí que era tão difícil alguém ser bom, que já não acreditavam mais na bondade alheia. E isso era muito triste.

As horas se estenderam após Lúcia mostrar sua posição quanto a mim, e quando finalmente meu horário encerrou, saí mais animada do que cansada, embora o esforço incomum tenha cobrado seu preço. Antes de ir ver André, decidi ir ver Liz, precisava contar a ela o que havia acontecido na minha vida nos últimos dias.

Sentei-me em frente sua lápide e conversei com ela por alguns minutos, deixei que as lágrimas caíssem, expressando a saudade que eu sentia dela. Nada mais seria igual, mesmo depois que André fosse solto, mesmo depois que eu deixasse o emprego, ela não estaria lá dormindo no quarto ao lado todos os dias, batendo na parede quando André e eu fazíamos barulho, mostrando-me fotos das crianças da escolinha onde trabalhava, não dividiria seus planos e nem os meus. Ela era minha única família. Eu amava meu noivo, estávamos juntos há quase dois anos, mas ela era meu sangue, tinha muito de mim, era um pedaço imenso meu. Quando soubemos que eu seria

retirada da fila de transplante, tivemos que lidar com o fato de que eu morreria antes do que poderíamos imaginar. Que provavelmente não demoraria muito tempo. Nós nos preparamos psicologicamente para isso. Eu estava preparada para deixá-la sem mim, mas jamais me preparei para ficar sem ela. E lembrar de cada conselho que dei a ela para superar minha ausência não me ajudava em nada. Que tolas nós fomos! Achar que palavras apenas seriam o suficiente para suprir a perda de alguém que amamos. Ela me odiaria quando a minha ausência doesse, assim como a odeio às vezes, por ter partido antes de mim, por me fazer sentar na grama e conversar com uma pedra como se fosse ela, e esperar ouvir sua voz debochada com as respostas mais imprevisíveis possíveis. Eu nunca mais ouviria aquela voz.

Quando o ar ficou pesado demais para mim, e meus sentidos pareceram fraquejar, decidi ir ver André antes que precisasse de repouso e não pudesse fazê-lo, de novo.

Levantei-me e então o avistei: Christopher. Ele estava de costas, mas eu o reconheci à distância. Parecia escondido atrás de uma lápide, observando uma mulher muito bonita. Ela tinha longos cabelos negros, parecia uma dessas modelos, e estava grávida. Sua barriga era pequena, mas dava para ser notada. Aproximei-me dele devagar assim que ela se afastou, ela não pareceu tê-lo visto.

— Você não é o pai, é?

Ele se assustou com minha voz e negou com a cabeça, aproximando-se da lápide que ela olhava.

— Não, não sou. O que faz aqui?

— Irmã, e você?

— Nada. Estava apenas observando, achei que ela fosse precisar de ajuda, é uma conhecida. Mas acho que está bem.

Assenti e voltei ao túmulo de Liz para pegar minha bolsa, ele me seguiu. Ficou um tempo observando a lápide de Liz e franziu a testa, lamentando em seguida.

— Droga! Não me diga que ela era sua irmã. Acho que a conheci.

Olhei dele para o nome dela na lápide “Eliza Dummont”.

— Você dormiu com ela? — perguntei alto e rápido demais,

completamente chocada.

— Meu Deus, não! — ele se apressou em responder. — Eu não dormi com sua irmã, por que pensou isso?

Como eu explicaria? *“Porque minha irmã era completamente suscetível a homens bonitos e você é o mais bonito que eu já vi.”* Gaguejei e dei de ombros, saindo de perto dele, mas ele segurou meu braço, seus olhos fixos no meu rosto, esperando uma resposta.

— Ela era apaixonada, o tipo de mulher que adorava ser seduzida — respondi feliz com minha saída.

— Não entendi.

— Você é bonito e sedutor. Se ela te viu tenho que certeza que quis... de onde mesmo você a conhece?

Lá estava meu rosto queimando de novo, e embora não houvesse um sorriso em seu rosto, ele parecia achar graça da minha explicação.

— Ela era professora em uma escola, não era? A conheci ao levar um aluno até lá.

— Sim, amava o que fazia, amava as crianças. Quem era seu aluno? Talvez eu o conheça.

Ele apontou para o túmulo onde a mulher morena estava antes.

— Ah, eu sinto muito — falei lembrando-me de Liz comentar sobre o pequeno aluno que tinha câncer e havia falecido.

— Também sinto muito pela sua perda! Ela parecia adorável, e eu juro que não dei em cima dela. Estava bastante concentrando em outras coisas.

Não pedi uma explicação, aceitei seus sentimentos e saí do cemitério, despedi-me dele e segui até o ponto de ônibus. E no minuto seguinte, seu carro parou diante de mim e ele abriu a porta.

— Eu a levo até em casa.

— Não estou indo para casa, mas obrigada.

Seu semblante pareceu murchar com minha resposta, mas ele insistiu.

— Eu a levo para vê-lo.

— Não, valeu. Você não dirige bem por aquelas bandas.

— Entra no carro! — ordenou com um sorriso triste e obedeceu.

— Como foi o seu primeiro dia? — perguntou após alguns minutos de silêncio. Quando estávamos nos aproximando da prisão.

— Normal, eu acho. O trabalho não é difícil e as pessoas são legais, mas...

— Mas...

— A Lúcia acha que consegui o emprego porque estou transando com você.

Meu rosto esquentou imediatamente e me perguntei por que havia dito aquilo.

— Acha que devo dizer a ela que na verdade consegui o emprego porque estou morrendo? — brinquei ao ver o sorriso malicioso em seu rosto, e ele ficou sério.

— Diga a verdade. Que conseguiu o emprego porque eu quero transar com você. E não porque já estamos transando.

Vire-me para a frente agradecendo a Deus por avistar a prisão. Ele me olhou ao encostar o carro, mas desviei o olhar e agradeci louca para me afastar dele. Antes de abrir a porta, porém, ele me segurou e disse para tranquilizar-me:

— Diga que foi porque eu quase a matei. Ela vai acreditar na versão da minha consciência.

Assenti, agradeci a carona e desejei a ele boa noite, e mais do que depressa, entrei na prisão.

André parecia ainda mais abatido do que na última vez em que havíamos nos visto. Abriu um sorriso cansado ao me ver.

— Você está bonita, mas andou chorando. Foi visitar o túmulo da Liz, não é?

Assenti, louca para pular em seus braços e apenas sentir seu abraço.

— Ellen, não quero que fique indo lá. Isso não te faz bem, já falamos tantas vezes sobre isso.

— Por favor, não tente me ensinar a lidar com a minha dor. Me deixa

fazer do meu jeito.

Ele assentiu e comecei a falar animada:

— Você não vai acreditar! Consegui o emprego na gravadora. Comecei hoje, o salário é ótimo! Logo, logo vou poder contratar...

— O que é isso? — perguntou assustado ao notar a cicatriz em minha testa, quando me distraí e coloquei o cabelo, que havia soltado do rabo de cavalo, atrás da orelha.

— Não foi nada, eu tive um pequeno acidente.

— Que acidente? Como isso aconteceu? Você está ferida em mais lugares?

— Não, eu estou bem. Fui atropelada quando estava vindo te ver. Na verdade chega a ser engraçado...

— Não estou achando graça nenhuma nisso. Você foi atropelada e eu nem fiquei sabendo! Quando foi isso? Por isso ficou tanto tempo sem vir me ver?

Olhei sua expressão fechada, não era por preocupação em si, mas por não ter ficado sabendo. O antigo cabelo caracolado negro, que lhe conferia uma beleza ímpar, agora estava cortado o mais curto possível. O rosto sempre liso mostrava uma barba bagunçada, por fazer, os olhos gentis só tinham angústia. E seu tom brincalhão foi substituído por raiva. Ele estava sempre com raiva. Mas eu tinha consciência que não devia ser nada fácil estar ali, era uma experiência que mudava drasticamente uma pessoa, tinha toda paciência e torcia para conseguir tirá-lo de lá antes que ele mudasse demais, que mudasse de forma irrevogável.

— Fui atropelada por Christopher Becker, ele é o CEO da Becker Records. Não me machuquei, foram só uns cortes, ele prestou toda assistência e me deu o emprego por culpa. No fim das contas, há males que vêm para o bem.

Ele assentiu, respirou fundo e quando voltou seus olhos em minha direção, pareciam mais calmos.

— Sinto muito, amor. Não quis ser grosso com você, estou apenas muito cansado disso aqui. É como um inferno, e nunca melhora.

— Eu sei, mas gosto que se desculpe para que não perca sua essência,

esse ser tão gentil que há em você. Não perca isso, por favor. Você não me deixou falar, logo, poderei pagar um advogado e vamos tirar você daí.

Ele riu, um sorriso debochado que não era característico dele.

— Você não vai me tirar daqui Ellen, nunca vai me tirar. Não importa quanto dinheiro ganhe. Não importa qual CEO a fira e nem o que ele dará em troca de sua consciência limpa depois, ninguém vai me tirar daqui. Não tem advogado que aceite fazer isso.

— Não fale isso. Você não pode perder a esperança.

— É muito fácil pra você falar! — gritou.

— Não! Não é! Você carrega sua cruz aí dentro e eu carrego a minha aqui fora. A vida não é fácil pra ninguém, você está preso, mas é inocente e logo a justiça será feita. Nem todos têm essa chance, sabia? A Liz está morta! Eu sou a próxima, não pense nem por um segundo que é fácil para mim! Nós só temos esperança, André, ela é tudo o que nos resta, então eu te imploro, não a perca. Não vai sobrar nada.

Ele assentiu, seus olhos cheios e o rosto ainda mais cansado. Eu também me sentia assim, exausta, ferida, triste.

— Sabe o que vai acontecer? — ele perguntou avaliando-me um momento depois.

— Não, não sei. Me diz.

— Você vai se cansar de ficar vindo aqui. Vai se cansar do meu mau humor, das minhas crises de raiva, de ter que passar por tudo o que passa para entrar aqui.

— Eu não vou fazer isso.

— Vai conhecer gente nova no seu trabalho novo. Como é o seu chefe? Daqui a pouco estará na cama com ele e nem vai se lembrar que tem a porra de um noivo!

Levantei-me e saí de perto dele. Sei que deveria tê-lo acalmado, que deveria ter afirmado que jamais o deixaria, mas também me sentia fraca, também me sentia presa a um destino injusto, e ele não estava em seu melhor momento para conversar. Saí da prisão pretendendo ir para a casa, mas uma dor aguda no peito me tirou o ar, e foi difícil recuperá-lo. Sentei-me no chão em frente ao presídio e busquei desesperadamente o ar. Minha cabeça girava,

e mal me dei conta quando fui erguida do chão e colocada em um banco. Pouco depois, com um carro em movimento, avistei o hospital particular da cidade se aproximando. O mesmo para onde eu havia ido no dia do acidente. Segurei o braço da pessoa que havia me socorrido e Christopher apertou minha mão com força.

— Quero ir pra casa — consegui falar.

— Não. Você está mal! Mal consegue respirar.

— O remédio está lá. Por favor.

Contrariado, ele passou direto pelo hospital e me levou para casa.

Duas horas depois, eu me sentia muito melhor. Estava deitada em minha cama, medicada e calma. E ouvia os passos de Christopher na cozinha. Ele não aceitou ir embora depois de me ajudar a injetar o remédio. Colocou-me na cama, saiu do quarto mantendo a porta aberta e andava de um lado para o outro. Fez alguns telefonemas, gritou com algumas pessoas e em nenhum momento sentou-se, ou se acalmou.

Consegui me levantar sem problemas e apareci na cozinha, sendo seguida de perto por seu olhar avaliador enquanto ele encerrava uma ligação.

— Você já deve ter feito uma senhora caminhada apenas nesta cozinha — comentei. — Está tudo bem?

Ele não respondeu e quando olhei em sua direção, me encarava confuso com o celular na mão.

— Você quase morreu ao meu lado no carro. Você não respirava, perdeu a cor, seu pulso estava fraco e está me perguntando se estou bem? O que aconteceu? Você nem parecia assustada, enquanto eu estava me segurando para não morrer antes de você.

Sorri e bati a mão num banco giratório da bancada, ele seguiu meu comando e sentou-se ali, deixando o celular sobre a bancada. Ele acendeu com o gesto e pude ver na tela a foto da morena bonita que ele estava espiando no cemitério. Aparentemente, ela era mais do que uma conhecida.

— Não foi nada demais. Isso acontece quando sinto emoções muito fortes. E obrigada por me ajudar, de novo.

— O que aconteceu lá dentro? O que a fez sofrer a ponto de ficar

daquele jeito?

— Você seria o diário mais belo que alguém poderia ter, mas não quero me abrir assim com você. Não somos amigos.

Ele se surpreendeu, arregalando os olhos, mas sorriu em seguida. Levando minha resposta como um jogo.

— No momento, não tenho interesse em ser seu amigo... — arrastou a última palavra observando meu corpo e completou: — apenas. Mas você está sozinha agora e eu sou sozinho. Não vai fazer mal conversarmos.

Neguei com a cabeça tentando disfarçar meu rosto em chamas pela maneira como ele adicionava malícia a cada conversa casual.

— Imagino que a vida do seu noivo na prisão não esteja sendo uma experiência maravilhosa. Seria possível que ele descontasse isso em você?

— Seria plausível — defendi.

— Seria injusto.

— Eu mudei a vida dele. Se ele não tivesse me conhecido, estaria morando na capital, no emprego dos sonhos, mas ele deixou tudo por mim. É a minha irmã quem está morta e só estão acusando-o do crime, porque era o homem mais próximo a ela. E não, ele não me culpa com todas as letras, mas não posso condená-lo por me culpar um pouco que seja, afinal de contas, toda essa merda em sua vida tem algo a ver comigo! — desabafei segurando as lágrimas e imediatamente me perguntei porque havia dividido isso com ele. Eu não havia dito sobre a culpa que eu sentia nem mesmo para a pedra, que naquele momento representava Liz.

— Entendo o que você sente, mas Ellen, ninguém é responsável pela cruz de ninguém. Esta é uma lição que estou aprendendo à duras penas. Este era o destino dele e se não fosse através de você, então seria por outro motivo, mas é a cruz que ele tem que carregar. Assim como você tem a sua, e ela não é culpa de ninguém.

Aproximei-me dele, digerindo suas palavras e compreendendo-as. Segurei sua mão sobre a bancada e não tive coragem de olhar em seus olhos. Os meus estavam cheios e eu odiava aparentar fraqueza diante de qualquer outra pessoa.

— Você carrega muita culpa?

Ele assentiu.

— Muito mais do que posso suportar, às vezes. Mas esse peso não me faz ser uma pessoa melhor, se é o que está pensando. Ele me vitimiza. Me faz sentir mais raiva e ódio. Mesmo que eu saiba que não há mais nenhum culpado além de mim.

— As pessoas não melhoram porque sentem culpa pelas coisas ruins que fizeram, melhoram por consertá-las.

Ele afastou a mão da minha e levantou-se, conferindo o visor do celular.

— Eu pedi algo para jantarmos, espero que goste. Deve estar chegando.

Nós comemos a pizza que ele pediu, na verdade, ele a comeu quase inteira, mais parecia uma draga e acabamos brincando sobre isso, ele disse que alimentava toda sua culpa com comida. Eu estava curiosa para saber mais sobre sua vida, sobre o que havia feito, porque se sentia sozinho se tinha mais irmãos, porque não morava com um deles, quem era a mulher na tela de seu celular e de quem era o bebê que ela esperava se não era dele. Tinha um milhão de perguntas, mas quando fiz a primeira delas, ele me lembrou gentilmente:

— Você disse que não somos amigos. E por mais linda que você seja, e você é mesmo espetacular, não estou em busca de um diário.

E assim, vítima de minhas próprias sentenças, não pude perguntar mais nada, mesmo achando que ele precisava falar. Assistimos um filme de luta que eu mal prestei atenção, e quando finalmente acabou, procurei um jeito de dispensá-lo. Ele havia me ajudado, de novo, e eu não queria ser grossa.

— O filme acabou! Você já pode ir embora! — gritei assim que li os créditos subindo. Então percebi que soei grossa demais. — Sinto muito. Quis dizer que está tarde e estou com sono, e sou muito grata por você cuidar de mim mesmo não sendo meu amigo, mas... — Ele sorria e me peguei sorrindo de volta. — Quero ir dormir agora, por favor.

— Você não conhece a palavra sutileza. Mas tudo bem, você parece cansada, está mesmo tarde, acho que devemos ir dormir.

Arregalei os olhos imaginando a situação que ele criaria e o pânico em

que eu entraria até explicar a ele que não o havia convidado para dormir comigo.

— Cada um na sua cama, por que está com essa cara? Você leva as coisas com maldade, bela Ellen, que coisa mais feia!

Apontei para a porta e ele me deu um beijo demorado na testa antes de pegar suas coisas e afastar-se. Piscou para mim antes de sair, conferindo-me dos pés à cabeça, apenas para não perder o costume, e foi embora.

E mais uma vez, senti-me confusa com minha reação a ele. Eu me abri sobre algo que pensei que jamaisalaria em voz alta, e fazia isso com mais frequência do que gostaria perto dele. Não queria que fôssemos amigos, éramos patrão e empregada, devíamos nos respeitar como tal e sermos apenas isso, mas com ele não funcionava assim. Eu olhava para ele e tinha vontade de conhecer suas lutas, de acalmar suas feridas, e ele me parecia tão machucado! E por mais que me assustasse abrir-me com ele, como estava fazendo, me sentia melhor depois, porque ele não me julgava, não me olhava com pena, não gostava de mim por obrigação.

Ele havia falado sobre a culpa que carregava e como sentia raiva e ódio, e ao mesmo tempo, me entendia e ouvia, e era tão atencioso! E eu estava cada vez mais envolvida na necessidade de desvendá-lo. De conhecê-lo. Bom ou mau? Quem afinal era Christopher Becker?



Capítulo QUATRO

Na manhã seguinte, cheguei ao trabalho e Lúcia não estava em sua mesa. Eu sabia que minha mesa ficava dentro da sala de Christopher, então bati duas vezes na porta e a abri, ouvi apenas o final da conversa entre ela e Christopher. Ela estava com a mão em seu peito, tocando a pele exposta pela camisa um pouco aberta dele e ele segurava a mão dela, não sei se a tirando ou a mantendo ali. E dizia olhando para o lado, enquanto o rosto dela estava fixo no dele, e próximo demais do dele:

— Aja como a profissional que diz ser, Lúcia. Na minha gestão, não aceito intrigas, e menos ainda essa troca de favores que você supõe. Não preciso dos seus favores sexuais e com certeza, não quero ouvir sobre qualquer insinuação sua e de mais ninguém aqui, sobre esse tipo de coisa. As pessoas aqui dentro não são obrigadas a se gostarem, mas elas se respeitam. Se falar daquele jeito de novo com a senhorita Dummont, ou qualquer outra funcionária, será demitida. Eu fui claro?

Ela afastou-se dele como se tivesse recebido um tapa e eu não sabia o que fazer. Tentei sair de fininho, mas sem olhar para a porta, ele ordenou:

— Entre, Ellen, assuma sua mesa e comece o seu trabalho.

Lúcia virou-se para mim com ódio nos olhos e deixou a sala, dando um bom dia seco. E Christopher sentou-se em sua cadeira e não me dirigiu mais a palavra até a hora do almoço.

Algumas semanas depois, eu já estava completamente habituada à rotina na empresa, havia aprendido minhas funções e realmente gostava do trabalho. Era bom me sentir útil. Christopher falava comigo apenas no trabalho, e me perguntei diversas vezes se seu afastamento se devia ao fato de eu ter dito que não éramos amigos. Ele era gentil e paciente, ajudou-me algumas vezes com coisas que eu ainda não havia aprendido, sempre me cumprimentava de manhã com educação e perguntava-me ao final de cada expediente se eu estava bem. Apenas isso. Quando eu perguntava por ele, recebia respostas vagas e programadas.

Aceitei bem este comportamento no começo, porque era o que eu queria, quebrar aquele laço que estávamos criando, que era confuso e facilmente mal interpretado. Ele era um homem lindo e poderoso, atencioso e gentil, que me olhava com malícia e sabia ser bondoso e sedutor ao mesmo tempo, uma mistura extremamente perigosa. Minha mente já começava a me pregar peças ao reparar bem mais em como estava vestido, as direções opostas de seu cabelo e preocupar-me demais com o que comia, com seu humor e seu estado de espírito. O afastamento que ele proporcionou fez minha mente voltar a seu devido lugar, e me fazia vê-lo apenas como o meu chefe.

Porém nesta semana estava sendo particularmente difícil aceitar seu afastamento. Ele parecia aéreo e perdido em pensamentos. Por várias vezes, deixava as pessoas falando sozinhas, perdido em seu próprio mundo, estava se alimentando mal e dormindo pouco. E aquele toque de tristeza que outrora fora um charme em seu rosto bonito, parecia pesar sobre seus ombros, eu havia contado exatos três dias em que ele não dava sequer um de seus sorrisos, nem mesmo aqueles mais contidos, ou educados. E me peguei desejando ser amiga dele de novo, apenas para ter a intimidade de perguntar o que estava havendo.

Numa manhã, ele chegou atrasado, não deu qualquer satisfação, ele era

o chefe, e parecia de péssimo humor. Gritou com Lúcia, e mais um funcionário. E foi cruel com um aspirante a cantor com quem tinha uma reunião. Nem parecia o mesmo Christopher educado e calmo de sempre. Neste dia, encolhi-me em meu canto e não dirigi a palavra a ele até o momento em que foi realmente necessário. Aproximei-me amedrontada de sua mesa e falei com a voz mais baixa possível, e sua expressão se transformou bem diante de mim. Ele mostrou um sorriso calmo, pegou os papéis da minha mão e os assinou, perguntou como eu estava e fez uma piada sobre a roupa coberta demais que eu usava.

Quando me devolveu os papéis, senti que queria falar mais alguma coisa, mas não disse, desviando sua atenção de volta à tela diante dele. Eu também queria falar mais alguma coisa, queria perguntar porque ele havia se afastado de mim, mas isso implicaria assumir que sentia sua falta, e eu não sentia. Estava apenas preocupada com ele, então voltei à minha mesa e não disse mais nada.

Na semana seguinte, encontrei um homem desconhecido na sala de Christopher quando entrei. Ele sorriu ao me ver, mas não era um sorriso sincero.

— Bom dia, é a senhorita Dummont, certo?

Assenti e toquei sua mão estendida. Ele era parente de Christopher, eu tinha certeza. As semelhanças entre eles eram muitas, exceto na cor dos olhos e nos cabelos. Mas a beleza dos dois era de tirar o fôlego.

— Sim, e você é?

— Richard. Já estou de saída, precisava apenas pegar estes papéis — respondeu estendendo alguns papéis e fiquei receosa.

— O senhor Christopher sabe que você viria até aqui para pegá-los?

Ele sorriu.

— São coisas de família.

— Sinto muito, mas não posso permitir que saia desta sala com esses papéis até que ele chegue.

Ele assentiu e sentou-se sobre a mesa, uma aliança dourada brilhava em sua mão, indicando que estava noivo.

— Ele é muito mau com vocês? Meu irmão. É um chefe ruim?

— Não. É muito educado e gentil, na verdade. E tem um bom coração.

Ele me olhou surpreso e confuso, fez um gesto negativo com a cabeça.

— Acho que não estamos falando da mesma pessoa, então — concluiu.

Percebi que ele achava que o irmão não era uma boa pessoa. E concluí que boa parte da culpa que Christopher disse carregar, essa culpa que o fazia sentir tanta raiva, tinha a ver com Richard.

Ele fotografou os papéis em sua mão e mexeu no celular, mantendo o silêncio na sala e não ousei puxar conversa. Já ouvira falar dele pelos corredores da gravadora, ele era mal-humorado e um péssimo chefe. Foi educado comigo, apenas isso, mas eu não queria dar motivos para que deixasse a educação de lado e se transformasse no famoso Richard que tanto ouvi falar.

Pouco depois, Christopher abriu a porta da sala. Estacou ao ver Richard, seu rosto atingindo um tom de vermelho e sua expressão se transformando em puro desdém. Aproximou-se de sua mesa como se o irmão não estivesse ali, mas falou assim mesmo:

— Você não é bem-vindo aqui, Richard. O que você quer?

Richard estendeu a ele os papéis que segurava e Christopher pareceu perder totalmente a cor.

— Tic tac, irmãozinho. Brinque de presidente enquanto pode, seus dias estão contados.

Christopher mudou sua expressão em um segundo, aparentando a mesma calma e indiferença de quando entrou na sala. Fiquei confusa com a maneira como conseguia alterar seu humor, ou fingir alterá-lo, com tanta rapidez.

— Não tenho medo de você, Richard. Melhor ir embora agora. — E de repente, sua expressão calma se perdeu, ele parecia ferido. — Um filho? Você foi muito esperto dando a ela o que acabou de perder. Tornando-a ainda mais dependente de você!

Richard riu, embora fosse nítida a raiva que sentia.

— Você não me atinge em relação a ela porque a conhece tão pouco! É uma pena que tenha uma empresa tão grande agora, e nenhuma noção da

vida, nem do amor. Você e a Sarah realmente se merecem.

Os olhos de Christopher brilharam, mas ele não respondeu. Richard passou por mim e tocou minha mão, despedindo-se.

— Senhorita Dummont, não estou levando os papéis como você ordenou. Tenha um bom dia.

Assim que ele passou pela porta, Christopher passou as mãos pelos cabelos, bagunçando-os, a expressão em seu rosto não era mais de raiva, mas de uma tristeza imensa. Ele jogou alguns papéis no chão e chamou Lúcia.

— Por que você permitiu que ele entrasse aqui? Richard não é bem-vindo aqui, se isso acontecer de novo você será demitida!

Ela tentou se desculpar e dizer que não pôde impedi-lo, mas ele não quis ouvi-la, dispensando-a em seguida. Ficou de pé de frente a enorme janela observando o nada, e munida de uma coragem que eu não sentia, ousei perguntar:

— O que há entre você e seu irmão?

Ele ficou calado e achei que não tivesse ouvido, ou que apenas não quisesse responder. Mas depois de um tempo, ele respondeu:

— Ele quer tirar a empresa de mim.

— E por que ele faria isso? — perguntei atônita.

Não conseguia pensar em como alguém tinha que ser frio, mesquinho e cruel para tomar algo tão importante do próprio irmão! Que espécie de monstro era Richard Becker?

Christopher olhou para mim, para meu rosto indignado e aproximou-se, olhou-me nos olhos ao responder:

— Porque eu a tirei dele primeiro.

— Você o quê?

— Por que está preocupada com isso agora? Não somos amigos, lembra? Então não ligo para seus julgamentos.

— Não estou julgando. Não conheço a história toda para julgá-la. Não o imagino como alguém tão frio, é apenas isso.

Ele sorriu debochado.

— Você não me conhece, Ellen.

— Eu queria conhecer — me peguei falando sem pensar. — Eu queria saber porque você está sempre triste, porque carrega tanta culpa e porque não fala mais comigo. Não éramos amigos, não chegamos a ser. Mas éramos gentis um com o outro, por que deixou de ser assim?

— Você se importa comigo — afirmou como se fosse uma coisa ruim. — Merda, você se importa. Justo você.

Eu não entendia o que havia de tão errado em ser eu a me importar com ele, nem porque ele estava reagindo como se isso fosse algo que o machucava, achei que seria melhor deixar aquilo para lá, mas já estava ali, de pé diante dele, vendo-o reagir como um garoto ferido, não podia apenas deixar para lá.

— Christopher, por que não posso me importar com você? O que está errado?

— Não se importe comigo, Ellen! Não perca o seu tempo!

Ele deu uma volta por sua mesa, encarando a grande janela, depois andou até mim novamente, aqueles olhos azuis feridos, cravados nos meus. Havia tanto desespero em sua voz, quando voltou a falar, que não soube o que fazer para ajudá-lo.

— Eu escolhi afastar-me assim de você. Eu quis que você fosse apenas mais uma funcionária, que não nos tornássemos amigos, por mais que eu, de alguma maneira, confiasse em você. Sabe por quê? Porque vou perdê-la. Porque vou sentir essa coisa no peito cada vez que você me perguntar como estou, cada vez que perceber cada emoção que estou sentindo, cada vez que me fizer revelar partes de mim que não quero conhecer e vou gostar disso. Vou me apegar a isso como minha tábua de salvação e depois eu vou perdê-la. Você vai me deixar, e eu estarei perdido de novo. Mas haverá essa diferença, nunca houve alguém por mim antes, então haverá você, e depois eu vou me sentir ainda mais sozinho.

Ele segurou meu rosto gentilmente, embora parecesse realmente perturbado e perdido.

— Por que você tem que partir? Por que tem que ser você, justo você? Eu acabei de conhecê-la, e isso não é justo, Ellen! Isso não é justo!

Entendi então que ele estava me afastando porque eu ia morrer, e ele sentiria minha falta. Eu não tinha o direito de pedir que me contasse seus

problemas, que aceitasse meus conselhos e até se apegasse a eles, para deixá-lo em seguida. Mas ficar sozinho como ele estava carregando tudo o que parecia carregar, não podia ser a melhor opção. Afastei suas mãos do meu rosto e segurei o rosto dele, imitando seu gesto, olhando dentro dos seus olhos de um azul triste.

— Já me fiz essas perguntas, já me perdi nessas lamentações, e sabe o que descobri? Que elas não adiantam de nada, Christopher. Você nunca vai entender a resposta. As coisas são como são. Eu ainda estou aqui, estou viva. Por que não fala comigo enquanto pode?

Ele afastou-se de minhas mãos e deixou um beijo rápido em minha testa. Pegou suas coisas sobre a mesa e abriu a porta.

— Eu vou para algum lugar agora. Não me sinto bem hoje. Você devia tirar o dia de folga. Eu acho que você quer ser minha amiga, no final das contas. Vou pensar no seu caso.

Então ele passou pela porta e a fechou. E eu fiquei ali sentindo toda a emoção do momento que compartilhamos, de saber que ele se importa tanto com meu destino iminente. Eu realmente não me importaria em dividir com ele suas dores, principalmente se eu pudesse ajudá-lo de alguma forma.

No dia seguinte, ele já estava lá quando cheguei. Cumprimentou-me com um enorme sorriso e deu instruções a Lúcia com bom humor. Trabalhamos assim o dia todo, e percebi que ele não largava uns papéis específicos que Lúcia havia entregado a ele. De tarde, fui pegar um café na copa e acabei levando um chá para ele, nunca o tinha visto beber café e presumi que ele não gostava. Ao aproximar-me de sua mesa, percebi que os papéis que ele tanto folheava eram sobre mim. Meu currículo quase vazio, minha ficha médica e mais algumas informações. Me perdi olhando para as informações contidas ali e ele pigarreou, trazendo-me de volta ao mundo real.

— Desculpe. Por que vocês sabem quando minha mãe morreu? Quando a Liz veio morar comigo e quando morei em outras cidades? Quero dizer, isso não deve ser informação de interesse de todas as empresas onde se trabalha.

— Alec é muito empenhando no que faz. Não deixa nada pela metade. Esse chá é para mim?

Assenti entregando-o a ele. Ainda confusa sobre a quantidade de informações sobre mim contidas ali. Temi olhar um pouco mais e ter descrito a maneira como perdi minha virgindade, ou o fora que tomei do meu *crush* no jardim de infância, porque eu tinha sardas vermelhas no rosto.

— Estou com esses papéis porque buscava uma informação sobre você.

— Você poderia ter me perguntado.

— Poderia, mas estragaria a surpresa. Espere eu tomar este chá e venha comigo.

Esperei receosa e o segui pelo elevador, muito ciente dos olhares curiosos sobre nós. Estava próximo ao fim do expediente, mas ainda não era o fim. Presumi que uma secretária tomando o elevador com o chefe fora de hora não era visto como uma coisa boa. Ele me levou até o estacionamento do prédio e me guiou até um carro prata, muito bonito e aparentemente novo e estendeu uma chave em minha direção.

— Vi no seu material que você dirige. Este caro é um empréstimo da empresa a você, para que não tenha que vir e voltar de ônibus todos os dias.

Olhei para o carro e de volta para ele, sentindo-me confusa.

— A empresa dá carros para todos os funcionários?

— Veja bem, não o estou dando a você. É apenas um empréstimo. Não oferecemos para todos, mas quero oferecer a você, vê algum problema nisso? — perguntou-me realmente preocupado.

Eu via algum problema? Bem, não ter que pegar ônibus na ida e na volta me daria mais tempo para passar com o André, me cansaria bem menos também. Eu não via problema nenhum.

— Isso é muito legal! — falei empolgada tirando as chaves de sua mão e entrando no carro. — Isso é demais! Mal posso esperar para contar ao André. Ele vai surtar! Obrigada, Christopher.

Quando olhei para ele, seus olhos estavam tristes novamente e ele parecia chateado. Voltamos ao escritório e foi a primeira vez que fui embora de carro novo.

— Você não vai acreditar! — disse animada assim que André aproximou-se. — A empresa me forneceu um carro! Por isso cheguei tão

rápido aqui hoje.

— Um carro? Por quê?

— Não sei, acho que é algo que fazem pelos funcionários. O importante é que terei mais tempo para passar com você!

— Ellen, quem deu o carro a você foi a empresa ou foi o seu chefe?

— A empresa é dele! E não ganhei o carro, é apenas um empréstimo. Se eu sair da empresa, tenho de devolvê-lo. Será que você não pode ficar animado pelo tempo que vamos ganhar com isso? — pedi.

Ele me observou, eu estava com aquele sorriso de empolgação no rosto e talvez este tenha sido meu erro. Estar feliz quando ele estava enfrentando aquele inferno. Ele abaixou a cabeça consternado, um sorriso de incredulidade no rosto, quando seus olhos voltaram para mim, havia raiva neles, e seu tom foi de escárnio ao falar comigo:

— Você está dormindo com seu chefe — afirmou.

— O quê? É claro que não! Por que você está pensando assim? Pare com isso!

— É claro que está! Nenhuma empresa fornece um carro a uma simples secretária, acorda pra vida, Ellen! Eu poderia dizer que ele está querendo levá-la para a cama, mas um carro? É um valor alto demais a se pagar.

— Olha o que você está falando, André! Estou relevando todas essas merdas porque você não está em uma situação agradável, mas isso não significa que pode falar o que quiser e como quiser comigo.

Respirei fundo, diante de seu olhar acusador e tentei remediar a situação.

— A gente não tinha esse tipo de conversa, esse tipo de acusação entre nós antes. Não vamos deixar que isso comece agora. Eu não dormi com meu chefe, sequer somos amigos. Embora ele seja uma pessoa de bom coração. O carro é da empresa, mas se o incomoda tanto eu posso devolvê-lo. Tudo bem assim?

— Não, não está tudo bem! Antes você me ouvia. Eu te pediria para não ir ao cemitério e passar horas que te fazem mal lá e você me ouviria! Você costumava me ouvir! Agora me esconde coisas, mal vem me ver e ganhou um carro! A merda de um carro! Eu sabia que isso acontecer, Ellen!

Eu previ. Disse que você conheceria pessoas e se envolveria com elas, mas o chefe? Você é mais esperta do que eu imaginava!

— Não dá pra falar com você! Não consigo mais falar com você! Para de fazer isso! — Segurei as lágrimas ao ver o homem que eu amava, a única pessoa que eu tinha na vida, indo embora aos poucos, transformando-se em um ser repleto de raiva e acusações. Este André que me recebia não se parecia em nada com o meu André. E comecei a me perguntar se dois meses na cadeia era tempo o suficiente para ele ter mudado assim.

Talvez fosse isso, o tempo. Ainda não era tempo o suficiente para ele se acostumar, para aceitar que não ficaria ali por muito mais tempo, talvez ainda estivesse com muito medo e não soubesse como lidar com ele. Levantei-me para deixá-lo, de novo, todas as nossas conversas ultimamente acabavam do mesmo jeito. Porém, ele disse antes que eu me afastasse, prendendo meus pés no lugar:

— É muito fácil ir embora, dormir na sua cama confortável e me deixar aqui, não é? Muito fácil para você não ter paciência comigo! Mas não deveria ser já que a culpa de eu estar aqui é sua! Eu não devia nem ter conhecido a Liz! Eu sempre disse que ela precisava de um freio, que vivia envolvida com homens casados e você nunca me deu ouvidos! A culpa disso é toda sua!

Não olhei para trás, não respondi suas acusações. Depois de desabafar com Christopher eu tinha acreditado que a culpa não era minha, tentei me apegar a isso com todas as forças, tentei não me sentir culpada de novo pela cruz dele. Entrei no carro com a chuva fina que caía, sentindo um aperto no peito, ciente de que em breve estaria me sentindo mal. Tentei controlar o choro, não ficar nervosa. Liguei o rádio, a chuva só aumentava e eu só queria um banho quente.

— Agora não, coração, aguenta mais um pouco.

Apliquei o remédio ali mesmo e esperei um pouco antes de arrancar com o carro até minha casa. A chuva já estava bem forte, eu mal enxergava a estrada, juntando a quantidade de água lá fora, e ali dentro, nos meus olhos. Eu temia tanto o dia em que ele jogaria isso na minha cara! Temia o dia em que se daria conta que tudo de ruim na vida dele estava ligado a mim. Se eu não tivesse desabafado sobre isso com Christopher, se não tivesse ouvido uma opinião tão contrária a esta, será que estaria me sentindo pior do que já

me sentia?

Então fiquei me achando hipócrita, já que havia dito a Christopher que lamentar e se questionar não servia de nada, e ali estava eu, questionando meu destino, o destino do André, de Liz, de todo mundo à minha volta. Eu me sentia uma erva daninha, que matava o jardim ao redor.

— Você não é responsável pela cruz de ninguém, não é responsável pela cruz de ninguém! — fiquei repetindo a mim mesma, mas era tão mais fácil acreditar nisso quando era dito por Christopher!

De repente o carro fez um barulho e parou. Tentei ligá-lo de novo, mas ele não funcionava. Bati irritada no volante e desci na chuva forte que caía para tentar ver o motivo. Abri o capô e não enxergava nada demais.

— Só falta eu ter que pagar o carro da empresa — resmunguei.

Baixei o capô de novo sentindo-me desamparada e sozinha. Sentei-me ali, a cabeça entre as mãos, deixando que a água gelada da chuva batesse em mim e corresse por meu corpo, deixando-o gelado. Eu deveria levantar e chamar um táxi, ou ir embora a pé, talvez, mas não tinha forças. Ele me culpava. O carro da empresa estava quebrado e eu havia acabado de pegá-lo, como isso era possível? O que eu fiz de errado?

— Não seja essa pessoa, não reclame — fiquei repetindo a mim mesma, porque detestava reclamar. Detestava ser a vítima, a coitada. Nunca havia sido assim, mas me sentia tão miserável naquele momento que cada pensamento meu seguia essa direção.

A luz de um carro se aproximando iluminou meu rosto e descobri os olhos para ver Christopher descer de seu carro e correr até mim. Porém, antes que me alcançasse pulei em seus braços, chorando copiosamente.

— O que foi? O que aconteceu? Por que está aqui?

Ele me manteve sem seus braços um minuto, ali debaixo da chuva, sem reclamar do frio e da água gelada, até que me acalmei o suficiente para me afastar e tentar explicar.

— Quebrei o carro da empresa. Não sei como fiz isso.

— Fica calma, vou mandar olharem isso, você não teve culpa de nada.

— Eu não vou ter que pagar?

— Claro que não! É só um defeito, vai ficar tudo bem, eu vou te levar

pra casa, está bem?

Ele passeava a mão por meu rosto com delicadeza, e falava comigo com calma, assegurando-me de que tudo ficaria bem. Havia tanta certeza em suas palavras que ousei acreditar nelas. Assenti e entrei com ele em seu carro. Ele fez uma ligação e nos tirou dali. Pegou um casaco do banco de trás e me deu e me agarrei a ele, tentando controlar os tremores em meu corpo pelo frio.

Chegamos à minha casa e não tive forças para descer do carro. Eu nunca havia sido tão fraca e patética. Nunca tinha perdido as forças como estava acontecendo. Christopher deu a volta e me levantou no colo, entendendo que eu não tinha forças. A chuva forte ainda caía, mas ele me carregou devagar para dentro de casa, levando-me direto até o banheiro. Abriu a água quente e seus olhos preocupados pousaram em mim.

— Por favor, querida, entre debaixo da água, tudo bem?

Assenti, mas não me movi e ele segurou meu rosto, forçando-me a olhar para ele.

— Preciso que faça isso sozinha, meu bem. Se eu tiver que despi-la e entrar com você, posso não me controlar. Eu não sou tão bom assim, você pode fazer isso por mim? Pode fazer por si mesma? Tire a roupa e entre na água, tá bom? Você me entendeu?

Assenti e comecei tirando seu casaco, ele entendeu que eu obedeceria e saiu do banheiro, fechando a porta em seguida. A água quente me fez relaxar quase que instantaneamente. Deixei que as lágrimas saíssem até que não as tivesse mais. Desliguei o chuveiro e vesti um roupão bem quente.

Encontrei Christopher na cozinha, preparando chá. Ele sorriu docemente para mim, pegou minha mão, guiando-me até um banco, onde me sentei.

— Se sente melhor agora? — perguntou.

— Eu não sei. Acho que não sinto mais frio então podemos considerar uma melhora, não é?

— Acho que sim.

Ele se aproximou com as xícaras de chá e ficou de pé do outro lado da bancada, de frente para mim, avaliando-me.

— Você não estava chorando só porque o carro quebrou. O que houve? Por que você ficou assim? O que a feriu tanto?

Neguei com a cabeça e uma lágrima correu por meu rosto. E eu pensando que já não as tinha mais.

— Ei — ele chamou levantando gentilmente meu rosto pelo queixo. — Fale comigo enquanto pode — brincou.

Como eu poderia dizer que eu estava certa e ele errado? Que o próprio André já me culpava por sua cruz?

— Ele me... — Respirei fundo e tentei de novo. — Ele me culpou por estar lá. Ele acha que a culpa é minha.

Christopher ficou totalmente imóvel. Depois pareceu irritado.

— Um grande imbecil, esse seu noivo.

— Não, ele não é. Você não entende como deve ser para ele estar lá.

— Não, eu não entendo mesmo. Mas entendo que você é boa demais para ele. E ninguém tem o direito de jogar sua cruz sobre outra pessoa, nós falamos sobre isso, não acredite nele, Ellen. Este é o destino dele. Você não o colocou lá.

— Eu consigo processar melhor isso quando você diz. Mas quando ele me acusou eu pensei... eu senti — Cobri a boca com a mão, não queria mais chorar, não queria mais ser fraca. — Por que não consigo parar de chorar?

— Porque está doendo. E essa dor precisa sair de algum jeito. Vem aqui.

Ele deu a volta e me tomou nos braços, balançando lentamente meu corpo, enquanto seus braços à minha volta me prendiam. Apenas fiquei ali, consegui controlar minhas lágrimas, não queria que ele me soltasse. Ali eu podia me esconder da minha vida, do meu destino, do que havia perdido e do que estava prestes a perder. Ali eu podia fechar os olhos e me imaginar uma criança, protegida e amada, mimada por um anjo de braços fortes e acolhedores, que me prendia com toda sua força e não me deixaria cair de novo.

Pouco depois, seus braços passaram por baixo das minhas pernas e ele

me levantou, levando-me até minha cama. Me acomodei nas cobertas lamentando ter que enfrentar o mundo real de novo, sentindo falta de me esconder em seus braços e me senti errada por pensar assim.

Ele diminuiu a luz do quarto e deitou-se na cama comigo, assustando-me.

— Você precisa de um banho quente também, tomou chuva, está todo molhado. Você não devia deitar-se aqui comigo.

— Por que você não fica quietinha e dorme? Você me disse que água quente é milagrosa, que ela te dá a sensação de pendência resolvida e tranquilidade, lembra-se? Eu te digo que o sono faz isso. Você acorda revigorada, com a mente descansada e pode não parecer mais tão difícil.

Toquei seu peito através da camisa e ela estava gelada.

— Você está gelado.

Ele sorriu, sentou-se na cama e tirou a camisa. Eu me sentia tão cansada que não liguei para o alerta de que não deveria permitir que ele voltasse a se deitar comigo seminu. Não me importei em avaliar seu corpo bonito, nem em prestar atenção aos detalhes daquele homem tão lindo. Apenas fechei os olhos e esperei que ele deitasse ali comigo, naquele momento ele era apenas o meu anjo, não o homem mais lindo que eu já tinha visto na vida.

Ele acariciou o meu cabelo num gesto carinhoso, acalmando-me imediatamente. A presença dele, os gestos, a maneira doce como falava comigo, até o calor que vinha de seu corpo, mesmo que não estivesse tocando-o, tudo nele me acalmava. Sentindo-me sem graça, mas precisando tanto desse conforto, me aproximei dele e deitei a cabeça em seu braço. Ele passou o outro braço em volta do meu corpo e continuou acariciando meu cabelo enquanto enterrei o rosto em seu ombro apenas para me esconder mais um pouco.

Não entendia quando havia me tornado uma menina insegura e fraca, que precisava do abraço de um homem para sentir-se melhor. Talvez fosse apenas aquele momento em particular, apenas por um dia, entre tantos tão difíceis que estava enfrentando. E na manhã seguinte eu voltaria a ser forte, a não chorar, não questionar, não lamentar e conseguiria me erguer sozinha de novo. Mas naquele momento, aceitei ser essa menina fraca e deixei que ele

cuidasse de mim.

— Você iria para o céu ou para o inferno? — perguntei depois de um tempo, em seu ouvido. — Se tivéssemos nos conhecido de maneira diferente, se eu o atropelasse e você tivesse morrido.

— Meu Deus! Você já está me assassinando em pensamento? Isso não é nada bom. Onde foi que eu errei com você?

Sorri. Sentindo-me mais leve.

— Não estou fazendo isso. Só estou tentando descobrir se você é bom ou mau. Você iria para o céu ou o inferno?

— Você achou que estava no céu — ele lembrou.

— Porque você estava lá. Parecia um anjo.

— Talvez eu seja o seu anjo, já que não posso ser seu amigo.

— Você está fugindo da minha pergunta. Tem medo que eu saiba a resposta? Eu já sei qual é a melhor e a pior hipótese disso, não vou me assustar.

Ele ficou calado mais alguns minutos e depois respondeu, a voz mais baixa e um sorriso triste:

— Purgatório, eu acho. Dizem que o purgatório é pior do que o inferno.

— É um meio termo, não é? Não saber se você é bom ou mau, é pior do que saber.

Ele assentiu apertando os braços à minha volta.

— E eu realmente não sei. Escolho não acreditar no que acho que seria a resposta certa. Mas não sou tão bobo para acreditar na resposta que deveria dar. Então fico com este meio termo maldito.

— Nada bom. Você precisa se conhecer. Talvez precise mudar, para ser a resposta que queria ter me dado.

— Talvez você precise parar de me matar em pensamentos e dormir um pouco.

— Você quer ir embora? Estou prendendo você?

Ele depositou um beijo terno em minha testa e acariciou minhas costas, por cima do roupão e da coberta.

— Eu não vou a lugar nenhum, meu bem. Estarei bem aqui quando

você acordar.

Fechei os olhos tentando dormir, mas sua voz me fez dissipar o sono e prestar atenção em sua pergunta.

— Você o ama muito? O seu noivo? Não acha que está na hora de afastar-se dele?

Neguei com a cabeça imediatamente.

— Eu jamais o deixaria sozinho agora. E sim. Eu o amo.

— Você o ama com tudo o que tem?

Abri os olhos e seu rosto estava perto demais do meu. Ele me encarava esperando uma resposta, seus olhos totalmente concentrados em mim.

— Eu o amo, apenas isso, acho que não entendi sua pergunta.

— Há várias maneiras de se amar alguém.

— Não há. Eu o amo da maneira saudável como a gente deve amar alguém, eu acho. Você se refere a esse amor de livros e filmes? É o que está me perguntando? — Ele apenas sorriu. — Esse amor é ilusório, as pessoas não são mais capazes de oferecer essa entrega e profundidade em sentimentos. Amores são rasos. Você ama alguém com tudo o que tem hoje, mas conhece alguém que parece mais interessante amanhã, e então não o ama mais. As pessoas são assim. O tipo de amor que sinto por ele é seguro. Eu sei que vou passar minha vida toda com ele, confio nele e o respeito. Somos amigos acima de tudo. Não precisamos de uma paixão dessas que tira nosso juízo e todas essas coisas.

— Você acha que isso pode acontecer? Que mesmo que o ame a ponto de enfrentar o que enfrenta por ele, pode conhecer alguém amanhã que seja mais amável para você?

Sorri e neguei com a cabeça.

— Não mesmo. Penso que a traição é a pior coisa que uma pessoa pode fazer a alguém que ama, pois ela implica a perda do sentimento mais importante que se tem por alguém, o respeito.

— Então o seu amor é baseado em respeito?

— Todo amor é.

— Não apenas nisso, que amor frio, Ellen! Que maneira sem graça de

ver o amor! Apesar de tudo ser tão fácil para tornar um amor, apenas mais um amor, eu acredito nesse tipo de amor. O que vira sua cabeça, domina sua mente e faz com que você mergulhe de olhos fechados, sem medo. Acredito nesse tipo de entrega que te faz viver por outra pessoa. Acho que o amor precisa ter esse tipo de loucura, para não ser apenas mais um.

Ele se moveu na cama, levantou o meu rosto para que eu olhasse em seus olhos. Eles brilhavam com algo diferente.

— Acho que você ainda ama a pessoa errada, não conheceu aquela que vai te fazer andar no teto ao invés do chão, e ser feliz assim.

Seus olhos se fixaram nos meus e ele se aproximou tão devagar, seu rosto tão perto do meu, sua boca próxima demais à minha. Fechei meus olhos e ele encostou a testa na minha, depositando beijos por meu rosto. Por um segundo, eu quis conhecer esse tipo de amor que ele tão apaixonadamente falava. Eu quis amar alguém a ponto de nada mais importar, quis andar pelo teto ao invés do chão, e me entregar de corpo e alma daquele jeito. Por um momento, um breve segundo naquele momento, eu quis beijá-lo. Logo eu, que sempre fui tão pé no chão, tão centrada e ciente de cada passo e sentimento meu, me peguei ali fantasiando algo que não poderia controlar.

Mas percebi a tempo o que estava fazendo e afastei-me, deitando de volta no travesseiro e dizendo a ele que eu realmente precisava dormir. O rosto dele tomava minha mente e as palavras de André me fizeram sentir completamente culpada. “Você está dormindo com seu chefe”. “Daqui a pouco estará na cama com ele e nem vai se lembrar que tem a porra de um noivo!”

De um jeito diferente do que ele acusara, eu estava fazendo exatamente isso. Precisava de alguma maneira controlar a intensidade dessa ligação louca com Christopher. Precisava pará-la.



Capítulo CINCO

Os sorrisos nos rostos das pessoas, conforme ia cumprimentando os funcionários ao chegar, foi explicado quando Lúcia me estendeu meu contracheque. Abri a pequena folha, sentindo uma alegria diferente por estar recebendo um dinheiro por um serviço que prestei, como uma pessoa normal. Ao invés de um auxílio do governo. Era o meu salário. Esta seria uma coisa que eu compartilharia com André, torcia para que naquela noite quando fosse vê-lo, ele estivesse em seu humor normal, para que pudéssemos finalmente ter uma conversa ao menos civilizada. Eu sentia tanta falta de poder falar com ele, dividir as coisas, adoraria mostrar a ele que estou me virando, como se não existisse aquele maldito relógio sobre a minha cabeça. Adoraria que ele se orgulhasse de mim.

De repente o papel em minha mão desapareceu, e a expressão perplexa de Lúcia ao abri-lo me mostrou que algo não estava certo. Ela olhou de mim para o papel e o estendeu a mim com uma careta.

— Ganha seis vezes mais do que qualquer funcionário aqui e quer me convencer que não está dormindo com o chefe.

Tomei o papel de sua mão e ela nada gentilmente, estendeu o seu contracheque diante de mim, o valor ali era mesmo bem menor do que o que

eu receberia.

— Não quero te convencer de nada, Lúcia. Você que pense o que quiser.

— Você o está enganando com essa pose de santinha, mas a mim você não engana. E pode ir chorar pra ele, não acho certo que você ganhe mais para desempenhar praticamente o mesmo serviço, ele que me demita por atacar você!

— Também não concordo e não fazia ideia sobre isso, não que seja da sua conta, de qualquer maneira. Pode deixar que vou chorar pra ele o que você disse, assim como contei para a empresa inteira que você ofereceu seus favores sexuais a ele. Será que não está aí a sua frustração?

Eu não havia dito nada a ninguém do que tinha ouvido na sala de Christopher naquela manhã, de forma que ninguém comentou ou falou sobre ela se oferecer ao chefe e ser rejeitada. Ela ensaiou uma resposta, mas não encontrou as palavras, então afastou-se de mim com a mesma careta de poucos amigos que já havia aprendido a nem me importar.

Porém, o fato do meu salário ser tão maior do que o dela ficou martelando na minha cabeça o dia todo. Justo o dia em que Christopher não apareceu na empresa. Alexander foi quem apareceu procurando pelo irmão, e não ficou nada contente ao saber que ele havia faltado. Até tentei ligar para Christopher para saber se estava tudo bem, e Alexander me disse que não deveria preocupar-me, que isso era apenas Christopher sendo Christopher, irresponsável como sempre.

Na hora do almoço, desci até o carro fornecido pela empresa, que já estava consertado esperando por mim no estacionamento e procurei pelo documento, que Christopher havia dito que ficaria guardado no porta-luvas. Esperava que o carro estivesse no nome da empresa, mas estava em meu nome. Tudo sobre o carro estava em meu nome, como se ele fosse meu. Se eu saísse da empresa naquele momento, quem provaria que o carro não era meu? Que Christopher não havia dado a mim ao invés de emprestado?

Aquilo não podia ser normal, e não poderia de maneira nenhuma ser uma coisa boa. Esperei para falar com Christopher, mas ele não apareceu.

Quando saí do serviço, decidi não ir ver André, talvez se eu ficasse um dia sem vê-lo, ele se comportasse melhor no dia seguinte, mesmo porque o

dia seguinte não seria um dia qualquer, era uma data importante, quase mágica, ele tinha que se lembrar disso.

Na manhã seguinte, Christopher estava em sua mesa quando cheguei. Alexander estava com ele, então tive que deixar o assunto sobre o meu salário e o carro para depois. Não consegui entender sobre o que eles falavam, mas percebi que mudaram de assunto quando cheguei. Alexander despediu-se do irmão logo em seguida, mas disse antes de sair pela porta:

— Acho que é um pouco tarde para bancar o mocinho, irmão. Papai não nos criou para assumirmos erros e consertá-los. Você não sabe como fazer isso, tome cuidado.

Christopher apenas assentiu e Alec deixou a sala. Imediatamente, Christopher aproximou-se da minha mesa.

— Bom dia, Ellen. Como se sente hoje?

— Bom dia! Confusa, eu acho. Descobri que os documentos do carro estão em meu nome. — Esperei por sua surpresa, ou que desse alguma explicação para aquilo, mas ele continuou olhando-me como se eu não tivesse dito nada. — E que ganho seis vezes mais do que a Lúcia.

Nesse momento ele riu.

— Estava me perguntado quanto tempo demoraria para perceberem isso, mas pelo visto a Lúcia é mais linguaruda do que eu pensava. Foi conferir o seu contracheque, não é?

— Ela só queria ter certeza de que eu não estava recebendo por prestar favores sexuais a você. Imagine só a minha cara quando vi o valor do contracheque.

Ele riu alto, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Sinto muito por isso. Mas pela minha cara de frustração todas as manhãs, acredito que todos saibam que não estamos transando. Então sua reputação está a salvo.

— Christopher, você não pode me pagar mais do que paga a outros funcionários, e com certeza não pode me dar um carro! Você ficou louco?

— Sim, eu posso, e fiz porque eu quis fazer. Eu sou o presidente desta empresa, pago quanto eu quiser a mais para quem eu achar que merece. E o

carro é meu, eu o dou para quem quiser. Não tenho que dar satisfações a ninguém aqui, e nem você tem.

— Mas as coisas não funcionam assim! Não é justo que eu faça o mesmo trabalho que outras pessoas e receba mais, elas vão ficar insatisfeitas, você vai levar um processo. E com certeza não vou aceitar seu carro de presente, Christopher, você...—parei de falar e escondi a cabeça nas mãos, de repente querendo rir.

— O que foi? — ele quis saber.

— Você é inacreditável! Nem parece real. Quando eu iria imaginar que um chefe iria simplesmente querer me pagar bem mais do que paga a outros funcionários pelo mesmo serviço e iria querer me dar um carro? Assim, do nada, só porque quis dar. Desculpe, mas ou você é mesmo louco, ou está esperando pelos favores sexuais.

Ele arqueou a sobrancelha surpreso, mas um sorriso surgiu em seus lábios e ele se afastou da mesa, não desmentindo minha última frase.

— Você está esperando pelos meus favores sexuais? — perguntei em pânico.

— Ah, por favor, Ellen, eu não pagaria a você para levá-la para a cama! Mas, quando quiser fazer isso, se você se sentir sozinha, eu te faria esse favor sem nenhum problema. Não faça essa cara, é o contrário do que está me acusando! Eu estou oferecendo a você meus favores sexuais.

Peguei na minha bolsa a chave do carro e a deposei sobre sua mesa.

— Muito obrigada, mas não. E não quero o seu carro. Nem o seu salário absurdo. Por favor, me pague o mesmo que paga aos seus outros funcionários.

— Acho que terei que dar um aumento a eles então.

— Bem, eles vão continuar achando que estamos transando, mas pelo menos vão me agradecer por isso.

Ele riu alto e voltou a mexer em seu notebook, encerrando a conversa.

Na hora do almoço, antes que eu pudesse sair até o restaurante mais próximo, Lúcia me pediu que fosse buscar o almoço de Christopher, ainda me olhando com cara de poucos amigos. Até pensei em dizer a ela que ele

iria corrigir aquele erro no contracheque, mas por fim dei-me conta de que ela não tinha nada a ver com isso. Que pensasse o que quisesse de mim. Eu estava em paz com minha consciência. Percebi que ele havia pedido comida para um batalhão, mas lembrando do quanto havia comido na minha casa, não me assustei com a quantidade de sacolas.

Quando passei pela mesa de Lúcia na recepção, ela comentou lixando as unhas, com seu tom de deboche:

— Agora vai começar a almoçar na sala do chefe com ele.

— Isso é apenas para ele — ainda me dei ao trabalho de explicar.

Ela olhou incrédula a quantidade de sacolas e virou o rosto. Impaciente, não tentei me explicar mais. Não sei porque nos importamos tanto com a aprovação das pessoas. Mesmo que essas pessoas não façam absolutamente nada por nós. Parece até um instinto.

— Aqui está toda a sua comida. Confesso que estou assustada com seu apetite — brinquei colocando as sacolas sobre a mesa de centro, próxima ao sofá.

Ele se levantou rindo e segurou minha mão quando passei por ele.

— Obrigado, querida, mas isto não é apenas para mim. Acha mesmo que eu comeria tanto? Gostaria que me acompanhasse no almoço hoje.

— E eu acabei de dizer à Lucia que este almoço era apenas para você. Você está assassinando cruelmente minha reputação aqui.

— Não quero ser mau com você, mas por favor, Ellen, almoce comigo.

Eu estava com fome, não teria que ir até o restaurante e ali havia uma comida bonita e com um cheiro esplêndido, numa quantidade que alimentaria quatro pessoas, no mínimo.

— Tudo bem. Mas apenas se me disser porque não veio ontem.

— Depois de comermos — concordou daquele jeito malicioso, olhando-me atentamente e arrastando a última palavra.

Fiquei parada olhando para ele, que agiu tão naturalmente, que comecei a me perguntar se era eu que estava colocando malícia em tudo o que ele me falava.

Tão logo terminamos o almoço, ele cumpriu o combinado, sem precisar que eu perguntasse de novo. Bebeu um pouco de vinho, não pude acompanhá-lo por conta dos remédios que tomava, e confessou o que havia feito:

— Eu fui ver meu pai ontem. Ele estava na capital.

— Voltou ontem mesmo? — Ele assentiu. — Devia ter avisado seu irmão, ele ficou preocupado com você.

— Eu duvido muito disso. Enfim, fui contar a ele sobre algo que fiz nesta empresa. Algo que julguei ter sido errado.

— E o que ele te disse?

— É complicado.

Ele não pretendia mais falar no assunto, embora parecesse precisar falar, então tentei puxar de outro jeito.

— A confissão a ele serviu para aliviar sua culpa?

— Não com a resposta que ele me deu. Mas serviu para que eu o culpe também, então tentei fazer a coisa certa e agora sinto ainda mais raiva.

— Tem a ver com o que seu irmão disse mais cedo? Sobre corrigir seus erros?

Ele assentiu, apertando o nariz em um gesto de cansaço.

— Eu prejudiquei uma pessoa muito próxima a nós dois, e contei ao meu pai. Esperei que ele fosse me expulsar daqui, dar-me uma lição, uma bronca, defender essa pessoa a quem prejudiquei. Enquanto dirigia até lá criei mil cenários diferentes e em todos eles eu me ferrava de alguma forma por estar assumindo o que fiz. Mas então, ele me disse que a pessoa prejudicada foi a errada, por não ter percebido meu jogo e pronto. Acha que fiz certo, fazendo o errado. Este é meu pai.

— Desculpe, mas não entendo a reação dele.

— Não achei que fosse entender.

— Não fique assim, você fez a coisa certa. A culpa não é mais sua.

— Eu não sou um homem que faz as coisas do jeito certo, Ellen. Não sou bom, não sou honesto e tampouco justo. Tanto não sou, que vou fazer algo agora totalmente egoísta.

Seus olhos estavam tão fixos em mim, que meu coração acelerou, quase chegando à garganta, e meu pulso falhou por alguns segundos. Temi o que ele pretendia fazer que soaria egoísta, conforme ele se aproximava de mim.

— Não me beije — soltei de repente e ele apenas riu, enquanto enfiava a mão no bolso.

— Eu não vou, a menos que você peça. Por que achou que eu faria isso?

— Porque está chegando seu rosto para perto demais do meu.

— Você só precisa se afastar — falou debochado como se fosse a coisa mais fácil do mundo!

— Eu sei, mas você não deixa. Você fica me prendendo com esses olhos, e não consigo me mover quando você me olha com essa intensidade.

— Eu amo a sua sinceridade. Você não tem filtros e isso é maravilhoso. Mas não vou beijá-la ainda, por que não olha o seu presente de aniversário?

Ele desviou os olhos para meu pulso e só então percebi uma pulseira prateada ali.

— Quando você colocou isso em mim?

— Quando você estava aí toda paranoica achando que eu ia beijá-la. Já te disse que você sempre leva tudo na maldade? — brincou.

— É, estou começando a acreditar em você.

Girei a pulseira no pulso, havia algumas pedras nela que desconfieei não serem bijuterias.

— Não entendo porque você me dar um presente é algo egoísta. — Ele apenas deu de ombros, não disposto a explicar seu ponto de vista. — É realmente linda, Christopher, mas eu não posso...

— É um presente simples. Seu preço não se compara a um carro, ficarei realmente chateado se você não aceitá-la. É o seu aniversário, Ellen, não sabemos se você terá outro, apenas aceite.

Percebi a tristeza que sentiu ao constatar a realidade, e decidi aceitá-la. Seria fácil escondê-la de qualquer maneira, para não gerar mais comentários maldosos na empresa. Observei os pingentes pendurados nela, haviam 4, um em cada extremidade da linda pulseira. Eram um coração, uma chave, um anel e um símbolo de eternidade.

— É linda! Obrigada, Christopher! Qual seu significado?

Ele sorriu olhando em meus olhos, de uma maneira doce e triste.

— Você vai descobrir sozinha, um dia. Eu prometo.

Ele se levantou e segurou minha mão, levou-a aos lábios e me puxou para um abraço de feliz aniversário. Enquanto me mantinha presa em seus braços, disse em meu ouvido:

— Obrigado por me fazer querer ser melhor, por me fazer sentir pelo menos a fagulha da vontade de fazer a coisa certa. Infelizmente, não dá certo assim para mim. Mas fico feliz por ter tentado e você é a grande responsável por isso.

— Ainda é cedo para desistir.

— Não, é tarde demais para tentar. Você dança, Ellen?

Neguei confusa com a mudança brusca de assunto.

— Iria a uma festa comigo hoje? É apenas um coquetel bobo, seria por poucos minutos, só para que eu não tenha que aturar os velhos chatos sozinho.

— Não posso, sinto muito. Preciso ir ver o André, passar essa data com ele. E na verdade eu não iria de qualquer jeito, imagine só o que fariam de mim amanhã.

— Nada diferente do que estão falando hoje, suponho.

— Você é um tremendo cara de pau, sabia!

Afastei-me dele e voltei para meus afazeres, e o barulho da pulseira de prata tilintando em meu braço, soava como um alerta de que algo estava mudando em mim. Algo que eu não sabia identificar.

Não fui do serviço direto para a prisão, antes, fui para a casa, lamentando um pouco ter que ir de ônibus já que havia devolvido o carro a Christopher. Mas o que é certo, é certo, independente da situação, então parei de lamentar e agradeci por ter deixado tudo preparado. O vestido estava passado sobre a cama, as sandálias já separadas ao pé dela, o brinco que ele havia me dado no primeiro dia dos namorados que passamos juntos, e meu perfume cujo cheiro era seu preferido. Tomei um banho rápido e tive o cuidado de me maquiar direito, deixei o cabelo alaranjado solto como ele

gostava. Coloquei o vestido de seda verde, calcei as sandálias, passei o perfume e coloquei os brincos. Eu sentia que esta noite seria diferente. Ele me olharia com amor nos olhos de novo, nos reconectaríamos, afinal de contas, era o meu aniversário.

No meu último aniversário havíamos acabado de receber a notícia de que os meus remédios não estavam fazendo efeito, e os médicos não sabiam mais o que fazer para me ajudar. Poucos meses depois, saí da fila de transplante, pois minha cardiopatia tornou-se terminal e não havia nada mais que pudessem fazer, nem mesmo um transplante me salvaria. Lembrei-me de uma noite, pouco após essa descoberta, em que comentei com André que eu provavelmente não teria um outro aniversário, e ele me prometeu que sim, que eu o teria e o passaríamos juntos. Estava indo até ele, onde quer que estivesse, para cobrar esta promessa.

Os policiais me elogiaram quando cheguei ao presídio, e tão logo André me viu, um sorriso admirado surgiu em seu rosto cansado.

— Você está incrivelmente linda! Qual é a ocasião?

Senti uma dor semelhante a uma pontada no peito e um aperto chato no estômago, mas relevei, afinal de contas ele estava preso. Não devia ser tão fácil lembrar-se do meu aniversário.

— Hoje é o meu aniversário. Há um ano eu disse que não teria mais esta data e você me prometeu... — calei-me e ele continuou segurando minha mão.

— Te prometi que você a teria e que passaríamos juntos. Oh, meu amor, parabéns! Não acredito que me esqueci do seu aniversário.

— Não importa. Só preciso que você me abrace.

Por um momento temi que ele fosse se recusar a fazê-lo, mas ele se levantou e eu o abracei. O apertei em meus braços matando um pouco da saudade que sentia dele. Seus lábios passearam por meu pescoço e alcançaram meus lábios, e retribuí seu beijo com todo meu amor, para que ele entendesse que estávamos vencendo nessa data um desafio tão grande, com certeza venceríamos muitos outros. De alguma forma, acho que por conta do lugar onde estávamos, além da falta de intimidade que tínhamos ali, pelas nossas últimas brigas, aquele beijo foi diferente do que eu havia imaginado. Bem diferente do calor que eu me lembrava de haver em seus lábios. Foi

terno, gentil e apenas isso.

Tão rápido quanto começou, acabou. Ele se afastou e sentou-se de novo. E eu fiquei ali analisando meus sentimentos e os rumos dos meus pensamentos. Eu estava errando com ele, porque estava pensando no amor pelos olhos de Christopher, aquele amor arrebatador que eu sempre soube que não existia. Afastei esses pensamentos para o mais longe possível e lembrei-me da intimidade, do respeito, desses sentimentos que sempre estiveram presentes nos beijos do André. Debruçada sobre a mesa, pousei meus lábios no seus novamente, buscando aquela intimidade e ele entendeu do que eu sentia falta. Tocou meu rosto gentilmente e seu gesto, que costumava ser tão normal, mas havia se tornado inexistente desde que fora preso, encheu meu peito de saudade.

— Não temos privacidade aqui, amor, eu sinto tanto a sua falta! — confessou.

— Também sinto a sua, muito mesmo!

— Preciso tocá-la de novo, senti-la de novo. Preciso saber que você é minha.

— Logo vamos resolver isso, logo você vai ser solto e...

Ele me interrompeu apertando minhas mãos. Olhou em meus olhos e me fez um pedido:

— Não dá para esperar. Nós podemos acabar logo com isso, peça a visita íntima. Você só precisa fazer o cadastro e vamos ter toda privacidade...

— Não! — Interrompi. — Não, amor, não precisamos passar por isso. São só mais algumas semanas, no máximo. Já entrei em contato com um advogado, você vai sair daqui e vamos fazer amor na nossa casa.

Ele soltou minhas mãos, os olhos apaixonados já não estavam mais ali.

— Não faz diferença onde faremos, em que cama nos deitaremos, você estará comigo. A Ellen que eu conheci não teria medo.

— Não se trata de medo, eu não vou te fazer uma visita íntima na prisão. Não me sentiria bem, não teríamos privacidade coisa nenhuma e faria sim, toda diferença. Você é inocente, André, não temos que passar por isso. Você vai sair daqui.

— O que o advogado disse? O que você entrou em contato.

— Passei tudo para ele, todos os dados e o seu álibi, ele vai analisar e me retornar esta semana. Mas ele acreditou em mim, acredita que você é inocente. Vai tirá-lo daqui e colocar o verdadeiro assassino da minha irmã onde deveria estar.

— Acho que você deveria ir embora. Não se preocupe em vir me ver todos os dias.

— O quê? Por que está agindo assim? Você prometeu que passaria esta data comigo. Então passe comigo o tempo que nos é permitido passar juntos. Você prometeu!

— Vou passar, quando você deixar de ser tão egoísta e me fizer a visita íntima. Antes disso, não precisa vir aqui.

— Você não pode fazer isso. André, o que está havendo com você? Você nunca me obrigou a nada, a gente não funciona assim. Não vou me sentir bem, será que você não pode entender e esperar? Você vai sair daqui e...

— Tchau, Ellen! — gritou levantando-se. — É você quem não entende as minhas necessidades, é você quem não entende como eu me sinto aqui dentro, justo você, entre todas as pessoas do mundo, é quem não me entende. Passe o resto do seu dia sozinha.

Virou as costas e deixou-me ali sem acreditar no que havia acabado de acontecer. Saí com aquele pensamento doloroso de que eu havia mesmo perdido meu amor, aquele ali não era ele. Fiquei pensando se depois, quando tudo se resolvesse e eu o tirasse dali, poderia esquecer as coisas que ele me disse, a maneira como estava me tratando e amá-lo sem ressentimentos. Comecei ali mesmo a me esforçar para não deixar morrer o que eu sentia por ele, e suspendi mais uma vez meu coração, para que a minha mágoa naquele momento não o atingisse e não o fizesse apagar a lembrança do verdadeiro André.

Desci do ônibus próximo a minha casa, havia conseguido não chorar nele. Estava me habituando à maneira fria com que o André estava me tratando, e parecia não machucar tanto. Mesmo que aquela sensação ruim de perder alguém ainda estivesse ali comigo. Não pensei em me sentir culpada por não atender o pedido dele, afinal de contas, não adiantaria me martirizar

sentindo-me egoísta por não fazer algo que me machucaria. Eu tinha pouco tempo para viver, não o passaria fazendo coisas que não me faziam bem.

Havia um homem mexendo na minha porta. Seu porte alto, usava uma blusa social para fora da calça, o cabelo loiro estava ajeitado e ele deixava alguma coisa na soleira da porta.

— O que faz aqui, estranho?

— Ellen, não sabia que voltaria tão cedo! — Christopher respondeu perscrutando meus rosto em busca de alguma informação. — Está tudo bem?

— Está ficando repetitivo perguntar-me isso cada vez que volto da prisão só para me ouvir dizer que não. O que é isso que está deixando aí?

Um buquê de rosas estava caído, escorado na porta, aparentemente, ele o estava tentando deixá-lo em pé.

— Você me trouxe flores?

Ele as pegou e estendeu para mim.

— Pelo seu aniversário. Clichê, não é?

— Não é porque é clichê, que é ruim. Obrigada. Mais uma vez.

— Você está linda. Se foi assim ver o seu noivo deve tê-lo enlouquecido.

— Não como eu gostaria, e obrigada.

— O que você vai fazer agora? Estou indo para aquele coquetel chato que te falei, tem certeza que não quer ir comigo?

— Eu não estou no clima, Christopher. Sinto muito.

— Tudo bem, não vou insistir. Descanse então. Já estou acostumado a ir sozinho a essas festas cheias de casais. Minha noite vai ser um porre. Boa noite, Ellen.

Tive pena dele. Christopher era sozinho, como eu estava desde a perda de Liz e a prisão injusta de André. Eu entendia como era ter que passar por coisas que geralmente se faz com alguém que você goste, e ter de fazê-lo sozinho. Ele estava confuso, havia aquela conversa estranha com seu pai e a mágoa que tinha por seu irmão mais velho. Talvez não fosse fazer mal esconder um pouco a minha tristeza e tentar amenizar a dele.

— Christopher, espera! Eu vou com você. Não vamos demorar, não é?

Seus olhos brilharam e ele exibiu um sorriso de tirar o fôlego.

— Não, não vamos, antes que perceba iremos embora. Obrigado, Ellen.

Ele me abraçou apertado e depositou um beijo terno em minha testa, sua barba por fazer fazendo cócegas em minha pele, então se afastou, e rapidamente afastei da cabeça as comparações sobre o abraço dele e o do André.

A tal festa acontecia em um salão de festas tradicional no centro. O lugar era rodeado por lindas esculturas, um jardim perfeito e uma decoração magnífica! Eu sabia que era um dos lugares mais caros da cidade e por um momento senti-me simples demais para estar lá. Desde o momento em que descemos do carro, as pessoas cumprimentavam Christopher e ele era educado e me apresentava como sua amiga. Cheguei a questioná-lo se não seria melhor apresentar-me como uma funcionária, mas com um sorriso malicioso e nada culpado, disse-me que seria melhor para minha reputação se não o fizesse.

No centro do salão, alguns casais mais jovens dançavam uma música atual e agitada, algumas pessoas conversavam no terraço, e outras, no jardim dos fundos. Os garçons estavam a todo vapor com bandejas de bebidas e petiscos. Tratei de pegar um porque estava faminta, e Christopher fez o mesmo.

— Este é o lado ruim de ser presidente de uma empresa. É preciso se socializar com seus investidores, clientes e futuros clientes. Mas eu só preciso marcar presença, daqui a pouco vamos embora se você preferir.

Assenti enquanto seus olhos se fixavam no centro do salão, onde os casais dançavam. Uma música mais suave começou a tocar e alguns casais mais velhos se juntaram aos outros no centro para dançar.

Com um floreio exagerado, Christopher me estendeu a mão, exibindo seu melhor sorriso sedutor.

— Você sabe dançar?

Neguei imediatamente com a cabeça, mas segurei sua mão para que não passasse vergonha com a mão estendida diante de mim.

— Eu não danço bem. Acho melhor não passarmos vergonha —

expliquei.

— Claro — concordou e tirei minha mão da sua, aliviada. Eu realmente detestava dançar. Havia tentado duas vezes com André, e não dera muito certo. Foi cansativo, chato e não acertamos um passe sequer. Eu realmente não fazia ideia do que faríamos sobre a nossa valsa no casamento. A voz de Christopher, acompanhada de um sorriso de quem ia aprontar, soou junto com seu toque, segurando minha mão e arrastando-me para o centro do salão. — Não vamos passar vergonha porque eu danço muito, vem comigo.

Os casais dançavam como se fizessem isso todos os dias, com passos leves e sincronizados, meu olhar de desespero deve ter sido suficiente para alertá-lo de que eu realmente não sabia fazer aquilo, pois ele me pediu baixinho que confiasse nele. Sua mão pousou em minha cintura, apertando-a, enquanto a outra usou para mover meu corpo em direção ao seu. Seus olhos, fixos nos meus, guiando-me sobre de que lado deveria mover-me. Seus pés passaram levemente pelos meus, fazendo um movimento que rapidamente e sem dificuldade, imitei. E de repente ali estava eu, valsando com Christopher no salão, como se fizesse aquilo todos os dias.

— Hoje é a noite dos clichês — disse em meu ouvido referindo-se à tradição de valsar, algo tão antigo.

— Danças não saem de moda.

E estranhamente, sentia-me calma e relaxada, a música suave, os braços de Christopher guiando-me junto ao seu olhar, as pessoas passando à nossa volta em movimentos sincronizados com o nosso, foi a primeira vez em que dançar foi uma coisa legal para mim. Me permiti esquecer de tudo lá fora e entrar na música.

Quando a música acabou, começou outra romântica, que havia feito sucesso alguns anos atrás, tinha um ritmo suave e ao mesmo tempo, mais agitado do que a música anterior, era *Bubbly*, de Colbie Caillat. Ele me mostrou um sorriso enigmático e seus olhos, que guiavam a direção em que eu deveria ir, giraram, deixando-me confusa por dois segundos apenas, pois no segundo seguinte, ele me afastou de seu corpo e me girou. Ri alto com a surpresa e ele me puxou para seus braços, meu corpo trombando com o dele, guiando-me em uma dança diferente, por poucos segundos, e logo girou-me novamente. Guiou meus braços para que eu o girasse, virou-me de forma que

fiquei de costas para seu peito e abraçando-me dançamos assim por alguns segundos. Ele era imprevisível e de alguma forma eu, uma péssima dançarina, conseguia acompanhá-lo em suas loucuras. Algumas pessoas à nossa volta riam do nosso jeito diferente de dançar e quase no fim da música, ele me puxou de repente levantando-me do chão e girando nossos corpos assim.

Há muito tempo eu não ria tanto, e nem entendia porque estava rindo, acho que para colocar para fora a angústia que vinha carregando de uma maneira diferente, que não fosse chorar. Ele me desceu ao fim da música, bem devagar, deixando que meu corpo deslizasse pelo seu, e meus pés alcançaram o chão quando nossos rostos estavam próximos demais.

— Descobri uma coisa legal — falei empolgada. — É mais legal colocar a dor para fora sorrindo do que chorando.

— Aí está uma grande verdade — ele concordou com um sorriso lindo.

— Que legal chegar a cidade e encontrar meu marido se divertindo com outra. Fico feliz por estar se divertindo tanto, querido — uma voz falsamente doce, nos assustou.

Uma mulher loira estava parada diante de nós, lançando-nos seu olhar reprovador. Ela era alta, tinha os cabelos curtos e cacheados, e grandes olhos castanhos. Era muito bonita. Algumas pessoas nos olhavam e cochichavam e eu não entendia o que estava acontecendo.

Christopher ficou em choque ao vê-la, mas isso durou apenas um segundo, pois no seguinte sua expressão se transformou e ele sorriu docemente para ela. Tirando as mãos das minhas costas, segurou a minha mão e aproximou-se da mulher.

— Sarah, querida, que bom vê-la aqui. Já assinou o divórcio?

Não consegui esconder meu arquejo de espanto. Pelo que eu estava entendendo, a mulher diante de nós era a esposa de Christopher.

— Sempre tão sutil, meu amor. Acho que agora entendo a sua pressa — disse calmamente avaliando-me com desgosto.

— Está procurando meus motivos no lugar errado, meu bem. Se quer entender a minha pressa em ver-me livre de você, basta olhar-se no espelho.

Ela abriu um sorriso amarelo, e gentilmente tirou a mão dele da minha.

— Podemos nos falar a sós?

— Claro! Me ligue e marque um horário, não seria elegante deixar a senhorita Dummont sozinha na pista de dança para dar atenção a você.

Mais uma vez seus olhos nervosos passearam por mim e ela me dirigiu a palavra, finalmente aceitando que eu estava ali.

— Boa noite, senhorita Dummont. Espero que não se aflija por descobrir assim que nosso querido Christopher é casado. Dada a sua cara de espanto quando me aproximei, imagino que não soubesse disso. É um pequeno defeito do nosso Christopher, ele saber ser mentiroso. Espero que não seja um problema para você.

Me incomodou a maneira falsa com que tentou soar amigável, o tom de voz que empregou em sua fala maldosa e até mesmo sua expressão de escárnio por eu estar ali com ele.

— Ah, não se preocupe, não me afligi — respondi. — E não foi meu marido que preferiu convidar uma funcionária qualquer para acompanhá-lo a um evento, ao invés da própria esposa, então acredito que não seja eu a pessoa aqui que tem problemas com as mentiras dele.

Christopher lançou-me um olhar divertido, enquanto sua esposa, Sarah, atingia um tom de vermelho quase escarlate no rosto branco demais.

— Nos falamos outro dia, Sarah, minha querida. A não ser que apareça com os papéis do divórcio devidamente assinados, neste caso eu a recebo a qualquer hora.

Ele pegou minha mão novamente e deu um passo para longe dela, mas tornou a olhá-la e falou:

— Ah, já ia me esquecendo. O Richard está na cidade, não que eu ache que ele vá querer vê-la, você sabe, ele é avesso a traidoras, mas você pode tentar a sorte. Apenas tome cuidado com a noiva dele, além de linda, é bastante valente a Gabriella. Acho que você não seria páreo em uma briga com ela. Só um aviso de amigo.

— Você vai tirar esse sorrisinho presunçoso do rosto assim que eu tirar tudo o que você tem, Christopher, absolutamente tudo! Vou te deixar sem um centavo, sem a falsa dignidade que insiste em ostentar e sem ninguém ao seu lado.

— Como sempre tão romântica e sincera. Boa sorte, meu bem. Até mais.

Assim, ele me arrastou para fora do salão e da festa. Passamos direto pelos cochichos das pessoas e me perguntei se ele não se sentia incomodado vendo tantas pessoas falarem sobre ele, pessoas que provavelmente não conheciam a história completa de seu casamento e divórcio. Assim como eu não conhecia, por isso não o estava julgando.

Entramos no carro e foi a primeira coisa que perguntei a ele, mas ele me estendeu um sorriso tranquilo ao explicar:

— Os irmãos Becker constantemente são assunto na cidade. E constantemente por causa de uma mulher ou outra. Já nem me importo mais. E quanto ao que presenciou esta noite, sinto muito. Sarah é alguém do meu passado que insiste em ficar no presente. Mas não significa nada além de uma dor de cabeça.

— Significou um dia, já que se casou com ela.

— Sim, significou muito para ser sincero, e por muito tempo. Mas aprendi com ela que a gente ama uma pessoa com tudo o que tem até que a conhecemos de verdade. Não há amor que sobreviva à total verdade de uma pessoa.

— Sarah, a moça do cemitério, Lúcia, a sua quase secretária, você tem muitas mulheres no seu passado.

— Você acha? Bem, essas não contam um terço do que há no meu passado.

Sorri, ignorando sua confissão.

— Se você desistiu delas por não gostar da verdade que viu nelas, devo dizer que conhece muita gente ruim. Nem todas serão assim.

— Desisti da Sarah por conhecer quem ela realmente era. As outras eu apenas não tive vontade de conhecer melhor.

— Exceto a moça do cemitério. Quem é ela? Você a tem como papel de parede no celular.

Ele tirou a mão do volante apenas para pegar seu celular e jogá-lo para mim. A tela acendeu e não havia uma foto de papel de parede, era apenas a tela branca e os ícones sobre ela.

Quando parou o carro diante da minha casa, virei-me para ele e agradei pela noite.

— Você não precisa descer do carro, Christopher. Eu vou sozinha, boa noite.

Mas ele segurou minha mão antes que eu abrisse a porta.

— As mulheres do meu passado, as que realmente amei um dia, tudo acabou muito mal. Com as duas. É por isso que sou sozinho, é preferível viver assim do que amando a pessoa errada.

— Nunca é preferível viver sem amar — respondi.

Seus olhos estavam sobre os meus, prendendo-me daquele jeito. Lembrei-me de seu conselho de apenas afastar-me, mas não conseguia. Seu rosto aproximou-se, tenso, triste, e ele disse baixinho:

— Mesmo se eu amar alguém contraindicada para mim?

Sorri, não desviando meus olhos dos seus.

— Como uma pessoa pode ser contraindicada a ser amada?

— Sendo noiva, por exemplo, de um babaca qualquer que não a ama o suficiente.

Fiquei totalmente parada, ouvindo meu coração retumbar como um louco.

— Ou tendo pouco tempo de vida — ele completou.

Ele não estava falando de mim, estava? Sim, estava dado em cima de mim.

Finalmente desviei meus olhos dos seus e o respondi com um sorriso, feliz por me livrar de seu magnetismo e seu jogo de sedução. Pensei que a Liz não duraria dez minutos diante dele.

— Você precisa medir se vale a pena amar alguém assim. Boa noite, Christopher.

— Feliz aniversário, Ellen — disse aproximando a boca da minha, e saí do carro no mesmo instante, deixando-o de olhos fechados, no vácuo.

Ele se pendurou para o lado de fora de seu carro, sentando na janela e perguntou com a voz mais alta para que eu o ouvisse enquanto fechava a porta:

— Eu salvei a sua noite, não salvei? Diga que não foi divertido. Você parecia bem triste quando a encontrei aqui, quer conversar sobre o que aconteceu?

Olhei para seus olhos tão azuis, seu jeito de menino e aquele sorriso cafajeste e me dei conta que sim, ele havia salvado o dia do meu aniversário. Havia dissipado muito da tristeza que eu sentia quando o encontrei na porta da minha casa mais cedo. E lá estava ele salvando meu dia mais uma vez, do seu jeito heroico errado, fazendo-me sentir melhor.

Aproximei-me do carro, os olhos fixos nos dele, como ele fazia comigo, e fui o mais direta possível.

— Eu sei onde isso vai parar. Penso que reconheço suas verdadeiras intenções e devo dizer, não estou interessada.

Um sorriso surpreso, mas nem por isso menos cafajeste surgiu em seu rosto, e ele respondeu:

— Estou apenas sendo seu amigo. Nós podemos ser amigos, certo?

— Eu já tenho um amigo.

— Amigos nunca são demais — insistiu, mantendo aquele sorrisinho.

— Eu não preciso de novos amigos.

— Quem não quer conhecer pessoas? Por que você iria querer ser sozinha? — desafiou-me, tentando me fazer dar a mim mesma os conselhos que dei a ele, sobre não ser preferível de maneira nenhuma ser sozinho.

— Pessoas não são confiáveis — afirmei.

Ele riu alto. Entendendo a direta a todo o charme e cantadas maliciosas que habilmente escondia em nossas conversas.

— Até você? Você não é confiável?

Entendi de imediato a verdadeira intenção de sua pergunta, testando-me sobre o quanto resistiria às suas investidas. Mas me fiz de desentendida, e respondi sobre o meu nível real de confiabilidade, visto que eu não confiava de verdade em ninguém além do André e da Liz.

— Até o momento, sim. Mas quem sabe o dia de amanhã?

Meu objetivo foi alcançado, ele ficou confuso, sem saber se minha resposta englobava sua pergunta capciosa ou se eu estava sendo direta. Então

o deixei ali e entrei em casa sentindo-me melhor do que havia me sentido durante toda a semana.



Capítulo SEIS

O doutor Vagner Franco, o advogado que havia contratado, estava me esperando na recepção uma manhã. Apesar das indiretas de Lúcia, o recebi na sala de Christopher, ele ainda não havia chegado, e depois eu dava um jeito de me desculpar com ele. Precisava de privacidade para esta conversa, não queria arriscar que alguém na empresa ficasse sabendo sobre a condição do meu noivo.

— As coisas são um pouco mais complicadas do que eu pensei, senhorita Dummont.

— Por favor, pode me chamar de Ellen, doutor Franco.

— Vagner, então. Ellen, eu preciso que me responda uma coisa e preciso que seja absolutamente sincera, mesmo que pense que isso vá prejudicar o seu noivo, a acusação dele pode se basear nisso, então tenho que ter certeza de como defendê-lo, tudo bem?

Assenti, sentindo um frio na espinha indicando que não era uma coisa boa.

— Ellen, você tem certeza que o André não viu sua irmã no dia do assassinato? — perguntou-me com os olhos fixos nos meus, avaliando minha

reação, buscando a verdade em minha resposta.

— Tenho. Ele não a viu.

— Nem mesmo em sua casa? Não podem ter se encontrado lá? Vocês moravam juntas, não é?

— Sim, mas o André não morava conosco. Ele passava muitas noites lá, mas dificilmente aparecia durante o dia. No dia do assassinato da Liz ele estava fora, em São Tomé das Letras atendendo um cliente. Ele só voltou de lá à noite, depois que a Liz já estava morta. Eu anexei as passagens dele, com os horários em que ele saiu e voltou à cidade no e-mail que te enviei.

— Eu sei. Mas temos um problema quanto a isso e é este o motivo de eu estar te fazendo essa pergunta. Não teremos como prosseguir com a defesa se vocês não forem sinceros.

Seu tom de reprimenda emitiu um alerta em minha mente, mas eu não entendia o que ele estava supondo. Christopher entrou em sua sala e já parecia estar ciente da presença do advogado, já que junto com ele, Lúcia apareceu com uma bandeja contendo café e alguns biscoitos, coisa que ela jamais faria por vontade própria.

Esperei Lúcia sair para perguntar a Christopher se havia algum problema em receber o advogado em sua sala, mas ele gentilmente me disse que nos deixaria a sós. Porém, eu sabia que estava abusando de sua boa vontade, usando sua sala sem seu consentimento, não o tiraria de lá atrasando seu serviço. De qualquer forma, ele já sabia sobre a situação do André. Então disse a ele para ficar.

— Doutor Franco, estou sendo sincera. Eu mesma perguntei a ele diversas vezes sobre isso, ele me garantiu que não a viu naquele dia. Eu estava em casa durante todo o dia e ele não apareceu por lá. Sinceramente, não sei o que está insinuando.

Ele lançou um olhar enigmático a Christopher, que sentou-se ao meu lado e segurou minha mão.

— Ellen, é possível que ele tenha sentido medo de admitir que a viu, que tenha pensado que isso poderia culpá-lo e tenha mentido para você? — perguntou calmamente, como se eu fosse uma criança ingênua.

— Ele não seria tão burro. O que está havendo? Por que pensam que

estamos mentindo? — Encarei o advogado impaciente e ele pareceu muito sem graça em responder, mas o fez.

— Não acho que estejam mentindo, não você. Acho que ele está mentindo. Ellen, existem provas de que seu noivo se encontrou com sua irmã no dia do assassinato dela.

Levantei-me no mesmo instante, sentindo-me um pouco tonta.

— Não é possível!

— Elas existem. São fotos dos dois juntos, aparentemente, discutindo. Elas não batem com o horário da morte da sua irmã e eles seguiram caminhos diferentes depois. Há fotos dela em seu local de trabalho horas depois de se encontrarem, o que quer dizer que na hora exata de seu assassinato, já não estavam mais juntos. Mas não posso prosseguir com isso se ele não for sincero. Ele precisa dizer a verdade. Dizer porque a encontrou naquele dia, o que aconteceu entre eles e porque ele mentiu.

Minha cabeça girou e o ar ficou pesado de repente. Eu não podia esmorecer ali, tinha que ser forte, que enfrentá-lo e defender André. Tinha que ir ver André, que ouvir a verdade da boca dele.

— Ellen, é melhor você se sentar. Doutor, ela tem problema no coração, não pode sofrer emoções fortes — Christopher apavorado, fez-me sentar e me deu um copo de água, perguntando pelo meu remédio.

Mas consegui me controlar, consegui ser forte e acalmar minha respiração pesada. Consegui com que a dor no meu peito não interferisse.

— Eu vou falar com ele — disse mais baixo do que pretendia.

— Faça isso. Faça-o entender a importância de dizer a verdade. Assim que falar com ele, me ligue, eu mesmo irei vê-lo.

Assenti e ele se despediu deixando a sala. Christopher foi acompanhá-lo e ficaram alguns minutos conversando sobre algo lá fora. Quando ele retornou à sala, parecia ainda mais preocupado, mas seu semblante mudou completamente ao notar que eu o observava, tornando-se calmo. E isso me fez pensar que o que quer que tenham conversado lá fora, não foi nada bom.

— Eu tenho medo — confessei baixinho quando ele parou diante de mim, e parecia não saber o que dizer ou como agir — de morrer e deixar as coisas como estão. Não ver o André livre e não ver o monstro que assassinou

minha irmã pagar pelo que fez. Eu nunca tive medo de morrer, nunca tive medo do meu destino. Mas agora, tudo mudou, não é? Deveria ser mais fácil despedir-me sem ter que deixá-la sozinha, mas não é. Não posso ir embora sabendo que quem fez isso está por aí, não posso ir deixando o André na cadeia, sendo que sou a única pessoa que ele tem. Talvez, a única que pode conseguir provar sua inocência. O advogado público deixou que ele fosse preso. E o particular não parece ter uma opinião contrária a essa. Eles acham que ele é culpado. Umas fotos não provam nada, não é? Ele ainda tem chance de viver em liberdade. Não tem?

As lágrimas corriam por meu rosto e por mais que eu odiasse ser fraca diante de qualquer outra pessoa, não conseguia ser forte. Precisava que alguém me dissesse que tudo ia ficar bem, de novo. Eu estava me tornando a garota fraca que não sabia se virar sozinha. Aquela que nunca fui.

Ele se ajoelhou diante de mim e secou minhas lágrimas, acariciando meu rosto. Havia tanta certeza na maneira como me olhava e em seu tom de voz quando me respondeu, que senti-me acalmar imediatamente.

— Você não vai ir embora e deixar nada pendente, tudo bem? Eu vou ajudá-la. Vou chamar o advogado da minha família, ele é o melhor do país, tenho certeza que vamos dar um jeito nisso. Só não chore mais. Em breve você o terá de volta, e terá justiça por sua irmã, eu te prometo.

E eu acreditei nele, com toda minha alma. Assenti agradecendo e me levantei, respirando fundo e mandando para longe a fraqueza que estava conseguindo me dominar nos últimos dias. Ele ia me ajudar, tudo ia ficar bem.

Tudo ia ficar bem.

Assim que saí do serviço aceitei a carona de Christopher para ir ao presídio. Eu confiava completamente que André não havia mentido para mim, e pensava que as fotos que o advogado mencionara eram falsas. Por isso, antes que o doutor Franco, ou o advogado de Christopher, se ele realmente o chamasse, fossem fazer a ele essas perguntas, decidi eu mesma fazê-las.

A má vontade com que veio me ver foi o primeiro indício de que tínhamos uma daquelas conversas em que minha paciência seria totalmente

testada. Mas eu não podia deixar para outro dia. Ele se sentou diante de mim olhando para as pessoas à nossa volta, havia poucas visitas naquela tarde.

— Não é aqui que eu esperava ver você — disse.

— Não vai me ver em nenhum outro lugar se não começar a dizer a verdade.

Ele ficou assustado e confuso.

— Do que está falando?

— André, eu preciso que você esqueça sobre essa coisa de visita íntima, preciso que esqueça tudo lá fora e se concentre no dia em que a Liz morreu.

Ele abriu um sorriso debochado, cruzando os braços em um gesto defensivo.

— Como se eu conseguisse pensar em qualquer outro dia da minha vida, estando aqui dentro.

— Ótimo! Aproveite suas lembranças desse dia e me diga a verdade. Você viu a Liz? A encontrou no dia em que ela foi morta?

— Não! Você já me perguntou isso tantas vezes e eu respondi todas elas, eu não a vi!

Ele não estava mentindo. A certeza em sua voz, em seu rosto, seu tom preciso. Ele não a tinha visto.

Coloquei a cabeça entre as mãos e me concentrei em não aparentar o desespero que começava a me tomar. Sinceramente eu não sabia qual resposta dele seria menos prejudicial à sua defesa.

— O doutor Franco encontrou umas fotos de vocês dois juntos no dia da morte dela. São de horas antes da morte, mas são daquele dia. Como você as explica?

Seu olhar foi tomado pela raiva e não pelo medo.

— Você está mesmo duvidando de mim? Logo você? Está aqui me fazendo a mesma pergunta pela décima vez e duvidando da minha resposta?

— Não! Eu acredito em você! É só porque o advogado achou essas fotos e ele vai vir aqui perguntar a você sobre elas. Então pensei que eu poderia vir primeiro e...

— E ver se estou dizendo a verdade? — completou levantando-se. — Deixe que ele venha, eu já disse toda a verdade. Aliás, não deixe que ele venha, nem você precisa mais vir.

Levantei-me também e segurei seu braço, impedindo que ele se afastasse.

— André, não perca a esperança agora. Nós vamos dar um jeito.

— Esqueça esse advogado, esqueça essa ideia de me tirar daqui. Apenas me esqueça!

Então se afastou e eu fiquei ali parada, vendo-o sumir de vista guiado pelos policiais. Tentando desesperadamente suspender meu coração para não sofrer o dano emocional daquela conversa. Mas aparentemente, suspender um coração tão cheio se mostrava uma tarefa impossível.

Na manhã seguinte, quando entrei na sala de Christopher, um homem estava lá. Tinha os cabelos negros e cacheados, um rosto másculo e era bastante alto. Ele e Christopher conversavam animadamente sobre alguma mulher, pelo que entendi, mas calaram-se assim que entrei e Christopher o apresentou a mim.

— Ellen, este é Stefano Moura, seu novo advogado.

Surpresa, estendi a mão cumprimentando-o. Em seguida, Christopher virou meu rosto em sua direção e olhando nos meus olhos, garantiu:

— Eu disse que a ajudaria e vou. Ele é o melhor advogado do país e vai se dedicar exclusivamente à sua causa agora. Nós vamos pegar o assassino da sua irmã, Ellen, eu prometo!

— Você entendeu que eu não vou dormir com você, não entendeu? — perguntei apenas por garantia.

Um sorriso enorme surgiu em seu rosto.

— Ellen, meu bem, o que o advogado vai pensar de mim com você fazendo esse tipo de pergunta?

— Desculpe, só estou querendo garantir que não ficou nenhum mal-entendido. Então, você entendeu? Não vou transar com você. Se me fizer este favor será apenas um favor. Você sabe o que é um favor comum, certo?

Divertindo-se, afastou-se de mim e cruzou os braços, os olhos fixos no

meu rosto em chamas.

— Acho que... não tenho certeza. Por que você não me explica?

— Favor é algo que você faz a outra pessoa sem esperar nada em troca. Absolutamente nada. Ainda assim quer me ajudar?

— Você está dizendo que vou disponibilizar a você o advogado mais caro do país e não posso esperar nada em troca? Que disparate!

Então começou a rir acompanhado do advogado.

— Claro que irei ajudá-la. Não vou pedir nada em troca, eu não espero nada em troca. De você eu nunca espero, Ellen, você já deveria ter percebido isso a essa altura. De qualquer forma, apenas para que fique bem claro, quando você dormir comigo não vai ser pelos favores que te fiz.

— Eu não vou... — comecei a protestar, mas ele me calou estendendo as mãos e falando o mais importante.

— Vamos prender o verdadeiro assassino da sua irmã, que tal?

Assenti e me acalmei, e então não fazia ideia de como iria agradecer a ele. O doutor Moura me pediu tudo o que tinha sobre o caso e rapidamente me deu um parecer favorável, garantindo que mandaria investigar a veracidade das fotos encontradas que era a prova que a justiça usara contra André. E me prometeu fazer isso antes do julgamento.

Ao final da nossa conversa, eu me sentia tão mais confiante e calma! Assim que o advogado saiu pela porta, praticamente pulei nos braços de Christopher.

— Obrigada! Obrigada, Christopher, eu nem sei como te agradecer!

Ele não respondeu de imediato, mas seus olhos estavam fixos nos meus quando seus braços envolveram minha cintura com força, jogando aquele charme que só ele era capaz em um olhar. Tentei me afastar, mas ele não permitiu, dizendo baixinho, sua boca tão perto da minha que pude sentir o calor dela em meu rosto:

— Posso pensar em uma maneira bem simples de você me agradecer.

Meu coração deu alguns saltos. Temi perder o ar que lutava para puxar. Sua boca aproximou-se da minha e desviou no último segundo, depositando-se delicadamente em minha bochecha. Então ele me soltou.

Voltei a respirar com certa dificuldade e senti minha cabeça girar, mas

logo, me recompus.

O que diabos estava acontecendo comigo?

Antes, cada vez que ia entrar no presídio, me pegava tentando disfarçar a tristeza, para que André não percebesse o quanto eu sentia sua falta, o quanto estava difícil aceitar nosso destino injusto. Mas naquelas semanas, cada vez que ia entrar no presídio me pegava respirando, buscando calma e empatia, buscando compreensão e tranquilidade, suspendendo meu coração para não sofrer tanto com a briga que teríamos. Porque eu sabia que era assim que eu sairia dali, brigada com ele. Chateada, magoada e com raiva. Mesmo assim me dispus a entrar, mesmo que ele tenha demorado a aparecer, mesmo que trouxesse no rosto a expressão impaciente de quem não queria me ver. Porque eu devia isso a ele.

— O que quer? O seu advogado não veio — foi logo falando ao aproximar-se.

— Temos outro advogado a partir de agora.

— Ele desistiu, então? Eu disse que isso aconteceria.

— Não. Não foi este o motivo. Consegui um advogado melhor, apenas. Stefano Moura, dizem que é o melhor advogado do país.

Seus olhos debochados transformaram-se. Ele me analisou com desconfiança, e nem um pouco feliz pela novidade.

— Como você está pagando o advogado mais caro do país?

— Não estou, a empresa está, vou acertar com eles depois.

— Por eles você quer dizer o seu chefe.

— Será que a gente pode não brigar hoje? Estou cansada. Só vim te falar isso e dizer que ele acredita em você, vai mandar averiguar a veracidade das tais fotos, vai procurar mais provas, e vai fazer tudo isso antes do seu julgamento.

— Ellen, o que está havendo? Você acha mesmo que sou tão idiota? Você me acusa de mentir, desconfia de mim, banca a santinha e quer que eu acredite em você? Por que seu chefe te deu um carro? Por que está pagando a porra do advogado mais caro do país para alguém que nem conhece? Hein? Por quê?

O encarei incrédula e respondi com toda sinceridade, que ele costumava reconhecer em mim antes.

— Vou fingir que você não está insinuando isso! Ele é uma pessoa boa. Não estou dormindo com ele e não irei fazê-lo. Ele apenas quis me ajudar porque quer que eu tenha um final de vida decente. Aparentemente, ele se preocupa mais com isso do que você!

Ele abaixou a cabeça nervoso. Respirou fundo e voltou a olhar em meus olhos.

— Sinto muito. Isso não vai dar certo, não está dando certo para mim. Estou preso aqui enquanto você está nas mãos de um cara que eu sequer conheço, mas que se importa com você o suficiente para te dar um carro e te pagar um advogado. Não estou dizendo que a culpa é sua ou que você fez algo para despertar o interesse estranho dele. Mas não me sinto bem com isso. Você deveria sair dessa empresa e afastar-se desse homem.

Sorri sem conseguir acreditar em seu pedido absurdo.

— Você quer que eu me afaste do homem que está disposto a te ajudar a sair daqui? O único que está.

— Ele não está fazendo isso por mim.

— Dane-se por qual motivo ele está fazendo! O que importa é que ele está fazendo algo! Você quer ou não sair daqui? Parece que toda vez que te trago alguma esperança você sente prazer em dissipá-la!

— O que você pensaria se a situação fosse contrária? Se eu estivesse livre me envolvendo com uma mulher qualquer, poderosa o suficiente para me dar tudo o que você não pode?

— Eu ficaria muito grata a essa mulher por cuidar de você quando eu não posso! — Calei-me e procurei me acalmar. — Eu não quis dizer isso. André, será que você não pode ao menos ficar grato a ele por ajudá-lo assim? É nossa melhor chance!

— Saia dessa empresa, Ellen. Não quero o advogado pago pelo seu chefe, não quero qualquer ajuda que venha dele.

Eu não conseguia entender que depois de dois anos ele havia começado a sentir ciúmes. E que por causa disso preferia passar o resto da vida na prisão. Simplesmente não fazia sentido.

— Eu não vou sair. Esse advogado vai pegar o seu caso.

Ele aproximou o rosto o máximo possível do meu apoiando-se na mesa entre nós.

— Você não está me ouvindo. Isso não funciona pra mim. Preciso que você saia dessa empresa, que saia de perto desse homem e não aceite nenhum favor dele mais.

— Eu não sei que merda está havendo com a sua cabeça aqui dentro, eu realmente nem imagino o que você passa aí, mas acho que não está se ouvindo. Eu não vou sair da empresa e não vou me afastar do meu chefe que apenas está tentando ajudar. Você vai receber o advogado dele amanhã e estará livre em seu julgamento. Pode ficar com raiva, com ciúmes, com o que você quiser! Esse negócio de pirraça, ciúmes bobos e chantagem emocional não funcionam para mim. E você me conhece o suficiente para saber disso.

— Então acho que não temos mais nada a falar um com o outro. Não quero esse advogado e vou me recusar a recebê-lo. E se não pode me dar um pouco de paz aqui dentro, também não quero mais saber de você. A escolha é sua.

Sequer senti quando uma lágrima escorreu por meu rosto, eu estava realmente cansada. Já não bastava o drama que era a vida, as coisas que passávamos e não podíamos controlar, os obstáculos que já tínhamos que enfrentar, pra que perder tempo sofrendo por coisas que podíamos evitar? Assenti, não concordando realmente com a opinião dele. Entendi que ele estava sofrendo ali, que havia perdido as esperanças, que se sentia ameaçado pelo meu chefe tão prestativo e que não estava sendo ele mesmo desde que entrara naquele lugar. Concentrei-me nisso e levantei-me, nem me despedi dele ao deixá-lo falando sozinho.

Meu coração suspenso protegia-me da dor que deveria estar me tomando naquele momento. Vendo as pessoas sorrindo e se divertindo na rua, me perguntei quando eu havia perdido essa habilidade. Quando havia me tornado essa pessoa que sempre tinha um peso no ombro e dois no coração. Estava cansada de me sentir cansada. E de me sentir triste e frustrada. Eu queria voltar a sorrir, a ver filmes bobos apenas para viver outras histórias, a cantar alto pela casa para colocar o que estivesse me incomodando para fora.

Queria ter de novo a certeza de que se eu partisse na manhã seguinte, tudo bem, a minha vida era boa, tinha valido a pena.

Decidi então que iria esperar uns dias para que o André se acalmasse, iria esperar que o advogado falasse com ele, que descobrisse algo que o animasse e então teríamos uma conversa séria, porque eu não aceitaria sempre esse comportamento frio e egoísta que ele tinha comigo. Sempre soube que a dor nos transforma, para melhor ou para pior, isso depende apenas de nós mesmos. Eu não me tornei alguém pior por saber que tinha pouco tempo de vida, pelo contrário. Tentei ser o melhor de mim. Ele podia não pensar como eu, não era uma obrigação dele, mas comigo ele tinha que ser o melhor que havia nele, porque eu sempre fui o melhor de mim para ele, independente da dor que estivesse sentindo.

Mas é claro que quando você decide ficar bem, algo acontece para te fazer lutar por sua decisão, ou desistir dela, na pior das hipóteses.

— Você está de sacanagem comigo! — gritei para o destino. — Seu monstro cruel e sarcástico!

Entrei em casa provavelmente pela última vez e nem sabia por onde começar, minha cabeça fervilhando. Olhei de novo o papel deixado na minha caixinha de correio, uma ordem de despejo. Queria me perguntar como aquilo era possível, mas eu fazia ideia. A casa era financiada, alguém deveria estar pagando as prestações, mas aparentemente, não estava. E agora ela seria hipotecada. Irritada, consegui fechar minha mente e não briguei mais com o destino, esse cretino traidor. Peguei minhas malas e juntei tudo o que era mais precioso, o que não poderia perder. Na manhã seguinte, daria um jeito de buscar o resto das coisas, o que eu pudesse levar, pelo menos.

Abri meu guarda-roupa e junto com minhas roupas, encontrei um velho álbum de fotografia. Eram de dois anos antes, quando eu estava em Belo Horizonte, quando conheci André. Estávamos tão felizes, o brilho em nossos olhos era notável. De mãos dadas em cada foto, ou nos tocando de alguma maneira. Me lembrei de cada dia, de cada foto, de cada promessa. Não éramos mais tão românticos antes de a Liz morrer, mas nos amávamos. E se o destino não fosse esse grande cuzão, seríamos muito felizes juntos.

Abraçada a este álbum, entrei no quarto de Liz. Eu o fazia todos os dias, mesmo que não houvesse mexido em nada dela ainda, sabia que não

teria coragem de fazer isso nunca. Deitei em sua cama e apertei o álbum em meu peito. Eu podia sentir o cheiro dela, ouvir a voz dela. Como se ela nunca tivesse ido dali. Não suspendi o coração quando a dor da saudade começou a me assaltar. Algumas dores eram necessárias para guiar-nos à próxima etapa. Às vezes, a dor era quase uma coisa boa.

— Eu só tenho você — falei com uma foto de André que havia caído do álbum quando me deixei cair na cama. — Você é tudo o que restou da minha época feliz. Não pode me deixar.

E entre chorar e atacar o destino em pensamentos, adormeci.



Capítulo **SETE**

A luz forte do sol me despertou do meu sono conturbado. A foto do André estava amassada em minha mão, o álbum, caído ao meu lado na cama. Eu não planejei pegar no sono ali, não juntei o resto das minhas coisas, não levei o despertador.

— Droga!

Levantei-me depressa e procurei a hora no relógio da cozinha, eu estava atrasada.

Tomei um banho rápido, vesti qualquer roupa que encontrei e saí correndo para o ponto de ônibus, lamentando as escolhas que fiz.

— Vai ser a certinha e devolver o carro, sua burra! Mas o que é certo, é certo, mesmo que vá te ferrar. Bela maneira de levar a vida.

— Moça, você está bem? — perguntou-me uma adolescente que estava aguardando o ônibus, olhando-me curiosa.

— Sim. Mas vou te dar um conselho, não seja sempre a certinha. O que é certo, é certo não é a melhor maneira de tomar decisões.

Ela assentiu segurando o riso, e me arrependi de estar aconselhando uma adolescente a fazer coisas erradas. O ônibus chegou e ela não entrou

nele, então coloquei a cabeça para fora da janela quando ele arrancou, e gritei:

— Não siga meu conselho! O que é certo é certo!

Pronto! Boa ação do dia feita.

Chegar atrasada à empresa me rendeu muitos olhares questionadores, já que eu nunca me atrasava. Sequer olhei para Lúcia quando passei por ela, assim como não prestei atenção nas palavras que ela sibilou para mim. Bati duas vezes na porta da sala do chefe e a abri. Fui logo me explicando:

— Christopher, me desculpa. Eu dormi demais, não levei o celular e...

Ele me interrompeu abraçando-me com força.

— Graças a Deus! Eu te liguei um monte de vezes esta manhã.

— Na pressa acabei esquecendo o celular. Você está bem?

— Agora sim. Você nunca se atrasa. Eu cheguei aqui e você não estava, as horas foram passando e você não me atendia, eu temi... — Ele se calou e voltou a me apertar em seus braços.

— Belo tratamento você dá aos funcionários quando se atrasam — brinquei.

Ele se afastou sem graça, fixou aqueles olhos azuis demais nos meus, e segurou meu rosto entre as mãos grandes, acariciando de leve.

— Você não faz ideia do susto que me deu! Não estou pronto para ficar sem você, mesmo não a tendo como realmente quero, ainda preciso de você. Quem mais vai me fazer enxergar meus fragmentos senão você?

Ele estava mesmo emocionado, e aliviado, percebi. Tentei disfarçar meus olhos cheios, não por tristeza, mas de emoção por ele se importar desse jeito comigo.

— Você não vai se ver livre de mim fácil assim. Isso é, se o destino der uma trégua, claro. Enfim, desculpa o atraso.

— Não tem porque se desculpar. Eu sei bem do seu comprometimento e profissionalismo. Você ainda tem créditos aqui.

— Não me faça promessas que eu tiro a semana de folga — brinquei e me afastei dele, indo me refugiar em minha mesa. Porque a maneira como ele

me olhava, os sentimentos que eu via ali, a sinceridade e força desses sentimentos, estavam me fazendo querer mais deles.

E se tem algo que uma pessoa com pouco tempo de vida não pode fazer, é deixar que outra pessoa com uma vida inteira pela frente se apaixone por ela.

O resto do dia meu trabalho não rendeu nada. Constantemente me pegava com a mente na minha casa, nas coisas que teria que retirar de lá correndo assim que saísse da gravadora. No que André poderia ter feito com o dinheiro que dei a ele. Talvez houvesse mesmo pago as prestações e fosse um engano, apenas. Talvez tenha feito alguma surpresa para mim, comprado uma outra casa melhor, em um lugar ainda mais bonito. Quem sabe essa tempestade fosse apenas para anunciar o belo e enorme sol que viria depois?

O tempo todo me mantive firme, não derramei uma lágrima sequer, briguei sim com o destino, porque ele era meu principal vilão. E acredito que ele já estivesse acostumado com minhas constantes broncas. Mas eu fui a Ellen que queria realmente ser. Não lamentei, não fiquei questionando Deus porque tudo aquilo estava acontecendo, não me deixei fraquejar. Mesmo que saber que não teria mais o lugar onde fui mais feliz, onde minha irmã viveu seus últimos meses, me causasse um medo absurdo de me esquecer dela. Eu temia estar em um lugar novo, onde ela nunca esteve e não saber mais como era vê-la adentrando a cozinha com seus pijamas ridículos e o cabelo desgrenhado. Ou vê-la passando pela porta da sala para me contar empolgada e apaixonada sobre o pai de um aluno que havia conhecido. E se eu me esquecesse como era viver com ela? As manias, bagunças e rotina dela. E então havia aquele segundo medo absurdo, de não ser feliz em nenhum outro lugar porque era ali que eu havia sido tão feliz.

— Está tudo bem? — a voz de Christopher tirou-me de meus devaneios e só então o vi ali, a poucos centímetros de mim, seus olhos fixos em meu rosto avaliando-me, e por algum motivo eu estava de pé em frente a sua mesa.

— Claro! Tudo ótimo!

Ele estendeu uma xícara e a balançou diante de mim.

— Você me trouxe um chá salgado. Se não foi por estar com a mente

longe, acho que a irritei hoje.

— Como? Quando eu fiz isso?

— Agora. Você acabou de entregá-lo a mim. E colocou sal ao invés de açúcar, aparentemente. Pelo menos eu espero que esse gosto salgado seja apenas de sal. Ellen, o que está havendo? E não me diga nada! — ralhou no mesmo instante em que respondi que não era nada.

— Me desculpe! Vou providenciar outro, prometo que vou colocar açúcar desta vez! — tentei me redimir.

Ele negou com a cabeça e levantou-se de sua cadeira, sentando-se sobre a mesa, diante de mim.

— Por que não me diz o que está havendo? Você pareceu estar se controlando o dia todo, como se estivesse sufocada. Por que não divide isso comigo?

Como eu queria dividir com ele! Queria que ele me dissesse daquele jeito confiante que tudo ia ficar bem, porque assim eu acreditaria nele! Mas eram meus dramas, meus problemas, e se eu comesse a falar, não pararia nunca mais.

— Não é nada demais. — Voltei à minha mesa e sentei-me ali, abrindo um documento qualquer que precisava revisar e imprimir. — Só estou pensando onde vou deixar meus móveis. Até o fim da tarde resolvo isso.

— Por que não os deixa na sua casa? Você vai se mudar?

— Sim, para perto mesmo. — Seu olhar curioso estava sobre mim como um letreiro gigante de “você está mentindo”. — Eu fui um pouco despejada — soltei de uma vez e voltei a me concentrar nos papéis.

— Como um pouco despejada? Ellen, o que aconteceu?

— Minha casa era financiada, André e eu a compramos há um ano, para vivermos depois de nos casarmos. Acabamos adiando o casamento algumas vezes, a Liz veio morar comigo e fomos adiando a mudança dele para lá. Ele devia ter pegado um dinheiro que levantamos para quitar as prestações e não nos casarmos com tantas dívidas. Achei que o tivesse feito, mas pelo visto...

Ele ficou em silêncio e, curiosa, o observei. Estava ainda sentado em sua mesa, com os braços cruzados e a expressão enigmática.

— Por que você não usa o dinheiro da venda da casa da sua mãe para quitar essa hipoteca? Eu vi no material que o Alec levantou sobre você que recebeu essa casa e a vendeu.

— Então, eu usaria, mas dei todo o dinheiro ao André, para que ele quitasse a prestação da casa.

— Então pergunte a ele o que aconteceu com o dinheiro! Pode ir, eu a libero pelo resto da tarde. Eu até mesmo te dou uma carona se você quiser.

Respirei fundo desistindo dos documentos na minha tela e olhei para ele, tentando manter a calma.

— Você quer mesmo continuar fazendo isso? Porque não curto despejar dramas nas pessoas no meio da tarde.

— Isso ainda piora? — perguntou incrédulo.

— Pois é, bem-vindo à minha vida, o destino não é meu fã. E eu não vou dizer em voz alta o que se passa em minha mente porque correrei o risco de ser demitida por excesso de baixaria, mas perguntarei ao André assim que ele resolver falar comigo de novo.

— Você está dando um nó na minha cabeça. Por que seu noivo não quer falar com você?

— Tudo bem, vou resumir, mas lembre-se que foi você quem pediu essa dose diária de drama. Não me culpe depois. Eu apenas fui despejada da minha casa, mas está tudo bem. Eu já encontrei uma pensão baratinha e irei para lá. Como eu disse, tudo bem. E o meu noivo terminou comigo ontem, nada demais, casais brigam, principalmente quando um está preso, acusado injustamente de matar a irmã do outro. Supernormal! E apenas ele sabe onde foi parar esse dinheiro que poderia salvar a casa, mas imagina se ele vai falar comigo! Eu até imagino a reação dele quando vier me ver de má vontade e eu perguntar pelo dinheiro, vai ser algo do tipo você está me chamando de mentiroso? Está achando que gastei o seu dinheiro? E vamos brigar de novo, não vamos reatar e ainda vou passar mal. Levando em conta que tenho pouco tempo de vida, não quero perdê-lo me sentindo mal, então prefiro não ir vê-lo. Assim, não tenho como perguntar pelo dinheiro da casa e continuo sem lugar para ficar, então talvez...

— Ellen, respire! Você precisa respirar! — Suas mãos estavam em minhas costas, dando leves batidas e de alguma forma calei a boca para

respirar.

— Você está rindo? — perguntei incrédula ao observar seu rosto e ver um sorriso de lado, muito mal disfarçado que não deveria estar ali.

— Não! Não mesmo! Imagina se alguma notícia que me deu foi boa. Jamais!

— Está tirando uma com a minha cara, não está? Ah, meu Deus, estou parecendo a protagonista de uma novela mexicana, não é? Daqui a pouco descubro que estou grávida e me roubam o bebê.

Ele riu alto, afastou-se e chamou Lúcia, ordenou a ela que me trouxesse um chá com bastante açúcar.

— Você é incrivelmente forte e bem-humorada, preciso te dizer. Qualquer pessoa no seu lugar, estaria presa ao fato do tempo limitado de vida, mas você não, tenta não ficar triste, faz piada com seus dramas e na verdade, você vive as coisas, as boas e ruins, com muito mais intensidade do que a maioria das pessoas — havia um quê de admiração em sua voz que me fez sentir melhor.

— Estou vivendo as ruins com intensidade demais! — observei, mas me corrigi na mesma hora. — Estou lidando com isso tudo muito bem.

— Se por muito bem você quer dizer parecendo uma bomba relógio, devo concordar.

— Você está querendo me irritar.

— Vem aqui — pediu segurando minhas mãos e me colocando de pé, diante dele. Não soltou minhas mãos ao falar com calma, a voz gostosa se arrastando, um sorriso no rosto, como se o que me disse fosse a coisa mais normal do mundo. — Quero que você venha morar comigo.

Olhei bem em seus olhos esperando que sorrisse e me dissesse que era brincadeira. Mas ele não o fez, seus olhos fixos nos meus, ansiosos, esperando minha resposta. Então fui eu a rir.

— Você só pode estar louco!

— Não faz sentido você ir para uma pensão qualquer. O lugar onde estou é enorme, vivo lá sozinho. Você nem precisa me ver, se não quiser. É apenas uma oferta de um amigo. Você faria o mesmo se a situação fosse contrária, não faria?

— Sim, mas é diferente!

— Diferente por quê? É a mesma coisa, um amigo oferecendo abrigo a outro, por pouco tempo, apenas. Não a estou pedindo em casamento, Ellen, apenas que vá morar comigo!

— Para algumas pessoas isso é a mesma coisa.

Ele sorriu.

— Por pouco tempo, apenas até que você resolva isso com a casa. Eu posso sair do lugar e deixar você lá, se preferir.

— Claro que não! Qual o sentido de tirar você da sua casa?

— Ótimo! Então você mora lá comigo!

E foi nesse momento que Lúcia entrou na sala com meu chá, esperei seu olhar acusador de “eu sabia que você dormia com o chefe”, mas não o recebi. Ela me serviu o chá e com um sorriso sincero me disse que havia colocado bastante açúcar. Temi o que viria depois, longe de Christopher, após ouvir o que ela havia acabado de ouvir e que com certeza interpretaria de todas as maneiras mais distantes possíveis da realidade.

Assim que ela saiu da sala, comecei a tomar o chá, e Christopher insistiu:

— Vou ficar triste e extremamente magoado se negar o meu pedido. Sinceramente, saberei que não confia em mim.

— Eu não confio em você.

— É claro que confia.

— Obrigada, Christopher, mas não posso fazer isso.

E eu realmente não podia. As horas que passava com ele, o pouco que conhecia dele, já eram o suficiente para fazer minha mente se perder de vez em quando, mas morar com ele? Vê-lo em seus momentos mais íntimos e privados? Isso seria demais para mim!

— Se você aceitar vou com você esvaziar sua casa e pegar as coisas da sua irmã. Você vai precisar fazer isso, não vai? Eu a ajudo.

Era o que eu menos queria fazer, mexer nas coisas dela. As coisas que deixei intactas desde sua morte. E ter alguém me ajudando com isso seria mais do que eu pretendia pedir ao destino naquele momento.

De repente, o chá estava amargo demais.

— Onde você vai? — Christopher perguntou ao me ver abrir a porta da sala de repente.

— Não tem açúcar suficiente.

Na cozinha, acrescentei ainda mais açúcar ao chá de Lúcia, e antes de levar a xícara à boca, uma mão me impediu, a voz dela me alertou:

— Você vai passar mal se beber com tanto açúcar assim.

Esperei então que jogasse em minha cara sobre a conversa que havia ouvido. E, enquanto preparava um chá para ela mesma, começou:

— Eu ouvi a conversa de vocês hoje. Não foi de propósito, eu ia entregar uns documentos a ele e acabei ouvindo tudo.

Eu poderia tentar explicar que não era o que parecia, mas decidi não fazê-lo. Ela podia pensar o que quisesse, podia falar o que quisesse sobre mim. Eu não tinha que tentar convencê-la de que eu não era esse tipo de pessoa.

Surpreendendo-me totalmente, ela me estendeu a xícara de chá.

— Eu não sabia que seu noivo estava preso. Sabia sobre a morte da sua irmã, mas jamais pensei que ele havia sido acusado disso.

Senti-me congelar aos poucos. Quando ela disse que ouviu nossa conversa, estava se referindo a tudo. Ela ouviu toda a nossa conversa. Não soube como agir ao constatar isso, eu precisava pedir a ela que isso ficasse apenas entre nós, mas não consegui dizer nada.

— Quanto tempo você tem de vida?

Dei de ombros, ainda sem conseguir formular uma resposta.

— É engraçado, isso, não é? Todos nós temos um tempo limitado de vida. Quem garante que eu não vou morrer antes de você?

— Lúcia, você não precisa fazer isso. Não precisa se sentir triste, ou culpada por nada. As coisas são como são, a gente passa na vida o que tem que passar. Você não tem que mudar comigo.

— É claro que tenho! Tenho sido uma idiota com você, acusando-a de fazer algo que eu gostaria de fazer, tenho sido hipócrita. E se eu morrer

amanhã? Acho que ninguém vai sentir minha falta porque não estou deixando nada de bom para as pessoas. Eu sinto tanto pelo que a fiz passar!

— Está tudo bem. De verdade, eu não perco meu tempo guardando mágoas.

De repente, ela pulou em mim e me abraçou, tentando controlar as lágrimas. Era por reações assim que eu nunca dizia meu estado de saúde, porque era isso o que causava nas pessoas. Tristeza, culpa pela vida que levavam, a sensação de vazio. Se isso servisse para que alguém realmente mudasse e vivesse a vida como ela merece ser vivida, então eu diria minha história aos ventos, para que fosse espalhada e servisse de inspiração. Porém infelizmente não era o que acontecia. Essa dor, esse peso, essa sensação de que não estão vivendo como deveriam durava pouco. Logo, elas se perdiam na rotina, nos afazeres, nos problemas pequenos e esqueciam de apreciar os dias que tinham de vida.

— Eu sinto muito ter ouvido sua conversa e prometo que não vou contar nada do que ouvi a ninguém. Foi por isso que ele a contratou, não foi? Para ajudá-la.

— Na verdade ele me contratou porque me atropelou. Ficou se sentindo culpado.

— Ah, meu Deus! Você estava certa, eu não fazia ideia de porque você havia sido contratada, mas estou feliz por ter cruzado o seu caminho.

Saí da cozinha sentindo-me mais alegre do que estive o dia todo. Não sentiria falta da hostilidade dela comigo, mas quando se tem pouco tempo de vida, e alguém que não gostava de você se torna sua amiga de repente, você fica se perguntando se já está na hora de morrer. Se fosse o caso, o destino ainda tinha muitas pendências para resolver, antes de me permitir ir em paz.

Respirei fundo antes de entrar no carro de Christopher e tentei não pensar muito a respeito. Fomos direto para minha casa, onde um caminhão de mudança que eu não havia chamado, nos aguardava. Christopher parou o carro e um peso em minhas pernas me impediu de descer dele.

— Obrigada por providenciar o caminhão — falei para adiar aquele momento.

— Ele vai levar suas coisas direto para o lugar onde vivo.

— Christopher, quanto a isso, preciso fazer uma coisa primeiro. Eu não posso decidir ir morar com um amigo que acabei de conhecer, eu tenho um compromisso. Não estamos bem e não sei como ele vai reagir a uma notícia como esta. Será que eu poderia falar com ele primeiro e decidir sobre isso depois?

— Achei que ele tivesse terminado com você. Que não quisesse vê-la.

— Sim, ele o fez. Mas quando a gente ama o fim não é de verdade o fim, não é? Nós temos brigado muito, o que sei que é normal devido a situação em que nos encontramos, mas acho que ele disse da boca pra fora. Eu só preciso falar com ele.

— Vai pedir permissão a ele? Achei que não fossem assim, que se respeitassem e não se limitassem, foi o que você disse — seu tom de voz soava magoado e ele não olhava para mim, o que era incomum nele.

— Não se trata de pedir permissão, mas de respeitar os sentimentos dele em relação a decisões que eu tome. Eu não vou demorar, vou apenas conversar com ele de cabeça fria, nós estamos em meio a uma briga. Talvez, sem a raiva do momento e com os pensamentos em ordem ele tenha mudado de ideia. Talvez vá me pedir desculpas e explicar que não foi isso o que quis dizer de verdade.

— Ingênua. Você é tão forte e ao mesmo tempo tão ingênua! Não sei se isso é um defeito ou uma qualidade, se a estou criticando ou parabenizando, mas Ellen, você não precisa disso. — Virou-se no banco em minha direção, fixando aqueles olhos que pareciam cheios, quase transbordando nos meus. — Não precisa aceitar um noivado que não te faz bem, com alguém que não se importa o suficiente, que a está deixando sozinha! Você não precisa disso! Não devia estar passando por nada disso!

— Não é culpa dele deixar-me sozinha.

— Sim, é! A presença de uma pessoa com quem você vai dividir a sua vida deveria ser mais do que física. Não importa se ele está na sua casa, no presídio ao lado ou em outro país, você deveria senti-lo de tal forma a não ficar sozinha nunca. Ele podia cuidar disso, podia se preocupar, podia cobri-la de beijos e de amor quando fosse vê-lo, mas não é o que ele faz! Por semanas a tenho amparado quando o visita e vejo que você sai em pedaços.

Você me disse que quer viver o tempo que lhe resta, mas para que quer fazer isso sofrendo por amar alguém que não a merece?

— Você não acha que devo a ele um voto de confiança? Foram dois anos em que ele fez tudo o que você disse, e dois meses em que não fez.

— Na sua situação, o tempo é relativo. Dois anos atrás valia uma eternidade, mas esses últimos três meses foram para você mais do que alguns anos. Com certeza mais do que dois. Você não tem tanto tempo, não pode esperar um ano que valerá dez para compensar dois. E eu realmente odeio vê-la sofrer.

Cada palavra dele entrava em minha mente e eu compreendia como se fosse um espelho. Como se fosse a voz da minha alma, falando direto do meu interior tudo aquilo em que eu não queria pensar. Mas sentia. Eu apenas sabia que precisava tentar, ao menos mais uma vez, para não me arrepender depois. Na minha situação, não havia espaço para arrependimentos, eu não teria esse tempo.

— Não é tão ruim quanto parece. Mantenho meu coração suspenso quando vou vê-lo, dói menos do que imagina.

— Mantém o quê? — Seus olhos confusos buscaram uma resposta que seria difícil que entendesse, eu pareceria louca por dizer que consigo controlar meu coração. Louca por atribuir meus sentimentos a ele, e louca por pensar dominá-lo quando ele me mataria a qualquer momento. Mas tentei assim mesmo.

— O coração suspenso. Você não conhece, não é? Prazer, Ellen, sou mestre na arte de suspender o coração. — Estendi minha mão a ele que a tocou ainda com a adorável carranca na testa. — Suspender o coração é quando você não deixa que ele espere demais por uma coisa, então você o suspende, e assim só resta a ele ver o que vai acontecer primeiro e sentir depois. Não vai doer tanto, não importa o que aconteça, porque você não esperava um resultado diferente. Você apenas não esperava nada. Pode encarar o que quer que aconteça.

Um sorriso surgiu em seu rosto e seus olhos brilharam. Ele acariciou meu rosto de leve, e comentou divertido:

— Estou realmente admirado por você conseguir controlar seu coração assim.

— Ou está surpreso porque eu não controlo as funções certas dele.

Ele riu, um sorriso triste.

— Na verdade, estou extasiado em descobrir sobre essa técnica. Imagine quanta dor desnecessária ela poupa. É uma pena que não a tenha me ensinado antes. Acho que aprendi sobre isso tarde demais. Você não sabe, mas eu tenho uma cruz também, isso me ajudaria muito a lidar com a que estou carregando agora.

— Qual é a sua cruz?

— Amar sempre a mulher errada. Eu me apaixono de forma irrevogável, desenfreada e verdadeira, mas nunca posso dar esse amor à mulher que amo. É minha sina. Gostaria de ter suspenso meu coração uns dois meses atrás, para não me apaixonar desse jeito por uma mulher tão linda, que eu não terei.

Ele disse a última frase tão concentrado em mim, que meu coração pareceu dar uma cambalhota no peito, e por um instante pensei que o sentimento que ele queria evitar era por mim, durou apenas um instante, em que me lembrei que era esse o tempo em que nos conhecíamos, e então ele quebrou nosso contato abrindo a porta, sem graça, um falso semblante alegre e disse enquanto descia:

— Está na hora de suspender seu coração, meu bem. Vamos começar pelo mais difícil, é mais fácil assim, você vai precisar não sentir.

Ele estava falando do quarto de Liz, não havia como essa dor não atingir meu coração, não importava o quanto eu o suspendesse, mas surpreendeu-me que ele tivesse entendido minha técnica, e que a tivesse apreciado.

Entrar em casa foi difícil pela segunda vez desde que eu havia me mudado para lá. A primeira, foi na manhã após o enterro de Liz. Christopher me seguiu em silêncio até o quarto dela. Eu ainda podia sentir o cheiro dela ali, se mexesse em suas coisas, isso sumiria, ela se iria para sempre. Respirei fundo algumas vezes, buscando a coragem que eu sabia ter, ela estava se escondendo covardemente naquele momento. Um barulho chamou minha atenção e Christopher estendeu as mãos em um gesto de desculpas ao pegar do chão uma caixinha de joias que havia derrubado.

— Desculpe. Eu não fiz de propósito.

Ele abriu a caixinha e ao invés de joias, ela continha fotos. Ele observou algumas delas, com um sorriso no rosto, até que sua expressão mudou totalmente, ele ergueu uma foto e pareceu em choque. Aproximei-me para ver o que ele havia encontrado, mas rapidamente ele guardou a caixinha e guiou-me pelos ombros para fora do quarto.

— Quer saber, você não tem que passar por isso. Eu vou cuidar disso e prometo que terei todo cuidado, as coisas dela estarão intactas, com o cheiro e as lembranças dela para você.

— O que você achou? Que foto era aquela?

Ele me estendeu uma foto de nós duas juntas, quando éramos crianças. Eu tinha sete anos e ela, cinco. Estávamos abraçadas, na praia, radiantes diante do nosso primeiro castelo de areia. Peguei a foto com saudade e parecia que eu ia sufocar.

— Você quer mesmo fazer isso? Por favor diga que quer, a consciência me manda perguntar de novo para te dar a chance de desistir, mas não quero que desista. Eu não consigo fazer isso — desabafei.

— Eu sei que não. E tenho certeza que quero fazer isso por você. Você não precisa suspender seu coração comigo, Ellen.

Ele me estendeu a chave do carro e me guiou até a porta, passando entre os homens desconhecidos que embrulhavam meus móveis.

— Tome, vá falar com o André para sabermos para onde levar suas coisas. Pegue o meu carro. Estarei esperando por você aqui.

Assenti e peguei a chave de suas mãos, e ele segurou as minhas, fazendo-me um pedido:

— Por favor, suspenda seu coração antes de entrar lá. Não quero que sofra mais do que é necessário hoje, saia de lá forte e segura e volte para cá, estarei esperando por você e vou levá-la até seu destino, seja onde for, em segurança.

— Tudo bem, e obrigada.

— Me agradeça depois.

Escolhi ignorar o brilho em seus olhos, a malícia em seu tom de voz e entrei em seu carro com o coração aos pulos. Seria difícil suspendê-lo agitado

assim, mas não era apenas uma visita a André. Era uma conversa difícil e seria, talvez, definitiva. Eu esperava muito que não fosse esse o caso.

Eu jamais havia entrado ali sem uma máscara. Sempre colocava um sorriso no rosto, esperança na voz e calma nas atitudes. Sempre mostrava a ele que tudo daria certo, que eu estava bem e tudo ia se resolver. Mas não naquela noite. Eu não queria mascarar a realidade que estávamos vivendo mais, ele não podia ser mais incrédulo em uma solução do que já era, então eu não faria mais esse esforço.

No começo, achei que ele não viria, pelo tempo em que demorou a aparecer. Mas finalmente ele veio. Sentou-se diante de mim em silêncio, apenas observando-me. Como eu não sabia por onde começar, não comecei, e depois de um tempo, ele o fez.

— Você parece exausta.

— Não estou fingindo estar bem hoje.

— Não adiantou nenhuma das vezes em que fingiu. Eu a conheço, Ellen, posso ler em seus olhos quando não está bem. Há meses nenhum de nós está.

— Você está mais calmo hoje?

— O máximo que posso estar neste lugar.

— Então você mudou de ideia? Sobre terminarmos? Pensou direito e percebeu que isso é loucura e não faz o menor sentido?

Ele se remexeu inquieto na cadeira, seus olhos não se fixaram nos meus ao responder, olhavam para todas as coisas presentes ali, menos para mim.

— Não vamos reatar, Ellen, eu não decidi isso por raiva ou qualquer coisa do tipo. Estava pensando nisso há algumas semanas. Como eu disse, as coisas não estão funcionando assim para mim no nosso relacionamento. Não acho justo que você fique vindo aqui e que passe por isso comigo. Eu estou preso, não você.

— Eu não estou aqui por obrigação. Não me sinto presa, eu te amo.

— O amor, neste caso, pode ser sua prisão. Não vou fazer isso com você. Vou deixar seu caminho livre para que viva o resto de sua vida. Você não tem muito tempo e não é justo que o perca comigo. Seu caminho está

livre para conhecer alguém, para se apaixonar de novo.

— É tão fácil, não é? Como um botão que liga e desliga. Não vou te amar mais porque você está decidindo assim e vou amar outra pessoa porque você pediu isso. Será que eu não posso dar minha opinião sobre isso? Não posso dizer a você como me sinto e o que quero? Porque eu não quero terminar.

Senti uma lágrima correr por meu rosto, mas não tentei impedi-la. Não há desonra em demonstrar seu amor, seja por meio de palavras, presentes ou lágrimas. Não faz bem tentar calar o sentimento quando ele transborda.

— Sei que isso é o que você mais odeia, que esse pensamento de deixar de amar alguém vai contra sua crença de amor seguro. Mas nossa vida não é a mesma e nossos sentimentos também não. Não existe segurança para nós dois. Você vai acabar na cama do seu chefe e não quero ser o peso da sua consciência na manhã seguinte. Olhe nos meus olhos, Ellen, e me diga com toda certeza que nunca pensou nele dessa maneira.

— Eu nunca trairia você. Não há situação, ou pessoa que me fizesse fazer isso.

— Não foi o que perguntei — insistiu.

— Então não sei o que quer que eu diga, eu não sonho em ir para a cama com meu chefe. Sim, o acho muito bonito e uma ótima pessoa, gosto da companhia dele, me acalma. Mas isso não é nada demais. Você nunca se importou com isso, tanto que sempre me disse o quanto a Liz era bonita e eu nunca tive ciúmes disso.

Ele abriu um sorriso debochado.

Não tentei dizer mais uma vez que eu era fiel a ele e o amava. Disse apenas o que mais me magoava em sua acusação.

— Me dói saber que me conhece tão pouco.

— Não espere por mim, Ellen. Não pense que vamos ficar juntos lá fora um dia, como antes. Nada será como antes, não pare sua vida por mim.

— Tudo bem. Se você quer assim, insistir com você vai contra minha crença de amor seguro.

Pude ver em seu rosto a surpresa por minha aceitação. Ele não tentou disfarçar seu choque.

— Você vai apenas aceitar isso? — perguntou aturdido.

— O que mais eu poderia fazer?

Então ele pareceu irritado.

— É claro que vai aceitar isso! — o tom de voz dele deixou implícito sua acusação, mas não perderia mais tempo me concentrando no que ele pensava sobre mim. Eu nem queria pensar nele no momento, precisava espairar, me avaliar e depois decidir sobre ele.

— André, estou sendo despejada. O que aconteceu com o dinheiro que dei a você para quitar a hipoteca da casa?

Ele gaguejou claramente assustado, e apenas após alguns segundos com a cabeça baixa e a respiração acelerada, foi que respondeu, sem olhar para mim.

— Empréstei o dinheiro a Liz. Ela me procurou desesperada por ajuda. Devia muito a alguém, não sei quem nem porquê. Achei que poderia confiar nela, era sua irmã, dei a ela o dinheiro e ela prometeu quitar as prestações.

— Isso não faz sentido! Ela me contava tudo! Por que pediria dinheiro a você e não a mim? Vocês mal se falavam!

— Você está me acusando de mentir? Eu não gastei o seu dinheiro, o dei a ela. Você devia verificar a conta dela e ver se ela o usou.

Assenti, minha mente um turbilhão de direções, tentando encaixar a revelação dele em um cenário que fizesse sentido, mas simplesmente não fazia. Um mundo onde Liz pediu ajuda a ele e não a mim, quando eles sequer eram amigos, era impossível. Ela nem gostava muito dele, nunca saía com a gente e se trancava no quarto sempre que ele ia dormir lá em casa. Aquela explicação simplesmente não fazia sentido.

— Você precisa de um lugar para ficar, eu sinto muito ter que sair da sua casa. Não devia ter emprestado o dinheiro a ela, eu o fiz por você, achei que fosse o que você iria querer que eu fizesse.

— Na verdade eu ia querer que você me contasse, não importa qual fosse sua decisão sobre o dinheiro.

— Vá para a minha casa, Ellen. Eu deixei alguns meses de aluguel pagos antes de vir para cá, ela deve estar vazia. Você pode ficar por mais dois meses até ter que se preocupar com o pagamento.

— Não, obrigada. Era apenas isso que eu queria falar com você. Se tem certeza do que quer, devo ir embora.

Levantei-me e ele também, ainda me avaliando com surpresa e acusação. Por fim, pareceu aceitar e disse debochado:

— Você nunca foi uma mulher para joguinhos, não é mesmo?

— Pelo menos isso você aprendeu sobre mim. Tchau, André. Se precisar de mim, eu estarei por perto e vou continuar investigando isso.

— Não precisa se preocupar com isso mais. É disso que quero livrá-la.

— É o assassino da minha irmã! Se não fizesse por você, ainda o faria por ela! Ele precisa pagar pelo que fez! E nós não estamos mais juntos, mas não temos que ser inimigos, eu me importo com você.

Ele apenas assentiu, mas não disse nada, e não achei que eu deveria dizer. Tirei minha aliança mantendo a calma e não me concentrei na dor que esse gesto estava me causando. Meu coração mais suspenso do que já esteve um dia, e mantive-o ali, numa despedida, um rompimento. Mantive o coração suspenso porque não choraria até estar sozinha, sobre uma cama e quatro paredes. Até estar protegida e liberada para ser fraca. Eu fiz tudo o que pude e foi a escolha dele terminar. Se era algo que não podia mudar, não adiantava ficar remoendo. Eu só precisava chorar à noite, sozinha, e me sentiria melhor na manhã seguinte.

Alguma coisa havia mudado em mim nos últimos meses. A Ellen de três meses atrás, com certeza iria para a casa do André, um lugar seguro, cheio de recordações felizes, o lugar mais fácil. Eu não me prendia ao orgulho de não ir para a casa do ex, ou nada assim, principalmente na situação em que me encontrava. Não foi essa a minha motivação ao negar sua oferta. Minha motivação foi puramente egoísta: eu estava sozinha a tempo demais, e não queria morrer assim. Christopher era misterioso na maior parte do tempo, malicioso na parte que sobrava, mas ainda era o que eu tinha de mais próximo a um amigo. E ele estava certo sobre uma coisa, naquele momento ele era a pessoa que mais se importava comigo, e não devemos desperdiçar o carinho de ninguém que nos queira bem. Foi pela companhia dele, por seu jeito sincero e cuidadoso, por ser o único com quem eu podia conversar, que decidi aceitar sua oferta, apenas até verificar a conta de Liz e

quitar a hipoteca da casa. Deliberadamente, escolhi não me concentrar em seus outros adjetivos, como a maneira intensa com que me olhava, a maneira apaixonada como me fazia querer amar loucamente e sua beleza que por vezes, me desconcertava. Esta era outra coisa que havia mudado em mim nos últimos meses.

Como prometido, ele me aguardava sentado na porta da minha casa. Estava cabisbaixo e pensativo e demorou um pouco a perceber que eu havia voltado. Seus olhos subiram pelo meu corpo e se fixaram em meu rosto, sem qualquer sinal do que estava causando sua tristeza.

— Então? — perguntou.

— Podemos ir para seu lugar? Por que mesmo você não o chama de casa?

Ele sorriu. Um sorriso aliviado em meio a um rosto tempestuoso e levantou-se abraçando-me.

— Porque ele não é minha casa. Mas acho que você pode mudar isso.

— Não posso. Christopher, preciso ser sincera com você — alertei afastando-me dele. — Estou aceitando sua oferta por puro egoísmo. Não quero ficar sozinha, e gosto de ficar com você. Mas há algo em mim que me impede de vê-lo como amigo, eu não sei o que é, e não estou dizendo que não gosto de você, eu realmente gosto. Só sinto que isso está errado.

Ele segurou meu rosto e toda aquela tormenta de segundos atrás havia desaparecido do seu. Estava calmo e alegre ao me responder:

— Não há nada errado, e não quero que me veja como amigo. Não sou um bom amigo, Ellen, sou melhor com outros títulos. Você não está sendo egoísta, está sendo humana. E eu a convidei no mais puro egoísmo, apenas para tê-la perto de mim, para me certificar de que está feliz e segura.

— Isso não me parece egoísmo — observei confusa.

— Mas é. Parece nobre quando eu falo, mas a verdade é outra em minha mente.

Era por momentos como esse que eu temia ficar mais tempo perto dele. Pelas coisas que ele dizia que me faziam querer ir mais a fundo e desvendar, por seu jeito enigmático que me fazia desejar conhecê-lo mais. Pela forma como ele me prendia com palavras, como eu as ouvia, as aceitava e guardava.

Assim como seus gestos e cuidados. Talvez por ele ser a única pessoa com quem eu podia contar, por serem talvez meus últimos dias, eu o sentisse tão mais intensamente do que qualquer outra coisa que já senti na vida. Só podia ser isso.

O apartamento de Christopher ficava no centro da cidade, não era longe do prédio da gravadora, em um edifício bonito e pouco movimentado. A cobertura possuía imensas janelas de fora a fora, com as mais belas vistas da cidade. Me perdi por tanto tempo conferindo cada uma delas, que demorei um pouco a realmente ver o interior do lugar onde ele vivia, mas não chamava de casa. O apartamento era enorme, em conceito aberto, as paredes escuras, em contraste com o piso claro. Alguns poucos móveis elegantes e uma cozinha planejada de dar inveja, que imaginei já estar ali quando ele se mudou. Porque aparentemente, ele não havia feito nada ali. O lugar era frio, não tinha um quadro, um enfeite, uma marca sequer dele. Não havia roupas espalhadas, sapatos, suas pastas ou qualquer pertence pessoal. Não havia cores. Nem cortinas. Era lindo, mas cru. Uma beleza que causava a sensação de vazio.

— Não me admira que não chame este lugar de lar.

— Você não gostou? — perguntou desapontado.

— É lindo! É uma pena que o esteja deixando tão morto!

— Sinto muito! Não pensei que lhe causaria essa sensação.

— Não importa o que causa a mim, mas a você. Este é o lugar para onde você volta todos os dias, como pode sentir-se em casa aqui?

— Ele poderia estar pintado e mobiliado, poderia ter cores e pessoas, ainda assim não seria meu lar.

— O seu lar não é um lugar, Christopher, é uma pessoa: você. É aí que você está. — Toquei seu peito, apontando seu coração que batia acelerado. — Você precisa decorar aqui dentro, o resto não importa. A casa onde está não importa. É você quem importa.

Seus olhos derramaram-se nos meus e ele segurou minha mão em seu peito, abriu a boca, mas as palavras pareciam embargadas e nada saiu. Afastei-me dele e peguei a mala de coisas pessoais que havia levado.

— Onde vai ser o meu quarto?

Ele pareceu atordoado por alguns segundos, mas como sempre fazia, seu semblante se transformou, e sua voz calma e brincalhona cobriu totalmente o rastro de sua melancolia de segundos atrás.

— Depende, você quer ficar o mais perto ou o mais longe de mim?

— Se eu quisesse distância de você, sua casa seria um péssimo lugar para morar — constatei.

— Você pode ficar no meu quarto — sugeriu com um sorriso enorme.
— Na

minha cama, eu a cedo a você.

— Quanta generosidade! Qual é mesmo o quarto mais distante possível do seu?

Ele riu alto e pegou minha mala da minha mão, levando-me quase ao último quarto do enorme cômodo.

Eu não quis jantar, meu coração suspenso estava cedendo aos poucos e fui tomada por lembranças. Lembranças em que eu e André estávamos juntos, sendo o que costumávamos ser, apaixonados e seguros. E de tudo o que estava perdendo, saber que também o havia perdido me machucava demais! É estranho como nos acostumamos tanto com uma pessoa, a ponto de torná-la nossa rotina! E como dói ter de mudar a rotina quando não queremos.

Joguei-me na enorme e macia cama, de olhos fechados, eu não saberia dizer a cor das paredes daquele quarto, não conseguia mais reparar em nada. Estava sendo uma péssima hóspede, mas seria apenas por aquela noite. Uma dor dilacerante veio em meu peito, pensei em pegar meu remédio, mas não era esse tipo de dor. Era uma dor desconhecida, emocional, no lado do coração que eu geralmente controlava, mas não naquela noite.

Chorei alto e um soluço ainda mais alto me escapou. Cobri o rosto com o travesseiro esperando estar mesmo o mais distante possível de Christopher para não atrapalhar seu sono. As lembranças boas foram sumindo, como temi que acontecesse e eu só conseguia me lembrar da frieza de André em nossos últimos encontros, da raiva, acusação, das insinuações maldosas, a falta de

amor, de cuidado. E isso doía tanto! Vê-lo mudar doía porque eu não podia fazer nada para impedir, e queria aquele por quem eu havia me apaixonado de volta!

De repente parecia que eu ia perder o ar. Eu precisava parar de chorar, precisava me recompor e respirar, mas não conseguia. A porta do quarto se abriu e Christopher jogou-se ao meu lado na cama, seus braços rapidamente me cobrindo e puxando de encontro ao seu corpo. Suas mãos acariciaram meus cabelos e ele ficou repetindo:

— Isso vai passar, meu bem, daqui a pouco não vai doer mais.

— Mas eu ainda o amo, por que o perdi assim? — Gaguejei em meio as lágrimas, o rosto preso no pescoço dele, mas ele entendeu.

— Porque essa é a merda da vida, amor, ela é tão injusta! Cada um passa o que tem que passar, lembra? Você precisa passar por isso, mas é apenas isso, algo pelo qual precisa passar. E vai passar, eu te prometo.

— Não me deixa sozinha — pedi, não me referindo àquela noite, mas a um período de tempo que eu não saberia medir.

— Nunca vou deixar. Eu te prometo.

E eu acreditei nele. Consegui ir me acalmando, consegui parar de chorar e respirar de novo. Consegui guardar aquela dor lá no fundo do peito para descansar.

— O seu quarto é o da porta ao lado, não é? — perguntei ainda presa em seus braços e o senti sorrir.

— Claro que é.

Senti quando ele puxou algo quente e macio sobre nossos corpos e adormeci ali. Do jeito que jamais pensei que adormeceria, segura e calma.



Capítulo OITO

Ele não estava na cama quando acordei. O sol brilhava forte pela janela, já devia ser de tarde, eu havia dormido demais. Ainda bem que era meu dia de folga. Levantei-me sem graça e ele não estava em lugar nenhum da casa. Tomei um banho rápido e fiz um café caprichado com tudo o que havia em seu armário e geladeira como forma de agradecimento. Ele chegou pouco depois, o semblante de quem não havia dormido nada, enormes olheiras e um cansaço evidente.

— Olha só, você é uma “mestre cuca” e eu não sabia? Acho que hospedei a pessoa certa — brincou.

— Não elogie a comida até prová-la — provoqueei. — Você hospedou alguém que não o deixou dormir com uma crise de choro. De novo. Não vai demorar para que você me coloque para fora.

— Você nem devia brincar com uma coisa dessas. Além do mais, meu ombro é forte, aguento seu choro, pode usar à vontade.

Sorri e ainda sem graça, esperei que ele se servisse da torrada com o patê que eu havia feito, para falar.

— Eu sinto muito mesmo por ontem à noite. Não sou uma pessoa fraca,

mas tenho estado assim. De certa forma, perdi alguém que amo ontem, já o estava perdendo aos poucos, mas foi definitivo e tenho dificuldades em lidar com tudo o que é definitivo. Eu chorei a dor que precisava extravasar, mas não o farei mais, eu prometo.

— Você não tem que me fazer promessas que não sabe se vai cumprir, e sendo bastante sincero com você, foi bom você ter colocado isso para fora. Ajuda a superar. Você não tem que pôr limites às suas lágrimas por mim, Ellen, cabe a mim fazer com que você não as tenha mais.

— Essa não é sua responsabilidade. É minha. Sabe, estou cansada. Esses podem ser meus últimos dias e não quero vivê-los cansada. A vida desistiu de mim, mas eu não a deixarei. Quero ser feliz e vou ser. Não importa o que o destino me reserve é uma promessa que faço a mim mesma, eu não vou me abalar.

Um sorriso estava estampado em seu rosto, acompanhado daquele olhar de admiração que eu adorava ver nele. Fazia-me sentir mais forte do que realmente era.

— Você fica linda fazendo isso — disse em seu tom admirado e provocante.

— Prometendo não chorar mais?

— Decidindo não ser a vítima, mas a dona do seu destino. A sua força, sua coragem e essa determinação, a tornam ainda mais linda do que já é. — Aqueles olhos azuis buscaram os meus e os capturaram enquanto ele falava com sua voz mais baixa, deliciosamente perigosa — não sabe o quanto quero tirar sua roupa e testar essa força quando você fala assim.

— Ah! — Foi tudo o que saiu da minha boca quando o rosto dele se aproximou demais do meu, aqueles olhos tão azuis, cada vez mais perto.

E de repente o telefone dele tocou e dei um pulo na cadeira, conseguindo sair de seu transe.

— Você! — acusei apontando o dedo para ele enquanto levava o telefone até a orelha. — Pare de fazer isso!

— Estou apenas começando — sussurrou atendendo o telefone em seguida e mais do que depressa escondi-me em meu novo quarto, no meu novo banheiro e enfiei a cabeça debaixo da torneira da pia. Talvez assim a

água fria apagasse o quanto eu me sentia pegando fogo.

A tarde estava indo embora quando o sono me venceu e decidi voltar para a cama. Pensei que depois do turbilhão de coisas pelo qual havia passado na semana anterior, um final de semana debaixo das cobertas descansando só poderia me fazer bem. Cedendo ao cansaço, deitei-me e logo adormeci.

Despertei com um barulho conhecido e irritante nos ouvidos e o incômodo na mão. A luz forte me impediu de abrir os olhos de imediato, mas insisti até reconhecer onde estava, o hospital particular.

— Merda!

Um movimento rápido ao meu lado alertou-me um segundo antes do rosto preocupado de Christopher aparecer diante de mim.

— Oi — disse a ele com a garganta seca.

— Oi, que bom que você acordou — ele respondeu baixinho, seus olhos cheios, mas o semblante aliviado.

— Não foi desta vez, não é?

— Nem brinca com uma coisa dessas.

— O que aconteceu?

— Você não acordava. Sua respiração estava muito fraca e por mais que eu a chamasse e sacudisse, você não despertava, eu pensei... O médico disse que teve arritmia, seu coração não bombeou sangue para seu cérebro, sua pressão desregulou e você desmaiou.

— Tudo bem, vem aqui. — Com esforço, sentei-me apoiada nos confortáveis e enormes travesseiros e ele se sentou ao meu lado. Segurei sua mão enquanto tentava acalmá-lo. — Isso é normal. Meu coração não funciona como o seu, não funciona como um coração normal, ele não cumpre mais as obrigações dele.

— Eu sei, eu pesquisei sobre isso. Eu sei que você não pode se esforçar demais, nem ter emoções muito fortes. Mas eu não li nada sobre desmaios, sobre hipertensão ou arritmia quando você não fez esforço nem teve emoções fortes. Por que isso aconteceu?

— Essas pesquisas nos fazem apenas pessoas fracas demais. Meu coração não precisa de um motivo para deixar de funcionar, ele não é mais capaz de fazê-lo. O que ele faz por mim não é mais suficiente para que eu fique bem, por isso aquela quantidade tão grande de remédios. Eu quase nunca desmaio, você foi premiado.

Ele abriu um sorriso triste, mas seus olhos continuavam cheios quando levou a mão livre até meu rosto e o tocou gentilmente.

— Por que você não pode receber um transplante?

— Não é fácil assim. Fiz algumas cirurgias ao longo da vida na esperança de corrigir alguns problemas que infelizmente não puderam ser corrigidos. Então entrei para a fila de espera de um órgão. Mas a fila é enorme, havia pessoas em situações piores do que a minha, vivendo através de máquinas. Há poucos doadores, poucas condições em que é permitido que o órgão seja reutilizado, e ainda precisa ser compatível. Eu fiquei nessa fila por anos, mas então a cardiopatia evoluiu e eu não aguentaria mais uma cirurgia como essa, agora tenho hipertensão e meus rins não funcionam mais como deveriam.

Tentei soar calma e explicar de forma que não o assustasse, apenas para que ele entendesse. Escondi as reais implicações de cada problema, e escolhi não dividir com ele outros sintomas que eu poderia apresentar e que poderiam assustá-lo.

— Está dizendo que não adiantaria se você achasse hoje um órgão compatível?

— Não adiantaria — confirmei.

— Não há absolutamente nada que possa ser feito? — insisti.

— Claro! Acaso você não acredita em milagres? Deus sempre pode fazer alguma coisa.

— Então vou começar a perturbá-lo todos os dias.

— Acho que Ele vai gostar disso. Christopher, quero ser sincera com você, isso não é nada, há muitas outras coisas que eu posso passar, muitos outros sintomas chatos, você não deve se assustar e não deve de maneira alguma parar seu dia por isso. São apenas sintomas.

— Você quase morreu.

— Mas é para este fim que estou caminhando. Se você quer conviver comigo, se quer criar uma rotina comigo, precisa aceitar isso o quanto antes. Qualquer dia desses, irei fechar meus olhos e não os abrirei mais. Você precisa estar preparado.

— Existe esse risco para qualquer um de nós, não é mesmo?

Ele estava falando de Liz.

O médico apareceu e Christopher afastou-se, pediu a ele que fizesse todos os exames que eu já estava cansada de fazer, mas não o impedi, se ele precisava disso para aceitar minha condição, eu deixaria que fossem feitos. Os resultados não mudariam, pelos menos não para a melhor, infelizmente. Depois de alguns procedimentos e de ser medicada mais uma vez, o médico e a enfermeira nos deixaram a sós.

— Você pode ir para a casa, Christopher, eu vou ficar bem.

Ele assentiu e se afastou indo até a porta, mas ao invés de passar por ela, a fechou, tirou a jaqueta que usava, descalçou os pés e sentou-se na cadeira ao lado da minha cama, depositando os pés por cima dos meus na cama.

— O que você está fazendo? Devia ir para a casa — pedi.

— É o que estou fazendo. Estou ficando em casa.

No domingo à tarde, fui liberada e Christopher me tratou como se eu fosse uma joia rara com risco de quebrar. Não queria me deixar andar, não queria que eu me movesse, que comesse sozinha e nem me deixou falar demais, o que foi horrível porque adoro falar. Quando a segunda de manhã chegou, eu não queria sair da cama. Sentia um cansaço chato e um desânimo que não era característico de mim. Assim, decidi não me levantar até que a coragem desse às caras.

Porém, se pensei que poderia desfrutar de algumas horas largada na cama, estava muito enganada. Christopher entrou em meu quarto já vestido com sua blusa social aberta, uma calça jeans e tênis.

— Levanta dessa cama, mulher! Se você se atrasar seu chefe irá puni-la.

— Meu chefe é um babaca! — brinquei.

— Um babaca irresistível, não é? — Ele piscou para mim e tive que rir.

— Menos do que pensa que é.

— Ainda assim continua sendo irresistível, venha, eu irei levá-la.

— Capaz que vou aparecer no seu carro na segunda de manhã! — protestei.

— Se alguém te questionar você diz a verdade, nós passamos a noite juntos.

— Em um hospital!

— Na mesma cama — ele insistiu dando de ombros com um sorriso vitorioso. — E eu vi seus seios.

— É claro que não viu! — Os cobri na blusa enorme que usava apenas para disfarçar meu rosto em chamas.

— Ah, eu vi sim. Você não sabe quantas vezes eles ouviram seu coração com aquele aparelho gelado.

— Não precisam abrir minha roupa para isso. Christopher! — Desvendei de repente o que havia acontecido. — Você ouviu meu coração? Abriu minha roupa e usou o estetoscópio para ouvi-lo?

— Só queria ter certeza que estava batendo.

— Você é um sem vergonha, safado, cafajeste!

Arremessei um travesseiro nele, que riu alto, puxando minhas cobertas.

— Levanta.

— Não estou me sentindo bem — disse para convencê-lo a me deixar em casa, mas me arrependi no instante em que parou o movimento de puxar minhas cobertas com seu olhar preocupado.

— A julgar pela foça com que este travesseiro me atingiu, você está ótima. Levante-se! Não foi você quem disse que tem poucos dias e quer vivê-los? Que vai ser forte e não desistir? Vamos, honre sua promessa!

— Por que eu prometo essas coisas? — reclamei e acabei me levantando. — Mas eu não vou de carro com você.

— Você vai sim. Não faz sentido ir a pé se estou indo para o mesmo lugar, além do mais, demorou tanto a sair da cama, que se não for de carro comigo, vai chegar atrasada. E vão começar a falar sobre a funcionária que

chega a hora que quer porque está dormindo com o chefe.

— Bando de babacas! — reclamei do banheiro.

— Com certeza! Até parece que eu vou deixar você chegar a hora que quiser quando a gente estiver transando muito.

Deixei o copo espatifar no chão e ele riu alto. Como sobreviveria morando com Christopher Becker era um mistério para mim e meu pobre coração.

O sorriso sincero de Lúcia ainda me parecia estranho, como algo fora do normal, mas não de um jeito ruim. Assim como a paz que tive durante toda a manhã, e todos os relatórios que ela me entregou perfeitamente prontos para serem impressos e assinados pelo chefe. Finalmente ela estava sendo a profissional que deveria ter sido desde o começo, e facilitou muito a minha vida com isso. Após o almoço, Christopher tinha uma reunião, e tive um tempo ocioso em que tentei pensar em tudo, menos em André. Lembrei-me de quando desmaiei na casa dele. Foi a mesma coisa, dormi e não queria acordar, não conseguia respirar. Ele chamou uma ambulância e foi comigo para o hospital, como Christopher, mas não permaneceu lá. Não que fosse necessário, eu apenas ficava em observação, mas Christopher fez questão de ficar.

Havia algo sobre meus sentimentos que me assustavam. Eu não sabia discernir se era uma coisa boa em mim, ou ruim, por isso, decidi classificá-la como boa. Eu amava da maneira certa que se deve amar alguém, e quando deixava de amar, era da mesma maneira. Foi assim com todos os namorados que tive no colégio. Eles me magoavam e eu não os amava mais. Curiosa, peguei meu celular e abri a pasta de fotos do meu noivado, a gruta onde ele me pediu em casamento, as flores, as alianças sobre as pedras. Senti nostalgia, saudade, um sorriso impresso em meu rosto que não se desfazia, e esperei que viesse a dor, aquela que quase me matou dois dias atrás, por saber que eu o perdi, mas ela não veio. Era como se algo travasse a minha mente para que não doesse mais como devia estar doendo. Por muitas vezes perguntei-me se isso seria frieza da minha parte, se a maneira como eu amava era superficial, já que superava tão rápido! Mas depois decidi que não precisava entender algo que me fazia bem, apenas precisava sentir. E me

fazia bem não sofrer pelo André, embora não conseguisse deixar de pensar nele.

Fui arrancada dos meus devaneios e nostalgia pela voz de Alec.

— Então, você está morando com o meu irmão. Vocês se conhecem há o quê? Três meses? Você é mais esperta do que pensei, Ellen.

Odiei a maneira como seus olhos lascivos passearam por mim, como embolou a língua ao dizer meu nome e seu tom de julgamento.

— E você mais babaca do que pensei.

Ele ficou indignado com minha afronta. Mas eu não queria afrontá-lo, estava apenas sendo sincera.

— Não vou permitir que você roube tudo o que ele tem. Ele já tem uma Sarah na vida dele, não precisa de outra.

Impaciente, dei toda minha atenção a ele, olhei em seus olhos azuis gelados e concordei com sua acusação.

— É claro! Pretendo tirar todo o dinheiro que ele tem, não, espera! Acho que morreria antes que ele conseguisse o divórcio com ela para se casar comigo. Mas tudo bem, talvez eu esteja apenas desviando dinheiro dele para alguém que não tem pouco tempo de vida, certo? Não, calma! — Coloquei a mão na cabeça de forma exagerada. — Eu não tenho mais ninguém. Mas olha, talvez eu esteja querendo usar o corpo do seu irmão, já que o dinheiro dele não vai me servir de nada.

Ele sorriu. Os olhos cedendo aquele gelo, tornando-se calorosos e divertidos. E neste momento, Christopher apareceu com um imenso sorriso que eu não entendi até que ele passou a mão desavergonhadamente por seu corpo e disse:

— Todo seu, meu bem. Pode usá-lo à vontade!

— Ellen, você passou no teste, bem-vinda à família, futura cunhada — Alec disse pegando minha mão e deixando a sala em seguida.

— Eu não vou entrar para a família — falei para a porta se fechando e tive que aguentar as piadas e olhadelas de Christopher pelo resto da tarde.

Na hora de ir embora, saí quase escondida para que Christopher não me visse e não me fizesse ir de carro com ele, o que geraria ainda mais

comentários. Decidi andar pelo centro da cidade. Era estranho não ter que ir ao presídio após meu horário de trabalho, eu ainda sentia um peso no peito pela situação em que André se encontrava. Eu ainda lutaria com tudo o que tivesse para punir o verdadeiro assassino da minha irmã e libertá-lo de lá. E foi estranho constatar que quando o fizesse, quando a justiça prevalecesse, ele não estaria comigo. Eu continuaria sozinha. A imagem de Christopher puxando minhas cobertas com aquele sorriso de tirar o fôlego tomou minha mente, mas a afastei imediatamente. Eu não podia contar com ele. Não podia me apegar a isso, eu tinha pouco tempo de vida, tinha que me lembrar disso e não fazê-lo apegar-se ainda mais a mim.

Parei diante de um quadro de um artista local. Ele vendia suas obras na carroceria de seu carro, e eram verdadeiramente lindas! Uma em particular me fez ficar parada alguns minutos admirando-a. Era a imagem de uma casa. Parecia uma coisa boba, um cômodo grande e aberto com uma biblioteca num canto, a sala ao centro, a cozinha atrás e um quarto pequeno, pintados dentro da estrutura de uma casa. Mas havia algo nela, em suas cores, suas formas, que a tornava aconchegante, que fazia dessa a imagem de um lar. Imediatamente a comprei para Christopher. Ele podia tirar se não gostasse, mas consegui vislumbrar a parede vazia em que ele ficaria. Ao menos uma parede do enorme apartamento teria algo que mostrasse que ali era um lar.

Christopher estava sentado à mesa redonda da sala de estar aparentemente em uma conferência, já que falava com alguém vidrado na tela do notebook. Desviou seus olhos para mim quando entrei e imediatamente veio ajudar-me com o grande embrulho. Apontei para a parede onde deveria ficar e perguntei a ele se possuía pregos e martelo. Ele me olhou desconfiado e respondeu onde eu encontraria, então voltou para sua conferência.

Porém seus olhos voltaram a me seguir assim que entrei na sala, e fiz um sinal com a mão para que prestasse atenção na tela do computador onde uma senhora de idade o aguardava. Medi onde o quadro ficaria, posicionei o prego e quando dei a primeira batida, Christopher tomou o martelo da minha mão.

— Desculpe, atrapalhei sua conferência?

— Não estou em uma conferência, estou conversando com minha avó,

diga olá para ela — respondeu batendo o prego.

Olhei para a tela e cumprimentei a senhora sorridente que foi calorosa e gentil.

— Onde quer por esses? — ele perguntou chamando minha atenção e desembrulhei o quadro, para medi-lo. O encostei na parede com a ajuda de Christopher e ele marcou onde precisaria furar. Notei que ficou um tempo observando-o e um sorriso surgiu em seu rosto. — Onde você estava?

— No centro.

— Achei que houvesse ido à prisão — comentou mais baixo.

— Não tenho nada a fazer lá — respondi esperando a dor, mas ela não veio.

— Então decidiu me comprar um presente? Ou isso é um empréstimo? — provocou.

— Um presente. Agora pode chamar este lugar de lar.

— Está mesmo muito bonito aí — a voz de Bárbara concordou e peguei o notebook para que ela visse todo o apartamento.

— A senhora já viu este lugar? Parece o hall de um hotel de luxo e nada frequentado. Não há nada de pessoal aqui.

— Eu acho esse lugar horrível! Já disse ao meu neto! Você devia ajudá-lo a deixar isso aí com cara de casa.

— Eu vou tentar. Não conheço os gostos refinados do seu neto, mas se ele aceitar meus gostos simples...

— Vocês vão ficar aí fofocando sobre mim na minha frente? — ele ralhou e tirou o notebook da minha mão. — Até mais, vovó, se cuida.

Ele guardou o notebook na mesa e seus olhos estavam sobre mim.

— Você fugiu de mim depois do trabalho hoje.

— Sim. Deu certo!

— Não vai conseguir fugir de mim todos os dias.

— Você não deveria ir trabalhar de carro. É perto demais!

— Preciso manter a pose de presidente — defendeu-se.

— Então não deveria ir trabalhar de jeans e tênis.

— Eu posso tirá-los se te incomoda — ofereceu já abrindo os botões que ainda estavam fechados da blusa.

— Vou para qualquer outro cômodo em que eu não te veja, tchau — disse e rapidamente me escondi com o coração aos pulos.

Quando meu estômago roncou, guardei o celular onde observava as fotos de André, tentando entender meus sentimentos ao vê-las e decidi preparar o jantar. Fucei a geladeira e escolhi algo rápido, estava fazendo quando Christopher apareceu. Ele estava saindo do banho e tinha apenas uma toalha pequena demais em volta da cintura. O corpo meio molhado fazia os pelos loiros de seu peito grudarem à sua pele, e eu podia jurar que algumas gotas escorriam por seu abdômen sarado. Entendi ali coisas que lia em livros, como a boca salivar por alguém, ou ter palpitações.

Ele mais parecia uma obra de arte! Se aquele artista de rua que pintou o lar o pintasse fiel à sua imagem, ficaria rico!

— Você está fazendo o jantar? — perguntou surpreso.

— Vo... — Por algum motivo estranho minha voz não saiu e precisei fechar os olhos para conseguir falar. — Como você aparece nu diante de mim? Não sabe que tenho problema no coração?

— Longe de mim querer prejudicar seu coração — respondeu divertido e abri os olhos encarando-o irritada. — Mas não estou nu, meu bem. Estaria se fizesse isto.

Ele tirou a toalha e meu ar sumiu.

— Palpitações. Palpitações. — Levei a mão ao coração e passei por ele depressa, ouvindo-o rir atrás de mim.

— Você está bem, certo? — perguntou seguindo-me.

— Não! Eu não sou assim, não sou assim!

— Não é assim como?

— Christopher saia deste quarto e vista a droga de uma roupa!

Rindo, ele deixou o quarto e demorei mais do que alguns minutos para superar a imagem de seu bumbum perfeito.

— Você não é assim, Ellen. É só um homem bonito, você nunca ligou

pra essas coisas o que há com você? — tentei convencer a mim mesma.

Mas o certo era que eu não entendia porque estava reagindo assim a ele. Já tinha visto outros homens nus, já vira André, que era lindo, nu. Mas nunca havia me sentido daquele jeito, as pernas bambas, as palpitações, a boca salivando e aquela urgência.

— A culpa não é sua, Ellen. Ele só é bonito demais! Assim que você se acostumar, vai agir como uma pessoa normal perto dele — decidi e voltei à cozinha feliz por não estar ficando louca.

Na tarde seguinte, Alec estava em uma conversa agitada com Christopher. Eu não os ouvia, estavam na sala de reuniões que Christopher nunca usava, mas pude vê-los gesticulando agitados. Saí de fininho e fui ao banco. O dinheiro da casa estava mesmo na conta de Liz e isso não fez sentido. Por que ela pediria dinheiro ao André para deixá-lo parado na conta? E como ele sabia que ela não o havia usado?

Decidi pensar sobre isso depois, mais do que depressa, entrei em contato com o gerente do banco, sabia que ele já havia encerrado seu atendimento, mas talvez ainda estivesse ali e pudesse conversar comigo, e ele estava. Muito contente, disse a ele que havia conseguido o dinheiro para quitar a hipoteca da casa. Primeiro, ele demonstrou surpresa com um sorriso sincero, mas depois de mexer em algumas coisas em seu computador, seu sorriso sumiu totalmente e suspendi meu coração esperando por sua sentença.

— Sinto muito, Ellen, sua casa foi vendida.

— Como assim vendida? Não tem uma semana que está desocupada! Isso não é possível!

— Na verdade quando você foi despejada ela já havia sido vendida, em um leilão, eu sinto muito.

— Eu nunca tive uma chance de recuperá-la, não é?

— Por que você não pega esse dinheiro que tem e adquire um imóvel novo?

— Acho que não faria sentido. Irei doar este dinheiro, mas obrigada, Alberto.

— Você não está brava comigo, não é? Eu estava brincando com você.
— Preocupado, Christopher perguntou-me assim que entrei em sua casa e não olhei em seus olhos ao cumprimentá-lo.

— Não. Você é apenas bonito demais, mas vou me habituar a isso.

— Você percebeu que acabou de dar em cima de mim?

Olhei para ele irritada.

— Isso não aconteceu. Não é porque você é tão bonito que estou interessada em algum envolvimento com você.

— Então me desculpe, entendi que você teve vontade de ir pra cama comigo porque sou bonito demais, mas devo estar errado.

Encarei seus olhos acusadores e seu sorrisinho vitorioso e acabei rindo também.

— Você não vai me fazer responder isso — decretei.

— Vamos lá, entre no jogo. Você não tem filtros, o que vem à sua cabeça agora?

— Achei o dinheiro que dei ao André para quitar a casa. Estava na conta da Liz — soltei o que estava em minha cabeça no momento.

Seu sorriso desapareceu e sua testa vincada demonstrou sua confusão.

— Ele disse que ela pediu emprestado, e que eu o encontraria na conta dela. Então fui ao banco comprar minha casa de volta.

Sua expressão murchou e ele respondeu com certa tristeza na voz:

— Não sabia que estava tão ansiosa para sair daqui. Achei que se sentisse em casa, já que está pregando coisas nas minhas paredes.

— Eu não pretendia sair daqui, na verdade. Gosto da sua companhia, menos quando você aparece nu diante de mim.

— Você gostou disso também, admita.

— Nunca em voz alta.

— Então agora você tem sua casa de volta. Quando seu noivo sair da prisão vocês terão de novo o lar de vocês.

— Não consegui comprá-la. Ela já havia sido vendida.

— Tão rápido? Eu sinto muito, vem aqui.

Ele me puxou para seus braços e me perdi ali, confusa com meus pensamentos que ainda processavam a observação dele de que eu voltaria para minha casa se tivesse conseguido comprá-la. A verdade era que eu não voltaria. Não me imaginei vivendo longe dele quando tentei recomprá-la, apenas quis preservar as lembranças daquele lugar. E isso me preocupou, porque eu deveria querer sair da casa dele. Não era minha casa, estava abusando de sua boa vontade. E dava muito trabalho a ele. Além de tirar sua privacidade. Por que não conseguia pensar em ir embora?

— Hoje eu fiz o jantar — ele disse afastando-se de mim e senti falta de seu calor.

— Você cozinha? Uau!

— Sim e não disse que faço isso bem.

— Neste caso, acho que estou com medo. Você sabe, comida é uma coisa sagrada, não posso desperdiçá-la com algo ruim.

Ele pareceu tenso, mas logo estava rindo. Abriu a sacola que eu havia trago da rua e tirou de lá o bonsai que eu havia comprado e mais algumas coisas para enfeitar a casa.

— Olha só, você trouxe mais bugigangas!

— Não mexa nas minhas sacolas. Eu vou continuar trazendo até você reclamar.

— Não me importo. Eu tenho camisinhas — disse de repente com um sorriso de lado.

— O quê? Por que está me dizendo isso?

— Apenas para que você fique sabendo.

— Por que você não vai buscar o jantar?

Rindo, colocou o bonsai numa prateleira na sala e lançou-me seu olhar mais cafaeste antes de sumir na cozinha.

Após um jantar realmente delicioso e um Christopher cheio de piadas com teor sexual, estava pronta para descansar após um banho. Estava chateada pela casa que havia perdido, mas esse questionamento em minha

mente sobre meus motivos para reavê-la e o fato de que eu não gostaria de voltar a viver nela, diminuíram de alguma forma a perda. Me peguei olhando novamente as fotos de André, sentindo falta de como eu me sentia no momento em que cada uma delas foi tirada, mas aquela dor de perdê-lo não vinha. Superar namorados de escola era fichinha, mas ele era meu noivo, foram dois anos, um futuro imaginado juntos, achei que ficaríamos juntos literalmente até a morte. Eu devia sentir mais essa perda.

Ao invés de ir para a cama, fui para a sala onde Christopher lia um livro, jogado no sofá. O deixou de lado quando me viu com um sorriso preguiçoso no rosto.

— Você quer companhia para dormir? — ofereceu-se.

— Não. Quero uma opinião sua.

Ele se sentou prestando atenção em mim e sentei-me na mesinha de centro, de frente para ele.

— Acho que sou fria.

Ele ficou um tempo calado, mas um sorriso foi brotando em seu rosto.

— Por que você, a mulher que ama alguém na medida certa, que mantém os pés no chão quando o assunto é amor, que nem sente ciúmes, pensaria que é fria?

— Não é errado ter cuidado.

— Não dá para ter cuidado no amor. Se você pensa que pode controlar isso, está amando errado.

— Você acha que eu deveria estar mais triste?

— Levando em conta tudo o que tem passado, sim. Com certeza. Você deveria estar depressiva, na verdade.

— Estou falando do André, do rompimento. Doeu tanto que achei que fosse morrer. E agora não consigo sentir a dor. Mas precisa doer para eu superar, não precisa? Será que há algo errado comigo por eu não estar sentindo-a?

— É assim que você ama, Ellen. De forma segura e com os pés no chão. Quando você anda pelo chão, é fácil frear, mudar de direção e decidir qual caminho tomar. Você tem pouco tempo de vida, seria tolice perdê-lo sofrendo por algo que perdeu.

— Está dizendo que eu escolhi não sofrer? Como se eu escolhesse não amá-lo mais? Porque isso não é verdade.

— Não. — Aproximou-se segurando minhas mãos. — Estou dizendo que você o respeitava, o admirava e o amava, como amaria um irmão, um amigo. Doe a perdê-lo como doeria perder-me agora. É sempre ruim perder um amigo. Mas esse amor que você acha que sente por ele, você não sente. Se sentisse, estaria morta por dentro, não conseguiria sorrir ou decorar minha casa, não teria ficado excitada ao me ver nu. Você se perderia. Porque é assim que o amor funciona, andar pelo teto, lembra-se? Você não controla quando deixar de senti-lo, nem o quanto ele vai machucá-la. Não importa quanto tempo você tenha, ou em que situação esteja, jamais o controlaria.

Ele acariciou meu rosto, seus olhos seguindo o movimento de seus dedos e odiei que tudo o que me dizia entrasse daquele jeito em minha mente. Odiei que ele sempre fizesse sentido para mim, que sempre parecesse certo. Odiei que a paixão em seus olhos e suas frases e o fogo com que falava de amor, despertasse em mim um desejo íntimo e quase secreto de vivê-lo. Seria muita tolice desejar amar assim, sofrer assim, perder-se assim, não seria?

Ele segurou meu queixo e sorriu, seus olhos brilhantes fixos nos meus.

— Sabe o que me ocorreu agora? Você está solteira.

— O que tem isso?

— Sempre me controlei perto de você. Sempre a respeitei, porque você já pertencia a alguém. Mas agora... você está solteira.

Seus dedos pressionaram meu queixo guiando meu rosto em direção ao seu. E mais do que depressa levantei-me rompendo nosso contato.

— Onde você vai? — perguntou-me levantando-se também, seus olhos buscando a verdade nos meus.

— Dormir, eu acho.

Eu apenas precisava sair dali, me desconectar dele, de seu olhar quente e sua paixão.

— Não, você não vai.

Ele deu um passo em minha direção e dei um para trás, sem conseguir desviar meus olhos dos dele, a maneira como ele me olhava, o desejo que havia ali não podia ser real. Meu gesto não o impeliu, ele deu mais um passo

e eu mais um para trás.

— Por que está com medo? Eu não vou machucá-la — prometeu.

Eu sabia que ele estava dizendo a verdade, mesmo assim fui covarde e dei mais um passo para trás, um passo que eu não queria dar. E esbarrei em um vaso antigo que ficava sobre a prateleira, derrubando-o ao chão, o barulho quebrando aquela conexão perigosa entre nós dois.

— Ah, meu Deus! Isso era caro, não era?

Quando olhei para ele, seus olhos ainda estavam fixos em mim, e num segundo aquilo voltou, a conexão com ele que eu não conseguia controlar, aquele fio invisível que me prendia a ele, fazendo todo o resto ao nosso redor sumir. Ele estendeu a mão perto demais de mim e fez um pedido. Havia tanta urgência em sua voz, que não pensei em não atender.

— Vem aqui, Ellen.

Sentindo-me tremer, coloquei minha mão sobre a sua, e no segundo seguinte ele me prendeu em seus braços e sua boca tocou a minha. Levemente, conhecendo meus lábios, pedindo licença. Abri minha boca e sua língua a invadiu, seus braços me apertaram de encontro ao seu corpo, eu o sentia por toda parte. Correspondi cedendo ao seu beijo apaixonado, deixando que ele me guiasse e me perdi totalmente nele. Sua boca tomava a minha com força, sua língua passeando, brincando, provocando-me. Suas mãos passearam por meu corpo, prendendo-me ao dele, fazendo-me sentir a solidez do seu peito, a forma de suas coxas e o volume no meio de suas pernas. Passeei minhas mãos por seus cabelos, impedindo que ele tentasse se afastar, desesperada por mais. Até que o ar começou a sumir, e mesmo assim eu não queria parar. Mas ele percebeu e diminuiu a pressão em meus lábios, depositando beijos suaves em minha boca, pescoço e ombros.

Sentia-me tonta e sem forças nas pernas. Tinha dificuldades para respirar, e nunca havia me sentido tão viva. Era um misto de contradições tudo o que eu estava sentindo. Ele ainda me amparava, seus braços ao meu redor, seu corpo servindo de apoio, teria virado gelatina se ele me soltasse. Foi apenas um beijo, não podia ser tão bom, não podia ser tão intenso. O que estava errado comigo?

— Isso não pode estar certo — murmurei em seu pescoço, afundando-me ali.

Ele me abraçou ainda mais forte, com medo que eu me afastasse e disse, com toda aquela paixão e verdade:

— Isso não poderia ser mais certo. É assim que a gente anda pelo teto.

— Andar pelo teto é bom. Apavorante, mas bom.

Senti seu sorriso em minha testa, sua barba por fazer causando-me cócegas. E então nosso momento foi quebrado pelo toque de seu celular. Ele resmungou, mas a pessoa insistia e acabou afastando-se de mim para atendê-lo. Mas seus olhos permaneceram sobre mim, e dei-me conta que se me puxasse de volta para seus braços, se me beijasse de novo, e o fizesse a noite inteira, eu não impediria. Estava quase implorando que fizesse isso.

Aproveitei o segundo em que seus olhos deixaram os meus, libertando-me dessa conexão, e corri para o meu quarto. Tranquei a porta e me escondi debaixo das cobertas torcendo para que ele não viesse atrás de mim, que não me pedisse para segurar sua mão de novo porque eu não era capaz de controlar meus gestos naquele momento, nem minha mente e menos ainda meu corpo. Ouvi quando ele entrou em seu quarto e fechou a porta, então pude respirar aliviada e logo peguei no sono.



Capítulo NOVE

Tive sonhos conturbados à noite. Sonhos onde o André me acusava de agir da maneira exata como ele julgou que eu agiria. Acusava-me de nunca tê-lo amado, de nunca ter sentido com ele sequer metade da paixão que senti em um beijo com Christopher. E eu não conseguia me defender. Eu repetia como um papagaio que o amava sim, que foi real enquanto durou, e apenas deixou de existir aos poucos. Foi se esvaindo até não haver mais sentimentos. Nosso destino, nossas atitudes, tudo nos levou até este fim. E quando ele me questionou sobre meus sentimentos em relação a Christopher, fiquei calada, completamente perdida, sentindo um medo que não poderia descrever em palavras, assim como uma alegria que me fazia parecer boba. Acordei com o pensamento de que eu odiava não ter controle sobre meus próprios sentimentos. Eu já não controlava minha saúde, meu destino, nem as pessoas que deveriam estar presentes em minha vida, mas meus sentimentos sempre foram meus.

Tomei banho em estado de alerta. Vesti a roupa no mesmo modo. Peguei minha bolsa com o coração dando saltos e minha respiração acelerada. Eu não fazia ideia de como Christopher agiria comigo, sabia bem como eu agiria com ele, com a verdade. Mas ele era uma caixinha de mistérios. Um

homem tão lindo e bondoso, que por algum motivo roubou a empresa do irmão. Não se dava bem com o pai. Nunca falava sobre a mãe. Perseguiu uma conhecida pela cidade. E estava em pé de guerra com a esposa. Se eu tivesse alguém a quem contar sobre ele, essa pessoa me diria que claramente ele não era o que parecia ser, sua história mal contada, seus medos e desavenças, a culpa que carregava assim como sua tristeza, indicavam que algo estava errado com ele. E mesmo assim eu só conseguia vê-lo como o meu anjo.

Os cacos de vidro no chão da sala me fizeram sorrir, ao mesmo tempo em que meu corpo pareceu aquecer. Eu ainda podia senti-lo em meus lábios, sentia seus braços à minha volta, sua voz rouca no meu ouvido, seu corpo junto ao meu, apoiando-me. Podia reviver aquela cena como se estivesse acontecendo naquele momento. E havia sido apenas um beijo. Um beijo não deveria ser tão memorável.

Abaixei-me para juntar as peças quebradas antes que ele aparecesse e se lembrasse também da noite anterior. De como me entreguei a ele e como fiquei ali em seus braços, precisando de sua força para não derreter. Mais uma das muitas mulheres que ele teve completamente fascinadas por ele.

— Que babaca você, Ellen. Toda derretida pelo cara, patética! — repreendi-me em voz alta e uma mão ao lado da minha, colhendo os cacos do chão, fez-me pular de susto. — Merda, Christopher! Você não faz barulho para andar? Precisa entender que mora com uma portadora de doença cardíaca!

— Parece que estou sempre testando seu coração, minha doce Ellen — respondeu bem-humorado sem desviar seus olhos do chão para mim.

— Meu coração e mais alguns órgãos.

Ele deixou cair os cacos que havia juntado, olhando-me surpreso e divertido e quase peguei fogo ali mesmo, de tanta vergonha.

— Eu disse isso em voz alta, não é?

— Estou mais do que disposto a cuidar do seu coração, e de todos os seus órgãos.

Tranquei minha boca antes que a resposta me escapasse e eu passasse ainda mais vergonha.

Terminei de juntar os cacos e os coloquei sobre o jornal da manhã para

embrulhá-los, enquanto Christopher me observava em silêncio. Não carregava sua expressão de tristeza constante, como sempre. Nem seu sorriso travesso e aqueles olhos intensos, como muitas vezes. Ele parecia preocupado, divertido e muito concentrado em mim. Assim que parei diante dele para explicar que não iríamos juntos para a empresa, surpreendeu-me ao pegar minha mão e dizer com sua voz calma:

— Não tem que ser assim. Você não tem que agir como se estivéssemos pisando em ovos um com o outro. Foi algo que nós dois queríamos, nós dois precisávamos, e foi maravilhoso.

Surpreendi-me com sua simplicidade em lidar com o assunto, por não ter que mudar meu comportamento diante dele e saber que ele não mudaria o seu comigo. Por ele entender que havia sido apenas um beijo, um beijo maravilhoso, mas apenas isso. Sorri em resposta e ele se afastou, indo em direção ao elevador. O segui sentindo-me relaxar aos poucos, e apenas quando trombei com tudo em seu corpo forte, foi que percebi sua pegadinha. Seus braços já estavam à minha volta. E sua boca tomou a minha sem que eu tivesse tempo de reagir. Suas mãos entraram em meus cabelos, com puxadas leves enquanto sua língua dominava a minha.

E ali estava eu, mais uma vez patética, totalmente derretida e entregue, deixando meu coração descompassado inflar em frenesi. Querendo que aquilo não acabasse nunca. E quando acabou, a confusão tomou minha mente, já que meu corpo sabia bem como se sentia em relação a ele.

— O que você está fazendo? — perguntei baixinho, de olhos fechados, meus lábios ainda perto demais dos dele.

— Nós dois precisávamos disso de novo. Só para confirmação. Para sabermos que não estávamos sonhando, nem exagerando sobre como nos sentimos ontem.

Assenti, mesmo querendo discordar. Eu não precisava de confirmação de como havia me sentido, sabia disso muito bem! Sempre saberia!

— Eu acabei de terminar um relacionamento — constatei, sabendo que deveria afastar-me, mas sem realmente fazê-lo.

— Para mim um término é um fim.

— Mas foi recente demais — justifiquei.

— Você não tem tempo para contar o tempo.

Essa lembrança me fez afastar-me em um rompante. Desde que descobri sobre a minha situação terminal eu nunca, nem por um segundo, esqueci-me dela. Era uma lembrança marcada à ferro em minha mente. Como poderia não ser? Mas ali, nos braços dele, senti-me apenas uma mulher totalmente entregue e confusa, por ter acabado de romper um relacionamento que deveria ser para a vida toda e mesmo assim sentir-me tão viva. E nem por um segundo me lembrei de que não deveria aproximar-me assim dele, porque estava prestes a deixá-lo.

— E é por este motivo que não vamos ficar fazendo isso — falei apontando de mim para ele. — Não se apegue a mim mais do que já o fez, Christopher. Eu não vou permitir.

Ele sorriu, nem um pouco ameaçado por minha promessa.

— Não me apegar a você — repetiu rindo como se eu fosse completamente inocente. — Todos nós vamos morrer um dia, meu bem. Infelizmente ninguém é eterno. Por acaso pensa que o risco de morrer faz uma pessoa não merecer ser amada? Enquanto houver vida em você, você estará viva. E merece sentir tudo de bom que a vida tem a oferecer. Sem restrições por limite de tempo.

Tentei contestar, mas havia aquela coisa que sempre me dominava nele, suas palavras entravam em minha mente e alcançavam minha alma. E eu me pegava acreditando nele. E ele percebeu o medo que me tomava.

— Você não tem que suspender seu coração comigo — disse para tranquilizar-me. — Não precisamos mudar nosso relacionamento, se você não quiser.

Foi como se um peso houvesse sido tirado de meus ombros, tamanho alívio senti.

— Sério? — perguntei com um sorriso.

— Não! Eu tenho pouco tempo com você, Ellen, não irei perdê-lo mais escondendo o que realmente sinto. Você vai ter que se acostumar a ver-me demonstrando com tudo o que tenho o que você causa em mim. E não suspenda seu coração comigo, acredite, você vai querer sentir cada segundo disso — disse aproximando-se de mim, depositou um beijo rápido e intenso em minha boca e afastou-se, entrando no elevador.

E eu não sabia se me sentia confusa, ansiosa, amedrontada ou excitada. Estava desaprendendo a reconhecer meus sentimentos.

Não fui de carro para a empresa com ele, e ele não contestou. Pelo menos teve esse cuidado após jogar-me em um estado catatônico de confusão. Porém quando cheguei à empresa, ele não havia chegado. E não o fez nas horas que se seguiram. Também não estava em casa quando fui lá em meu horário de almoço. Estava começando a ficar realmente preocupada, quando ele apareceu. Os olhos vermelhos, o cabelo mais bagunçado do que estava quando me despedi dele de manhã e o rosto sem qualquer expressão. Convivendo com ele nos últimos meses, havia aprendido a entender suas mudanças súbitas de humor. Ele as fazia sempre que queria parecer forte, quando começava a perder o controle. E essa expressão vazia com que adentrou sua casa naquela tarde, era sua tentativa frustrada de parecer forte e despreocupado.

Não precisei perguntar a ele o que havia acontecido. Ele se aproximou de mim com um envelope em mãos. Eu sabia muito bem o que ele continha.

— São os resultados dos exames, não é?

Ele assentiu e os jogou sobre o sofá, abrindo a camisa como se estivesse sufocando.

— Você já sabia quais seriam eles. Por que está assim?

— Eu pensei... eu tive esperanças que houvesse algo que pudesse ser feito.

Estendi meus braços para ele e pedi:

— Vem aqui.

Perdido, ele se aproximou de mim, jogando-se em meus braços, deixando que eu o abraçasse dessa vez, que eu cuidasse dele. Seu rosto afundando na curva do meu pescoço, com beijos suaves, quase como pedidos de ajuda. Ele era mais alto do que eu, de forma que precisava abaixar-se para que eu o abraçasse, mas não pareceu se importar com isso, sua respiração se acalmando enquanto minhas mãos passeavam por seus cabelos e costas.

— Você não deveria estar me consolando — disse afastando-se e tocando meu rosto com gentileza. — Eu é quem deveria cuidar de você.

— Eu já aceitei o meu destino, Christopher, não me aflijo mais. Você também precisa aceitá-lo. Ou vamos passar os próximos dias afundados em tristeza, e não gosto de ser triste. Acha que consegue fazer isso?

— Você vai embora se eu não conseguir?

Assenti.

— Não vou impor esta dor a você. Nem deixar que se apegue ainda mais, se não estiver totalmente ciente do que vai acontecer. Nós não temos que viver à sombra disso. É o meu destino final, mas há um caminho até lá. Gostaria que você se esquecesse disso, para que eu não tenha que viver com esse cronômetro indesejado sobre a minha cabeça.

Ele afastou-se concordando do seu jeito, deixando claro sua verdade.

— Não posso simplesmente aceitar isso. Você não entende. Estive perdido por tempo demais, e finalmente comecei a me encontrar. E não posso, nem quero me perder de novo. Mas não serei eu o responsável por manter esse cronômetro na sua cabeça, pelo contrário, quero ser quem vai fazê-la esquecer-se disso. Prometo fazê-la feliz, minha pequena Ellen, enquanto a vida permitir.

Sua promessa somada à maneira doce com que me olhava fez meu coração se agitar no peito, e pela primeira vez foi meu estômago que ficou suspenso, como se flutuasse.

— Esta é a segunda vez que você me pede em casamento — brinquei.

— E como aconteceu na primeira vez, você vai aceitar.

Aqueles olhos azuis não jogavam limpo com minha sanidade. Fixaram-se nos meus, prendendo-me a eles, fazendo eu me render sem perceber.

— Você, Christopher Becker, precisa entender que meu coração é fraco, e parar de me olhar desse jeito.

— Trate de fortalecê-lo, pois não pretendo apenas olhá-la. Seu coração precisará estar bem forte para o que tenho em mente.

— Acho melhor eu voltar para a empresa agora — disse escapando de sua aproximação perigosa e fugindo covardemente, mesmo que algo dentro de mim me dissesse que eu não fugiria por muito tempo.

Enquanto fazia o jantar, após dar uma ajeitada na casa, peguei

Christopher olhando-me. Seus olhos me seguiam por onde eu ia, sua expressão mudando entre divertimento, curiosidade, confusão e satisfação. Mas ele não falava comigo, apenas me observava, como se fosse apenas mais um móvel da casa.

— Você está aí parado me observando em silêncio há tempo demais. Devo ter medo? — perguntei receosa cedendo à curiosidade.

Um meio sorriso surgiu em seu rosto e ele descruzou os braços, aproximando-se sem jeito, depositou as mãos nos bolsos de sua calça e seus olhos me encararam procurando algo. Ele, que costumava ser forte e decidido, sedutor e sem vergonha, parecia um menino ao falar, seu tom mais baixo sem a confiança de sempre.

— Tenho um histórico ruim com amor. Uma espécie de sina, sempre me apaixonando pela mulher errada, sempre entendendo os sentimentos dela de maneira errada, sempre quebrando a cara. Eu poderia continuar isso com você como estamos, tentando adivinhar seus pensamentos, quebrando suas barreiras, assumindo os riscos. Mas sinto que se eu errar em interpretá-la desta vez, o tombo será grande demais para que eu me recupere, porque eu nunca voei tão alto com alguém. Nunca fiquei tanto tempo andando tão longe do chão.

Ele deu dois passos vacilantes em minha direção, e segurou minhas mãos levando-as ao seu peito, onde seu coração batia descompassado, e sua respiração acelerada se tornou audível.

— Eu sei que você acabou de terminar um relacionamento com aquele cara que você não amava.

— Eu o ama... — Ele soltou minha mão, cobrindo meus lábios com um dedo, fazendo-me calar.

— Você não o amava, Ellen. Sei que tudo isso pode parecer rápido demais para você, e pode não ter parado para pensar nisso ainda, mas eu preciso saber. Preciso saber que não estou interpretando isso errado, que não estou maluco ao pensar... — ele se calou e engoliu em seco, e pude ver o medo em seus olhos.

— Ao pensar que estou me perdendo em você como você faz comigo? Você não está errado. Não há como eu não ter pensado nisso porque você domina cada um dos meus pensamentos e me pergunto a cada segundo do dia

o que você está fazendo comigo. E sendo sincera, odeio isso. Odeio não controlar o que sinto, ou como sinto. Odeio, principalmente, não saber o que sinto. — Apertei suas mãos e as levei até meu peito, onde meu coração batia acelerado. — Mas eu te sinto. O tempo todo eu te sinto.

Ele fechou os olhos aliviado e uma lágrima correu por seu rosto, enquanto encostava sua testa à minha. Eu não conhecia seu passado, os fantasmas que carregava ou o que o assustava tanto, e queria muito conhecer. Queria muito cuidar dele, fazê-lo enxergar o homem bondoso e divertido que era, precisava fazer isso antes de partir, deixá-lo bem.

Segurei seu rosto afastando-o do meu e olhei em seus olhos molhados.

— Só que não posso sentir isso, Christopher, e você também não deveria.

Não precisei dizer o motivo, não precisei lembrá-lo do pouco tempo que teríamos juntos e que não fazia sentido nos entregar a algo tão intenso apenas para que ele sofresse minha ausência depois. Ele entendeu. Assentiu afastando-se, como se aquele momento não tivesse acontecido. Secou sua lágrima e abriu a panela fumegante sentindo o aroma do meu tempero.

— Isso parece bom — comentou, porém, pegou na despensa o pote de páprica e acrescentou devagar ao meu tempero. — Observei você hoje, arrumando a casa, preparando o jantar, tão à vontade e tranquila! Você percebeu que está em casa? Desde que a conheci, nunca a vi tão tranquila. Você é linda, como uma miragem. Principalmente em casa, descalça, serena e cantarolando enquanto cozinha. Mas tem um pequeno defeito, minha linda menina.

Finalmente ele olhou para mim. Muito mais relaxado e confiante, a conhecida sedução e intensidade na maneira como me olhava.

— Você ainda não aprendeu sobre o amor. Posso ensinar a você, sou um ótimo professor. Guarde em sua cabeça a primeira lição que vou te dar, você não pode controlá-lo, não pode escolher não senti-lo, como senti-lo, ou quando senti-lo. É o amor quem dita as regras, é ele quem a domina e cabe a você apenas aceitar. Não tente entendê-lo, meu bem, vai perder seu tempo. Apenas sinta e aprecie a vista enquanto anda pelo teto.

Dizendo isso, depositou um beijo rápido em minha boca e se afastou assoviando, parando apenas para avisar:

— Vou colocar a mesa, se você não desligar o fogo, nosso jantar irá queimar.

Desliguei o fogo e o segui. Por mais que entendesse sua lição, e compreendesse que eu não iria controlar o que ele me fazia sentir, e não conseguiria impedir, diminuir ou esconder o que eu sentia, ainda não podia fazer isso com ele. Eu tinha que protegê-lo de mim.

— Christopher... — minha voz soou quase desesperada. Quando seus olhos pousaram em mim, tudo o que eu queria era pular em seus braços e concordar com ele. E deixar que aquilo que estava preenchendo meu peito transbordasse. Tentei encontrar uma maneira sincera de dizer a ele que não poderíamos seguir esse caminho, que ele não podia me falar essas coisas e me fazer entender o que me fazia sentir. Mas eu queria tanto sentir isso com ele, que as palavras não saíram.

Ele andou até mim e me prendeu em um abraço acolhedor e caloroso, sussurrando em meu ouvido, sua voz doce e feliz acalmando meu coração, fazendo-me desistir de protegê-lo naquele momento.

— Não é a melhor sensação do mundo, esta de estar em casa?

Fechei meus olhos e sem qualquer esforço me perdi no seu abraço, deixando todo o medo, apreensão e culpa sumir.

— Sim — concordei. — A melhor sensação. Mas estou com fome.

Ele riu, soltando-me e lançando seu olhar sedutor com aquele sorrisinho cafajeste sobre mim.

— Ah, meu bem, perto de você estou sempre com fome.

Na manhã seguinte, saí antes que Christopher acordasse, eu precisava pensar, precisava me encontrar longe dele, daquela casa onde seu cheiro estava em toda parte, queria esquecer o que suas palavras me causavam e pensar em mim. No que restava de mim sem qualquer coisa ligada a ele. Parei diante de uma ponte, vendo a água lá embaixo correndo tranquila, e me dei conta de que não sobrava nada. Tirando-o da minha vida, nada mais ficaria.

Fui até o cemitério e sentei-me diante da lápide de Liz, pela primeira vez senti-me como ela se sentia. O coração aos pulos, o medo, e aquele sentimento que não sabia como explicar. Ela sempre foi a apaixonada, que

chegava em casa com os olhos brilhando, o rosto em êxtase e tentava encontrar palavras para me dizer como se sentia. E tarde demais chegou a minha vez.

— Agora eu a entendo, minha irmã. Como eu deixei isso acontecer? Liz, o que eu faço? Não posso depender assim de alguém, pessoas são imprevisíveis, nada confiáveis e eu não posso estar tão entregue a ponto de não ter mais Ellen, se não tiver Christopher. Liz, eu fecho meus olhos e o vejo, sua voz é o último som que ouço quando vou dormir e acordo na expectativa de vê-lo de novo. Eu tento pensar no meu destino, na minha morte, na sua morte, e tudo volta para ele. Só consigo pensar nele. Amar não pode ser isso. Uma pessoa não deveria se perder assim em outra, tem que haver eu nesse amontoado de sentimentos, onde eu estou?

Quase pude ouvir sua voz dizendo-me com seu sorriso bobo de menina, sempre que eu a alertava a tomar cuidado e pensar primeiro nela antes de qualquer pessoa, “só se é feliz por completo quando você se perde em alguém, porque felicidade sozinha não é felicidade, mas esse sentimento compartilhado que te faz perder-se do resto do mundo, é isso que pode verdadeiramente te fazer feliz”.

— Você estava certa. E era mais nova. Como ficou mais esperta do que eu?

Entendi no conselho apaixonado da minha irmã mais nova, que eu não tinha que me preocupar com o que sobraria de mim sem ele, porque eu não tinha que estar sem ele. Ele estava certo, nunca havia me sentido tão em casa como em sua companhia, nunca havia me sentido tão viva, como em seus braços. Olhei para o céu azul acima de mim e fiz uma prece:

— Meu Deus, me ajuda a não machucá-lo, não permita que ele sofra por mim.

Eu não tinha que me preocupar com o que sobraria de mim sem ele, mas o que sobraria dele sem mim. Se eu me permitisse sentir aquilo, se me tornasse o lar dele, como ele estava se tornando o meu, o que aconteceria com ele depois?

Olhei para a lápide com o nome de Liz e lamentei que justo ela, a irmã saudável e esperta, que sabia amar e amar de novo, que tinha uma vida toda pela frente e tantas coisas para ensinar, houvesse morrido daquela forma. Ela

não deveria ter ido embora, deveria permanecer viva, superar o luto por mim e ser feliz. Não era justo que eu estivesse ali experimentando um tipo diferente de felicidade enquanto ela não poderia viver mais nada. E comecei a brigar mais uma vez com o destino, por suas injustiças inexplicáveis.

Cheguei cabisbaixa à gravadora, ainda tentando encontrar uma solução. Ainda em guerra com o destino, esse escritor sarcástico, que respondeu as minhas queixas por estar só, mandando-me a melhor pessoa que eu poderia ter. Mas mandando-a tarde demais.

Com o pensamento longe, esqueci-me de bater na porta da sala de Christopher antes de entrar, a abri e ouvi o final de sua conversa com Stefano, o advogado.

— Esse vídeo muda tudo. O que quer que façamos com ele? — perguntou Stefano.

Christopher estava tenso, a expressão de raiva e os punhos fechados sobre a mesa. Algo o havia irritado muito.

— Não sei ao certo, mas por hora, não permita que ela veja esse vídeo — começou a responder até que seus olhos pousaram em mim.

Por uma fração de segundo ele ficou assustado, e na fração seguinte, sua expressão tornou-se séria, indecifrável.

— Ellen! Bom dia! — A voz alta demais de Stefano também demonstrava seu susto pela minha presença. — Preciso falar com você.

— Sobre que vídeo vocês estão falando? É alguma prova?

— Este vídeo não tem a ver com seu caso, é sobre a Sarah. Stefano também é meu advogado — explicou Christopher, mas sem deixar que meus olhos focassem nos seus e achei que estivesse mentindo.

— Você está mentindo.

Esperei que ele negasse, ou assumisse, mas antes que tivesse qualquer reação, Stefano levantou-se chamando minha atenção, a expressão preocupada e seu tom sério.

— Seu noivo se recusou a receber-me na prisão, Ellen. O julgamento se aproxima, se não puder montar sua defesa, não poderei fazer nada por ele. As fotos do dia do assassinato da sua irmã são verdadeiras. Há mais delas.

— Eu posso vê-las?

Ao invés de me responder, ele olhou para Christopher, como que pedindo autorização. Com um aceno rápido e singelo, Christopher deu a autorização que ele pedia, e Stefano tirou de sua mala três fotografias, olhando-as com pesar antes de estendê-las a mim.

Suspendi meu coração antes de pegá-las e não havia como negar a veracidade delas. Eu mesma as teria atestado se as tivesse visto antes. Liz usava sua blusa branca, uniforme da escola onde trabalhava, tinha os longos cabelos loiros presos em um rabo de cavalo e sua expressão era de tristeza. Como se houvesse chorado. Na primeira foto, André estava com as mãos diante dela, parecia irritado. Na segunda, ele segurava seu braço de forma ameaçadora, mas Liz não parecia com medo, ainda parecia triste. E na terceira, ele a olhava com raiva, e ela gritava algo. Era uma discussão, com certeza. Mas sobre o que poderiam discutir, se eles mal se falavam? Observei a hora nas fotos e me dei conta de mais uma coisa, ele havia mentido sobre sua viagem a trabalho naquele dia. O horário em que as fotos foram tiradas, duas horas depois do horário em que ele dizia ter embarcado para a cidade vizinha, era prova disso.

— Ele não entrou no ônibus, não saiu da cidade — constatei sentindo certo pânico.

— Ei, fica calma. Você está bem?

As mãos de Christopher estavam sobre mim, acalmando-me e seus olhos preocupados buscando qualquer sinal de que eu não me sentia bem.

— Estou bem. Ele mentiu. Não saiu da cidade no dia que ela morreu, por que ele faria isso?

Encarei o advogado esperando uma resposta plausível, porém ele me lançou uma pergunta.

— Ellen, você tem certeza que ele não pode ser o assassino da sua irmã?

— Tenho! Ele deve ter mentido por medo, podem ter brigado pelo dinheiro que ela devia a ele, ele emprestou uma quantia um pouco alta a ela, deve haver alguma explicação. Pode ter ficado com medo depois, mas ele jamais a mataria, não é um assassino.

— Talvez ele não tenha tido a intenção, pode ter sido um acidente e ele... — insistiu Stefano, mas o interrompi aos gritos.

— Ele não a matou! Eu o conheço! Ele não faria isso!

O ar sumiu, minha cabeça girou e meu peito parecia prestes a explodir.

— Você precisa ficar calma, Ellen, sente-se aqui — Christopher pediu em pânico. — Nós vamos encontrar um jeito de provar a inocência dele, tudo bem? Vamos dar um jeito nisso, eu te prometo!

— Eu vou falar com ele — consegui responder com a voz baixa. — Vou tirar isso a limpo, mas não foi ele. Esta é a prova que eles têm contra ele, não é?

Mais uma vez, Stefano olhou para Christopher, antes de responder.

— As fotos, e o fato de ele ter mentido sobre seu álibi, basicamente.

— E isso é muito ruim? Se ele for a julgamento agora...

— Será condenado. Se não provarmos que ele estava em outro lugar na hora da morte da sua irmã, ele será condenado.

Se houvesse qualquer prova que pudesse inocentá-lo, ele mesmo a teria apresentado. Teria me falado sobre qualquer possibilidade de provar onde estava, ele sequer havia me dito a verdade sobre onde estava, como eu poderia defendê-lo? Não pensei nem por um segundo na possibilidade de ele ser mesmo o culpado, em minha mente, as coisas foram se encaixando, e tudo se tornou claro. Ele havia emprestado o dinheiro a ela e ela ficou de quitar as prestações da casa, mas não o fez. Ele ficou nervoso e foi cobrá-la, os dois discutiram. Pouco depois ela foi assassinada, provavelmente pelo motivo que André sempre alertara, os casos dela com homens casados. Uma esposa traída, talvez, ou um marido traidor em busca do silêncio de Liz. E André não teve coragem de contar a verdade, pois pareceria ainda mais suspeito.

— Você vai falar com ele, mas não hoje, tudo bem? — a voz de Christopher tirou-me de minhas conclusões. — Você passou mal, vamos esperar que se acalme, que a dor que essas fotos te causaram diminua, e aí vou com você até a prisão para que você possa conversar com ele. Tudo bem assim?

Assenti.

— Posso ficar com elas? — perguntei a Christopher, já que se

perguntasse a Stefano, ele pediria permissão.

— Você quer guardá-las? — perguntou demonstrando seu desapontamento.

— Quero mostrá-las a ele. Acho que elas podem forçá-lo a me dizer a verdade.

— Claro, você pode ficar com elas — Stefano concordou e Christopher permaneceu com sua expressão triste o resto do dia.



Capítulo **DEZ**

Fiz o caminho até a casa de Christopher devagar. Não apenas pelo meu cansaço, mas para que pudesse colocar meus pensamentos em ordem. Cheguei a cogitar ir até a prisão e conversar com André naquele dia mesmo, para tirar aquilo a limpo de uma vez por todas, mas não o fiz por Christopher. Ele fazia tanto por mim, não queria negar um pedido dele. E precisava admitir, ter a presença dele ao meu lado me daria força. Algo me dizia que a verdade de André não seria nada fácil de ser ouvida. Só de imaginá-lo ameaçando minha irmã, sentia um aperto no peito e uma vontade enorme de esbofeteá-lo.

O bairro estava na mais completa escuridão. A noite estava caindo, o sol havia acabado de se pôr, e consegui enxergar o caminho graças as luzes dos faróis dos carros na avenida, pois todos os postes, prédios e lojas estavam apagados. Os primeiros raios riscavam o céu, seguidos dos estrondosos trovões, anunciando a chuva que cairia. Apressei o passo e precisei da ajuda da lanterna do celular para subir os degraus até o andar de Christopher, lamentando que ele não houvesse escolhido o primeiro andar como moradia.

Entrei exausta e guardei o celular, a luz da lua entrava pelas janelas enormes que contornavam o apartamento e todas as cortinas estavam abertas.

De forma que era possível ver a silhueta dos móveis, para não trombar neles.

— Houve um estouro num poste — a voz de Christopher atrás de mim fez-me dar um salto. — Faz uns trinta minutos que a luz caiu. E só agora descobri que este edifício não tem gerador.

— Que pena! Você vai ter que tomar banho frio! — brinquei.

— Não sou eu que lavo minhas pendências na água quente. Pedi algo para comermos, acho que não vamos poder cozinhar esta noite.

— Você está bancando o esperto. Esta noite a cozinha era sua! — acusei.

— A culpa não é minha! Está escuro demais, eu não teria como saber qual ingrediente está em minha mão, o lado certo da faca e essas coisas. Assim como você não me enxerga agora e não tem como saber se estou prestes a abraçá-la completamente nu.

Virei-me para trás, mas via apenas sua silhueta. Minha respiração precisou ser forçada a funcionar e meu corpo todo estava em alerta. Tirei o celular da bolsa com as mãos trêmulas e acendi a tela, iluminei a silhueta de Christopher e, para a sorte da minha sanidade, ele estava vestido e com um sorriso delicioso estampado no belo rosto.

— Aposto como você estava torcendo para que eu estar sem roupa.

— Você, definitivamente não serve para viver com uma cardíaca.

Ele foi receber a comida enquanto eu tomava um banho gelado. A chuva lá fora começou a cair tão logo o entregador se foi e lamentei que ele não teria como ter escapado dela. As janelas abertas mostravam as gotas de chuva que não paravam de cair lá fora, escondendo um pouco a luz da lua. Mas Christopher tinha uma solução para isso, a mesa estava iluminada por velas.

E ele estava vestido.

Respirei aliviada ao constatar isso, pois temia quanto de seus jogos de sedução meu pobre coração aguentaria.

Comemos em silêncio, mas reparei que sua expressão triste permanecia desde que eu havia pedido as fotos. Apesar de suas piadas e seu sorriso cafaíste a cada vez que eu levava o garfo à boca. Quando terminamos de

comer, não havia muito que podíamos fazer. Era muito cedo para dormirmos e a energia ainda não havia voltado.

Busquei alguns travesseiros e os joguei sobre o tapete da sala, aos olhos atentos de Christopher, segurando sua nova companheira: uma vela.

— O que você está planejando jogando esses travesseiros aí? — perguntou com um sorriso curioso.

Aproximei-me dele e toquei seu rosto, ciente de seu olhar em chamas sobre mim.

— Conhecer você.

— Intimamente? — perguntou colando seu corpo ao meu.

— Intimamente. Mas num exercício que podemos fazer vestidos.

— Não vai ter graça.

— Quero conhecer você. Saber o que houve com a Sarah, onde estão seus pais, por que não fala com seu irmão e quem é a mulher do cemitério.

Ele deu um passo para longe de mim, afastando-se desinteressado.

— Não é uma boa ideia.

— Eu não sei quase nada sobre você. Sinto que o conheço tão bem, mas aí me lembro que não sei nada sobre o seu passado. Sobre a culpa que você carrega e esse seu medo em relação a mim.

— Melhor não. Lembra-se quando eu disse que deixei de amar pessoas por conhecer a verdade delas? Há este risco se você me conhecer. Muito provavelmente irá me odiar.

— Não vou odiar você, e achei que não pudesse escolher deixar de amar.

Ele me olhou com um sorriso sincero e medo nos olhos.

— Acho que não as amava, então.

— Por favor, deite-se aqui comigo e se abra — insisti.

— Você não me disse que faríamos isso deitados — observou indo até o tapete e jogando-se sobre um travesseiro. — Venha, Ellen, deite-se aqui comigo e se abra — pediu com um sorriso travesso no rosto.

Sentei-me ao seu lado e esperei que ele começasse a falar. Como não parecia disposto, tentei outro caminho.

— Não precisa me falar do seu passado se não quiser. Me fala de você, então. Qual o seu maior sonho?

Nem mesmo seu sorriso safado e a maneira como me despiu com os olhos foram suficientes para me preparar para sua resposta.

— Fazer amor com você!

Levei alguns segundos para reagir, as palavras presas em minha garganta, meu corpo formigando diante de seu olhar e o desejo contido neles.

— Acho melhor você começar a falar do seu passado. Ou vou me esconder como a covarde que sou embaixo da cama, porque você me faz virar gelatina quando me olha desse jeito e nunca pega leve com a minha sanidade.

Ele sorriu. Seu sorriso sumindo aos poucos, meu coração se acalmando conforme seu semblante mudava.

— Não me responsabilizo pelo que pode sentir por mim depois — alertou. — Sou o segundo de quatro irmãos. Apenas o Richard foi planejado, e quando eu nasci meus pais sentiram que cometeram um erro, tirando dele ainda tão pequeno a atenção que deveria ser só dele. Então desde sempre fui comparado a ele, em tudo. Sempre me diziam que eu devia ser como ele, eles o achavam perfeito.

— Deve ter sido difícil.

— Uma das coisas difíceis. Meus pais não estavam preparados para educar uma família. Crescemos ouvindo que somos melhores que todo mundo, não tivemos bons exemplos, não nos foram apresentados valores, sempre orientados a sermos fortes sozinhos, nunca pedir ajuda, não confiar em ninguém além da família. Meu pai era cruel e bruto, e minha mãe, totalmente submissa. Embora compartilhasse de algumas opiniões dele, sobre como deveríamos ser tratados onde quer que estivéssemos.

— E como você se tornou uma pessoa tão boa?

Ele demorou tanto a responder, os olhos fixos no chão, que achei que suas lembranças fossem difíceis demais para que ele as compartilhasse, portanto, não o faria. Mas ele voltou a falar, mudando de assunto.

— Conheci Sarah no colegial, apaixonei-me por ela porque era linda e refinada. Sabia que meus pais a aprovariam. Richard e eu não tínhamos uma

relação de amizade há alguns anos naquela época. Costumávamos ser amigos quando crianças, mas as comparações entre nós nos afastaram. Ela me dava mole, eu era um moleque cheio de hormônios, sabia que ela acabaria sendo minha namorada. E aí um dia, ela começou a namorar Richard. Assim, do nada. Eu nem sabia que eles se conheciam. E eu o odiei por vencer-me. Ele sempre me vencia, sempre o filho predileto, o mais inteligente, o herdeiro da presidência da empresa. Eles nunca me deram uma chance.

— Imagino como isso deve ter doído. Mas ele não sabia que você a amava, não é?

— Isso não muda nada.

— É claro que muda! Será que ele teria ficado com ela se soubesse? Se vocês tivessem uma relação de amizade e você confidenciasse isso a ele, acha que ele ficaria com ela?

Ele não precisou pensar para negar com a cabeça.

— Foi por isso que você tomou a empresa dele? Porque seus pais nunca te deram a chance de liderá-la?

Ele negou mais uma vez.

— Isso tem a ver com a mulher que você me viu observar no cemitério. Gabriella.

A maneira como ele disse o nome dela, com carinho, ao contrário de quando falava sobre Sarah, ou sua família, ele parecia gostar verdadeiramente dela, isso me incomodou. Não sabia explicar bem o que havia sentido, uma espécie de mal humor repentino, e tratei de escondê-lo. Foquei meus olhos nas luzes das velas sobre a mesa de centro, achei melhor que ele não visse meus olhos enquanto falava dela.

— Ela é esposa do meu irmão. E o filho que ela espera, é dele.

O encarei atônita e não precisei perguntar quem a conheceu primeiro, ele estava disposto a falar.

— Ele a queria para uma noite apenas, por diversão. Ela o recusou e ele se tornou obcecado por ela. A feriu inúmeras vezes, a ela e ao irmão. E ela sempre corria para mim. Eu a protegia dele. — Ele parou de falar por um tempo, parecia perdido em pensamentos. Quando voltou a falar, falou sobre Sarah e não mais Gabriella. — Sarah e Richard ficaram juntos por muitos

anos, estavam noivos. Em um verão, fui para a casa de campo dos meus pais, na Inglaterra e ela estava lá sem ele, havia ido fazer companhia para minha mãe. Achei que fosse um presente do destino encontrá-la lá sozinha.

— O destino sabe ser sarcástico com seus presentes.

— Sim, ele sabe. Uma semana dando em cima dela e ela foi para a cama comigo. Fácil assim, ela nunca hesitou. Nem uma vez sequer me repeliu. Voltamos de lá em comum acordo de nos casarmos ao invés de ela se casar com ele. Ele ficou destruído. Foi a primeira vez que o venci em algo.

— E como você se sentiu ao vê-lo sofrer?

Ele pareceu confuso com minha pergunta.

— Eu a amava, e ela havia preferido a mim ao invés dele. Eu estava feliz.

— Não foi o que perguntei.

Ele pensou por um momento, buscando suas lembranças dessa época.

— Não me fez feliz vê-lo se afundar como aconteceu. Eu apenas a queria, não pensei nele quando a conquistei. Minha intenção não era feri-lo, era vencê-lo. Tivemos um casamento digno de revistas. Uma lua de mel boa, e quando voltamos, eu planejei todo um futuro com ela. Compramos uma casa linda que ela havia escolhido, eu dava tudo a ela. Mas ela o viu, Richard, ele estava péssimo, frio, não tinha mais amigos, não falava com ninguém, tornou-se um homem intragável. Então ela me culpou por ter acabado com a vida dela. Nos separamos no mês seguinte.

— Você tentou reconquistá-la?

— Sim, eu fiz de tudo por ela! Praticamente me humilhei aos seus pés, até descobrir que ela tinha outros homens, que vivia bem, gastando meu dinheiro. Então meu amor por ela simplesmente acabou. Como você bem observou, eu nunca a amei de verdade.

— Sinto muito por isso. Mas talvez tenha sido melhor assim, você acha que seriam felizes juntos? Você sequer a amava. E ela não seria fiel a você, assim como não foi ao seu irmão. Acho que você teria sofrido bem mais.

— Eu deveria tê-la conhecido anos antes, minha menina esperta. Você saberia como me fazer lidar com cada dor que vivi.

— Você não seria a pessoa que é hoje se não tivesse vivido essas dores.

Seu sorriso sumiu e com pesar, admitiu:

— Era exatamente isso que eu queria evitar. Ser a pessoa que sou hoje.

Engoli o nó em minha garganta antes de insistir num assunto que não estava particularmente interessada em ouvir, mas fazia parte de sua história, pensei que fosse ela, seu maior motivo de culpa, e apenas por isso pedi:

— Fale-me sobre a Gabriella.

— Éramos amigos. Eu a protegia dele, oferecia o mundo a ela. Ela o odiava tanto quanto eu. Mais uma vez, não expus meus sentimentos enquanto tive tempo. E mais uma vez, vi de repente a mulher que eu pensava amar apaixonada por ele. E por mais que eu mostrasse a ela que ele não valia a pena, por mais que ele mesmo deixasse claro que apenas queria usá-la, ela o escolheu. Fiquei perdido. Eu não gosto de ser sozinho. Não tive uma família amorosa, perdi anos da minha juventude tentando superar meu irmão e cada vez que me apaixonei, pensei que teria finalmente algo que nunca tive em casa. Mas sempre me enganei com isso.

— Você não gosta de estar sozinho. Por isso me trouxe para cá — observei.

— Eu gosto de me apaixonar. Não nasci para ser sozinho, embora o destino pense o contrário. Mas não foi por isso que eu a trouxe para cá. — Seus olhos caíram sobre mim com tamanha intensidade, que pulei uma batida do coração.

— Por que você me trouxe? Você me disse que seus motivos eram egoístas.

— E são. A trouxe porque você me faz bem. Porque preciso ter você por perto para me sentir em casa. Porque quero tê-la de todas as maneiras. Porque você me faz ser eu, você me tira desse Christopher que criei, com você não é por uma competição, não é para ser melhor do que ninguém ou para ter algo que nunca tive. Com você é apenas o que sinto, como me sinto e o quanto me importo com você. Como eu disse, puramente egoísta.

Não consegui formular uma resposta que o defendesse, ainda estava aprendendo sobre essa coisa chamada amor. Será que manter alguém por perto porque essa pessoa te faz bem é egoísmo? Mesmo quando você é para ela um porto seguro?

— Eu não fui uma boa pessoa com a Gabriella. Não aceitei bem que ela o escolheu, acabei me tornando seu inimigo na visão dela. Eu quis machucá-la, forçá-la a ficar comigo, a me escolher. E me aproveitei para tirar dele a empresa que pensei ser o que ele mais amava, porque ele havia me tirado ela. Na minha visão conturbada, eu sairia como vencedor se ele não a tivesse e não tivesse a empresa. Se não tivesse nada, como eu nunca tive. Dessa vez eu quis que ele sofresse. Não sou uma boa pessoa.

— Serei obrigada a discordar. Você passou por muita coisa. Mas se tem algo que sei sobre você, é que é uma boa pessoa. A melhor delas. Você acha que o que fez por mim foi por puro egoísmo, porque não faz ideia do que significa para mim cada gesto seu. A maneira como você cuida de mim, como se preocupa e me entende. Como está sempre aqui por mim. Eu não sei o que seria de mim se você não tivesse aparecido. Acho que você foi a única coisa boa que o destino realmente fez por mim, mesmo que na hora errada.

— Não existe hora errada. Era pra ser exatamente assim. — Seu olhar caiu sobre mim com um misto de surpresa e curiosidade. — Você não está me julgando. Acha que sou bom.

— Eu sei que você é. Você é o meu anjo. Cometeu erros no seu passado, mas nada do que você fez é irremediável. Você pode corrigi-los, não para que não te julguem, mas para que você deixe de se julgar. Eu não vou julgá-lo, e não o acho menos perfeito do que achava antes. Vou enxergá-lo como você é comigo, e você é a melhor pessoa que eu conheço.

Seus olhos encheram enquanto acariciei seu rosto, sentindo uma vontade imensa de me jogar em seus braços, de dizer a ele o quanto ele estava em mim, o quanto eu precisava dele. E todos esses sentimentos que eram fortes demais para que eu conseguisse explicar. Ele segurou minhas mãos beijando-as com sofreguidão.

— As aparências enganam, amor. Você precisa se lembrar disso.

— Você não é os erros que cometeu, Christopher. Porque não consegue ver as coisas tão boas que fez? Use esses erros para aprender com eles. É para isso que eles servem, para nos ensinar.

Ele puxou minhas mãos fazendo-me aproximar mais dele.

— Você não está mesmo me julgando. Ainda me olha desse jeito que me faz querer ser o homem que você enxerga em mim. Eu amo tanto você,

Ellen, tudo o que eu queria era ser esse homem.

Puxei minhas mãos das suas, meu coração feito um louco por sua declaração, e minha mente gritando que ele não deveria me amar, mesmo que fosse a melhor coisa do mundo ouvi-lo dizer que sim. Segurei seu rosto mantendo seus olhos nos meus.

— Christopher, você não pode me amar. Não faça isso consigo. Por favor, eu te imploro. Não se sinta assim por mim.

Ele me acomodou em seu colo, os olhos fixos nos meus, e respondeu com certeza e calma.

— Eu te amo. E se eu pudesse escolher amá-la ou não, ainda assim a amaria.

— Não, não posso fazer isso com você, isso não está certo! — As lágrimas rolaram por meu rosto e ele as secou. Eu queria dizer que não queria seu amor, mas estaria mentindo, e ouvi-lo dizer que me amava soava como uma música doce que alcançava a alma, fazia tudo fazer sentido, moldava o mundo à minha volta em um lugar melhor.

— Você foi minha salvação e minha válvula de escape. Foi meu motivo, minha coragem e meu caminho. Eu não procurei por você, você apareceu pra mim, e fez tudo fazer sentido. E se aprendi alguma coisa com você, foi que há acontecimentos que não podemos controlar, porque eles são exatamente como deveriam ser. Então não existe uma maneira de me fazer pensar que isso é errado.

— Não, Christopher...

— Você não está chorando assim porque quer que eu te esqueça, você quer ouvir isso tanto quanto eu preciso falar. Você disse que posso aprender com meus erros, e está certa. Perdi duas mulheres que pensei amar por não dizer antes o que eu sentia, e sendo você, a mulher que amo mais do que a minha própria vida, não vou cometer o mesmo erro. Eu te amo. Muito mesmo. É bom que se acostume a me ouvir dizer isso, porque não vou esconder.

Passei meus braços por seu pescoço e ele repousou os lábios em minha testa.

— Você tem que pensar no depois. Quando eu não estiver mais aqui, o

que vai acontecer com você?

— Não me importa. É por isso que está preocupada? Porque vou sofrer depois? Ellen, eu já vivia em agonia e solidão. Foi você quem mudou isso. E se você pode me dar momentos de tanta paz e felicidade como tem feito então só posso ser grato e amá-la ainda mais, com tudo de mim. E sim, provavelmente morrerei com você, mas minha vida terá valido a pena porque eu amei você.

Me joguei em seu peito e ele me abraçou, aninhando-me em seu colo e beijando minha cabeça. O amor que ele tinha por mim invadindo-me, acalmando-me. Quase dissipando o medo de fazê-lo sofrer.

— Você é minha nova prioridade. Preciso que você fique bem, que seja feliz. Não poderei descansar sem isso — confessei na esperança que ele entendesse que esse descanso não estava longe do momento que estávamos vivendo.

— E você ainda quer que eu deixe de amá-la.

— Christopher... — tentei insistir, mas ele me calou com um beijo quente e apaixonado, seguido de outro que quase me tirou o fôlego.

Deitou-me delicadamente sobre os travesseiros, seu corpo pairando acima do meu, seus braços à minha volta e seus lábios dominando cada pensamento e sentimento que eu tinha. Beijou-me assim, com toda sua paixão e desejo, até que eu ficasse sem ar, então deitou a cabeça sobre meus seios e ficamos assim por vários minutos. Logo, voltou a me beijar, suas mãos passeando por meu corpo, sua ereção pressionando minha perna, parando apenas quando meu ar faltava.

— Nós precisamos ir dormir — lembrei bocejando após mais uma sessão de beijos, mesmo não querendo acabar com aquela noite íntima e reveladora.

Ele assentiu, também não querendo que aquela intimidade se rompesse.

— Quer que eu durma com você? — perguntou esperançoso e eu sabia que deveria dizer não, mas me peguei assentindo.

— A gente pode dormir aqui mesmo?

— No tapete da sala? — perguntou surpreso. — Está com medo de

ficar em uma cama comigo, Ellen? — provocou.

— Não acho que o tapete da sala te impediria de fazer alguma coisa, se você estivesse disposto a fazê-la.

Seus olhos brilharam e seu sorriso travesso me fez rir antes mesmo de ouvi-lo.

— Está me dando permissão para convencê-la gentilmente a fazer amor comigo aqui no tapete da sala?

Ri alto, tentando abafar o fogo que suas palavras e seu olhar reacenderam em mim.

— Como se você precisasse de permissão, ou tivesse qualquer gentileza quando tenta me convencer disso. Mas não. Estamos cansados, foi uma noite intensa.

— Todos os momentos com você são intensos. Você me mantém vivo como nunca estive antes. Vou pegar as cobertas, não fuja.

— Por que eu precisaria fugir? Você não vai me seduzir, não é? Não faça isso. Por favor não tire sua roupa.

Dessa vez ele riu alto enquanto se afastava e fiquei ali com o coração aos pulos e o corpo todo em alerta esperando seu retorno, temendo e ansiando por ele.

Aconcheguei meu corpo ao seu, seu cheiro invadindo minha mente, seu calor me fazendo querer permanecer ali para sempre e de repente era o que eu mais queria. Mais tempo para ficar com ele. Dias não seriam suficientes, nem meses. Eu não queria morrer, queria viver aquilo que me dominava daquele jeito e me fazia tão feliz!

Acordei em um lugar quente e confortável, que com certeza não era o tapete no chão da sala. Estava no meu quarto, na minha cama e sol lá fora já brilhava alto, iluminando a tarde fria. Levantei-me e fui procurar por Christopher, as lembranças da noite anterior voltando aos poucos, causando-me uma urgência inexplicável em vê-lo e abraçá-lo. Não me preocupei em vestir uma roupa que não estivesse amarrotada, ou pentear os cabelos. Ouvi sua voz e me aproximei, e arrependi-me imediatamente de não ter pelo menos

escovado os dentes.

Havia uma mulher perfeitamente alinhada em sua sala. O cabelo em cachos perfeitos, o terninho muito bem passado, uma saia colada ao corpo sem um amarrotado sequer e uma maquiagem leve que a fazia reluzir. Quis sair correndo de volta ao banheiro, mas Christopher pegou minha mão, apresentando-me a ela.

— Elle, esta é Laura, ela está aqui para ajudar você a decorar nosso apartamento.

Levei uma porção de segundos para assimilar suas palavras e responder à mão estendida da decoradora.

— Ela vai fazer a sua vontade, só não quero que se canse andando pelo centro e carregando quadros pesados, tudo bem?

Minha cabeça ainda zunia e ao invés de cumprimentá-la com palavras, respondendo sua educação comigo, dirigi-me a Christopher.

— Você vai decorar o apartamento? Vai chamar este lugar de lar?

Ele sorriu, um sorriso calmo e lindo em seu rosto tão bonito. O tipo de sorriso que deveria viver ali.

— Nós vamos decorar e sim, está mais do que na hora de chamarmos nosso lugar de lar.

Ele estava melhorando, tinha um sorriso sincero no rosto e uma casa de novo. Pulei em seus braços não contendo a felicidade que senti por ele. Por vê-lo finalmente bem.

— Bom dia, Laura! Eu vou apenas me trocar e já volto.

Ela assentiu e Christopher aproximou seu rosto do meu, seus lábios em direção aos meus, mas afastei-me em um pulo estendendo as mãos.

— Eu ainda não escovei os dentes. Um minuto — avisei e corri para o quarto, ouvindo sua risada.

Já vestida e devidamente apresentável, abri a porta do quarto para encontrar Christopher ali, seus olhos com um brilho que raramente via neles. Estendeu os braços e me puxou em um abraço apertado.

— Eu te amo — sussurrou em meu ouvido.

— Não, Christopher, você sabe que eu...

— Não fale — interrompeu-me colocando seu dedo nos meus lábios.
— Apenas acostume-se. Eu te amo. Vou dizer o tempo todo, não adianta brigar. — Ele depositou um beijo terno em meus lábios e me levou pela mão até a decoradora para criarmos um projeto para o apartamento.

E pela primeira vez na vida senti-me parte de alguém, era estranho como nossos gostos e opiniões combinavam, como o que agradava a um, também era o que agradava a outro. Tentei não dar qualquer opinião, já que era a casa dele, mas ele não me deixou ficar de fora, fazendo-me opinar, buscando as respostas em meus olhos e encontrando-as, criando algo que se parecia a um lar de contos de fadas para nós dois.

E tudo o que eu queria naquele momento era estar viva até ver aquele projeto realizado. Mentalmente, comecei a pedir a Deus que me desse mais alguns meses, apenas para que eu encontrasse um jeito de deixá-lo bem sem mim.

Após a visita da decoradora, era nítida a alegria em Christopher. Estava presente na maneira como falava, na paixão que enxergava em tudo, na empolgação em me lembrar detalhes do nosso projeto e até mesmo quando dizia que me amava sem ao menos dar-se conta, entre um assunto e outro, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Mas para mim não era. Era como um sonho, algo inimaginável, eu sempre quis ouvir alguém dizer com tamanha verdade que me amava, e sequer sabia disso. Era diferente de tudo o que já havia vivido ou sentido, diferente de tudo que já havia lido nos livros de romances ou visto nos mais belos filmes. Era melhor do que qualquer outra coisa que eu pudesse imaginar. A cada vez que ele dizia que me amava, sem qualquer esforço ou artimanha, eu me pegava querendo responder de volta. E logo eu que nunca tive filtros, nunca pesei o que diria antes que as palavras me escapassem, me peguei freando a língua e guardando meus pensamentos, porque ainda não sabia como faria para não machucá-lo.

Chegamos ao presídio e a alegria dele pareceu diminuir consideravelmente, assim como minha calma. As fotos estavam em minha bolsa e procurei não olhá-las mais do que o necessário. A ideia de que André pudesse ter de alguma forma machucado Liz, mesmo que verbalmente, fazia meus instintos de irmã mais velha protetora gritarem.

Ele veio me receber com uma expressão péssima. Parecia cansado, tinha enormes olheiras abaixo dos olhos e não tinha mais aquela raiva estampada no olhar.

Olhou de mim, sentada diante da mesa de sempre, para Christopher, parado a poucos metros de distância observando-o.

— Você trouxe o seu guarda-costas? — perguntou debochado encarando-me com ironia. — Fez exatamente o que eu disse que faria, não é?

— O que posso dizer? Sou uma pessoa obediente.

Ele assentiu e enquanto pensava na melhor maneira de começar aquela conversa, ele segurou minha mão por sobre a mesa, surpreendendo-me.

— Ellen, eu sinto muito pela maneira como a tratei, arrependi-me de ter terminado nosso relacionamento assim que você foi embora. Não sei onde eu estava com a cabeça. A vida aqui não é fácil, e deixei que mexesse demais comigo. Eu quero recomeçar, quero voltar ao que éramos antes, somos tudo o que o outro tem. Não quero mais brigar, eu sinto tanto a sua falta! Cometi um terrível engano ao terminar com você — disse olhando em meus olhos, no tom de voz dele, aquele de antes desse inferno começar, com a calma e o carinho com o qual eu era acostumada.

Mas ver o André de antes diante de mim não fez qualquer diferença em relação a descoberta que eu havia feito sobre meus sentimentos por ele. Não apagou nem um segundo a maneira como eu me sentia viva com Christopher, e não me fez sentir qualquer fiapo que fosse de culpa por fazer exatamente o que ele julgou que eu faria. No final das contas, ele estava certo o tempo todo.

— Fico feliz que tenha percebido — foi tudo o que disse e vi seus olhos decepcionados rolarem de mim para Christopher, transformando-se em raiva.

— O que ele está fazendo aqui?

— Por que você mentiu sobre onde estava no dia da morte da Liz?

Ele sorriu debochado, suspirando impaciente.

— De novo isso — reclamou.

— Não. Dessa vez é diferente, dessa vez tem isso também! — Joguei as fotos diante dele e ele as pegou.

Ficou um tempo observando-as e busquei a culpa em seus olhos, mas

não vi nada. Ele parecia apenas triste e preocupado. Deixou as fotos algum tempo depois e as empurrou em minha direção. As coloquei na bolsa porque não queria ficar olhando para elas.

— Esta é a prova que eles têm contra mim?

— Você acha pouco? Você mentiu para mim, André! Por que você fez isso?

— Porque eu sabia que você me olharia do jeito que está olhando agora! Sabia que me acusaria de tudo só porque fui burro o bastante para cobrar sua irmã no maldito dia em que ela foi assassinada! Ela não estava pagando a dívida, e fui cobrá-la, como eu iria imaginar que ela seria assassinada e eu seria preso por tentar fazer o que a faria feliz? Só tentei fazer a coisa certa, Ellen.

— A ameaçando? Por que você não parecia nada amigável nessas fotos! Você a machucou?

Minha respiração tornou-se pesada e procurei me acalmar.

— Eu nunca a machucaria — respondeu, mas desviou os olhos para Christopher antes de prosseguir. — Nunca faria nada para machucar você, e sei que sua irmã era sua vida. Eu não a machucaria, Ellen. Só menti por medo.

— Você precisa dizer a verdade agora, e precisa receber o advogado se não quiser passar o resto da vida aqui dentro.

— Achei que você tivesse deixado isso para lá — falou num tom mais baixo, percebi que para que Christopher não o ouvisse, e senti Christopher atrás de mim, o mais perto possível.

— Não vou deixar o assassino da minha irmã impune. Isso não é apenas por você, é principalmente por ela.

— Como você mudou. Quando se tornou tão fria? — questionou-me confuso e magoado.

— Meus sentimentos por você são os mesmos de sempre, André, acho que apenas estamos aprendendo a conhecê-los. O advogado virá te ver na segunda. Receba-o.

Levantei-me e afastei-me da mesa, esperei que Christopher me seguisse, mas ele não o fez. Estava encarando André que o encarava de volta.

Chamei seu nome, mas ele não pareceu ouvir. Toquei seu braço para que fôssemos embora e achei que ele fosse me seguir, mas virou-se para André novamente e disse com a voz firme e ameaçadora:

— Se você a machucar, se encostar em um fio de cabelo dela, sem que ela permita, eu mato você! Não importa onde eu esteja, estarei te vendo onde você estiver!

André engoliu em seco e não pareceu confuso com sua ameaça como eu estava. Christopher pegou minha mão e me tirou dali, o cenho franzido e a respiração acelerada, claramente com raiva.

— Chris, o que foi aquilo? — perguntei tão logo ele arrancou com o carro, ao perceber que não se explicaria por vontade própria.

Ele encostou o carro no acostamento e tirou o cinto de segurança, girando seu corpo em direção ao meu. Segurou meu rosto, parecia tenso e perdido de novo. Olhou em meus olhos buscando a verdade para sua pergunta:

— Ellen, eu preciso que você me responda uma coisa. Você gostaria de ter sua antiga vida de volta?

Pensei em ter Liz ao meu lado naquele momento, em contar para ela que eu estava apaixonada como ela vivia me dizendo para fazer, poder dividir com ela cada vez que Christopher me fazia sentir como uma boba sem controle. Pensei em ter minha irmã, minha melhor amiga de volta e não hesitei em responder.

— Sonho com isso todos os dias.

Ele assentiu, uma lágrima correndo por seu rosto, a sequei imediatamente e toquei seu cabelo macio.

— Chris, o que foi? Está tudo bem? Por que está chorando?

Ele pegou minhas mãos e as levou aos lábios, mantendo-as ali por alguns segundos antes de soltá-las, recolocar o cinto de segurança e arrancar com o carro.



Capítulo ONZE

Desde a ameaça confusa de Christopher a André e aquele momento estranho no carro, Christopher voltou a ter aquela tristeza estampada no rosto. Vez ou outra o flagrava olhando para mim, e era nesses momentos que sorria com verdade, mas logo a alegria se dissipava. Ele voltou a ser o enigmático homem preso em seus próprios pensamentos, nada disposto a dividi-los. Perguntei diversas vezes se ele queria conversar, tentei falar sobre como ele se sentiu diante de André, sobre o que passou por sua cabeça no carro, mas ele não respondia e acabei desistindo de tentar forçá-lo a falar sobre o que o estava incomodando.

Ele estava calado durante o jantar, pediu uma refeição qualquer ao invés de cozinarmos juntos, como fizemos no almoço, e eu não aguentava mais vê-lo se fechando para mim.

— Por que você nunca ouve música? — perguntei tentando puxar assunto e ele me encarou divertido.

— Quem disse que não ouço?

— Moro com você há um mês e nunca ouvi música aqui. Vou colocar algo para nos acompanhar durante o jantar — falei pegando meu celular.

Apertei o play e a música que eu estava ouvindo meses atrás, antes da morte de Liz, continuou de onde parou.

*Minhas mãos percorrem soltas
As estradas do teu corpo,
Demonstrando estarem aflitas
À procura de socorro.
Os meus olhos navegam
Numa busca delirante no teu corpo,
Um oceano lindo deslumbrante*

Ele riu alto, deixando o garfo sobre a mesa e cobrindo o rosto com as mãos.

— Não acredito que é esse tipo de música que você escuta.
Dei de ombros entoando desafinada o refrão que se seguiu.

*Você nasceu pra mim
Eu nasci pra você
Eterno amor, é sempre assim que deve ser*

Ele continuou rindo, mas aquele clima pesado não estava mais ali. Seus olhos se fixaram em mim nos versos seguintes e não consegui me mover enquanto me olhava daquele jeito apaixonado.

Assim que terminei de comer, vendo seus olhos rolarem vez ou outra desacreditado da música que eu gostava, ele me estendeu a mão com seu jeito galante, em um floreio exagerado.

— Você me daria a honra desta dança?
— Você vai dançar Sampa Crew? Depois de me zoar por ouvi-los?
— Gostos são gostos, o que posso fazer?

Toquei sua mão feliz por tê-lo de volta e ele me guiou até o centro da

sala de estar, tocou minha cintura, puxando-me de encontro ao seu corpo, seus braços me rodearam prendendo-me a ele e cantou no meu ouvido o verso seguinte, da música seguinte que ainda rolava, com um timbre perfeito e delicioso que fez meu corpo todo se aquecer.

*Você não tem ideia do bem que me faz
Te conhecer foi tudo de bom, ah, e muito mais
Eu não acreditava que alguém fosse capaz
De pegar meu coração desse jeito perfeito
Só tenho medo que não seja para sempre
O que sinto por você não sentirei por mais ninguém
Baby...*

Afastei-me em um pulo apontando o dedo para ele.
— Você sabe cantar! E canta muito bem! Sua voz é linda!
Ele exibiu um sorriso triste que só compreendi quando o próximo verso da música soou.

*Mas se você não está aqui
Quem vai me fazer sorrir?
Quem vai me fazer sonhar?
Ninguém baby
Mas se você não está aqui
Quem eu vou querer beijar?
Quem vai me fazer tão bem?
Ninguém baby*

— Ao menos é propício ao momento, sua música — comentou em seu tom fingido de zombaria, com aquele amor e tristeza nos olhos, e mais uma vez lamentei meu destino iminente que me impediria de curtir mais de momentos assim com ele.

Tentei disfarçar a tristeza e corri até meu telefone, desligando a música que nos lembrava de algo que eu queria cada vez menos pensar.

— O que tem de música no seu celular? — perguntei e ele voltou a sorrir, apontando para seu telefone sobre a estante da sala.

— Mas te aviso que não sou tão brega quanto você.

Fiz uma careta em resposta, peguei o aparelho e quando a tela acendeu, surpreendi-me pela imagem de fundo nela. Era um coração flutuante, um coração suspenso.

— Você me explicou bem sobre esta técnica, mas encheu meu coração com sentimentos fortes demais, e tornou-se impossível para mim aprender a executá-la — explicou ao ver que eu encarava a tela. — Quer ver uma coisa legal? Va até o meu quarto.

Depositei seu celular na mesa e o encarei desconfiada.

— Ei, não sou eu que escuto músicas sobre seguir incansáveis rumo ao apogeu — brincou.

— Ah, cale a boca! Você conhece todas as músicas, é um fã embutido.

A passos lentos alcancei a porta do seu quarto e confesso que meu coração estava aos pulos quando a abri. Ali, num canto da parede ao lado de sua cama havia uma guitarra. Era preta, reluzente e linda! Fui até ela extasiada e a peguei.

— Você toca? Você canta e toca! — deduzi maravilhada.

— Mas não Sampa Crew, com certeza — respondeu divertido.

— Toca pra mim — pedi estendendo-a a ele.

Ele sentou-se em sua enorme cama e fiquei de pé, diante dele, literalmente segurando a baba ao vê-lo tão lindo, dedilhando a guitarra, logo, um som conhecido tomou o ambiente, e sorri em antecipação pela música que amava. *Savin me*, do Nickelback.

Sua voz rouca somou-se ao som da guitarra e me perdi completamente nele.

Os portões da prisão não se abrirão para mim

Com estas mãos e joelhos eu estou rastejando

*Eu alcanço você
Bem, eu estou aterrorizado com essas quatro paredes
Estas barras de ferro não podem aprisionar minha alma aqui
Tudo que eu preciso é você
Venha, por favor, estou chamando
Eu estou gritando por você
Apreste-se, estou caindo
Estou caindo*

*Mostre-me como é
Ser o último a ficar de pé
E ensine-me a diferença entre o certo e o errado
E eu te mostrarei o que posso ser
Diga isso para mim
Diga isso por mim
E eu deixarei essa vida para trás
Diga se vale a pena me salvar*

Ele parou de cantar e olhou para mim, deixou a guitarra sobre a cama e com aquele fogo em seus olhos, me estendeu a mão. Mais do que depressa a toquei, e ele me levou para seus braços, prendendo-me em seu colo. Nossos corpos caíram sobre a cama macia e logo ele girou, seu corpo acima do meu, e me beijou. Sua barba já começava a nascer, fazendo cócegas pelo meu pescoço quando pressionou seus lábios e língua por ele e tomou minha boca de novo. Minhas mãos percorrendo seu peito e barriga por baixo da blusa, precisando de mais daquele contato, mais daquele calor. Sua língua dominava a minha em uma dança que me fazia derreter e seus braços fortes à minha volta me davam a certeza de que com ele estaria sempre protegida.

Seus lábios desceram dos meus, passando por meu pescoço e pairaram acima do decote da roupa que eu usava, vagarosamente, ele os depositou ali, passeando, sua barba por fazer fazendo-me gemer em antecipação. Ele sorriu, voltou seus lábios aos meus, e afastou-se. Meu ar era raro, eu devia estar

vermelha pelo fogo que sentia em meu rosto e ele estava excitado. E mesmo assim, ele pegou uma toalha, entrou no banheiro e fechou a porta.

— Se você quer ir devagar comigo, só queria que soubesse que não estou pedindo isso — falei e ouvi o chuveiro ser desligado.

Ele abriu a porta e apareceu diante de mim molhado e nu. E precisei me recordar de como puxava o ar e o expulsava para não desmaiar ali mesmo.

— Não estou indo devagar com você por querer, acredite em mim, tudo o que eu quero é levar você agora mesmo para esse chuveiro comigo.

— Eu gostaria disso. Adoro água quente — comentei sem conseguir desviar meus olhos de seu corpo e ele riu, seus olhos imitando os meus, passeando por todo meu corpo.

— Há algo que ainda precisa descobrir sobre mim antes que seja minha desse jeito.

— Então me conta.

Ele assentiu.

— Vou te contar mais tarde, preciso me preparar primeiro.

— Ou você pode me contar depois... — Ele sorriu dando um passo em minha direção e tocou meu rosto com sua mão molhada, seu corpo tão perto do meu que quase derreti com seu toque. — Você acha que vou ficar magoada com o que vai me dizer, não é?

— Eu sei que vai. E apenas por isso não vou tomá-la agora mesmo, porque é o que mais quero fazer desde que botei os olhos em você. E se, por algum milagre, depois do que eu confessar, você ainda quiser fazer amor comigo, prometo que não a deixarei dormir por dias.

— Vou te cobrar essa promessa — respondi afastando-me antes que tivesse uma síncope e ao invés de ir para a cama dele, teria que ir para o hospital.

Não consegui me preocupar com o que ele me diria, eu adorava que ele estivesse se abrindo comigo, adorava conhecer seus demônios e ajudá-lo a dissipá-los. Sabia que não seria nada tão grave assim.

Quando ele se aproximou de mim com o rosto tenso, e aqueles olhos cheios de amor, meu peito pareceu encher até quase explodir. Eu amava

aquilo, amava compartilhar aqueles olhares com ele, amava que era ele quem queria dividir algo seu comigo. Pensava em como seria feliz se pudéssemos ter mais disso, se pudéssemos ficar juntos para sempre. Sem o medo da morte iminente sobre nós. Desde que descobri minha doença, a aceitei. Sofri, briguei com o destino, mas nunca me queixei por este golpe injusto da vida, nem lamentei por ser esse o meu caminho. Nunca quis ser ingrata com o que tinha recebido de bom da vida, lamentando a única coisa ruim. Não até aquele momento. Olhando para ele enquanto se aproximava, identificando a maneira como meu coração, mente e alma reagiam a ele, me perguntei por que eu tinha que morrer tão cedo? Por que não podia ficar mais tempo com ele? Por que a merda da vida tinha que ser tão injusta dando-me uma sentença tão definitiva quando eu me sentia mais viva do que já estive? Se era este o meu destino então por que eu tive que conhecê-lo e por que tive que me apaixonar por ele daquele jeito?

Ele correu até mim amparando-me e só então dei-me conta de que lágrimas corriam por meu rosto.

— O que foi, meu amor? Eu a magoei? — perguntou preocupado.

— Não. Eu só... — Afastei-me dele ficando de pé e escondendo o rosto entre as mãos. — Eu odeio isso! Eu já havia aceitado meu destino, estava tranquila quanto a isso, aí vem você e me faz esquecer que estou morrendo. E me faz questionar tudo e lamentar tudo e querer mudar minha vida só para viver com você! E agora eu não posso mais aceitar isso, não posso estar em paz porque não quero deixá-lo. Eu não quero deixá-lo!

Ele foi até mim e me abraçou, tirou minhas mãos que cobriam meu rosto e olhou em meus olhos. Seus olhos também estavam cheios. Esperei que fosse me dizer que iríamos dar um jeito, que iríamos ficar bem, que apenas tínhamos que viver o que sentíamos, mas não foi o que ele fez. Vagarosamente, para que eu assimilasse apesar das lágrimas que turvavam meus olhos, ele confessou o que sabia que me magoaria:

— Eu fiz o seu ex a tratar mal para que você gostasse mais de mim.

Apesar de ouvi-lo perfeitamente, não entendi o que quis dizer e ele continuou.

— O visitei algumas vezes e o ameacei, o fiz enxergar que não era justo que a mantivesse presa a ele, quando tinha pouco tempo de vida.

— Você não fez isso — neguei afastando-me dele, dessa vez, meus olhos buscando nos dele a verdade. Buscando desesperadamente a sombra de uma mentira.

— O carro da empresa que dei a você, eu mandei sabotar. Então a segui, sabia que ele quebraria e você precisaria de mim, e eu pude ser o seu herói.

Neguei com a cabeça não conseguindo assimilar, e ele não esperou para continuar.

— Eu a seguia todas as vezes em que você ia vê-lo na prisão, para certificar-me de que estaria ali se precisasse. Por isso estava sempre por perto. Fiz isso no dia do seu aniversário, fingi que foi coincidência para fazê-la ir à festa comigo. Isso foi o de menos, eu sei. Eu descobri sobre a hipoteca da sua casa, o banco não ia tirá-la de você, ia apenas cobrá-la então eu subornei o gerente e o fiz colocá-la no leilão mais próximo, a comprei e mandei que a despejassem.

Meu ar falhava e meu coração reagia com pontadas que pareciam perfurar meu peito.

— Por que você fez isso? — minha voz saiu apenas um sussurro, mas ele o compreendeu.

— Porque eu precisava que você me olhasse como fez naquela noite do acidente. Que me visse como seu anjo, seu herói. Eu tinha que cuidar de você, que ser útil a você, ser sua salvação como você é a minha. Eu precisava que você conhecesse um amor verdadeiro. Achei injusto demais que morresse assim, sem ter sentido algo tão verdadeiro e eu não poderia fazê-la me amar sendo quem sou de verdade. Eu tive que ser um homem por quem você poderia se apaixonar.

— Você é louco! — gritei e me senti tonta.

Ele se aproximou e me afastei, empurrando sua mão.

— Não toque em mim! Não toque em mim!

— Ellen, por favor.

— Por favor, o quê? Quer que eu vá pra cama com você agora? Você me machucou de todas as maneiras possíveis só para colocar um curativo por cima e quer que eu te agradeça?

Ele negou com a cabeça.

— Por favor, acalme-se. Eu não pensei que isso a faria sentir-se assim. Onde está seu remédio?

— Não banque o preocupado comigo agora!

Puxei o ar com dificuldade, minha cabeça girava e meu peito doía. Apoiei-me na parede mais próxima, a mão apertando o peito, tentando amenizar a dor.

— Isso eu não fingi. Eu a amo com tudo de mim, infelizmente isso é tudo o que sou. Mas eu a amo. Nada do que mostrei a você sobre meus sentimentos foi fingimento, você me viu como ninguém nunca viu, viu mais de mim do que eu mesmo.

— Cale a boca! Pare de falar! — pedi sentindo-me perder as forças.

Ele me pegou no mesmo instante e levou-me até meu quarto. Depositou-me na cama e aplicou o remédio para dor. Deitou-se ao meu lado, seus braços à minha volta. E eu queria pedir que se afastasse de mim, mas não tinha forças. Por ser tão fraca, caí totalmente em suas mentiras. Por ser fraca, não consegui nem mesmo sofrer por ele longe de seus braços, pois sentia que se ele se afastasse de mim, eu morreria naquele momento.

Deixei que toda aquela dor saísse, meus pensamentos em confusão e desalento. Mais uma vez eu não sabia identificar o que sentia, sabia apenas que aquilo doía, me rasgava por dentro. Por mais de uma vez achei que fosse morrer assim, sabendo que o único homem que amei não passava de uma farsa. Mas a respiração foi normalizando, o coração foi se acalmando e apenas aquela dor dilacerante parecia não querer diminuir.

Quando consegui parar de chorar, ainda presa em seus braços, presa ao seu silêncio, perguntei:

— Quando você provocava situações em que eu precisaria de você, o que sentia ao me ajudar?

Eu não sabia porque estava perguntado aquilo, achei que não faria diferença sua resposta.

— Além da culpa, eu me encontrava. Quando você me olhava com gratidão, e sorria com tranquilidade eu me encontrava. Eu sabia que era daquele jeito que eu queria viver para sempre, cuidando de você, fazendo-a

feliz. Foram os únicos momentos em que me senti mais eu, e não me odiei por isso.

Eu estava enganada. A resposta dele fazia diferença para mim e eu só podia ser mais louca do que ele por de repente, por causa de uma resposta ridícula, começar a entender suas atitudes. Eu deveria odiá-lo, deveria ir embora naquele momento e nunca mais voltar a vê-lo. Mas ao invés de estar tentando me proteger, estava pensando nele. Em todas as formas erradas com que viveu o amor em sua vida, em como ele poderia ter aprendido a agir de forma correta com as experiências que teve. Em como fui verdadeiramente viva e feliz por um curto período de tempo na vida, e foi com ele, assim como ele foi comigo. Porque eu podia não conhecê-lo nada como achei que conhecia, mas a paz e a sinceridade em seu sorriso nos últimos dias, comparados à tristeza e culpa que sempre o acompanhavam, eram a prova de que seus sentimentos, mesmo tão errados, eram verdadeiros.

— Eu quero ficar sozinha agora — pedi afastando-me dele sem olhá-lo e em silêncio ele atendeu meu pedido, deixando-me sozinha.

Passei o dia todo na cama, apenas respondi que estava bem nas seis vezes em que ele bateu na porta implorando que eu dissesse que estava viva. Eu deveria ir ver André? Falar que sabia que suas atitudes erradas comigo não eram culpa dele? Ou eram sim culpa dele, já que havia desistido de mim tão facilmente? A quem eu queria enganar? Ele já era grosso comigo, já me culpava desde antes de Christopher entrar em nossas vidas, o que mudou foi que provavelmente estaríamos juntos ainda, ele me culpando, eu sofrendo por ele e um prendendo o outro a um relacionamento que nunca deveria ter existido. E mesmo assim, comparando o que sentia quando ele me destratava e o que estava sentindo naquele momento por Christopher, preferia estar com André, presa a ele, e nunca ter conhecido Christopher. Doeria bem menos.

No segundo dia saí da cama assim que ele saiu de casa. Fui ao cemitério, sentei-me diante da lápide de Liz e fiquei ali, a observando. Esperando que ela entendesse minha dor sem que eu precisasse expô-la. Precisando sentir seu abraço para saber que havia alguém de verdade em minha vida. Fiquei ali por horas. Questionando-a por que me aconselhava a

amar se depois eu sentiria aquela dor, por que me aconselharia a viver intensamente daquele jeito, se depois eu morreria ainda mais? E o tempo todo lembranças de Christopher surgiam em minha mente, lembranças dos nossos momentos juntos. De cada olhar dele, cada toque, cada vez que eu podia sentir o que ele sentia por mim. Será que amar alguém é justificativa para ferir essa pessoa?

— Liz, eu tenho que entendê-lo e perdoá-lo só porque ele me ama? Isso se justifica? — Apenas o silêncio como resposta e minha mente respondendo por mim: não! — Liz! — gritei desesperada e soquei a lápide, não me importando com a dor na mão. — Você não está quando mais preciso de você, por que você foi embora? Eu te odeio! Eu o odeio! Não quero mais amá-lo, tira isso de mim! Liz!

Escondi a cabeça nas mãos, apoiando-me em sua lápide e voltei a chorar. Não sei por quanto tempo fiquei ali, se dormi, se foi apenas um segundo que pareceram horas, ou horas que pareceram segundos. Mas ele chamou meu nome. Seus braços me ergueram do chão enquanto ele me dizia que tudo ia ficar bem, que ele ia me levar para casa. Estava tão cansada que não briguei, não tentei impedi-lo nem me afastar. Deixei que me colocasse em seu carro. Que tocasse meu corpo em busca de algum machucado, que me levasse para casa. Deixei sem qualquer reação que ele me colocasse sob a água quente e tirasse minha roupa. Que cuidasse de mim e tentei ao máximo não senti-lo, não olhar em seus olhos e nem falar com ele. Ele me alimentou como se eu fosse incapaz de fazê-lo, e aceitei que eu era, e quando perguntou o que eu queria fazer, levantei-me e fui para a cama. Tranquei a porta para que ele entendesse que não era para entrar comigo.

No dia seguinte, ele estava me esperando quando saí do quarto. Passei por ele direto, mas ele me seguiu e com pesar, disse o que eu tinha que fazer:

— Você passou horas no cemitério ontem e por mais que a ajude a matar a saudade da sua irmã, precisa seguir em frente, meu bem. Você tem pouco tempo, já tem pessoas que a machucam o suficiente vivas, não pode mais sofrer assim por alguém que já se foi.

— E o que você quer que eu faça? Que deixe de sofrer por ela e pronto? Se fosse fácil assim eu não estaria sofrendo por você.

Ele engoliu a resposta e fechou os olhos. Algum tempo depois, voltou a falar:

— Você precisa aceitar que ela se foi para então poder superar isso. Quando estive no quarto dela, percebi que ela tem muitas roupas de frio, o tempo está frio.

Não entendia onde ele queria chegar.

— Você poderia doar as coisas dela a pessoas que estão passando frio, pelo menos as roupas se não quiser se desfazer de tudo.

— Não posso fazer isso.

— Sim, você pode. Vou com você, não precisa doar o que não se sentir forte o bastante para fazê-lo, mas precisa tentar. Precisa começar por algum lugar.

— Não quero.

— Vem comigo — pediu estendendo a mão. — As coisas dela estão em caixas num quarto nos fundos. Vamos ver o que você pode doar e vamos fazer isso juntos, tudo bem? Vai doar agora, mas não é como se já não estivesse doendo de todo jeito. Acredito que vai ajudar a passar a dor que sente por ela.

Eu não queria, não queria que a dor por ela passasse, pois assim me lembrava sempre dela. Mas peguei sua mão e o vi abrir cada maldita caixa, sentindo falta de seu cheiro naquelas roupas frias. Lembrando-me de ocasiões e momentos em que ela usara algo que estava ali. Nós passamos para as fotos, para seus objetos pessoais, joias, livros, diários. Ele não me deixou ver melhor os diários e as fotos dela, e pedi a ele que os guardasse.

Quando as caixas com quase tudo o que sobrou dela estavam amontoadas na sala, prontas para irem embora também, tive uma vontade súbita de desembulhar tudo e deixar aquelas coisas ali, onde eu poderia tocá-las, onde poderia senti-las.

— Leve essas coisas daqui, por favor — pedi.

— Não vou deixá-la sozinha. Você vem comigo, pode ficar no carro se quiser.

Desci com ele e acabei descendo também no abrigo onde fomos. E ver a felicidade e surpresa daquelas mulheres que não tinham nada ao receberem

de repente coisas tão belas, não serviu para amenizar a dor de estar me desfazendo de Liz daquele jeito.

Voltamos para a casa dele e fui direto para o quarto, joguei-me na cama sentindo um vazio imenso dentro de mim. Logo, seu corpo pesou a cama e pensei em pedir que me deixasse sozinha, mas ele foi logo falando:

— Não vou tocá-la se não quiser. Vou ficar aqui apenas para que saiba que estou aqui, tudo bem?

Assenti e escondi meu rosto no travesseiro o máximo que pude, deixando que a dor extravasasse ali. E no segundo em que não aguentei mais aquilo sozinha, me joguei em seus braços e ele me acolheu.

— Eu sei que isso não significa que você está me desculpando de alguma forma. Não espero isso, e não vou contar com isso. Fique tranquila, coloque isso pra fora aqui comigo, é mais fácil assim. Logo você irá dormir.

Eu queria dizer que ele estava mentindo, que não ficaria mais fácil, eu não conseguiria dormir, aquilo não passaria, mas foi exatamente o que aconteceu.

No quarto dia doía um pouco menos e voltei a trabalhar, sendo apenas profissional com ele. Sequer educada. Mas eu o via perdido, flagrava seus olhares em minha direção, a saudade e agonia neles e queria ajudá-lo. Queria abraçá-lo e fazer aquilo passar. E não entendia porque estava sendo burra assim. Por que o amor torna as pessoas tão dependentes da felicidade de outras? Doía mais em mim a forma como ele estava sofrendo, do que a minha própria dor.

Ele não voltou para a casa após o serviço naquela tarde. E pela primeira vez estive sozinha em sua casa, pensando que deveria ir embora, para qualquer outro lugar, medindo se sobreviveria a isso. Preparei o jantar e quando ele chegou, o estava finalizando. Pude ver a surpresa e a esperança em seu olhar ao ver-me ali, em sua cozinha. Ele conversou comigo e dei respostas curtas. Evitando olhá-lo para não ceder àquele desejo insano de me atirar em seus braços e pedir que ele fizesse aquilo passar, que fizesse tudo voltar a ser como antes.

Depois que terminei de lavar a louça, decidi dizer a ele que ia embora. Parei diante dele, jogado no sofá olhando para o nada, e seus olhos buscaram os meus, a saudade que senti quando nossos olhares se encontraram foi tamanha, que chegou a doer.

— Eu devo ir embora amanhã.

— Não. Você não tem que fazer isso. Posso sair daqui se não quer mais ficar perto de mim.

Neguei com a cabeça e sabia que deveria me afastar, mas não conseguia.

— Eu sinto muito por tudo o que causei a você, sinto de verdade. Eu me odeio por ter errado justo com você, entre todas as pessoas.

— Eu sei — foi tudo o que respondi.

— Eu sei que nunca fui digno do que você sentiu por mim um dia, qualquer gratidão ou carinho. Mas gostaria de pedir algo a você, se não for demais. Quero que se lembre de mim como me conheceu, porque você foi a única pessoa a me ver de verdade. E o que você viu em mim foi de verdade, então se lembre disso. Só quero saber que há alguém no mundo que sabe que posso ser melhor do que isso.

Assenti, minha voz saindo um pouco mais alta.

— Tudo bem. Obrigada pela estadia, Christopher.

Afastei-me dele e num rompante, ele pegou minha mão, guiando-me até a parede atrás de mim, seu corpo prendendo o meu. Segurou meu rosto olhando-me com desespero e tanto amor, que pensei que eu não poderia estar inventando aquilo. Sua boca aproximou-se da minha devagar, dando-me a chance de impedi-lo, mas não consegui fazê-lo. Seus lábios tocaram os meus com o mesmo desespero com que seus olhos haviam me prendido, e eu sentia tanta falta de seus beijos que correspondi. A saudade, o desespero, aquele amor tão grande entre nós tornando os beijos cada vez mais intensos. Quando o ar começou a sumir ele afastou nossos lábios, beijando meu rosto, de olhos fechados, pediu:

— Por favor seja minha, eu não suporto mais não ter você. Faz amor comigo, Elle, por favor. Por favor.

Ele abriu os olhos azuis turvos pela paixão, segurou meu rosto com

força, cravando em mim aquele olhar suplicante.

— Seja minha uma vez, uma única vez e prometo dar o que você precisa. Prometo que vou fazer isso passar, vou fazer você me esquecer e trazer sua felicidade de volta. Eu juro a você. Só seja minha esta noite.

Indo contra qualquer senso de preservação e sensatez, concordei com a cabeça. Um pequeno gesto apenas, mas que foi o suficiente para sua boca voltar à minha, seus braços fortes me levantarem do chão, e totalmente presa a ele fui guiada até o sofá, onde me depositou com pressa. Sua roupa sumiu em um segundo e a minha não demorou a sumir também.

Seus olhos se fixaram em meus seios e como reflexo, cobri a cicatriz ali, onde havia feito algumas cirurgias. Mas ele tirou minha mão, descobrindo-a e voltou a me beijar, descendo seus beijos pelos meus seios, passando pela cicatriz como se ela não fosse nada, descendo ainda mais, pela minha barriga, suas mãos segurando-me firmemente enquanto tirava a última peça que o impedia de chegar até mim. Seus lábios me preencheram ali e gritei seu nome em desespero, totalmente perdida em sua boca, em seus toques, nos seus braços fortes que apertavam minha pele com posse.

Mal lembrei de manter o ar, totalmente entregue ao prazer que sua boca me proporcionava. E quando seu calor sumiu dali, choraminguei em abandono pedindo mais, e ele deu, sua língua fazendo de volta o caminho até alcançar minha boca. Seu membro duro pressionando minha coxa, movi meu quadril à procura dele, movida pela necessidade pura de tê-lo em mim. Agarrei seus braços pressionando-os como se minha vida dependesse disso, prestes a implorar se fosse preciso que ele não adiasse mais aquele momento. Mas não foi preciso. Ele olhou em meus olhos uma última vez e sussurrou:

— Eu te amo tanto!

Seu membro me preencheu neste instante, tirando toda a força de raciocínio, fazendo-me emitir apenas grunhidos, passei meus braços por seu pescoço e o puxei para mim, exigindo mais, precisando de um contato maior com sua pele, e ele entendeu meu pedido silencioso. Me penetrou mais fundo, mais forte, seus braços me erguendo do sofá para me posicionar sobre ele. Meus seios passeando pelos fios loiros de seu peito enquanto ele me levantava e abaixava sobre seu membro. Sua boca tomando de mim tudo o que queria, o que pertencia a ele. Eu não queria que aquilo acabasse nunca e

ao mesmo tempo, precisava chegar ao ápice que ameaçava se aproximar, precisava gritar seu nome e sentir seu êxtase junto ao meu.

Choraminguei sem saber ao certo o que estava pedindo, e mais uma vez ele me atendeu. Deitando seu corpo sobre o meu, penetrando-me mais rápido, mais forte, sua língua dominando a minha, dividindo sua respiração comigo. Seu polegar me tocou com força, demonstrando sua urgência e me rendi, gritando seu nome enquanto me perdia nele, sentindo-me mais amada do que já havia me sentido. Seus braços me apertaram enquanto ele gemia mais alto, atingindo seu próprio prazer, prendendo meu corpo ao dele, como se eu fosse capaz de me afastar.

Quando nos acalmamos, ele se certificou de que eu estava respirando. Saiu de cima de mim deixando-me com frio imediatamente, mas logo me pegou em seus braços, levando-me até seu quarto, até sua cama. Deitou-se comigo e mal esperei que nos cobrisse para me aninhar a ele. Ele depositou beijos ternos por minha testa e acariciando meu cabelo, disse em meu ouvido com sua voz rouca e doce.

— Eu te amo, minha linda menina. A amo mais do que qualquer outra coisa nesta vida. Nunca duvide disso, não se esqueça disso e jamais aceite menos do que isso de alguém.

Eu queria responder que não esqueceria nem que quisesse, e não queria realmente esquecer a sensação de estar com ele, de ser amada por ele, de pertencer a ele. Indo contra tudo o que sempre acreditei sobre amor, sobre entrega e posse, sentir-me dele foi a melhor sensação que experimentei na vida. Adormeci quando ele começou a cantar baixinho para mim com sua voz deliciosa acalmando-me, acolhendo-me. Me perdi em seus braços e dormi como não fazia há dias.

Acordei com o sol iluminando o grande quarto. Aquela não era a cama em que eu havia dormido no último mês, era maior, ainda mais gostosa e aconchegante. Christopher não estava ao meu lado, então corri para seu banheiro e tomei um banho rápido ansiando em vê-lo. Queria dizer a ele que podíamos tentar. Se ele estava disposto a relevar meu estado de saúde, eu estava mais do que disposta a relevar seus erros. Nós dois sofreríamos um pelo outro, mas havia dores que valiam a pena. Para tê-lo dentro de mim

outra vez, tudo valeria a pena.

Chamei seu nome tão logo deixei o quarto, mas não o encontrei em lugar nenhum. Sobre a mesa de centro da sala havia uma foto e um bilhete com meu nome. Sorrindo como uma boba, aproximei-me dele, mas senti-me congelar ao ver a foto. A peguei tentando controlar o quanto minhas mãos tremiam. Era Liz e Christopher. Juntos. Estavam em um bar, numa mesa rodeada de pessoas, mas ela estava nos braços dele, com um copo de bebida na mão. Os braços dele em volta dela, como se fossem íntimos. Ele havia mentido sobre não a ter conhecido melhor.

Sentindo o ar falhar, tentei controlar minha respiração enquanto abria o bilhete. Com sua letra perfeita e traços fortes, ele acabou comigo em poucas palavras.

Ellen, sinto muito por isso. Mas prometi a você que veria o verdadeiro assassino da sua irmã pagar pelo que fez, prometi que teria sua vida de volta e nunca mais quero falhar com você. Fique bem, lembre-se de respirar e por favor, pegue seu remédio.

Ligue a televisão, em qualquer canal. Acredito que não estejam falando de outra coisa hoje.

Entendi de imediato que aquela era a verdadeira foto que ele havia achado no quarto de Liz, que havia escondido de mim quando me ajudou com a mudança. Minha mente traiçoeira queria ligar os pontos, mas não permiti. Tentando puxar o ar que parecia pesado demais, liguei a televisão. E li a notícia poucos segundos antes de tudo ficar escuro.

Milionário executivo é preso por homicídio

Christopher Becker acaba de se entregar pelo assassinato da jovem Eliza Dummont, em janeiro deste ano.

Era ele. O homem a quem eu amava, para quem havia acabado de me entregar.

Christopher Becker era o assassino da minha irmã.



Parte 2

Diário de Christopher Becker

Presídio de Caxambu – 22 de agosto de 2014

Ellen

Ellen

~~Ellen~~

Elle

É estranho que eu esteja contando sobre mim há algumas semanas neste livro que você me deu, mas não tenha falado com você. Uma vez, você me perguntou pelo meu passado, e te contei sobre as mulheres que pensei amar. Mas nunca te contei sobre a única mulher que eu realmente amei, que ainda amo, e sempre amarei. Esta mulher é você, Ellen. E eu sinto por você um amor tão grande, tão intenso, que posso me perder nele e esquecer onde estou e o que fiz.

Sinto sua falta. Tanto que às vezes penso que seria preferível a morte, do que viver sem você desse jeito. Mas não me arrependo do que fiz. Arrependo-me apenas de ter que manter esta versão para você. De recebê-la neste lugar onde você não deveria mais pisar e não poder acabar com a tristeza em seus olhos contando-lhe toda a verdade. Sei que você não sobreviveria a ela. E nunca pensei que fosse sofrer tanto assim pela minha mentira, já que só a criei para fazê-la feliz.

Naquele dia em que a acompanhei até aqui, e a ouvi dizendo a ele que seus sentimentos por ele não haviam mudado, uma parte de mim se perdeu. Aquela que tinha a ilusão inocente de que você me amaria um dia. Mesmo assim precisei confirmar isso com você, precisei ouvir da sua boca, e você nem hesitou em dizer que queria sua antiga vida de volta. Uma vida onde você o teria, um tempo do qual eu não faria parte. Percebi ali que não

importava o quanto eu a fizesse pensar que eu era seu anjo, seu herói, seu amor. Você sempre o amaria, e sempre desejaria sua vida de volta com ele.

E não seria justo da minha parte ter mentido tanto para você, para que você acreditasse em cada gesto de heroísmo meu, se na hora de realmente protegê-la eu não o fizesse para não ficar sem você. É apenas por amor que menti e o deixei livre. Apenas porque a amo prefiro que você seja feliz do que que eu seja livre. Sendo sincero nunca mais serei livre. E não é culpa de um crime que não cometi, mas desse sentimento que me domina a cada dia. Do quanto cresce sempre que a vejo, e vejo sua compaixão, sua saudade. Sempre que você tenta me fazer falar que estou mentindo, que não sou esse monstro que você precisa acreditar que sou.

Eu queria poder dizer a verdade a você, queria tê-la dito desde que a descobri, mas acredite meu amor, a dor que você sente por eu estar aqui não é nada comparada à que sentiria se descobrisse a verdade. Sou alguém com quem você claramente se importa, alguém por quem tem compaixão. Mas a verdade tiraria de você as pessoas que mais ama na vida, a verdade que acredita sobre elas e senti, como ainda sinto, que você não aguentaria isso.

Quando você foi minha, prometi que daria o que você precisava, que daria sua felicidade de volta. E você precisava dele. Da sua vida antes de tudo desandar. Do seu amor seguro. Espero que ele aprecie meu sacrifício, embora não tenha sido em nenhum momento por ele, e que a esteja tratando como você merece. Porque sei que se ele fizer menos do que isto, irá pagar caro. E ele também sabe.

Sabe, meu amor, você me disse que meus erros do passado eram remediáveis, mas você estava enganada. Um erro do meu passado, acredito que o maior deles, acabou por colocar minha cabeça a prêmio aqui dentro. Minha vida não está segura, e por mais que eu saiba que deveria assumir meus erros e deixar que o destino decida sobre o meu futuro, não posso, porque não quero que sofra ainda mais com a minha morte. Você vem aqui todos os dias, e acredita que posso ser melhor do que sou. Parece cada dia mais fraca. Cada dia mais, é um dia a menos para você, e não quero causar mais nenhuma dor a você, que possa acelerar esse tempo tão curto que você tem.

Eu sinto muito por ter que fazer isso, sinto não apenas porque não irei

vê-la mais. Mas porque além de achar que sou um mentiroso, um assassino e um monstro, também pensará que sou covarde. Porque irei fugir sem cumprir minha sentença, a sentença que você acredita que mereço. E se tem uma coisa que aprendi amando você, foi a ter coragem.

Espero de todo coração que minha fuga não impeça sua felicidade. Serei para sempre um fugitivo, assim como um prisioneiro da falta que você vai me fazer. Então por mim, minha pequena, siga sua vida, viva-a da melhor maneira enquanto pode, e não permita mais que meus erros a machuquem.

Eu sei que você nunca vai ler isto, nunca vai saber que sou inocente, como tenta pensar que sou. Mas também sei, a cada vez que nos vemos, a cada vez que digo isso e você entende, que sempre saberá que eu a amo.



Capítulo **DOZE**

Junho de 2014

dois meses antes

Ellen

O sonho era de mentira.

Acordei como se tivesse tido um pesadelo terrível e muito longo. Sentia-me extremamente triste e cansada, e as lágrimas rolaram por meus olhos mesmo antes de eu conseguir abri-los. Identifiquei o incômodo em minha mão e nariz, assim como a garganta seca e os travesseiros confortáveis demais. Só não sabia como eu havia ido parar ali. De repente me ocorreu que tudo não passou de um pesadelo, um mal-entendido, uma peça cruel do destino. Christopher estava livre, não era um assassino, e havia me socorrido, levando-me ao hospital. Abri os olhos indo contra o incômodo da luz forte e procurei por ele, mas ao invés de seu rosto lindo e preocupado pairar sobre mim, foi ela quem vi, Gabriella.

Ela estava sentada em uma poltrona ao meu lado, mas levantou-se assim que abri os olhos, servindo-me um copo de água.

— Oi, Ellen, como se sente? — perguntou com genuína preocupação.

— Oi, Gabriella. Não sei ao certo. Onde está o Christopher?

Fechei os olhos e esperei que ela dissesse que ele estava no corredor, na cantina, em sua casa, em qualquer outro lugar que não fosse a prisão.

— Ele me disse que você acordaria com sede. Por que não toma essa água primeiro e depois conversamos?

Assenti deixando que mais lágrimas caíssem por meus olhos. Com dificuldade, por conta da enorme barriga, ela sentou-se ao meu lado e levou o copo até meus lábios. Teve toda paciência e cuidado, repetindo o processo até que eu estivesse satisfeita. Esperei com os olhos fixos nela que guardasse o copo e se acomodasse na poltrona ao meu lado de novo. E sua expressão triste demonstrava que o que iria me dizer não seria fácil.

— Ele está preso, Ellen, eu sinto muito.

Neguei com a cabeça.

— Ele não fez isso. Não pode ter sido ele.

— Eu sei. Sinto muito por isso. Ainda não falei com ele, não sei o que aconteceu. Sinceramente, todos fomos pegos de surpresa quando ele se entregou, não sei porque ele faria uma coisa dessas.

Não faria. Apenas se sentisse culpa.

— Ele sentia tanta culpa! Por Sarah, por você e pelo irmão. Queria se redimir de seus erros, ele sentia culpa. Foi por isso que ele se entregou? Ele se sentiu culpado? — As lágrimas tornavam difícil minha dicção, mas ela pareceu entender. Voltou a se sentar na cama e segurou minha mão, seus olhos cheios, dividindo minha dor comigo.

— Ele não é uma má pessoa, tenho certeza que houve algum engano e logo tudo isso será esclarecido. Você vai ver. Tente não se emocionar tanto, você esteve muito mal.

Assenti fechando os olhos e só conseguia ver em minha mente a foto que ele havia deixado na mesinha de centro da sala. Ele e Liz. Íntimos, no mínimo, grandes amigos. Ele havia me dito que mal tinha trocado uma palavra com ela, que a havia visto uma vez, e era mentira. O quanto do que

vivemos também foi mentira? Além de cada vez em que me fez precisar dele?

— Por que ele mente tanto? — perguntei a mim mesma em voz alta.

— Eu não sei. Já me perguntei isso, mas creio que nem ele mesmo saiba. Mas ele a ama, Ellen, o que ele sente por você não é mentira. Ele precisou passar por cima de todo seu orgulho para me procurar depois de tantos meses e me pedir ajuda, pedir ajuda a Richard. Não deve ter sido fácil para ele.

A encarei confusa.

— O que ele pediu a vocês?

— Pediu a mim que estivesse no apartamento hoje de manhã. Me fez jurar que estaria lá com Richard, disse que você precisaria de ajuda. Chegamos lá e a encontramos desmaiada no chão da sala, a televisão estava ligada e foi assim que soubemos que ele havia sido preso. Nós a trouxemos para cá. Eu não sei o quanto ele contou a você sobre seu relacionamento com Richard, mas acredite em mim, ele teria que amá-la muito para pedir a ajuda dele.

Não respondi. Tentei processar aquela afirmação de que ele me amava. Amava mesmo? Por que então mentia tanto? O tempo todo! Naquele momento eu não sabia distinguir quem era de verdade, Christopher Becker. E meu coração doía como se eu tivesse perdido Liz de novo. Christopher cuidou de mim, me ajudou a superá-la, tocou suas coisas, fez amor comigo, como ele pode ser o assassino dela? Não fazia sentido! E mesmo assim, uma parte minha queria que ele aparecesse ali, que me desse uma satisfação, uma verdade ao menos, que me dissesse que não precisava odiá-lo, porque nada era o que parecia ser.

Nas horas que se seguiram, esperei tanto que ele aparecesse para me dizer que havia sido um engano, que cheguei a sonhar que ele estava ali. E eu dizia a ele que preferiria nunca encontrar o assassino da minha irmã, do que descobrir ser ele este monstro. No meu sonho, ele me jurava que não havia sido ele, que tudo se resolveria e ficaríamos bem e acordei acreditando nele.

Mas ele não estava. Ninguém estava.

Percebi que já era noite. A televisão estava desligada e eu queria ligá-la, só para ver que ele já havia sido solto, não precisava dessa cena de filme

onde ele entraria pela porta e me diria que era inocente e nos beijaríamos como se tivéssemos nascido de novo, eu só precisava saber que o veria na manhã seguinte. Que poderia dormir em seus braços de novo.

Gabriella entrou logo em seguida e assustei-me por ela ainda estar ali.

— Você precisa ir para a casa, tem que descansar. Não vai fazer bem ao seu bebê ficar tanto tempo aqui.

Ela deu de ombros jogando-se sobre a poltrona.

— Tenho ordens para não arredar os pés de perto de você até que receba alta. E não o faria, de qualquer jeito. Além do mais, minha menina está bem, ela aguenta uma noite agitada.

— Qual será o nome dela?

— Thamara. É uma homenagem a uma garotinha muito especial que conheci quando meu irmão iniciou seu tratamento contra a leucemia. Infelizmente, ela também se foi. Mas tenho certeza que ela trará nossa alegria de volta.

A dor era nítida em seus olhos ao falar do irmão, assim como a saudade. E apertei sua mão para tranquilizá-la.

— Tenho certeza que trará. Obrigada por ficar aqui. Será que você poderia ligar a televisão? Não consigo encontrar o controle.

Ela pareceu tensa com meu pedido.

— Ellen, acho melhor não. Por que você não dorme? Irá receber alta pela manhã, poderá ir para a casa, descansar e pensar nessas coisas depois.

Neguei com a cabeça e a olhei com convicção.

— Preciso saber o que está acontecendo, você não entende! Tenho que saber que isso tudo é mentira!

Ela assentiu e contra a vontade, me entregou o controle remoto. Não precisei procurar muito, o segundo canal pelo qual passei, falava da chocante confissão de um dos herdeiros da gigante Becker Records. Uma foto de Liz estava em um canto da tela e imagens de Christopher sendo transferido para o presídio tomavam todo o resto dela enquanto a matéria falava sobre o crime.

— Ele apresentou provas? — perguntei a Gabriella engolindo o nó em minha garganta.

Não houve uma resposta e quando a encarei, ela apenas assentiu.

— Há alguma chance de não ter sido ele? — tentei mais uma vez.

— Não aos olhos da justiça.

Assenti sentindo as lágrimas vindo de novo, tentando com toda força não acreditar que ele realmente era o culpado. Porque não podia ser ele! Eu o amava com tudo de mim, havia me entregado a ele, ele se mostrou a mim, como a ninguém mais, ele mesmo disse isso!

Levei as mãos aos olhos e Gabriella desligou a televisão. Tentando acalmar-me.

— Você precisa acreditar em milagres, Ellen.

— Com o que a vida faz comigo isso é a última coisa em que acredito. Ele disse que me amava. Disse que ia me fazer feliz, que ia cuidar de mim, ele estava me ajudando a pegar o assassino dela! Isso não faz nenhum sentido! O que está acontecendo? Por que ele fez isso? Por quê?

Eu estava gritando, mas a dor parecia aumentar e eu tinha que extravasá-la. Arranquei o acesso da mão e tentei me levantar, minhas pernas bambas dificultando minha tentativa de fuga e Gabriella apertou o botão chamando a enfermeira.

— Não faça isso, Gabriella! Eu preciso vê-lo! Eu tenho que falar com ele! Ele não fez isso!

— Você precisa ficar calma! Precisa estar bem para ajudá-lo. Você vai passar mal de novo, por favor, deite-se.

Minha cabeça girou e braços me ampararam quando caí, fui colocada de novo na cama. Eu estava consciente, mas não queria estar, queria dormir e não acordar mais. Queria que ele aparecesse para me dizer que havia mentido. Algumas pessoas estavam sobre mim, minha mão foi furada novamente e tão logo se afastaram, senti o sono me vencendo. Fechei os olhos para ajudá-lo e comecei a pedir a Deus que quando eu acordasse, voltasse a minha vida de ontem à noite. Voltasse para os braços dele, onde eu perdoava suas mentiras e não um assassinato.

Na manhã seguinte, quando abri meus olhos, ele não estava lá. Os olhos azuis gelados que me avaliavam preocupados e a mão fria e delicada que

tocou a minha, não era dele.

— Bom dia, querida, como você se sente? — Alec perguntou e ao ver que eu não responderia, pegou um copo com água. — Ele me avisou que você sentiria sede.

Deixei que me desse água e agradeci com um gesto. Olhei a televisão desligada e Alec logo me avisou:

— Nada de televisão para você hoje.

— Por que ele fez isso? E não venha me dizer que é porque ele a matou.

— Claro que não matou! Christopher tem seus defeitos, mas nem mesmo ele iria tão longe. Sinceramente, não faço a menor ideia do que se passa na cabeça dele para agir assim, acabar com sua vida, perder a empresa, a família, não consigo entender. Achei que ele a amasse, que estivesse tão apaixonado por você a ponto de acolhê-la em sua casa, mas assumir um crime como esse? Não há amor no mundo que convença uma pessoa a fazer isso se for inocente. Penso que ele está acobertando alguém. Só pode ser isso.

O encarei atordoadada.

— Acha que ele descobriu o verdadeiro assassino dela e o está protegendo?

— Eu não acho isso, é uma hipótese que vem à minha cabeça, mas não sei. De verdade, Ellen, eu não sei. Ninguém conseguiu vê-lo ainda, Richard está tentando, eu só não consigo pensar em uma explicação para ele ter feito isso. Exceto... — Ele me encarou e negou imediatamente com a cabeça. — Mas ele não fez isso.

— Eu vou receber alta hoje?

— Não sei. Você não passou a noite muito bem. Seu coração está mais fraco. Mas em hipótese alguma você irá vê-lo. Ele não quer que você vá até lá, Ellen. Foi muito claro quanto a isso.

— Ele disse isso a você? — perguntei sentindo a dor chata e conhecida no peito.

— Disse a todos nós, ordenou, na verdade. Você não vai entrar naquele presídio de novo.

Ele não queria olhar em meus olhos, não queria que eu visse a verdade

por trás deles. Mas qual verdade ele queria esconder? Sua inocência ou culpa? Como é ruim não conhecer os pensamentos da pessoa mais importante da sua vida e assim, não conhecê-lo, entendê-lo, nem decifrá-lo. Eu queria tanto acreditar em sua inocência, mas havia a foto, seu bilhete, tantas mentiras... e ele nem queria me ver. Não teve coragem de dizer isso olhando para mim e não teria nunca.

Eu queria acreditar que ele era culpado. Que estava agindo para livrar-se dessa culpa, movido por minhas palavras de que seus erros eram remediáveis. Assim eu poderia odiá-lo com todas as minhas forças e essa dor passaria mais rápido. Assim eu me sentiria em paz por a justiça ter sido feita pela Liz, e poderia quem sabe esquecê-lo por completo até o fim dos meus dias. Eu queria muito acreditar nisso! Mas havia alguma coisa em mim que não deixava. Havia algo na maneira como ele me olhava, como havia feito amor comigo, como dizia que me amava, que não cabia nesse cenário onde ele era o monstro que destruiu minha felicidade para sempre. Simplesmente não batia. Como uma história mal encaixada.

— Você pode ir embora, Alec, eu estou bem.

Ele negou com a cabeça e manteve sua atenção em seu celular, onde conversava com alguém.

— Nem pensar. Christopher me mata se eu deixá-la sozinha. — Imediatamente, desviou os olhos para mim, seu rosto atingindo um tom vermelho vivo. — Eu não quis dizer isso, literalmente. Me perdoa o uso inadequado da palavra.

Nem tive tempo de responder, a porta se abriu e Gabriella apareceu, usava outra roupa e tinha uma cesta de frutas na mão. Seu rosto cansado mostrava a noite ruim que havia passado no hospital comigo.

— Bella, que bom vê-la, você está cada dia mais linda! — Alec cumprimentou a cunhada com um beijo em sua mão.

— Obrigada, Alec. Você pode ir agora, vá ver sua avó, ela não está muito bem.

Ele assentiu preocupado e disse baixinho no ouvido dela antes de sair, mas fui capaz de ler seus lábios e entender o recado:

— Não deixe que ela veja o noticiário. Ordens do Chris.

Assim que a porta se fechou atrás dela, sentei-me na cama irritada.

— Ordens do Chris? Então ele faz isso comigo e acha que pode mandar em mim? Acha que não vou vê-lo que não vou ouvir sobre ele? O que ele pensa? Que assim vou esquecer o que ele fez? Que assim vou sequer entender o que ele fez?

— Você o ama — ela confirmou olhando-me com pesar. — Seu amor por ele é nítido, não entendo porque ele pensa diferente.

— Você o viu? — perguntei tentando controlar o quanto meu coração acelerou ansiando pela resposta.

— Não. Falei com ele por telefone, apenas. Mas foi antes disso tudo, quando ele pediu ajuda. Ele parecia perdido, desesperado, e nunca o vi tão apaixonado. Mas havia algo em seu jeito de falar sobre você que me deu a impressão de que ele não sabe o que você sente.

Não pude dizer o que sentia quando nem eu sabia. Entre medo, raiva, amor, ódio, confusão, tudo misturado e amplificado pela minha falta de experiência com alguns sentimentos. Voltei a me deitar na cama, aceitei de bom grado a cesta que ela havia levado para mim e tentei convencê-la a ir descansar. Eu queria ligar a televisão e ter alguma notícia concreta sobre a confissão dele. Saber que provas ele apresentou, porque haviam acreditado nele. Queria que ele olhasse em meus olhos para dizer que era culpado. Porque talvez assim, eu conseguisse acreditar nele.

No fim da tarde eu já me sentia muito melhor. Havia falado o mínimo sobre ele, não perguntei nada, não chorei mais, e fiz o possível para sequer pensar nele. Gabriella me contou sua luta com seu falecido irmão, que morreu de leucemia, e um pouco de sua história de amor com Richard. E nessa hora foi difícil não pensar em Christopher. Saber o quanto Richard mudou, o quanto se abriu e cuidou dela e do irmão, fez-me desejar que Christopher tivesse verdadeiramente mudado também.

Desejei tanto isso, que precisei suspender meu coração, para que não esperasse nada e não levasse mais um tombo com ele depois. Mas quem consegue suspender um coração que ama com tanta força que cria raízes para não deixar de pensar, não deixar de esperar, e não deixar de sentir alguém? Eu precisava fazer alguma coisa, sair daquele lugar, ir embora, nem sabia

para onde, ver a merda do noticiário.

Estava prestes a implorar a Gabriella, lançando sobre ela todo o drama da minha vida, se preciso, para que me desse qualquer notícia dele, para que me deixasse ao menos ver um minuto de noticiário, quando a porta do quarto abriu e André apareceu.

A barba aparada, uma roupa que eu havia dado a ele, o rosto mais descansado e um sorriso sincero estampado nele.

— Ah, meu amor! Como você se sente?

Ele veio até mim e abraçou-me. Seu cheiro habitual de volta, seu calor de volta. Seu carinho que tanto me fez falta, de volta. E eu não sabia responder sua pergunta. Por tanto tempo tudo o que eu queria era vê-lo livre, tê-lo de volta. Mas naquele momento, apesar da alegria de saber que ao menos ele havia tido justiça, que ele teria um final feliz no fim das contas, não conseguia me sentir feliz. Nem realizada. Eu não conseguia me sentir de uma maneira diferente de confusa e ferida. Então apenas neguei com a cabeça.

— Vou ficar com você agora. Vou levá-la para minha casa e vou cuidar de você. Tudo vai ficar bem, amor, tudo vai voltar a ser como antes.

Tirei minha mão da sua, estranhando seu toque, como se nunca tivéssemos tido essa intimidade.

— Liz está morta, nada vai ser como antes.

Um pouco do seu sorriso sumiu e senti-me culpada por isso.

— Eu sei, estava falando sobre nós, nosso amor seguro. Vou cuidar de você, não estará mais sozinha.

— Eu não estava sozinha — sussurrei tentando disfarçar a dor, não alto o bastante para que ele ouvisse, apenas lembrando a mim mesma o quanto me sentia sozinha naquele momento.

— Você pode ir agora, obrigado pela sua ajuda — ele disse a Gabriella, dispensando-a. — Vou ficar com ela.

Gabriella o observou por um tempo, o cenho franzido e nenhuma simpatia. Então olhou para mim, esperando que eu decidisse, eu sabia que ela precisava descansar, estava perto de ganhar o bebê e não deveria ficar em um hospital, numa poltrona desconfortável por tanto tempo, abri a boca para

dizer a ela que podia ir, quando ela respondeu André:

— Não o estou ajudando, estou ajudando a ela. E não gostaria de ir agora, se não se importa, Ellen. Prometi ficar aqui até que ela recebesse alta e vou ficar.

— Não me importo — me peguei respondendo, recebendo imediatamente um olhar de reprimenda de André.

Ele se sentou ao meu lado na cama, passou o braço ao meu redor, como se fosse a coisa mais natural do mundo esse comportamento entre ex, e me contou sobre como ficou sabendo que seria solto, o quanto ficou surpreso com a confissão de Christopher, o quanto queria me ver. Tentei perguntar se ele havia visto Christopher, mas Gabriella não permitiu que ele respondesse, falando sobre os movimentos do bebê e como era feito um parto. Nem três minutos depois que ela começou a falar, André decidiu ir à cantina, claramente enojado com a descrição detalhada dela.

Assim que ele se afastou, ela aproximou-se da cama e me fez um pedido:

— Eu sei que não tenho qualquer direito de te pedir nada, e não sei a verdade sobre o que aconteceu. Christopher pode ser culpado tanto quanto pode ser inocente. Mas quero te pedir pelo que conheço dele que não o julgue pelos olhos do seu noivo. Sei que é difícil, mas tente não odiá-lo até que a verdade seja esclarecida. Até que ele a convença com toda certeza do que está dizendo, enquanto você tiver uma dúvida que seja, dê esse benefício a ele.

Assenti reconhecendo meu erro em tentar saber sobre ele por André. Claro que os relatos dele seriam tendenciosos. E eu não precisava de uma campanha anti-Christopher para ficar ainda mais confusa. Pouco depois o médico veio me dar alta, e André mais do que depressa se prontificou a levar-me para sua casa, mas eu não queria ir para lá, não queria ficar com ele. Queria ficar sozinha.

Afastei-me dele quando tentou me guiar ao deixarmos o hospital e estendi a mão a Gabriella.

— Obrigada, André, mas não vou com você. Gabriella, será que você pode me levar em casa? Quer dizer, na casa dele. Só preciso pegar umas coisas, é apenas por hoje, eu...

— Não precisa explicar. Era para lá que eu a levaria de qualquer jeito.

Tive que ver o olhar decepcionado de André enquanto me afastava, e carreguei uma pontada de culpa por isso, mas não foi o suficiente para fazer-me mudar de ideia.

Entrar naquele apartamento de novo foi mais difícil do que eu havia previsto. Era estranho como amar Christopher fazia dele um ponto tão fraco em mim. Gabriella queria passar a noite comigo, nas não permiti, já grata o bastante por toda sua ajuda.

— Eu só preciso ficar sozinha. Vou ser fraca apenas por hoje, vou chorar apenas por hoje, amanhã serei de novo a mulher forte que sou, eu prometo!

— Você não tem que prometer não sofrer por algo assim, Ellen. Você tem esse direito, sabe? Tem o direito de sentir-se mal.

— Não, não tenho! Não tenho tempo para sentir-me assim e preciso encontrar outro rumo para minha vida o quanto antes. Tenho uma prioridade, algo que jurei fazer antes de morrer, e se for mesmo cumprir esta promessa, preciso descobrir um meio, já que ela acabou de se tornar ainda mais difícil.

Ela assentiu não entendendo sobre o que eu falava, mas respeitou minha decisão. Deixou o número de seu celular comigo para o caso de eu sentir alguma coisa e finalmente, vi-me sozinha naquele apartamento. Fiquei longe por um dia, mas parecia que meus momentos vividos ali haviam sido a uma eternidade. Sentei-me no chão da sala, mas havia lembranças demais ali, no sofá, na mesa de jantar. Fugi para meu quarto, nem pensei em ir para o quarto dele, onde dormimos juntos, onde ele cantou para mim. Mas até mesmo em meu quarto eram lembranças demais.

— O que você queria vindo para a casa dele, Ellen, senão lembrar-se dele? — ralhei comigo mesma.

E uma frase que disse a ele logo quando me mudei voltou à minha mente. “*Se eu quisesse distância de você, a sua casa seria um péssimo lugar para morar.*” Voltei para o corredor e sentei-me ali. Pensando e pensando e evitando pensar nele. Até que o cansaço me venceu e fechei os olhos, torcendo para acordar de manhã com aquele meu defeito ativado, e então eu apenas o superaria, o esqueceria pela mágoa que estava me causando e tudo

ia ficar bem.

Tudo ia ficar bem.



Capítulo **TREZE**

CHRISTOPHER

Duas batidas na minha cela anunciaram pela terceira vez no dia a mesma coisa:

— Você tem visita.

Virei-me para que o policial me algemasse e ao passar pelo preso da cela ao lado, ele sorriu:

— Você é alguma espécie de astro ou alguém famoso? Tem visitas demais!

— É você quem aparentemente tem visitas de menos — respondi e ele concordou.

Achei que não podia ser uma coisa boa Stefano já estar de volta. Pela terceira vez no dia. Mantive minha expressão impaciente para deixar claro que não discutiríamos meu plano e ele faria o que eu estava mandando, sem discussões, mas quando cheguei à sala de visitas, não era Stefano.

Andando de um lado ao outro, os olhos observando atentamente cada

espaço do lugar, Richard não parecia nada contente por estar ali. Ao contrário de como pensei que estaria quando viesse me ver.

Sentei-me engolindo o orgulho, lembrando-me das palavras de Ellen, sabendo que merecia que ele aparecesse ali para tripudiar sobre mim. Ele sentou-se à minha frente e esperei que risse, que dissesse que eu estava finalmente onde merecia estar, que cantasse sobre mim sua vitória, dizendo que no fim das contas ficou com a empresa e a garota. Não que isso fosse me afetar naquele momento.

Porém, surpreendi-me totalmente quando após observar-me em silêncio por algum tempo, ele falou:

— Por que você assumiu um crime que não cometeu, Christopher?

Apesar da surpresa, mantive minha expressão confiante ao responder:

— Por culpa. Preciso pagar pelo que fiz.

Ele me avaliou mantendo a mesma expressão serena com que estava antes da minha resposta, o que significava que ele já tinha uma opinião formada sobre mim, e minha resposta não a havia mudado. Por um segundo, decidi que ele achar que eu realmente havia matado alguém era uma coisa boa, assim não se meteria em meu caminho e não estragaria meus planos.

— A vida inteira fugindo da responsabilidade pelos erros que realmente cometeu e agora quer pagar pelo único erro que não cometeu. Sinceramente, não consigo entendê-lo.

— Richard, você deve ficar fora disso. Eu cometi um crime, o assumi e vou pagar pelo que fiz. A empresa é sua de novo! Nada disso te diz respeito!

— Você me ligou durante a madrugada para me pedir por favor que ajudasse sua secretária! Depois de tudo o que fez, de todos esses anos, você me pediu um favor por ela. Não venha achar que sou burro ao ponto de acreditar que você a feriu assim. Que foi capaz de dormir com ela quando carregava nas costas a morte de sua irmã. Nem você seria tão cruel, Christopher!

— Então você não aprendeu nada nesses anos todos em que o tenho ferido, irmão! Este sou eu. Poderia dizer que sinto muito por cair ainda mais no seu conceito sobre mim, mas não sinto! Você não tem que vir aqui! Vá embora e não se meta nisso!

Os olhos dele deixaram claro que ele não iria desistir assim.

— Merda, Richard! Para o inferno com essa amizade repentina! O que você quer? Eu já dei a empresa de volta a você, assinei a porra dos documentos, assumi que eu fui o responsável pelo desvio do dinheiro, o que mais você quer?

— Eu sei, eu vi tudo isso. E não vou dar queixa contra você, não vai ficar aqui uma hora sequer por minha causa.

— Achei que em todos esses meses você estivesse procurando sua vingança.

— E estava! A encontrei, poderia tê-lo derrubado muito antes, se quisesse, mas não quis. Percebi que não me sentiria melhor por feri-lo, Christopher, eu já tenho tudo o que preciso, muito mais do que sonhei em ter. Achei que sua solidão fosse castigo o suficiente para você.

— E você não estava errado — admiti.

— Mas você claramente se importa muito com ela, e por mais que eu tente, não consigo encontrar uma explicação para encontrá-lo aqui por um crime que não cometeu. Um crime ligado a ela. Por que você fez isso?

Entre dizer a ele a verdade e vê-lo me recriminar por meu sacrifício, arriscando assim que ele contasse a verdade a ela, e deixar que ele acreditasse que sou um assassino e a mantivesse longe da verdade, escolheria sempre a segunda opção sem precisar pensar. Por isso, aproximei-me dele, olhei em seus olhos e fiz o que sabia fazer de melhor, menti:

— Eu matei Eliza Dummont. Eu desferi os golpes contra ela e a sufoquei. Eu fiz isso. Não há nada para ser descoberto aqui.

Éramos tão bons em esconder nossos sentimentos, que jamais poderia afirmar que ele havia acreditado em mim, ou não. Por fim ele assentiu, e respirei aliviado por ter conseguido convencê-lo. Porém, ao levantar-se, ao invés de se despedir ou me acusar, disse apenas:

— Vou descobrir a verdade. Não vou permitir que pague por um crime que não cometeu.

Ele deu um passo para longe de mim, e levantei-me imediatamente, chamando por ele, os policiais já se aproximando, vigiando cada gesto meu.

— Não se meta nisso, por favor! Não preciso da sua ajuda, não quero

qualquer ajuda, eu sabia o que estava fazendo quando me entreguei. Estou ciente do que vou passar aqui, deixe-me seguir meu destino.

Ele aproximou-se de mim de novo, sua máscara se rompendo e uma preocupação genuína estampada em seu rosto. Algo que não via direcionado a mim ali há muitos anos.

— Então me diga por que! Senão eu mesmo irei descobrir.

— Ela tem pouco tempo de vida. Preciso que acredite na história que estou contando, a felicidade dela depende disso. Você sabe como é amar alguém, você faria o mesmo pela Gabriella, já o vi quase se matar por ela uma vez, então eu te peço, irmão, não a faça sofrer mais do que já está sofrendo.

Surpreso, ele demorou um pouco, mas concordou com um gesto de cabeça.

— Tudo bem, Christopher. Prometo que não irei machucá-la.

Agradei com um aceno e voltei à minha cela, satisfeito por ainda poder manter a minha farsa mesmo após a desconfiança de Richard. Tudo ficaria bem.

Duas batidas na cela e meu vizinho já começou de sua cela solitária:

— Outra visita? Quantos parentes você tem?

Saindo da cela acompanhado dos policiais, respondi:

— O suficiente, pelo visto. Posso dividi-los com você.

— Não, valeu, já foi difícil o suficiente livrar-me da minha própria família. Você que lide com a sua.

Sorri. Era um sujeito interessante, meu vizinho de cela, sempre bem-humorado. Mais tarde descobriria porque ele havia ido parar ali.

Desta vez, era Stefano quem me aguardava. Com cara de poucos amigos, mal esperou eu me sentar, para falar:

— Ele está sendo bem vigiado. Ela já deixou o hospital e ele foi buscá-la, mas ela não quis ir com ele.

— Por que não? O que ele fez?

— Minhas fontes garantiram que ele não foi mais do que amoroso com ela, não sabem porque ela preferiu ir para sua casa e pediu para ficar sozinha.

Um nó em minha garganta lembrou-me de como ela podia ser frágil às vezes, como precisava de mim ao seu lado, para confortá-la, fortalecê-la, cuidar dela. Essa era minha função. Contentei-me em acreditar que estando ali tão longe, e sendo eu o provável responsável por sua dor, também estava cuidando dela. Cuidando de uma dor muito maior.

— Christopher, não vou continuar com isso. Você não pode assumir esse crime e deixar o assassino solto, deixá-lo tão perto dela! Onde está com a cabeça? Você deveria pegar o vídeo...

— Suma com esse vídeo! O esconda o melhor que puder. Ele não deve aparecer a menos que seja realmente necessário, e por isso quero dizer, apenas depois que ela se for. E você vai continuar fazendo isso, Stefano, sabe que preciso da sua ajuda.

— O Richard quer falar comigo, o que faço?

— Fale com ele. O mínimo possível, ele sabe que não sou culpado, mas não ouviu isso da minha boca e não deve ouvir da sua.

Ele escondeu o rosto entre as mãos, sua mente claramente funcionando, tentando encontrar uma maneira de convencer-me a desistir.

— Entendo que você a ame, e de verdade, eu entendo seus motivos. Mas isso é loucura! Não pode achar que a está ajudando, ferindo-a desta maneira.

— A verdade seria mil vezes pior para ela. Você só tem que me acobertar, Stefano. Suma com esse vídeo e mantenha seus olhos vinte e quatro horas nele, não permita que ele a machuque de maneira nenhuma.

— Vou fazer isso apenas por enquanto, Christopher. Espero que mais rápido do que pensa, possa cair em si e pedir minha ajuda para fazer a justiça. Foi para isso que me formei, para fazer justiça. Não estou nada satisfeito com esta situação.

— Recado anotado.

Ele se despediu levantando-se e pedi mais uma vez:

— Cuide bem dela.

— Não sou eu que estou apaixonado por ela, esta função deveria ser

sua.

Ela era, e eu a estava cumprindo.

RICHARD

Alguma coisa estava errada com a confissão repentina e absurda de Christopher. E alguma coisa ligada à sua secretária, aquela a quem ele queria tanto defender. Era nítido seu amor por ela, então por que confessaria ter matado sua irmã, quando não o havia feito? A única hipótese em minha mente, era a de que a própria Ellen havia feito isso, seria descoberta e ele a estava protegendo. Não havia outra explicação.

Lamentei que Christopher tivesse finalmente se apaixonado por uma mulher que nada tinha a ver comigo, e que esse amor o fizesse prisioneiro para protegê-la.

Entrei na sala que um dia fora minha, fora meu orgulho e meu sangue, e nada senti daquela vontade de voltar ao meu trono, de arrancá-lo de Christopher e provar sua verdadeira face. Toda a minha necessidade por vingança foi se esvaindo aos poucos, conforme minha felicidade ao lado da minha mulher foi se tornando o suficiente para mim. Ela era tudo o que eu precisava, e a empresa, a presidência, desmascarar Christopher para um pai que sequer se importou em descobrir a verdade, apenas acusando-me, tornou-se supérfluo, dispensável. E assim que tive todas as provas contra ele em mãos, quando já podia destroná-lo, e até mesmo enviá-lo para a cadeia, percebi que já não queria mais isso. Ele que continuasse como uma marionete de nossos pais, ele que levasse adiante um império construído a preços altos demais que sequer pertencia a ele. Eu tinha meu próprio negócio, minhas regras, meu jeito de dirigi-lo e estava dando tudo certo.

As batidas na porta me revelaram que ele havia chegado. Marquei com ele na manhã seguinte após ter ido ver Christopher e confirmar que ele não era culpado pelo crime que estava assumindo. Combinamos um horário cedo demais, foi difícil deixar a Gabriella dormindo sozinha e não estar lá para dar seu costumeiro bom dia, assim como para minha filha, em sua barriga, mas não queria que nenhum funcionário da Becker Records soubesse sobre meu encontro com Stefano.

— Richard. É bom vê-lo de novo neste lugar — disse cumprimentando-me.

— Será por um curto período de tempo, apenas.

— Achei que voltaria a assumir a presidência.

— Não tenho essa pretensão. Alec o fará até que as coisas com Christopher sejam resolvidas.

— Não tenho certeza de que seu pai concordará com isso.

— Quem liga? — brinquei e ele concordou. — Você já sabe porque o chamei aqui a esta hora, agradeço sua disposição em atender meu chamado. Preciso saber quem é o verdadeiro assassino de Eliza Dummont.

Seu olhar surpreso demonstrou que não esperava por essa pergunta, e sua demora em responder, que estava evitando dizer a verdade.

— Christopher, seu irmão, já assumiu a culpa por este crime, Richard, então não entendo...

— Não me venha com essa! Christopher é inocente. Está tentando proteger a garota, mas por quê?

— Acredite em mim quando digo que não apoio em nada esta atitude do seu irmão. Mas jurei a ele minha lealdade e não irei trair este juramento. Realmente gostaria muito de dizer a você toda a verdade sobre esse crime, mas não posso. Você precisa fazer outra pergunta.

Entendi de imediato que precisaria arrancar dele a verdade sem que ele quebrasse seu juramento, fazendo-o dizer coisas que me ajudassem a desvendar sozinho o que havia acontecido.

— Ela assassinou a irmã? Christopher está assumindo a pena por ela?

— Por Deus! Não! Estamos falando de uma mulher com uma saúde delicada, com pouco tempo de vida, que amava a irmã. Por que pensou isso?

— Porque não consigo pensar em mais nenhum motivo que o faria entregar-se assim. Ele a está protegendo, certo?

Ele assentiu.

— Seu irmão nutre um sentimento dos mais profundos por esta moça. É capaz de qualquer coisa por ela. Acha que a está protegendo e garantindo sua felicidade, entregando-se.

— Eu notei isso em minha breve conversa com ele, mas ela não me serviu para identificar nada. Ele sabe quem é o verdadeiro assassino?

— Responder essa pergunta iria contra minha promessa a ele.

— Então ele sabe. Bem, se não vai me ajudar em mais nada, agradeço sua visita, Stefano, espero que ao deitar sua cabeça no travesseiro uma noite dessas se dê conta da grande merda que ele está fazendo e você acobertando, e decida agir além do advogado da família, como o grande amigo que sempre foi. Estarei aqui quando sua consciência optar por fazer algo por ele.

Ele assentiu completamente sem graça e deixou a sala.

Estava me preparando para ir embora, quando ela apareceu: Ellen.

Seu semblante era péssimo! Parecia pálida e fraca, não havia dormido nada e com certeza, havia chorado muito. E por mais que eu tenha concordado em poupá-la dessa história, não podia simplesmente deixá-la ir.

— Bom dia, Ellen.

Ela respondeu com um aceno de cabeça, completamente perdida naquele lugar. Observou por um tempo longo demais a cadeira da presidência e depois afastou-se até a mesa no canto da sala.

— Só vim pegar algumas coisas — justificou-se.

— Ellen, desculpe ser tão direto com você na situação em que se encontra, mas preciso saber. Você sabe quem matou sua irmã?

— Sinceramente, eu espero muito que não tenha sido seu irmão. Só não consigo entender porque ele se entregaria.

Havia tanta dor em suas palavras, em seu olhar perdido, sua postura derrotada que me dei conta que ela não sabia de nada. O que quer que Christopher houvesse descoberto, preferiu se entregar ele mesmo a compartilhar com ela. Para protegê-la.

— Eu também espero. Bem, preciso de ajuda para tirar essa história a limpo.

— Você poderia perguntar diretamente a ele. Acho que o receberia, já que a mim não quer receber.

— Fiz isso.

— O que ele disse?

Senti pena em dissipar a esperança em seus olhos tristes.

— Que foi ele. Não quer ser defendido, quer pagar pelo crime que cometeu.

Ela reagiu como se eu a tivesse golpeado, mas controlou-se, pegando algumas coisas nas gavetas de sua mesa.

— Você vai continuar aqui? — perguntei.

— Não consigo imaginar como isso seria possível.

— Eu sinto muito por isso tudo que está passando.

— Agradeço sua ajuda e de sua esposa. Você tem uma família linda.

E o Christopher nunca teve chance de tê-la, constatei ao dar-me conta que mesmo que ele não tivesse se entregado, mesmo que ela correspondesse aos seus sentimentos, ela morreria logo, e ele não teria seu final feliz. Jamais se recuperaria dessa perda.

— Antes de Christopher se entregar, o que ele sabia sobre o assassinato da sua irmã?

— Ele estava me ajudando a descobrir quem era o verdadeiro assassino. — Engoliu em seco, forçando as palavras a saírem. — Eu era noiva e na época do assassinato, ele foi preso injustamente pelo crime. Christopher prometeu ajudar-me a libertá-lo e prender o verdadeiro assassino, eu nunca pensei...

Ela parou de falar e percebi que tudo aquilo estava sendo demais para ela.

— Que prova você tinha da inocência do seu noivo?

— Na verdade, a prova que tínhamos não o inocentava, exatamente.

— Como assim?

Ela demorou um tempo a responder, e ao invés de explicar tirou de sua bolsa algumas fotografias, e as entregou a mim.

— Esses são meu noivo e minha irmã, horas antes do assassinato dela.

— Mas isso quer dizer...

— Nada! Ele emprestou um dinheiro a ela e a estava cobrando. Os dois discutiram e ele foi embora, há fotos que mostram o momento em que se separaram, e não bate com a hora, nem local da morte dela.

Ela acreditava piamente na inocência do ex, mas eu não engoli essa

história de cobrar uma dívida nem por um segundo. Ele estava claramente alterado nas fotos e a irmã dela não parecia com medo e sim, triste. Ela não achava que ele fosse machucá-la, não estava preocupada em ser cobrada, ela estava apenas insatisfeita com o rumo da conversa que tiveram, e chegou a enfrentá-lo. O que quer que tenham discutido, o afetou muito, ele poderia perfeitamente tê-la matado.

— Posso ficar com isso? — pedi.

— Claro! Você vai investigar se ele está dizendo a verdade?

— É o que pretendo.

— E você acha que está?

— Prefiro não achar nada por enquanto, Ellen — menti para cumprir o acordo que havia feito com Christopher, mesmo não achando justo o quanto minhas palavras pareceram feri-la.

— Você devia forçar o advogado a falar com você. Eu o vi sair praticamente fugido daqui e sei que não vai abrir o bico. Mas ele era o advogado do meu ex, Christopher o contratou, ele estava em busca de provas. Houve um dia em que entrei nesta sala sem bater e ouvi uma conversa entre eles. Falaram sobre um vídeo. Quando perguntei, Christopher disse que tinha a ver com a Sarah, mas achei que ele estivesse mentindo. Não sei, ele é tão habilidoso com a mentira que é difícil saber.

— Sinto muito por isso também. Prometo que vou investigar.

Ela assentiu e cabisbaixa, deixou a sala sem levar nada do que havia ido pegar.

A conversa com Stefano não havia rendido nada, como imaginei. Mas com a Ellen, sim. Eu já tinha um provável assassino, só precisava descobrir qual a ligação dele com Christopher e porque meu irmão aceitaria passar o resto da vida na cadeia para protegê-lo.

CHRISTOPHER

O refeitório estava lotado e não me preocupei em encontrar um lugar para comer, eu não tinha fome, de qualquer maneira. Sentei-me em um canto qualquer, fingindo não me importar com os olhares feios que recebi dos já ocupantes da mesa, e comi em silêncio. Até que meu vizinho de cela sentou-se à minha frente.

— Olha só, a celebridade do momento, sou JP — cumprimentou-me.

— Olha só, o cara abandonado. Christopher.

— Vou querer saber quem é a garota para quem você canta a noite inteira no meu ouvido?

Sorri pela primeira vez, ali.

— Sinto muito por isso, cara.

— Não, tudo bem. Também carrego dores de amor. Tenho mais quatro anos aqui antes de ir ver a minha garota. E depois mais alguns anos para convencê-la a falar comigo.

— A coisa foi feia assim?

— Bisonha, na verdade. E você? Onde está sua garota?

— Vivendo a vida dela, espero.

— Você não quer falar, tudo bem, não ligo. Quer saber por que estou aqui?

Assenti vendo-o saborear a comida sem gosto como se estivesse uma delícia.

— Tráfico de drogas. Me envolvi com as pessoas erradas e claro, fui pego no primeiro crime. Meu pai ficou arrasado, não que eu tenha me importado com a reação dele, na verdade. Já havia me livrado da minha família algum tempo antes de tudo desandar.

— Como você se livrou da sua família? — perguntei temendo sua resposta.

— Casando-me com uma garota simples. Meu pai é montado na grana, não aceitou a situação, me fez fazer uma escolha. E sabe de uma coisa?

Nunca me arrependi dela.

— E onde ela está agora?

— Vivendo a vida dela, espero — respondeu imitando minha resposta. — É querer demais que depois de tudo o que eu fiz, ela ainda esteja esperando por mim. Estou no processo de aceitar isso, temos uma filha pequena. Só a vi uma vez. Era a coisa mais perfeita que eu já vi na vida. Se parecia tanto com a mãe dela! Enfim, quando eu sair daqui irei vê-la, acho que minha esposa estará com outro, mas minha filha será sempre minha.

— Talvez ela até já tenha outros filhos com o novo marido — provoquei.

— Não deu tempo disso ainda. Será? Tão rápido assim? Bem, eu mereceria se fosse o caso, pisei feio na bola com ela. Desde que errei, ela nunca mais me olhou do mesmo jeito.

— Se ela o ama, não importa os seus erros, estará esperando por você. Ela pode até tentar refazer sua vida com outro cara, mas você será sempre o cara para ela.

— Que poético! Vou me apegar a isso, cara. Valeu.

Perdi-me em pensamentos imaginando quão bom seria se ela me amasse. Se eu tivesse conseguido conquistá-la. Então dei-me conta de que não mudaria nada, ainda assim ela não poderia descobrir a verdade sobre a irmã, ainda assim eu estaria ali dentro por ela. Nosso amor, desde sempre, esteve fadado a uma pegadinha cruel do destino, nunca houve um jeito de ficarmos realmente juntos. E mesmo assim, tê-la conhecido foi a melhor coisa que me aconteceu, e amá-la, minha salvação de mim mesmo.

Logo que o horário de visita iniciou na manhã seguinte, fiquei ansioso esperando por Stefano. Queria saber sobre sua conversa com Richard, o que haviam decidido, o que ele havia descoberto. E queria notícias de Ellen, saber se estava bem, se ainda estava em nossa casa. Se *ele* estava com ela.

Por mais que me doesse a última opção, eu esperava que sim. Ela não merecia ficar sozinha.

Quando os guardas vieram me buscar, fui ansioso, e mal acreditei ao encontrar Sarah, ao invés de Stefano.

— Querida! Veio me dar apoio num momento difícil?

Ela exibiu um sorriso vitorioso, com certeza a minha prisão por homicídio, daria a ela tudo o que tenho nos tribunais.

— Querido! Você sempre me surpreendendo! Assassinato? Tenho certeza que você não fez isso.

— Olha só, quem diria que você me acha uma boa pessoa.

Ela riu alto e descartou essa hipótese com um gesto de mãos.

— Longe disso! Mas creio que se você tivesse que assassinar uma mulher, a escolhida seria eu, certo?

— Bem, pela primeira vez em toda nossa história, você tem toda razão.

Olhando-a tão perto de mim, me perguntei como eu havia pensado que a amava um dia. Ela era fria, calculista, por vezes cruel, e mentirosa. Tão diferente da minha Elle!

— Só vim mesmo para ver sua cara de derrotado, querido. Fiquei horas numa fila, e consegui uma carteirinha de visitante. — Riu, o primeiro sorriso sincero que via nela em anos. — Apenas para vê-lo atrás das grades. Devo confessar, foi muito melhor do que vê-lo falido! Você cumpriu a promessa que me fez no altar, fez-me imensamente feliz. Apenas tome cuidado aí dentro. Seria uma pena se algo acontecesse a você antes do nosso divórcio e eu ficasse com tudo o que é seu. Inclusive os imóveis que você transferiu ilegalmente para sua amante.

Não temi sua ameaça nem por um segundo, entre tantos defeitos que ela possuía, concluí que criminosa não seria um deles. Sorri em resposta e aproximei meu rosto do seu o máximo possível, deixando claro meu aviso.

— Tente tirar alguma coisa dela e dobrarei minha sentença com gosto por mandar matá-la. Fui claro? — eu estava blefando, claro que jamais a machucaria, mas sua expressão sorridente vacilou, ela engoliu em seco e levantou-se imediatamente. Ellen, ao menos, estava segura dela.

— Até mais, querido, espero ainda encontrá-lo com vida.

— Digo o mesmo para você, querida.

Assim que virou-se para ir embora, sentia-a congelar. E avistei em seguida o que a fez ficar imóvel, um sorriso de satisfação surgindo em meu rosto. Richard estava ali. Cheguei a me levantar para ter a satisfação de vê-la

se corroendo por dentro por tê-lo perdido. A expressão dele em nada se alterou ao fitá-la, dizendo com puro desdém:

— Então é você quem está aqui. Christopher, a Bella quer falar com você.

— Sarah já estava de saída, não é mesmo, querida?

— Você parece bem, Richard — ela disse a ele com a voz embargada, mas ele sequer percebeu. Saindo em seguida sem sequer respondê-la.

— Ele está ótimo. Bem casado com uma mulher linda e perfeita para ele, que está esperando um filho dele, mas tenho certeza que você já sabe de tudo isso.

Seus olhos estavam cheios quando pousaram em mim, e logo o brilho da raiva se acendeu neles.

— Não sabia que vocês voltaram a ser amiguinhos.

— Vida que segue.

Eu também não tinha me acostumado a isso ainda, dizer que voltamos a ser amigos, era forte demais.

Tão logo Gabriella aproximou-se andando devagar com sua barriga protuberante, Sarah afastou-se, a olhou dos pés à cabeça ao passar por ela, e Gabriella nem se deu ao trabalho de olhá-la. Vindo de cabeça erguida em minha direção.

— Estão se reconciliando? Devo dizer que não aprovo — foi logo dizendo.

— Nunca. Como ela está?

Gabriella sentou-se e fez o mesmo, ansiando por notícias da minha Ellen.

— O que posso dizer? Péssima. Você a destruiu.

— Não diga isso, Bella.

— Estou dizendo a verdade. Tenho tantas coisas para te dizer, tantas perguntas para fazer, mas há uma que realmente não consigo entender. — Ela olhou em meus olhos ao perguntar. — Por que você está acobertando o ex noivo dela?

— Por que acha que estou fazendo isso?

— Ah, por favor! Ele apareceu no hospital e ficou horas tentando convencê-la do quanto você não vale nada! De cada ameaça que fez a ele, e ela sequer sabia que vocês já haviam se falado. Você só pode tê-lo visto tantas vezes por uma única razão, descobriu que ele é o culpado.

Neguei com a cabeça pensando num jeito de convencê-la da verdade que Ellen deveria acreditar.

— Ele é inocente. É um idiota, não a merece, mas não matou a irmã dela.

— Então quem foi?

— Eu — afirmei sem pestanejar.

— Não foi você.

— Claro que fui eu, por que eu assumiria um crime se não o tivesse cometido?

— Tudo bem, e por que você fez isso?

Aproveitei a aproximação de Richard para que ele ouvisse minha explicação.

— Nós tínhamos um caso. A conheci quando levei Ben ao colégio em que ela trabalhava, começamos a sair, mas achei que se você descobrisse, Bella, todo o meu esforço em conquistá-la iria pelo ralo. Tentei terminar com ela, mas ela era insistente. Então Sarah começou a desconfiar, tudo o que ela precisava era que eu tivesse uma amante, para arrancar tudo de mim no maldito divórcio. Tentei terminar mais uma vez, nós brigamos e eu perdi o controle. Fiquei desesperado ao vê-la tão machucada, ela ia me entregar, então a sufoquei. Foi isso.

Os dois ficaram em silêncio, mas um sorriso no rosto de Richard, fez-me entrar em desespero.

— Bem armada toda essa sua história, exceto que não faz sentido. Você a matou para que Sarah não descobrisse sobre ela, mas não se importou em ter uma amante e perder todo o seu dinheiro ao levar a Ellen para morar sob o mesmo teto que você. Mudou de ideia? Resolveu dar tudo a ela assim, por nada?

— Não foi por nada. Você não conhece a Ellen, por ela valeria a pena perder meu dinheiro.

— E sua liberdade — ele afirmou e não respondi.

— Não tente defender-me agora, irmãozinho. Você deveria ser o primeiro a estar feliz com a justiça.

— Vê-lo preso por um crime que não cometeu não é justiça. E sua infelicidade não me deixa feliz. Nós somos irmãos. Acredito que agora, mais do que nunca, você saiba exatamente o quanto um amor verdadeiro nos muda. Eu não o odeio, irmão. E vou tirá-lo daí. Não importa o que você diga.

Comecei a retrucar, mas ele me interrompeu, demonstrando sua convicção na minha inocência.

— Encontrarei um jeito de libertá-lo sem que ela sofra no processo. Eu prometo.

Isso não me parecia possível. Mas Richard sempre foi mais inteligente do que eu, talvez ele pudesse encontrar um meio de me fazer livre sem que a verdade sobre a morte de Liz aparecesse.

— Faça isso, irmão. Eu te imploro, faça isso! — E depois de anos de competição e brigas, anos de comparação e inimizade, toquei sua mão num gesto de esperança e ele apertou a minha de volta. E assim, por receber sua ajuda num momento em que jamais pensei que a teria, deixei que minha admiração e respeito, que meu amor por meu irmão voltasse a mim, sem qualquer culpa pelo que o fiz passar, por tudo o que tirei dele, ele havia me perdoado, afinal de contas, estava ali disposto a ajudar-me, demonstrando isso de todas as formas. Estava na hora de eu me perdoar também.

O suspiro profundo de Gabriella ao nosso lado nos fez soltarmos nossas mãos e ela aplaudiu feliz e emocionada por nossa reconciliação.

— O que a Sarah queria? — Richard perguntou em seguida.

— Ameaçar-me. Mas está blefando, não vai fazer nada contra mim.

— Eu não teria tanta certeza, de todo jeito, tome cuidado, não custa — pediu Gabriella e assenti.

Richard despediu-se e quando Gabriella estava fazendo o mesmo, segurei sua mão. Havia outra culpa que eu precisava livrar-me desesperadamente.

— Bella, sobre aquela noite, na casa da minha avó. A noite em que eu

tentei...

— Esqueça isso, Christopher, já nem me lembro mais.

— Não, eu preciso falar.

Fechei os olhos recordando-me de seu pânico quando tentei forçá-la a ser minha.

— Eu sabia o que estava fazendo, achei que sabia, pelo menos. Eu pensei em tocá-la, vi seu medo, mas achei que cederia, que você se entregaria quando percebesse que meu toque era bom, que você não precisava temê-lo. Eu pensei que com você funcionaria assim, já que o Richard a sequestrou e você pareceu gostar. Pensei que precisaria forçá-la também, de algum jeito, para que você cedesse. Hoje vejo o quanto fui errado e idiota. E eu sinto muito. De verdade.

— Isso já passou. Não guardo qualquer mágoa de você por isso, Chris, nem por qualquer coisa que tenha me feito. Estávamos todos em fases difíceis, todos nós erramos naquela época. Mas tem algo que gostaria de pedir a você.

— Claro, o que você quiser.

— Não faça isso com ela. Não pense que a está protegendo infligindo a ela tamanha dor. Você deveria perguntar a ela o que ela quer, porque eu a vi sofrer por você, Christopher. E tenho certeza que tudo o que ela quer é ficar com você.

— Você não vai entender, mas a estou protegendo dela mesma. E a título da verdade, eu jamais seria digno dela, Bella.

— Você é melhor do que pensa que é, Christopher.

— Não, não sou. Estou fazendo isso por ela, mas me dói saber que ela está lá fora com outro. Me dói imaginá-los juntos, imaginá-lo cuidando dela, sendo menos do que ela merece, porque ele jamais vai entendê-la como eu. E fico me perguntando se o que estou fazendo por ela é de coração, já que está doendo tanto.

Ela segurou minha mão e a apertou.

— Nem sempre ser bom é fácil. Mas você é, não duvide disso.

— Faça com que ela acredite que sou culpado, Gabriella, acredite em mim, sei o que estou fazendo. Por favor me prometa, prometa que não vai

deixar que ela desconfie de nada.

— Eu vou tentar.

— Obrigado.

Richard pigarreou, voltando ao ver que Gabriella não o havia seguido, alertou num tom divertido:

— Estou tentando fazer as pazes com você, Christopher, mas está a tempo demais segurando a mão da minha esposa.

A soltei imediatamente e rindo, Bella aproximou-se dele o beijando. Num gesto automático, ele acariciou sua barriga e por um momento me peguei desejando aquilo. Ver minha deusa ruiva esperando um filho meu. Algo que jamais aconteceria, claro.

Faltavam dez minutos para encerrar o horário de visita quando os guardas bateram na cela.

— Visita!

Stefano não havia ido me ver tão tarde desde que entrara ali, uma semana antes. Caminhei preocupado até a sala de visitas, quando a vi. Parei imediatamente, meu coração agitado no peito, a saudade quase me fazendo correr até ela para tomá-la em meus braços. A passos lentos, aproximei-me a observando. Sem coragem de olhar em seus olhos, apesar de ter planejado tudo, não estava preparado para ver o ódio por mim neles.

Ela parecia mais magra, estava abatida e mantinha seu corpo na defensiva. Os braços cruzados, encostada a uma parede ao invés de sentada na mesa. Criei coragem para olhar em seu rosto, mas ela não me olhava. Seus olhos passeavam pelo lugar com alguma dor dilacerante neles e me peguei querendo confessar tudo só para fazer aquilo passar.

Sentei-me a observando. E notei que ela não estava disposta a sentar-se diante de mim e falar comigo. Parecia prestes a sair correndo, e eu precisava falar com ela. Precisava ouvir sua voz, garantir que estava bem, na medida do possível.

— Não achei que você fosse vir aqui, Elle. Acho que dei ordens claras para que você não viesse.

— Se você realmente não me quisesse aqui, não teria me incluído na

sua lista de permissão de visitas.

Sorri. Finalmente, ela olhou para mim e quase me joguei aos seus pés pedindo perdão quando vi tamanha dor em seus olhos. Dor, acusação, culpa, e nada do ódio que esperei ver neles. Ela se jogou na cadeira diante de mim, mantendo uma mão sobre a mesa. As unhas por fazer, em movimentos circulares, e ela manteve seus olhos no movimento que fazia com os dedos, para não ter que me encarar.

— Como você está? — perguntei.

— Eu já sei de toda sua armação. Eu só não a entendo.

Minha respiração falhou por um segundo, temendo que ela houvesse descoberto a verdade, até que ela continuou.

— E eu te odeio por ter-me feito seu novo joguinho — seus olhos encontraram os meus e uma lágrima correu por eles.

— Do que você está falando?

— Aproximar-se de mim, armar tudo o que armou para me fazer precisar de você. Você usou minha fraqueza contra mim, fez-me dependente. Só para me deixar sozinha depois. O que você sugere que eu faça agora? Você veio com aquele papo de me ensinar o amor, de ser um bom professor, e agora? Me ensina, professor? O que eu faço?

— Viva sua vida.

— Tão fácil! Vocês homens sempre achando que podem controlar os sentimentos de uma mulher assim! Você conseguiu manipular os meus, parabéns por isso! Reconheço seu mérito, infelizmente agora não será tão fácil.

Tentei tocar sua mão, mas ela a afastou.

— Eu te odeio! Com todas as minhas forças. Eu te odeio!

Não havia verdade em seus olhos. Nem em suas palavras. Ela não me odiava. Estava perdida e confusa e eu precisava ajudá-la.

— Elle, me escute.

— Não me chame por essa merda de apelido!

— Tudo bem, Ellen, ouça o que vou dizer a você. Você tem pouco tempo, por favor, saia deste lugar, procure o seu noivo e viva sua vida. Você

tem de volta uma parte daquela época em que foi mais feliz, então viva isso, meu bem. Sei que não tenho direito de pedir nada a você, mas estou pedindo assim mesmo. Seja feliz.

— Pensei que você me conhecesse melhor do que isso.

— Elle...

Ela se levantou, pensei que iria embora, os guardas anunciando o fim da visita. Mas sentou-se novamente e olhou em meus olhos.

— Você já me tinha em suas mãos, já me tinha dependente de você, precisava mesmo fazer amor comigo? Isso também fazia parte da sua armação? Eu só não consigo entender.

— Não, não mesmo! Você não vai deturpar o que tivemos assim. Eu não planejei ter você daquele jeito, naquele dia. Pode me acusar de qualquer coisa, Ellen, aceito seu ódio e ofensas porque sei que mereço, mas não sobre essa noite. Você se entregou a mim e eu me dei a você com toda merda de verdade que ainda há em mim. Nós fizemos aquilo. Sinto muito se a intensidade do que vivemos a assusta dessa maneira, mas lide com o que sente com o mínimo de honestidade. Você se entregou a mim.

Seus olhos estavam cheios de novo e nos meus as lágrimas corriam soltas. Eu queria tanto abraçá-la! Tocá-la mais uma vez!

— Por que você fez isso? — perguntou num fiapo de voz. — Por que está aqui?

— Eu... — planejei tanto o que diria se ela viesse me ver um dia, como a convenceria da minha verdade, do monstro que ela precisava acreditar que eu era. Mas ali, olhando em seus olhos feridos, vendo-a tão triste por minha causa, não consegui proferir nada. Queria apenas abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem, mas não podia mentir mais do que já estava fazendo. Não queria mentir por mentir.

— Christopher, por que está mentindo? Você não a matou, por que está fazendo isso?

Eu nunca quis tanto beijá-la quanto naquele momento em que enxerguei a verdade em seus olhos. Ela não achava que eu havia matado sua irmã. Mesmo com todas as provas que deixei, mesmo com a história perfeita que criei.

— Você acha que eu prefiro vê-lo aqui do que o André? É isso o que está pensando? Porque tudo isso é ridículo! Eu não acho que você assumiria um crime por isso, mas não consigo entender. Por favor, me explica o que se passa por sua cabeça.

O guarda a fez levantar-se, pedindo que fosse embora. Seus olhos ficaram fixos nos meus enquanto ele a guiava para fora da sala de visitas, para longe de mim e não fui capaz de desmenti-la, de fazê-la acreditar que eu estava dizendo a verdade. Assim como não fui capaz de dizer que ela estava certa. Não fui capaz de nada, apenas queria beijá-la. Abri minha boca para dizer a ela o que precisava ouvir, mas o que saiu foi:

— E você nem se deu conta do mais ridículo nisso tudo. Eu realmente amo você. Eu amo você.

A surpresa em seus olhos foi a última coisa que vi de seu rosto quando o guarda a passou pela porta. E durante toda a noite que se seguiu, só consegui pensar que não havia ódio nos olhos dela por mim.



Capítulo QUATORZE

Ellen

— E você nem se deu conta do mais ridículo nisso tudo. Eu realmente amo você. Eu amo você.

Acordei no meio da noite depois de um sono conturbado, onde eu o via o tempo todo. Aquela expressão cansada e triste, a saudade que enxerguei em seus olhos. O quanto de tudo o que enxergava nele era fantasia da minha cabeça? E então ele disse que me amava. Que realmente me amava. E ao invés de agir com a razão e aceitar que ele era um assassino, eu só conseguia ouvir meu coração e acreditar que ele realmente me amava.

Estava ficando louca de vez.

Passei pela enorme sala de seu apartamento, olhando o tapete, o sofá, deixando que as lembranças dolorosas me tomassem. Minhas malas estavam arrumadas no meio da sala, esperando apenas minha coragem em ir embora, mas eu não conseguia fazer isso. Porque seria aceitar o fim. Seria aceitar que tudo foi uma mentira e não estava pronta para reconhecer isso e seguir em frente.

Estava passando pelos dias com uma sensação de divisão dentro de mim. Uma parte que queria odiá-lo por ser mentiroso, queria acreditar que ele era um assassino e assim poderia esquecê-lo, aceitar que a justiça por Liz foi feita e seguir em frente. E outra que ousava acreditar piamente na inocência dele. Que precisava encontrar um meio de descobrir porque ele estava fazendo aquilo, e então poder libertá-lo.

Fui vê-lo na esperança de não ser mais essa divisão, de olhar em seus olhos, ouvir suas respostas, vê-lo rindo de mim, talvez com indiferença e assim decidir por um lado apenas. Mas minha visita a ele apenas serviu para deixar-me ainda mais confusa. Era o meu amor que fazia de cada gesto e expressão dele uma prova de sua inocência, ou ele realmente era aquela montanha de sentimentos que eu pensei ter visto?

A tarde chegou e eu nem havia visto o sol nascer, sentada no sofá da sala, perdida em teorias. Mudei de roupa e dirigi-me à gravadora. Não havia voltado lá a semana toda, mas precisava começar a fazer alguma coisa, e tinha que começar de algum lugar.

O olhar de pena das pessoas conforme eu ia passando me incomodava. Todos achavam que ele era culpado, não que estivessem errados em acreditar em sua palavra, mas achavam que eu havia sido quase a segunda vítima. Não podiam estar mais errados.

Richard estava na sala de Christopher quando entrei, sorriu ao me ver, não tendo mais em seus olhos a desconfiança, como no dia em que dei a ele as fotos de Liz e André.

— Olá, Ellen, como você se sente?

Pensei um pouco, procurando uma palavra que não soasse mórbida demais, mas ela me escapuliu:

— Morta.

— Entendo. Já me senti assim, um dia.

— E como você fez passar?

— Buscando minha vida de volta. Minha esposa. Foi tê-la ao meu lado e tudo voltou a ter vida.

— Acho que não tenho essa opção.

— Que bom que você apareceu! Eu iria vê-la de todo jeito. Há algumas coisas que precisamos conversar. Sobre o apartamento onde está vivendo.

— Eu irei deixá-lo. Desculpe, estava apenas procurando forças, não que eu seja fraca assim sempre, mas minhas malas já estão na sala, irei esvaziá-lo assim que conseguir fazer isso.

Até mesmo em minha mente, minha resposta havia soado confusa e demonstrado meu estado de espírito nos últimos dias.

— Na verdade, você não precisa deixá-lo. Ele é seu. Christopher o deu a você, transferiu para o seu nome. Assim como uma casa, onde você residia antes e um carro.

Precisei me sentar, tamanha surpresa e comecei a rir de incredulidade.

— Você está brincando comigo, não está?

— De maneira alguma! Ele apenas queria cuidar de você.

— Se ele queria cuidar de mim não deveria ter assumido a merda do assassinato da minha irmã! Deveria estar ao meu lado agora, cuidando realmente de mim. Não sei o que está se passando pela cabeça confusa dele, mas não quero nada disso.

— Entendo a sua mágoa, mas ele apenas quer cuidar de você. A vida dele lá dentro não está fácil e sei que dentre todas as pessoas você é a última a quem devo pedir misericórdia por ele, mas vou pedir assim mesmo. Aceite a vontade dele para que ele tenha um pouco de paz.

— Paz? — Comecei realmente a rir, sentindo-me prestes a estourar. — Não vou fazer a vontade dele, ele por acaso fez a minha? Ele liga para o que penso? Não, ele não liga! E a última pessoa que sente misericórdia por ele, é ele mesmo! Pode acreditar em mim! Eu sou a primeira dessa lista! Mesmo odiando-o como odeio agora, ainda assim não acho que ele deveria estar lá.

Sua expressão surpresa foi o indício de que ele sabia de alguma coisa.

— O que você sabe sobre ele? Ele falou com você? Disse por que fez isso?

Ele piscou os olhos confuso e virou de costas para responder. Mantendo a confiança em seu tom de voz.

— Ele disse que eles tinham um caso, ele temeu que a Sarah pudesse descobrir e...

— Eu já ouvi essa história antes.

Dei a volta ficando de frente para ele.

— Não caí nela. Por que ele fez isso? Por que está mentindo? Quem ele está acobertando?

Um sorriso de admiração surgiu em seu rosto. Mas logo se dissipou e senti seu pesar ao não me responder nada do que havia perguntado.

— Não sei de nada diferente do que você já sabe, Ellen. Sequer posso contar com a ajuda do advogado da família porque ele está cumprindo a vontade de Christopher de não ser defendido.

— Ele negou a defesa?

Não fazia sentido. Nada mais fazia sentido. Ele podia estar acobertando alguém para que eu visse a “justiça” ser feita e tivesse últimos dias felizes, mas não lutar por sua liberdade, sabendo que eu não estaria aqui para vê-lo ser solto futuramente? Não fazia o menor sentido. Ele estava mesmo acobertando alguém, o acobertaria até o último segundo se fosse preciso. Não tinha a ver comigo.

— Você acha que ele é culpado? — perguntei olhando nos olhos de Richard.

Esperei que ele fosse dizer sim, pelo histórico de brigas entre eles, e estava com todo um discurso pronto para defendê-lo.

— Não. Acho que ele é culpado de alguma coisa, de mentir sobre isso, talvez. Mas não de um assassinato. Mas creio que ele tem seus motivos para fazer isso, e se o fez, é porque acha que merece estar lá, merece pagar desse jeito. O que nós podemos fazer?

É, o que podíamos fazer quando ele se culpava? A foto íntima entre ele e Liz não saía da minha cabeça, assim como sua mentira ao dizer-me que não a conhecia. Por que ele havia mentido se era inocente? Por que ele havia me conquistado se era culpado?

— Você acha que ele é culpado? — ele me devolveu a pergunta, avaliando a confusão evidente em meu rosto.

— Gostaria de achar. Seria tudo muito mais fácil.

— Fique com o apartamento e a casa, Ellen. Você não tem para onde ir, não custa atender o pedido dele.

Dei meia volta sem respondê-lo e saí dali, sabia bem qual era meu próximo passo. Fui procurar Stefano, afinal de contas, ele era meu advogado também, havia me feito uma promessa, e precisava cumpri-la.

O advogado da família Becker não tinha residência, nem escritório na cidade de Caxambu, sendo ele de Belo Horizonte e tendo ido até ali apenas atendendo a um chamado de Christopher. Encontrá-lo foi um pouco mais complicado do que pensei, mas com a ajuda de Lúcia, finalmente consegui o endereço do hotel onde ele estava. Eu poderia ter telefonado e avisado que precisávamos conversar, mas queria pegá-lo de surpresa. E consegui.

— Que bom vê-la, Ellen, não posso dizer que a aguardava.

— Achei melhor assim.

— Em que posso lhe ser útil?

— Vim aqui para saber sobre o vídeo.

Ele se fez de desentendido, mas eu estava atenta a cada sinal de seu rosto, em busca de uma mentira.

— Não sei do que está falando.

— O vídeo que vocês acharam que incrimina alguém a quem Christopher está protegendo.

Um sorriso surgiu em seu rosto, e ele me convidou a entrar. Ofereceu-me uma bebida, e ao ver que eu o encarava com impaciência, resolveu responder minha pergunta.

— O vídeo que encontramos não tem a ver com o assassinato de Eliza Dummont. É um vídeo de Sarah Marins com outro homem, Christopher iria usá-lo contra ela no divórcio.

— Entendo.

Observei o quarto de luxo no melhor hotel da cidade. Toquei os móveis perfeitamente limpos enquanto ele me observava em silêncio.

— Você é advogado da família Becker há muito tempo?

— Mais do que consigo me lembrar.

— E eles te pagam muito bem, certo?

— Isso é irrelevante.

— Será que é tão irrelevante quando você está deixando um deles pagar por um crime que não cometeu?

Ele ficou em silêncio e o encarei, o sorriso estava ali, mas não parecia disposto a colaborar.

— Eu fiz uma promessa ao meu cliente, Ellen, e não irei quebrá-la.

— Fico feliz em saber que é tão correto com seus compromissos, Stefano. Afinal de contas, você firmou um comigo. Christopher o chamou até aqui para ajudar-me a encontrar o verdadeiro assassino da minha irmã, então independente de qualquer promessa que tenha feito a ele, você deve isso a mim, como sua cliente. Não deve?

— Posso ver perfeitamente porque ele a ama tanto! Você é realmente extraordinária, Ellen. E está certa, devo isso a você, mas o vídeo não tem a ver com seu caso, logo, não preciso mostrá-lo.

— Entendo o seu jogo, mas então mostre-me algo ligado ao meu caso.

— Claro! O que você quer?

— Quero as provas apresentadas por Christopher Becker à justiça. Minha irmã foi agredida e sufocada até a morte, a perícia esteve lá. Quero os laudos que comprovam que ele bate com o perfil do assassino, fizeram isso com o André quando ele foi preso. Quero a confissão que ele entregou, as fotos que apresentou, quero tudo! E quero em detalhes. Se ele teve um caso com a minha irmã como diz, quero datas em que estiveram juntos, lugares, roupas que ela usava. Se a viu no dia de sua morte, quero saber em que horário exato ele a encontrou, o que disseram, qual perfume ela usava, a cor do batom que usava, qual a marca de nascença que ela tinha. Ele vai ter que se esforçar muito para me provar que é o assassino, e cabe a você garantir isso. Você me prometeu.

— E terei o maior prazer em ajudá-la.

A foto de Christopher e Liz juntos e se divertindo em um bar, ainda estava sobre a mesinha de centro da sala, eu a observava ao longe, tentando entendê-la, tentando encontrar uma explicação que fizesse sentido. Quando a campanha soou, a deixei onde estava, meus pensamentos em milhares de direções sendo que nenhuma delas me levava a nada. Richard não acreditava

que o irmão fosse um assassino, mesmo depois de tudo o que Christopher havia feito contra ele. Stefano me escondia alguma coisa, não podia ter certeza de que faria seu papel como meu advogado e me ajudaria, mas se Christopher era inocente, eu tinha certeza que ele não deveria estar nem um pouco feliz em deixá-lo na cadeia.

Abri a porta para encontrar André com uma rosa na mão. Imediatamente, lembrei-me de Christopher e o lindo buquê de rosas em meu aniversário, mas lembrei-me também que ele havia me seguido naquela noite. Que havia armado nosso encontro para que eu o acompanhasse e seu excesso de mentiras voltou a dominar minha mente, deixando-me confusa sobre sua culpa.

— Então é aqui que você tem vivido — comentou observando o lindo lugar, fixando os olhos nas minhas malas.

— Estou de saída essa semana. Só não encontrei um lugar legal ainda.

— Você sabe que pode vir comigo. Você encontrou o dinheiro na conta da Liz, certo? Por que não comprou nossa casa de volta?

— Já havia sido vendida. André, como você sabia que o dinheiro estaria lá?

— Ela me disse — respondeu sem hesitar ou vacilar.

— Mas se ela disse a você que tinha o dinheiro, por que vocês brigaram? Por que você ficou tão nervoso a ponto de ameaçá-la se ia ter o dinheiro de volta?

— Isso é um interrogatório?

— Não, isso sou eu querendo respostas. Minha irmã morreu, minha vida virou de cabeça pra baixo e há coisas que não entendo, como o fato do meu noivo a estar ameaçando.

Ele sentou sem nenhuma cerimônia no sofá, observando a vista pelas enormes janelas com admiração.

— Ele te dava uma vida muito boa, não é? Te dava tudo o que você precisava. — Olhou em meus olhos interrogativos e pareceu magoado ao responder. — Ela só me disse que já tinha o dinheiro para devolver, depois que nós brigamos. Foi a última coisa que me disse, por isso me afastei e fui embora, porque sabia que ela me pagaria.

Fazia sentido sua explicação. E havia o fato de que ele não costumava mentir. Mas Christopher era meu herói até revelar sua verdadeira face e nem por um segundo, antes disso, eu duvidei dele. Comecei a entender que eu era péssima em identificar mentirosos. Nem todas as pessoas eram verdadeiras em seus sentimentos e pensamentos, como eu pensava. Não se podia conhecer uma pessoa tentando lê-la.

— Isso nunca foi pelo dinheiro — respondi a provocação dele sobre tudo o que Christopher fazia por mim. — De tudo o que ele fez por mim, este nunca foi meu motivo para ficar com ele.

— Você não o está acusando! Ao menos acredita que ele é culpado? Foi ele, Ellen, ele a matou! Ele foi me visitar algumas vezes, ameaçando-me, disse que sabia quem era o verdadeiro assassino e se eu a machucasse, não o entregaria e me veria apodrecer atrás das grades. Por isso terminei com você, para não prendê-la, não fazê-la infeliz.

Sentei-me diante dele e segurei sua mão, não saberia identificar se ele mentisse, mas esperei de todo coração que não o fizesse.

— Ele pediu isso a você? Pediu que mudasse comigo e terminasse nosso relacionamento?

— Não. Ele me disse que se eu a machucasse, iria garantir que eu passasse o resto da minha vida ali.

— Espera! Está dizendo que ele não disse a você para terminar comigo?

— Não. Este erro foi meu, eu o assumi, arrependi-me e te pedi perdão por ele.

Um dos dois estava mentindo, e como não fazia o menor sentido André mentir para defender Christopher, Christopher havia mentido quando me disse que havia feito com que André mudasse comigo até que rompesse nosso relacionamento.

— Eu achei que prendê-la a mim quando eu não estaria livre, fosse injusto com você. Notei o interesse genuíno dele em você e pensei que ele poderia cuidar melhor dos seus últimos dias. Por isso terminei com você. Foi o meu jeito de não machucá-la.

Eu quase poderia agradecê-lo por isso.

— Se você me conhecesse o bastante saberia que eu não me sentia presa. Saberia que me machucou muito mais ao terminar comigo, do que o teria feito se continuasse na cadeia. Olha só como estamos agora, você está livre e não estamos juntos. Do que adiantou sua proteção?

— Podemos corrigir isso, ainda não é tarde para nós dois, amor.

Ele se aproximou devagar, tocou meu rosto com gentileza mantendo a mão em minha nuca. Puxou-me de encontro à sua boca e seus lábios tomaram os meus. Esperei que fosse sentir a familiaridade de nossos beijos passados, a intimidade por todo tempo que compartilhamos. Algum vestígio de qualquer sentimento que indicasse paixão. Mas não foi assim. Eu não senti absolutamente nada. Correspondi o seu beijo, mesmo sentindo que isso tornava-se um sacrifício para mim, e tentei de verdade sentir algo, até que entendi que seu beijo não havia mudado. Não estava diferente de antes, quando pensávamos nos amar com tudo o que tínhamos. Ele apenas nunca foi um beijo de amor.

Nunca foi como os beijos de Christopher e nunca seriam.

Afastei-me num rompante e com um gesto negativo de cabeça, não permiti que ele tentasse de novo.

— Vem comigo, Ellen, vamos para casa. A gente pode encontrar outro lugar com o dinheiro que a Liz deixou, podemos começar de novo, prometo cuidar de você como deveria ter feito desde sempre.

Completamente confusa, não entendi por que ele estava me chamando para ir com ele se nosso beijo não havia sido nada.

— O que você sentiu, André? Quando nos beijamos agora.

— O mesmo amor, cumplicidade e paixão de antes. O que sentimos não morreu, seus sentimentos por mim ainda estão aí. Deixe-me corrigir meus erros e amá-la, meu amor.

— Você não pode ter sentido tudo isso em um beijo frio. Não pode ter sentido amor e paixão em nosso relacionamento frio. Amor seguro? Que merda estávamos pensando?

Uma lágrima correu por meus olhos e me bateu um desespero por Christopher não estar ali. Por não poder me jogar em seus braços naquele momento e sentir de novo aquele beijo que me tornava acesa.

— Não a estou entendendo, Ellen, do que você está falando? Sempre nos amamos. Nós íamos nos casar!

— Estávamos errados! Eu tinha um diagnóstico terminal, achei que fosse mais seguro não sentir com tanta intensidade, mas você não! Você entrou em um relacionamento onde não sentia ciúmes, não sentia minha falta, não perdia o ar quando dormíamos juntos e não entendo porque! Não foi por amor! Você está certo, nosso beijo não mudou, nossos sentimentos não mudaram. Abri meus olhos há pouco tempo, mas não você, por que ainda estava comigo? Por pena?

Ele parecia desesperado ao tentar aproximar-se de mim.

— Você não está bem, Ellen, sua cabeça não está boa. Seus sentimentos estão afetados por tudo o que tem vivido. Eu sinto muito pela perda da sua irmã, sinto que a tenha deixado sozinha quando mais precisou de mim e que tenha precisado passar pelo horror de ver-me em uma prisão, e sinto que tenha confiado e se tornado íntima do homem que matou sua irmã. Isso tudo está afetando sua cabeça. Saber que você dormiu com seu maior inimigo a está deixando louca! Saia desta casa! Você precisa sair daqui e vir comigo, curar-se de toda essa carga. Venha comigo agora!

Incrédula, dei-me conta tarde demais de que nunca houve nem mesmo o respeito que eu acreditava entre nós dois.

— Você me julga tão incapaz de entender as coisas, André e sinto muito por isso, mas não sou burra. As pessoas geralmente são mais fortes do que pensam que são, sabia? Estou destruída agora, mas ainda tenho forças para te dizer que deve ir embora e não me procurar mais. Você está livre, foi inocentado, viva sua vida, volte para a capital, seja feliz. E nunca mais tente dizer a uma mulher como ela deve lidar com os sentimentos dela.

— Você está apaixonada por ele, Ellen? Apaixonada pelo assassino da sua irmã? Julgou-me tanto por tê-la ameaçado e ainda assim o ama? Nem mesmo um diagnóstico terminal justifica tal insanidade. O que acha que ela diria se a visse agora?

— Nunca terei como saber, não é! Saia daqui!

Ao invés de ir embora, ele veio em minha direção, insistindo mais uma vez:

— Você precisa reconsiderar. Posso voltar outro dia, quando estiver

mais calma, mas você tem que vir comigo.

O desespero dele fez-me sentir uma pontada de culpa. Talvez aquele fosse o jeito dele de amar, talvez aquele desespero fosse a primeira prova real de que ele sentia alguma coisa maior por mim. Porém infelizmente eu não poderia ajudá-lo mais, estaria mentindo e criando falsas ilusões para ele caso permitisse que ele me procurasse de novo. Eu amava uma pessoa apenas. Mesmo que tudo estivesse apontando para o grande erro que era o meu sentimento, ainda o sentia. Mesmo que as palavras de André, questionando-me sobre minha sanidade ao amar o assassino da minha irmã, estivessem entrando em minha mente e ferindo-me, ainda assim eu o sentia. Não havia nada que eu pudesse fazer para mudar.

Eu podia estar louca, meu tempo limitado podia não ser justificativa para não querer deixar de amá-lo. Mas era assim que eu me sentia.

— Vá embora, por favor — pedi mais uma vez e ele atendeu meu pedido.

E me doeu feri-lo, assim como me doeu pensar que de algum jeito também estava ferindo Liz, a pessoa que mais amei na vida.

Tinha uma hora se quisesse chegar antes que o horário de visita se encerrasse e apenas por isso usei o carro dele. O meu carro. Levei na mão apenas o caderno velho e uma caneta, pensei que poderiam ajudá-lo. Sentei-me ali mais uma vez e quando ele se aproximou, seus olhos enigmáticos passeando por meu corpo, pensei que não podia estar fantasiando a saudade que via neles. Assim como não conseguia esconder dele a saudade que eu sentia.

— Você voltou — comentou sentando-se diante de mim.

— E adivinha como vim para cá? No meu carro novo que você me deu. Direto do apartamento enorme e luxuoso que você me deu. Estou com medo de olhar o saldo da minha conta e ter uma quantia absurda lá.

— Só estou cuidando de você.

— Você me deu dinheiro também? Uau! Pena que se eu vender o apartamento, a casa, o carro e juntar com o que você deve ter colocado na minha conta, não vou conseguir comprar sua verdade. Você vai continuar

mentindo pra mim. Mas tudo bem, serei uma enganada, iludida e rica, certo? Devo estar feliz por isso?

Ele riu, e suspirou ao estender a mão na mesa para que eu a tocassem.

— Só mesmo você para me fazer rir — comentou olhando-me com aqueles olhos apaixonados.

Devagar, deixei o embrulho que havia levado sobre a mesa e depus minha mão na sua, sentindo o calor de sua pele, a energia que vinha dele correndo por todo meu corpo. Eu queria tanto estar em seus braços!

— Eu sinto falta de rir com você — confessei sem querer, desviando meus olhos dos seus. — Não tenho sorrido mais, o que é estranho, já que é você quem está preso. Eu deveria estar mais feliz?

— Não faz isso — pediu-me emocionado.

Tirei minha mão da sua e assenti abaixando a cabeça, sem saber como agir diante dele, o que sentir diante dele.

— O que você quer, meu bem? Do que você precisa para ficar bem? Eu faço qualquer coisa.

— Preciso que me diga a verdade — respondi olhando em seus olhos, suplicando que me atendessem.

— Vou te dizer uma verdade, então. Eu amo você. A amo com tudo o que tenho, com tudo o que sou, não há um segundo no dia, em cada dia em que eu não pense em você. Quer ouvir outra verdade? Esse último mês em que você esteve comigo, foi o melhor da minha vida. Apesar das minhas mentiras, nunca fui mais eu do que fui quando estive ao seu lado. Nunca tive esse nível de paz e alegria. Desculpe a estar machucando agora, mas estou apenas protegendo você, minha menina. É só isso que eu sei fazer direito.

Eu queria pedir que ele me abraçasse, queria pedir que parasse porque ouvi-lo dizer aquelas coisas doía tanto! As lágrimas corriam por meus olhos e pelos dele. Eu quase podia tocar seus sentimentos e havia tanta verdade em suas palavras!

— Por que você não pode ser sempre tão sincero?

— Porque a verdade nem sempre é fácil.

— Não pode ser mais difícil do que essa sua mentira. Saia daqui, Christopher, volte pra mim.

— Elle! — Ele tentou se levantar e ir até mim, mas um guarda o impediu, ordenando que permanecesse sentado.

— Eu trouxe isso para você. — Falei empurrando o embrulho em sua direção. — Você não gosta de estar só, então achei que pudesse ajudar conversar consigo mesmo. Vai fazer bem para você conversar com sua consciência, para variar.

Ele pegou o embrulho e observou o caderno com curiosidade.

— Obrigado, minha menina. Vou escrever aqui sobre você, e sobre o quanto me dói vê-la assim.

— Sua dor não muda a minha em nada. Por favor, me diz a verdade.

Olhando em meus olhos, apesar de seus olhos azuis estarem escuros por conta das lágrimas, ele disse:

— Eu já disse. Sou um assassino. Sinto muito por sua irmã.

Levantei-me e saí dali. Queria que houvesse um botão que pudéssemos apertar a qualquer momento, como uma tecla SAP, para obrigar a pessoa a dizer a verdade.

Fui direto para o cemitério, ajoelhei-me em frente ao túmulo de Liz e pedi perdão.

— Me desculpa, Liz. Perdoa-me por não conseguir odiar aquele que jura tê-la matado! Eu juro que tentei, mas não consigo. Você me disse tantas vezes que a verdade absoluta é a do coração, e essa verdade é diferente da realidade. Eu não sei o que fazer, mas eu sinto que ele é inocente e não posso lutar contra isso. Acredito nele, e se a estou ferindo de algum jeito, eu sinto muito! Eu sinto muito!



Capítulo **QUINZE**

CHRISTOPHER

Comecei a usar o diário de Ellen no mesmo dia. Está aí uma coisa que nunca pensei que faria, jamais me vi como uma adolescente em crise desabafando minhas confidências a um caderno. Mas a quem mais eu as desabafaria, não é mesmo? Não é como se ela fosse ler o que eu escrevia, e naquele tempo em que estava ali, tudo o que tinha para contar tinha a ver com ela.

Meu julgamento havia sido marcado para dali dois meses. Esperava que até lá ela tivesse deixado de ir me ver, que estivesse feliz com aquele a quem ama e seguindo sua vida como deveria já estar fazendo. Mas não podia negar o quanto amava vê-la. O quanto significava para mim que ela continuasse indo ali, que continuasse pensando em mim e que insistisse em acreditar na minha inocência. Como sempre meus sentimentos eram puramente egoístas.

Numa tarde, estava voltando do refeitório quando um guarda me parou. Ele me encarou de uma maneira estranha, empurrando-me contra a parede,

ordenando que eu entregasse a ele a faca que tinha. Só que eu não tinha qualquer faca. Desafiei-o a revistar-me, e sem que eu esperasse, ele me acertou em cheio no rosto. Tentei me defender, mas ele não pegou leve, desferindo golpe atrás de golpe, usando até mesmo seu cassetete. Tive que revidar para não me ferir mais. Consegui acertá-lo algumas vezes, até que outros guardas apareceram e fui para a enfermaria.

Eu não fazia a menor ideia do que havia acontecido, quando o diretor veio falar comigo, não acreditou na minha versão dos fatos e tive que me lembrar que ele pensava estar falando com um assassino. Aos olhos dele, eu sempre seria culpado por qualquer coisa que me acontecesse.

Não deixei que Ellen me visse no dia seguinte, ela se assustaria com meu estado e não queria que ficasse ainda mais preocupada. Neste segundo dia, eu ainda estava na enfermaria, sem o diário para desabafar e sem meu vizinho de cela falador. Durante a madrugada, notei uma certa agitação no corredor, e logo o mesmo guarda que havia me agredido apareceu.

— Justo o guarda que não vai com a minha cara! — resmunguei achando que era sua vez de montar guarda na enfermaria.

— Cale a boca! — ordenou aproximando-se a passos rápidos e com pressa, passou uma corrente por meu pescoço.

Tentei me defender e gritar, mas sua mão cobria minha boca e, além de ser mais forte do que eu, ele não estava tão ferido quanto eu. Percebi então que ele havia feito tudo de caso pensado. Agredir-me de forma que eu fosse parar na enfermaria, longe dos outros guardas e ferido demais para defender-me, para só então concluir seu serviço. Consegui acertá-lo algumas vezes e tentei me desvencilhar de seu aperto, mas era em vão. Achei que tudo estava perdido para mim, que Ellen veria mais uma pessoa com quem se importava partir antes dela, quando um barulho muito próximo o fez soltar-me num rompante, segundos antes de dois guardas entrarem com JP ensanguentado. Eles o jogaram sobre a maca ao lado e o guarda que havia tentado me assassinar, saiu de fininho mal sendo notado.

— Cara, você está vivo! — JP comentou com uma careta que indicava a dor que sentia.

— Que merda você fez para vir para cá?

— Porra! A culpa é sua! Quando você me disse que o brutamontes o

agrediu sem porque, eu sabia que era só o primeiro passo. Ele não passou pelo nosso corredor esta noite, deveria estar fazendo a ronda, mas não apareceu. Então eu concluí que ele estaria aqui. Precisei agredir um guarda para que ele me atingisse e me trouxesse para cá. Estava rezando para que ainda houvesse tempo.

Depois de anos na mais completa solidão, de repente eu tinha um amor e um amigo.

— Valeu.

— Não há de quê.

Recebemos alta da enfermaria dois dias depois, fiz uma queixa para o diretor, mostrando as marcas que as correntes deixaram em meu pescoço, mas ele escolheu proteger seu homem e não acreditar em mim. Mesmo assim, o brutamontes, como JP dizia, foi transferido.

Já fazia uma semana que eu não a via e estava tão mal-acostumado com suas visitas repentinas, que a falta dela parecia doer em dobro. Estava cantarolando na cela uma tarde, quando JP gritou da sua:

— Cara, pare já com essa lamentação! Sinto te informar que essa dor só piora. Sabe o inferno que você vive preso aqui dentro? Não é nada comparado ao quanto a saudade pode doer!

— Cale a boca, homem! Deixe-me sentir minha dor.

— Não deixo, salvei a sua vida, agora você tem que me ouvir. Pare já com essa cantoria sofrida, estou ficando depressivo.

Sorri e voltei a cantar, e logo ele estava cantando comigo.

Na segunda vez que notei alguém me olhar estranho ali dentro, foi na semana seguinte, no refeitório. Estranhamente neste dia, os guardas ordenaram que toda a minha ala se sentasse em uma mesa pois eles mesmo nos serviriam. JP já ficou desconfiado, e quando o prato foi colocado diante de mim, me cutucou longe dos olhares atentos dos guardas.

— Se eu fosse você, não comeria essa gororoba.

— Achei que você apreciasse esta comida.

— Aprecio, claro. Comida é comida. Mas acho que há algo errado.

Olhei em volta e ninguém mais tocava em seu prato. Os guardas bateram na mesa causando um enorme estrondo, ordenando que comêssemos e JP, ciente do olhar de um deles, trocou seu prato comigo. Antes que ele levasse o garfo à boca, o guarda o impediu. Chamando sua atenção por ter trocado os pratos e os destrocando. A comida nos pratos era a mesma, não havia sentido impedir que JP comesse a do meu prato, a não ser...

Imediatamente me recusei a comer, mesmo sob as ameaças de um deles, particularmente dedicado à minha alimentação. Fui parar mais uma vez diante do diretor e disse a ele que haviam envenenado a minha comida. Dessa vez, ele me deu ouvidos.

Quando fui vê-la na manhã seguinte, procurei um espelho que mostrasse minha aparência, não queria assustá-la. Mas ela abriu a boca em choque quando me aproximei e dei-me conta de que deveria ter esperado mais tempo.

— O que aconteceu? Você está bem? — perguntou-me preocupada.

— Arrumei briga com uns detentos folgados, não foi nada demais.

— Christopher! — Ela estendeu a mão para tocar-me, mas desistiu no meio do caminho. — Você parece fraco, não tem comido direito aqui?

— A comida aqui não é das melhores.

Ela me olhava com genuína preocupação e um pouco de desespero, e dei-me conta de que não poderia permitir mais aquilo. Ela tinha que seguir sua vida e não perder seu tempo preocupando-se comigo.

— Ellen, escute-me, meu bem. Eu preciso que você deixe de vir aqui. Vá viver sua vida, fazer coisas que te fazem bem, que a deixam feliz. Há dinheiro o suficiente na sua conta para que possa viajar para qualquer lugar do mundo. Você conhece Paris? Você vai amar Paris. Por favor, pegue suas coisas e vá para lá.

Ela me observou em silêncio por um tempo, então perguntou-me ferida.

— Você não quer mais me ver?

— Sempre vou querer vê-la — respondi rápido demais, antes mesmo de processar o que estava dizendo.

— Então continuarei vindo aqui.

— Elle...

— Sem apelidos! Preciso te perguntar uma coisa. Onde estão os diários da Liz? Você os guardou aquele dia em que doamos as coisas dela, lembra-se? E não consigo encontrá-los.

Por um segundo, respirei aliviado por tê-los tirado de casa e os ter escondido muito bem. Todo o meu sacrifício iria por água abaixo se ela lesse ao menos um deles.

— Por que você os quer? Acha que já está pronta para lê-los?

Ela sorriu avaliando minha reação e tive que tomar cuidado com o quanto demonstrava do que sentia, perto dela.

— Não se trata de estar pronta ou não. Você disse que vocês dois tinham um caso, então quero ler o que ela disse sobre você. Você sabe. O quanto ela falou de você, o quanto ela te amava. Como foi o primeiro encontro, essas coisas.

A encarei em completo silêncio, ciente de que havia um jogo ali, algo maior que ela buscava.

— A Liz sempre me contou sobre os homens com quem ela saía e nunca, nenhuma vez sequer, mencionou o seu nome. E apesar daquela foto tão íntima e amigável de vocês dois, me pego pensando que você está mentindo sobre ela. Eu te disse algumas vezes, ela não duraria dez minutos com você, e com certeza teria me falado sobre você.

Precisei segurar minha respiração por sua recusa em acreditar na minha culpa, e bastou apenas lembrar-me da verdade que ela encontraria nesses diários, para que o medo voltasse a tomar minha mente, e agindo por ele, consegui respondê-la.

— Pedi a ela que não falasse sobre nós para ninguém. Ela provavelmente falou sobre mim, mas com outro nome.

Ela me avaliou procurando a mentira em minhas palavras, e insistiu:

— Mesmo assim quero lê-los.

— Não sei onde estão. Os deixei no quarto.

— Não estão lá e você sabe disso.

— Sinto muito se sumiram.

Ela pareceu irritada, mas se recompôs e continuou a atacar-me:

— Ela tinha lindos olhos cor de mel, mas havia uma mancha em um deles. Estou esquecendo como ela era. Você sabe me dizer em que olho ela tinha essa mancha verde?

— Sua irmã foi só mais uma, nunca reparei melhor nela.

Seu olhar ferido fez meu peito arder em culpa.

— Se você não fosse um exímio mentiroso, eu juro que o acertaria agora mesmo! Ela não tinha manchas em nenhum dos olhos, você não sabe me dizer nada sobre ela porque não a conhecia melhor. Não sei como conseguiu aquela foto, mas você está mentindo. E sabe o que mais me dói? Ficar me lembrando de cada coisa que você me disse e pensando o que é verdade e o que não é.

— Elle, eu...

— Até mais, Christopher — disse levantando-se e indo embora.

E tudo o que eu queria era dizer toda a verdade a ela.

Na tarde seguinte, Richard é quem veio me ver. Ainda era novo para mim conversar com ele como pessoas civilizadas, e mesmo assim, me era familiar, como conversar com um irmão podia ser.

Sentei-me diante dele, que analisou meu rosto machucado com uma careta.

— Você está péssimo.

— Aparentemente, Sarah não estava brincando quando me ameaçou.

Ele arregalou os olhos e contei por alto o que havia acontecido. Ele disse que daria um jeito naquilo e comecei a pensar que estava prometendo coisas demais que não poderia cumprir. Mas ele era a única esperança que eu tinha.

— Richard, você achou alguma coisa? Um meio de provar minha inocência sem que o verdadeiro culpado seja exposto?

Ele demorou um pouco para responder, e quando o fez, senti meu ar sumir aos poucos.

— Eu encontrei o vídeo da câmera de segurança da rua do armazém, Christopher. Vi tudo o que aconteceu. O que não entendo, e não consigo aceitar é por que você está acobertando o verdadeiro assassino. Então se quer minha ajuda, preciso que seja sincero comigo ao menos uma vez. Por que você deixou André Costa livre? Por que não disse a verdade a ela?

— Richard, você não entende.

— Você não tem o direito de fazer isso com ela! O que pensa que está fazendo? Liberando o noivo dela para que ela seja feliz com ele? Porque se este for o seu plano brilhante irmão, não está funcionando. Ela está péssima! E ele é a merda de um assassino que deveria estar pagando por matar a própria cunhada! Christopher! O que deu na sua cabeça?

— Ela não aguentaria! A verdade a mataria, Richard, estou aqui para que ela seja feliz, e estou garantindo isso ao não permitir que ela descubra a verdade!

— Você não está fazendo sentido algum, irmão.

— Eu decidi conhecê-lo pouco depois de conhecê-la e saber sobre a situação dele e o empenho dela em tirá-lo daqui. E em pouco tempo de conversa descobri que ele a traía. Ela tem pouco tempo de vida e o perdia vindo aqui todos os dias, apenas para sair daqui despedaçada depois. Não achei justo. Então voltei a vê-lo, pedi a ele que a tratasse com o mínimo de amor que ela merecia pelo esforço que estava fazendo por ele, pelo quanto estava entregando o fim de sua vida a ele e ele riu de mim. Disse que nunca a amou, que não era fiel a ela e não passaria os últimos dias da vida dela, ao seu lado. O que o matinha preso a ela era Eliza. Eles tinham um caso há pouco mais de um ano. Bem debaixo do nariz da Ellen e ela nunca desconfiou de nada. Pegaram o dinheiro dela e compraram uma merda de apartamento na capital para os dois, estavam planejando fugir juntos quando ela recebeu o diagnóstico terminal.

Os olhos de Richard estavam cheios, assim como os meus, e continuei.

— Então Liz pediu a ele que esperasse ela morrer para que pudessem ficar juntos. Depois, ela se arrependeu e queria romper com ele e devolver o dinheiro a ela. Ela vendeu o apartamento e guardou o dinheiro na conta, só que o idiota devia a Ellen mais do que o dinheiro da venda da casa que ela havia dado, e queria que Liz esperasse a morte dela para que tudo fosse

resolvido.

— Meu Deus! Como pode existir gente assim? Mas isso justificaria você condená-lo e não salvá-lo.

— Não fiz isso por ele. Eu fiz de tudo para tirá-la dele, para fazê-la me amar como eu a amava. Eu fiz de tudo, irmão. E não funcionou. Ele jurou para mim que não havia encostado um dedo em Liz, que provavelmente era um amante dela quem a havia matado, mas então Stefano encontrou o vídeo perdido da câmera de segurança. E você o viu, não havia mais como negar que ele a matou. Bateu nela num momento de total perda de controle e a sufocou em seguida para esconder o crime. Eu vim vê-lo de novo e disse que iria garantir que ele pagasse pelo que fez a ela.

— Continue, Chris o que o fez mudar de ideia?

— O julgamento dele se aproximava e ele disse que se fosse condenado, se essa prova aparecesse, diria toda a verdade. Ele ia dizer que tinha um caso com a irmã dela por tanto tempo e tudo o que armaram pelas costas dela.

— A verdade é sempre melhor do que a mentira, não importa qual seja ela. Sei que a Ellen sofreria, mas...

— Não, ela não sofreria, apenas, Richard, ela morreria! Richard, ela não aguentaria! Era a irmã dela, a pessoa que ela mais amava na vida, a pessoa por quem ela chora até hoje. Você não faz ideia de como foi difícil para mim conseguir ajudá-la a começar a superar a perda da irmã. Era a única família que ela tinha! Ela não pode saber de maneira alguma que essa irmã que ela tanto ama a roubou, e estava apenas esperando que ela morresse para ficar com seu noivo.

Ele ficou calado, buscando palavras para repreender-me, mas não as encontrou.

— Lembra como você se sentiu quando eu te tirei a Sarah? Você ficou destruído. E há uma enorme diferença entre vocês dois, ela não sabe ser má. O coração dela é fraco, você acha mesmo que ela precisa saber disso? Richard, eu a vi quase morrer nos meus braços por muito menos do que isso. Acredite em mim, ela não sobreviveria.

Após um tempo enorme em silêncio, ele respirou fundo e me encarou, tão perdido nessa história quanto eu.

— Merda, irmão. Você não podia amar alguém menos complicada?

— O pior de tudo é que ela é a única pessoa no mundo que me faria amar assim. E não me olhe com esse ar de julgamento. Você faria o mesmo pela Gabriella sem pensar duas vezes.

— Então você a ama e está disposto a sacrificar sua vida por ela?

— Eu sacrificaria qualquer coisa por ela. Isso aqui não é nada. Eu pedi que ela fizesse uns exames e os fiz também. Queria ser compatível com ela, saber que poderia salvá-la doando o meu coração e adivinha só? Eu sou compatível com ela. Você vê que merda é a vida, irmão? Eu poderia salvá-la, mas sabe por que não fiz isso? Porque é tarde demais! A conheci tarde demais! Ela não resistiria à cirurgia, um coração novo não serviria mais ao seu corpo! Eu não posso fazer nada! Consegue imaginar como se sentiria se fosse a Gabriella prestes a deixá-lo e você não pudesse fazer absolutamente nada?

— Não, de verdade eu nem consigo pensar nisso.

— Não me julgue por querer que ela seja feliz enquanto pode.

— Temos que encontrar um jeito de tirá-lo daqui, Christopher. Se não puder ser pela lei, então agiremos contra ela.

Eu estava esgotado e sentia-me sem vida por dentro. Despedi-me dele para ficar sozinho. A lembrança da mágoa no olhar da Elle me perseguindo a noite toda. Richard disse que ela estava péssima, e mais uma vez eu estava fracassando em protegê-la.

Não queria ver ninguém na manhã seguinte, mas acabei cedendo quando fui chamado por achar que poderia ser ela. E era. Reparei que não dormia há dias, seu rosto mais cansado do que me lembrava de já tê-lo visto.

— Elle, você está bem? Tem se cuidado? Passou mal por esses dias?

— Você sabe a resposta para todas essas perguntas, então não me darei ao trabalho de respondê-las. Eu te trouxe isso — disse estendendo uma vasilha.

Ali, havia uma refeição completa, e pelo cheiro, reconheci que preparada por ela.

— Por que isso?

— Porque você não está se alimentando direito aqui. Não sei se a comida é ruim ou se você tem outro motivo, mas vou trazer ao menos uma porção para você todos os dias. Para que não sinta fome.

Contive o impulso de dar a volta pela mesa e abraçá-la.

— Você não devia vir aqui todos os dias, meu bem.

— E você nem devia estar aqui. Somos dois teimosos, não é mesmo?

— Eu sinto muito por...

— Pare! — interrompeu-me estendendo as mãos. — Não me peça desculpas por nada que vai continuar fazendo. Arrepende-se por algo não funciona assim.

— Por que você não me odeia? Me diz, Elle, por que ainda vem aqui? Por que se preocupa tanto?

Ela demorou um pouco a responder, os olhos perdidos nos meus até que as palavras saíram.

— Porque você me ensinou o amor bem demais, ele não me deixa odiá-lo.

— Você suspende o seu coração para entrar aqui? — Pensei que essa era a única explicação para que não me odiasse, ela o suspendia e assim não me julgava. Não pensava que eu era culpado, nem inocente.

Mas ela me surpreendeu ao negar com a cabeça.

— Você me disse que eu não precisava suspender meu coração com você e não o faço. Bem, não é como se eu pudesse realmente fazê-lo. No momento ele está um pouco... — Pensou nas palavras seguintes antes de pronunciá-las. — Cheio demais para ser suspenso.

— Você não faz ideia do quanto a amo! — me peguei confessando sem me dar conta.

— Você não tem o direito de me dizer isso enquanto está dizendo ao mundo que matou minha irmã. Não pode me amar mentindo para mim. Só repita isso quando puder me dizer a verdade.

Então nunca mais poderia repetir a única verdade que podia dizer a ela.

— Como está o André? — não consegui pronunciar a palavra noivo para referir-me aos dois.

— Não sei. Não o tenho visto.

— Como assim não o tem visto?

— Não o vejo há algumas semanas. Não somos nada um do outro. Por que está com essa cara?

Merda! André não estava cumprindo sua parte do nosso acordo, deveria estar cuidando dela. E os contatos do Stefano não haviam me comunicado sobre o afastamento entre eles.

Naquela tarde, pedi ajuda ao meu irmão adotivo. Dei uma bronca em Stefano por sua incompetência em ficar de olho em Ellen, lembrando-o do risco que ela corria com o assassino da irmã à solta, quando não estava cumprindo nosso acordo. No dia seguinte, Fabris apareceu. Seu rosto parecia cansado e seu sorriso ao me ver não foi nem de longe verdadeiro, características nada comuns nele.

— Você está uma merda! — disse-me.

— Você também, maninho. O que houve?

— Cate casou-se no final de semana.

— Não achei que ela levaria isso adiante.

— Pois é.

Cate era minha irmã, a pessoa mais fria que eu já havia conhecido, mas teve desde sempre um único ponto fraco: Fabris. Os motivos que levaram meu pai a adotá-lo, sendo ele o filho de uma empregada da família que veio a falecer, nunca foram esclarecidos. Só sabíamos que ele não era filho bastardo do meu pai, porque não se parecia em nada com ele, nem mesmo tínhamos o mesmo tipo sanguíneo. Ele foi, provavelmente, o único gesto de bondade que meu pai fez na vida. Ele e Cate se apaixonaram ainda crianças, e claro que minha família jamais aceitaria essa relação.

Fabris não fez questão de ser criado conosco, preferindo se virar sozinho desde os quinze anos, construindo sua própria vida sem depender de um centavo do nosso pai. E se não bastasse toda a desconfiança da minha mãe sobre ele, o fato de ele não ter onde cair morto era o peso final para a sentença dela proibindo Cate de vê-lo. Todos nós achávamos que eles ficariam juntos no fim das contas, quando ela deixasse de ser uma marionete

controlada pela mamãe, mas nenhum de nós se livrou rápido das amarras deles. Eu mesmo estava me libertando ainda, Richard havia se libertado havia pouco tempo, depois que tirei a empresa dele.

Quando Cate começou a namorar o filho de uma amiga da mamãe, era nítida a indiferença dela em relação a Renato, seu namorado. Sabíamos que ela estava fingindo, passando o tempo, dando corda para no momento certo, assumir o controle de sua vida e viver seu grande amor. Mas então ele foi diagnosticado com um câncer agressivo, Linfoma de Hodgkin, e ela ficou de mãos atadas. Foi por pena que ficou ao seu lado, foi por pena que aceitou marcar a data do casamento e se realmente casou-se com ele, também o fez por pena.

— Eu estava lá, Chris. A encontrei antes que subisse ao altar, me declarei, ofereci uma vida de amor verdadeiro e felicidade a ela. Então ele apareceu. Não me contive, por tê-lo ali. Disse a ele nossa história, o quanto a amava, que ela me amava. E ele disse a ela para ir comigo. — Ele riu sem achar qualquer graça, a dor estampada em seu rosto. — Ele disse a ela para ir atrás de sua felicidade, e mesmo assim, ela preferiu ficar com ele. Você consegue entender?

— Catherine te ama, Fabris, todo mundo sabe disso.

— Aparentemente, ela não sabe. Mas não estou aqui para chorar minhas mágoas para um detento com a cara quebrada. O que você quer?

— Você é guarda-costas, certo? Preciso que tome conta de uma pessoa por mim.

— Estamos falando de uma mulher.

— Não, maninho, estamos falando da mulher. A mulher da minha vida. Portanto, cuide muito bem dela.

Passei a ele as instruções e respirei aliviado quando ele me prometeu que não permitiria que nada acontecesse à minha garota.

Na tarde seguinte, estava no pátio tomando sol, quando tudo aconteceu. Foi rápido demais para que eu conseguisse impedir ou reagir. Nem mesmo JP, ao meu lado, foi capaz de prever. Um detento com quem nunca havia falado aproximou-se a passos rápidos no momento em que estávamos

voltando para as celas. Ele segurou meu pescoço por trás, e no movimento seguinte, cravou uma faca na minha barriga. Mirou o peito, mas me mexi a tempo de não ser atingido no coração. No segundo seguinte, JP e mais alguns presos pularam sobre ele, o sangue corria por minha barriga e tudo ficou escuro.

Acordei horas depois de volta à enfermaria, a dor não me permitia mexer-me, mas consegui avistar Richard ao meu lado.

— Richard, como conseguiu entrar aqui?

— Ameaçando o diretor. E tenho alguns contatos aqui dentro.

— Jura? Então onde estavam eles?

— Christopher, me escute com bastante atenção! Vou tirá-lo daqui amanhã, faremos com que seja transferido para um hospital próximo. Um amigo meu irá resgatá-lo lá, vou deixar tudo acordado com seu amigo, João Pedro, para que você não esqueça. Não sei como estará esta ferida amanhã, mas trate de estar bem.

— Isso é loucura, Richard. Não posso sair daqui, ainda nem fui julgado.

— Você não está me entendendo, irmão. Sarah não está para brincadeiras, desta vez foi por muito pouco. Eu vou tirá-lo daqui, Christopher, vou ajudá-lo a fugir. Depois que você estiver longe daqui e em segurança, sei exatamente o que fazer para que André e Sarah sejam condenados por seus crimes sem que sua garota saiba. Mas primeiro, preciso tirar você daqui.

Me parecia loucura. No estado em que estava, não conseguia sequer ficar sentado, como fugiria de um hospital com certeza bem vigiado?

— Não vai dar certo, você vai me matar.

— Você estará se matando se continuar aqui. Acha que é seguro para ela se você morrer aqui dentro, Chris? Acha que ele terá qualquer consideração por ela caso não tenha mais sua ameaça? Acha mesmo que ela resistiria à sua morte? Se você morrer aqui dentro, estará fazendo com ela tudo aquilo que se sacrificou para evitar, irmão. Acredite, você tem que sair daqui.

Assenti não tendo mais argumentos. Então era isso, além de mentiroso

e um monstro para ela, eu seria um foragido.



Capítulo **DEZESSEIS**

ELLEN

Andei pela cidade procurando um lugar para ficar. Eu não tinha mais emprego, havia praticamente abandonado a gravadora após a prisão de Christopher, e jamais mexeria em um centavo do dinheiro dele. Tinha o dinheiro da venda da casa, que havia recuperado da conta de Liz, e me manteria com ele até que fosse possível. Achei lugares bons, em conta e bonitinhos. Cheguei a fechar com dois dos locadores, mas ao voltar para o apartamento dele, não conseguia deixá-lo. Ali eu o sentia. Sabia que estava agindo com ele como havia agido sobre Liz, não querendo sair da casa antiga para senti-la. Mas esta sou eu, buscando pessoas que estão longe e sentindo-as nos pequenos detalhes, nas adoráveis lembranças.

Eu sonhava com Christopher todos os dias. O via em cada cômodo de seu apartamento, ouvia sua voz, sentia seu cheiro. Às vezes, chegava a esperar que ele fosse abrir a porta, eu pularia em seus braços e o beijaria, e depois o mataria por me fazer ficar tanto tempo sem ele. Por ferir-me onde mais de doía. Uma noite, sonhei que o perdia para sempre. Ele apenas ia

embora, sem se despedir de mim, sem me dizer a verdade, e eu não resistia à sua ausência completa, sucumbia sem ele. Acordei sentindo uma falta dele que podia ser tocada, abraçada e ninada. A cultivei comigo durante toda a manhã.

Estava no mercado comprando coisas pra fazer as marmitas de Christopher, quando senti alguém me observando. Meu telefone chamou e o nome de André apareceu no visor. E eu sabia que estava agindo muito errado com ele, mas sequer conseguia atendê-lo. De alguma forma meu cérebro havia ligado sua liberdade à prisão de Christopher. Como se uma coisa fosse condição para a outra, e isso fazia com que eu o culpasse por estar sem o meu amor.

Como a vida dá voltas!

Desde a prisão de Christopher, eu não falava mais com o destino. Havia desistido dele, nos odiávamos, no final das contas. Nada mais podia ser feito para reparar nossa relação. A menos que ele me entregasse Christopher livre ao lado de um laudo médico indicando um milagre, eu o odiaria até o fim dos meus dias.

Mais uma vez, enquanto virava a rua do apartamento de Chris, percebi a pessoa me seguindo. Apressei o passo e entrei no prédio, respirando aliviada ao trancar a porta de casa. Porém pouco depois a campainha soou e quando olhei pelo olho mágico, ele estava ali. Meu seguidor.

— Quem é você? — perguntei pela porta, sem abri-la.

— Fabris Becker. Sou irmão do Christopher.

Abri a porta imediatamente desconfiada de sua afirmação. Ele não se parecia em nada com os irmãos Becker, seu tom de pele moreno, os olhos negros, o cabelo espesso, o queixo quadrado. Era muito bonito, mas uma beleza completamente diferente.

— Você não se parece com eles — observei.

— Graças a Deus! Sou muito mais um moreno do que um branquelo, você não acha?

— O que está fazendo aqui? Por que estava me seguindo?

— Um doce se você adivinhar. O Christopher mandou, é claro. Só a

estou protegendo, quem era ao telefone?

— Como?

Ele entrou sem meu convite e foi até a cozinha, servindo-se de um suco gelado.

— Nada de bebidas, meu irmão mudou. Ou então já bebeu todas.

— Seu irmão não está aqui.

— Eu sei, fui vê-lo no presídio, está com a cara arrebitada, o coitado. Nunca foi bom de briga, e olha que tentei ensinar a ele. Você está desconfiada de mim, não é? Vou te provar que sou irmão desse calhorda que você chama de amor, veja. — Aproximou-se de mim exibindo em seu celular uma foto de três garotinhos fofos. Dois eram claramente Richard e Christopher e o outro era ele, era inegável. Os olhos negros e o queixo quadrado com um furo. — Meu primeiro nome é Erick, mas ninguém me chama assim, Fabris. — Estendeu a mão e a toquei.

— Agradeço por me seguir por aí, Fabris, mas não precisa ficar. Não preciso de proteção. Você pode ir embora.

— Ah, não, obrigado! Não tenho mais nada para fazer, de qualquer forma. O amor da minha vida acabou de se casar, tentei roubá-la no altar, mas ela não me quis. Vou ficar por aqui vigiando o amor da vida do meu irmão. Pelo menos assim sinto um pouco de amor verdadeiro.

— Sinto muito pelo amor da sua vida — disse segurando o riso e ele agradeceu com um gesto.

— Você tem milho de pipoca? Vai começar um jogo, se você pudesse estourá-los agradeceria muito.

— É, você é mesmo da família. Vá para a sala, já levo sua pipoca.

Ele abriu um enorme sorriso.

— Está aí, gostei mais de você do que da Gabriella. Quando pedi isso a ela, ela me arremessou o pacote de milho e ainda deu ordens de como eu deveria temperá-lo. Terrível, ela. Você é mais legal.

Num primeiro momento, a companhia de Fabris me incomodou, eu não precisava de um guarda-costas e muito menos de alguém ali dentro atrapalhando meus momentos de sofrimento. Mas no fim das contas, ele era muito divertido. Tão diferente dos outros irmãos Becker que ao longo do dia,

precisou me mostrar mais provas de que era mesmo irmão deles. Falava com tanta admiração sobre Christopher que me peguei sorrindo várias vezes enquanto ouvia seus relatos das várias aventuras que viveram juntos.

— Eu não sei porque meu irmão assumiu este crime, pequena, mas sei que não foi ele.

— Eu sei. Também não consigo entendê-lo.

— Tudo vai se resolver, não desista dele.

— Não é como se eu pudesse apenas desistir. Mas dói que ele minta tanto pra mim. Só queria que ele pudesse olhar em meus olhos e me dizer a verdade.

— Talvez a verdade seja difícil demais para que ele compartilhe.

— O que você quer dizer?

Ele bagunçou meu cabelo como se fôssemos íntimos antes de explicar.

— Faça-o dizer outras verdades. Coisas que também sejam importantes para você ouvir, mas que não o forcem a ir contra o que deseja. Às vezes, tudo parece mais difícil do que realmente é, você só tem que respeitar a decisão dele e esperar que ele decida dividi-la.

— Mas é sobre a minha irmã que estamos falando, não posso esperar que ele decida dizer a verdade.

— Então prefere ficar aqui longe dele e buscando um meio de afastá-lo?

Neguei com a cabeça.

— A prioridade dele é proteger você, Ellen, é o que ele está fazendo. Não sabemos porque ele mentiu, mas tem a ver com isso. Pode ter certeza. Ele tem os motivos dele, se você confia nele, deve apenas respeitar sua decisão.

Decidi ir ao presídio faltando apenas trinta minutos para encerrar o horário de visitas. Fazia isso porque era mais fácil para mim ir embora e não voltar depois. Nos dias em que levava seu almoço, me sentia tentada a voltar lá, sentia sua falta, sabia que ele estava a poucos minutos de distância. Era difícil demais não ficar o tempo todo perto dele. Fabris, como o bom guardacostas que era, decidiu me seguir. Disse que queria mostrar para o irmão que

estava cumprindo com sua obrigação.

Chegamos ao presídio e recebemos a notícia de que não poderíamos vê-lo, pois ele havia sido transferido para um hospital próximo. No mesmo instante fomos para lá, e foi preciso uma ligação de Richard para que fôssemos autorizados a entrar. Ele estava pálido e fraco em uma cama, mas abriu um sorriso sincero ao nos ver.

— Irmão, como prometido, vigiando sua garota — Fabris comentou empolgado.

— Você devia fazer isso sem que ela percebesse, seu paspalho! Tem certeza que sua empresa de segurança vai bem das pernas?

— Tenho, claro. Sou o melhor guarda-costas do mundo, querido irmão. Mas quis me aproximar da sua garota, você sabe, estou precisando de belas companhias.

— Só não o acerto agora mesmo porque mal posso me mexer, mas tenho contatos, Fabris, não me provoque.

Fabris despediu-se deixando-nos a sós e aproximei-me temerosa de sua cama.

— O que aconteceu com você? Outra briga?

— Pode-se dizer que sim. Caí em uma emboscada.

— Ah, Christopher! — Acaricieei seu rosto e ele fechou os olhos, colocando a mão sobre a minha sob os olhares atentos do policial ali dentro.

— Por que você está passando por tudo isso?

— Porque mereço, meu amor. Mereço passar por tudo isso.

Afastei-me dele observando-o, me feria quando ele confirmava que havia matado Liz, por mais que eu não acreditasse nele, machucava que mentisse sobre isso, que tentasse fazer com que eu acreditasse.

— Você mente, Christopher, mente tanto que acho que nem vê. É sua compulsão. Eu perdoei suas mentiras uma vez, as perdoaria de novo. Mas por favor, só não minta sobre isso, isso é o que mais me machuca e você não faz ideia de como fica a minha mente, a minha alma, sempre que tenho de ouvi-lo insinuando tal coisa.

Seus olhos encheram, e ele não me respondeu. Apenas me estendeu a mão e pediu com aqueles olhos tão azuis que eu a segurasse, e acabei

cedendo.

— Você precisa me prometer, meu amor, que vai se cuidar. Que vai ser feliz a cada dia, lembra da promessa que fez a si mesma? Não se abalar, lembra?

— Você não me deixou cumpri-la.

— Não diga isso. Ainda há tempo de cumpri-la. Eu só quero agradecê-la por tudo. Por me mostrar o amor verdadeiro, o Christopher verdadeiro, por cada segundo de cada dia. Sei que não sou bom, Ele, muito menos digno de você. Mas você pode dizer com toda certeza que foi amada, amada da maneira mais intensa e verdadeira que se pode ser.

— Por que você está falando assim? Você está bem, não está? Não vai morrer por este ferimento.

— Não, não vou. Não está tão ruim quanto parece.

Ele brincou com meus dedos e não permitiu que nosso contato fosse rompido.

— Obrigado, principalmente por estar aqui. Por cuidar de mim mesmo que eu não mereça. Por não me deixar sozinho lá.

— Por favor, Christopher, pare de mentir pra mim.

— Não estou mentindo, amor. Eu te amo tanto! E você é tão perfeita que mais parece um sonho! Nunca vou me esquecer de você, nem por um minuto sequer. Onde quer que você esteja, amor, saiba que você é amada.

Um alerta soou na minha cabeça e afastei minha mão da sua, forçando-o a olhar em meus olhos, sussurrei então a pergunta que queria fazer, para que o policial não me ouvisse.

— Por que está se despedindo?

Ele negou com a cabeça e pude ler em seus lábios a resposta.

— Não estou.

E mais uma vez senti que ele estava mentindo para mim. Quando me despedi dele, por ordens do policial, ele demorou demais a soltar minha mão, seus olhos estudando meu rosto, como se estivesse memorizando-o. E alguma coisa dentro de mim dizia que algo não estava certo com ele. Uma sensação fria de que eu iria perdê-lo. *Como se ele fosse meu.*

Recebi uma mensagem de Gabriella assim que cheguei em casa, sua bebê havia nascido. Fui com Fabris para a maternidade, ele decidiu comprar balões exagerados no caminho. A pequena Thamara era linda e Gabriella parecia reluzente, uma felicidade que quase podia ser tocada. Richard não estava diferente, um sorriso de orelha a orelha que não sumia por um segundo sequer. Provocou Fabris como se fossem duas crianças e entendi que ele era o irmão neutro, o que se dava bem com todos os outros. Quando puxou saco de Gabriella, dedurei-o.

— Você disse que sou sua preferida, já mudou de ideia?

Gabriella o encarou com uma careta e ele abriu um enorme e lindo sorriso.

— Ah não, não mesmo! Você é minha cunhada preferida. E a Gabriella é a minha mamãe preferida.

— Você se saiu bem — elogiou Richard.

E num segundo de distração, minha mente voltou para Christopher, para aquelas palavras que mais pareciam uma despedida. E um medo incomum voltou a me tomar.

Richard me chamou em um canto, parecia nervoso, por um segundo, sua felicidade pelo nascimento da filha vacilou. Ele me estendeu um papel, mas não me deixou realmente pegá-lo. Seus olhos fixos nos meus ao me contar o que estava prestes a acontecer.

— A vida do Christopher está em risco naquele lugar, Ellen. E eu sei que não deveria estar te contando isso, mas algo me diz que você tem o direito de ter uma chance de escolha. Irei tirá-lo do hospital esta noite. Nós armamos tudo para que ele fosse transferido para lá, e tenho tudo arquitetado para que não volte mais para a cadeia.

Senti-me tonta, sem conseguir formular qualquer resposta, de repente minhas pernas pareciam bambas.

— Estou dizendo a você, que vou ajudar o possível assassino da sua irmã a fugir da cadeia. Ele vai pegar um carro e fugir neste endereço e neste horário.

Finalmente me entregou o papel e confusa, o levei até meu peito.

— Por que você está me contando isso?

— Porque você pode escolher seu destino desta vez. Pode avisar a polícia que ele vai fugir, se julgar certo. Ou pode deixá-lo ir e aceitar que ele não é culpado pela morte da sua irmã. O destino dele está em suas mãos agora, espero que tome a decisão certa.

Com o coração aos pulos e a respiração pesada, deixei Richard e fui embora. Não entrei nas brincadeiras de Fabris, sequer as ouvia e depois de um tempo, ele desistiu. Christopher ia fugir, e se o fizesse eu nunca mais o veria. Se o fizesse, levaria com ele o segredo sobre a morte da minha irmã.

Ao invés de ir para meu quarto, fui para o dele. Joguei-me em sua cama ciente de que faltavam três horas para que o plano de Richard fosse executado. Eu nunca mais o veria. O assassino da minha irmã ficaria impune.

Sentindo-me errada pela dúvida que começava a tomar minha mente, tentei calcular o quão louca eu teria que ser para achar que a ausência dele doeria mais do que a injustiça por ela. Do que eu precisava mais?

Não precisei pensar muito na resposta.

Lá estava eu, em frente ao túmulo de Liz. Fabris assoviava observando as lápides e pedi a ele que nos desse um espaço. Seu olhar pousou em mim achando-me maluca, mas por fim atendeu meu pedido e afastou-se. Ajoelhei-me diante dela e confessei meu crime:

— Liz, estou aqui para me despedir de você. Provavelmente não virei mais aqui, não nos falaremos mais. Eu... — Respirei fundo e tomei coragem de confessar. — Eu não vou mais buscar justiça por você. Coloquei isso nas mãos de Deus e sei que Ele vai fazer o melhor. Não posso mais viver por isso, eu preciso estar com ele, sinto muito se a estou decepcionando, mas não posso seguir sem ele. Não sobra Ellen sem Christopher, lembra? Espero que esteja em um lugar lindo agora, que esteja amando intensamente alguém, do jeito que você gostava, e que esteja cercada de coisas que ama. Espero que esteja feliz, você merece. Eu vou tentar ser feliz também, se ele permitir.

Levantei-me e peguei a bolsa que estava carregando, que Fabris provavelmente pensou ser algum ritual macabro, já que fomos direto para o cemitério.

— Adeus irmã, descanse em paz.

Conferi que ele não estava olhando e saí a passos lentos do cemitério, tomando o táxi na próxima rua. Desci no local marcado por Richard quinze minutos antes do prazo, o coração aos pulos, a respiração mais lenta, um medo irracional de perdê-lo.

Os minutos pareceram se tornar horas, eu só precisava vê-lo, mesmo que fosse uma última vez, e ele não aparecia. Comecei a temer que algo tivesse dado errado, que ele estivesse em perigo, até que o avistei.

Olhando para todos os lados, andando devagar por conta do ferimento, o cabelo mais comprido do que já havia visto nele e a barba grossa por fazer. Tão lindo! Ele observou a luz da lua e das estrelas, olhou para trás algumas vezes e então me viu. Parou onde estava ao ver-me, sua expressão indecifrável, e aproximei-me devagar.

— Ellen... — sussurrou meu nome sem demonstrar se estava feliz ou assustado por encontrar-me ali. — Eu precisei fazer isso, não o faria se a minha vida não estivesse em risco, eu...

Ele respirou fundo e minha voz finalmente saiu.

— Me leva com você, Christopher, por favor.

— O quê? — perguntou-me incrédulo, os olhos fixos nos meus, os encarei sem medo.

— Eu quero fugir com você.

Um sorriso surgiu em seu rosto, sumindo em seguida. Ele passou as mãos pelos cabelos, e num rompante, veio até mim, segurando meus ombros.

— Diga de novo — pediu olhando em meus olhos, seu rosto quase em desespero. — Por que você está aqui?

— Porque quero ir com você. Vim pedir que você me leve, se quiser, para onde está indo.

— Você está dizendo que quer ficar comigo?

Assenti. Temendo que ele fosse recusar e me mandar embora. Mas um sorriso surgiu em seu rosto, o sorriso mais lindo que eu já havia visto nele.

— Eu... — gaguejou sem dizer nada e pedi mais uma vez.

— Eu amo você, Christopher Becker, por favor, não me obrigue a viver

mais um dia sem você.

Seus olhos encheram com emoção genuína, e no segundo seguinte, ele me aninhou em seus braços, prendendo-me contra seu corpo, respirando meu cheiro em desespero, passeando sua boca por meus ombros e pescoço. Até que ela alcançou a minha, e ele me beijou com todo amor e paixão, aquele beijo voraz, que me acendia, me fazia viva, que me fez tanta falta! Correspondi com o mesmo amor e me perdi em seus braços.

Quando o ar começou a faltar, ele se afastou, uma lágrima corria por seu rosto e a beijei.

— Eu te amo, minha doce Ellen, te amo demais. Vamos, prometo que vou fazê-la feliz, amor, eu te juro.

Assenti e o acomodei no banco do carona do carro que Richard havia providenciado. Assumi o volante e segui o caminho gravado no GPS. Não sabia para onde estávamos indo, como seria minha vida com um fugitivo, só sabia que estaria com ele, e não precisava de mais nada.



PARTE 3



Capítulo **DEZESSETE**

Ellen

O plano de Richard era que dirigíssemos até Angra dos Reis, onde Christopher poderia se recuperar do ferimento por alguns dias, então seguiríamos para Vitória, Espírito Santo, ficaríamos lá alguns dias também. E de lá, pegaríamos um trem para São Paulo. Essa volta serviria apenas para confundir a polícia, que com certeza estaria atrás de nós.

Chegamos a Angra com o dia nascendo, o lugar era mesmo lindo! Segui o GPS até a cabana que Richard havia providenciado, ficava na beira da praia, mas longe de todo comércio, e possíveis turistas. Ajudei Christopher a descer do carro e em seguida busquei a bolsa que havia levado.

— O que você tem aí? — ele perguntou jogando-se na pequena poltrona que estava em um canto da sala aconchegante.

— Roupas para nós. Trouxe algumas suas, não sabia se o Richard as providenciaria. E meus remédios.

— Você pensou em tudo — comentou com um sorriso. — Mas não

sabia que eu fugiria quando foi me ver no hospital, quando decidiu vir comigo?

— Quando o medo de não vê-lo mais me deixou em pânico, acho.

Observei a pequena cabana, aparentemente não possuía nenhum luxo, mas era aconchegante e elegante. A decoração rústica, possuía uma pequena lareira na parede do centro da sala. Um sofá-cama, a poltrona onde Christopher havia se jogado e uma mesa. Ao lado da sala ficava a pequena cozinha. Repleta de armários, havia uma ilha ao centro com o fogão e um frigobar, e uma mesa pequena, para duas pessoas, com duas banquetas. E logo após havia o banheiro. Também pequeno, possuía uma banheira, além do chuveiro, que me parecia extremamente convidativo.

Christopher estava quase adormecendo quando voltei a sala, e tratei e acordá-lo.

— Você precisa de um banho, vamos, acorde!

— Não, banho não. Só quero dormir um pouco.

— Depois, a gente tem que trocar esse curativo, está sangrando. Venha, Christopher.

Não consegui levantar seu peso, toquei seu rosto e senti sua pele quente, me parecia febril.

— Chris, venha tomar banho comigo.

Ele abriu um dos olhos, observando-me.

— Banho com você? Está dizendo que vai entrar debaixo da água comigo?

— Claro! Como vou dar banho em você se não entrarmos juntos?

— Você vai dar banho em mim? Devia ter começado por aí, meu bem.

Ele se levantou com algum esforço, o semblante bem mais alegre e me seguiu de bom grado até o banheiro. Foi direto para a banheira, mas o impedi, ligando o chuveiro. Queria ver se ele conseguia manter-se de pé. Tirei minha roupa sob seu olhar atento e entrei debaixo da água quentinha.

— O que você está esperando? — chamei.

— Não faço ideia — respondeu tirando sua roupa.

Observei cada movimento dele e percebi que sentiu dor ao tirar a blusa.

E logo, juntou-se a mim debaixo da água quente, seus olhos mais acesos do que já os havia visto, absorvendo cada detalhe do meu corpo nu. Passei minhas mãos por seu peito e barriga, sentindo falta do contato com sua pele, do seu calor, de estar em seus braços. Sua boca alcançou a minha em um beijo faminto, seus braços me rodeando da maneira que eu mais amava, levou-me de encontro ao seu corpo, e tentou abafar um gemido de dor por seu ferimento.

Afastei-me devagar, diminuindo o ritmo de nosso beijo, e segurei seu rosto lindo em minhas mãos.

— Nem pense nisso. Hoje vamos apenas cuidar de você.

— Isso é cuidar de mim — respondeu com a voz rouca, seus olhos capturando os meus, e guiou minha mão até seu membro duro.

Fechei os olhos ardendo em desejo e peguei o sabonete, comecei por ali. Passando-o bem devagar, saboreando sua respiração pesada, seus olhos fechados em êxtase. Subi minhas mãos por sua barriga, contornando cada marca em seu abdômen, arranhando sua pele, ouvindo-o gemer, dessa vez de prazer. Passei por seu peitoral, beijei onde seu coração podia ser sentido e o virei de costas.

Fiz a mesma coisa, lavando-o com cuidado, tocando cada centímetro de sua pele, conhecendo cada detalhe de seu corpo. Guardei o sabonete e deixei que a água quente o lavasse, auxiliando-a com minhas mãos ávidas por tocá-lo.

— Ele — sussurrou meu nome como uma súplica.

Permiti que seu corpo girasse de volta em minha direção. Ele tocou meu rosto com veneração e voltou a me beijar. Seus beijos ainda mais famintos, mais urgentes.

— Por favor — pediu entre um beijo e outro.

Afastei-me de sua boca com mais dificuldade do que poderia imaginar e ajoelhei-me aos seus pés. Não podíamos fazer amor, por maior que fosse nossa saudade, ele estava ferido. Podia não se importar em sentir dor, mas eu me importava em machucá-lo. Com cuidado, toquei seu membro rijo e o acariciei, meus olhos buscaram os seus, que brilhavam em ansiedade.

Levei seu membro à minha boca, saboreando-o, deixando que me

preenchesse até onde eu aguentava, acariciando com as mãos enquanto o satisfazia com a boca. Ele gritou meu nome, grunhindo palavras ininteligíveis, apoiando-se na parede para não perder o equilíbrio.

— Vem aqui, amor — pediu, mas não o atendi, evitando que fizesse qualquer esforço maior.

O levei com mais força à minha boca, ávida por senti-lo atingir o êxtase, saboreando cada centímetro de sua pele. Então ele gritou mais alto, seu líquido quente enchendo minha boca. Levantei-me para ampará-lo e deixei que ele me desse banho enquanto sua respiração ia se acalmando.

— Ainda quero ter você — comentou com os olhos fixos em mim enquanto eu o secava.

— Teremos muito tempo para isso.

Troquei seu curativo da melhor maneira possível, visto que ele não havia levado nenhum dos remédios que precisaria passar ali. O ajudei a vestir a calça de moletom que eu havia levado para ele, e ele segurou meu rosto. Sua expressão tensa, como se temesse o que estava prestes a dizer.

— Ellen, sobre a morte da sua irmã, eu...

Cobri sua boca imediatamente. Não queria ouvir mais nenhuma mentira.

— Você vai me dizer a verdade? Por isso está tocando neste assunto?

Ele negou com a cabeça e pude sentir seu pesar por não poder me dizer o que havia descoberto. Tirei minha mão de seus lábios e sua voz era triste e baixa.

— Sinto muito, amor, mas não posso. Sei que é injusto para você, eu queria poder te explicar, mas...

— Então não vamos falar mais sobre isso, tudo bem? Só falaremos disso quando você puder me contar a verdade.

Seu olhar surpreso perscrutou meu rosto à procura da pegadinha. Mas não havia nenhuma. Fabris estava certo. O que ele mais havia feito desde que o conhecera, além de mentir, foi cuidar de mim. E se ele achava que não estava pronto para dividir a verdade comigo naquele momento, eu esperaria até quando ele estivesse. Por mais que essa verdade fosse algo pelo qual

procurei por tantos meses, a minha paz não estava em saber a verdade sobre o assassinato da minha irmã, estava em tê-lo bem e livre ao meu lado. Eu sabia com toda certeza que não havia sido ele. E isso era tudo o que importava.

— E está tudo bem para você assim? — perguntou preocupado.

Neguei com a cabeça.

— Não. Mas está melhor do que não vê-lo mais. Ou do que vê-lo naquele presídio. — Toquei seu rosto feliz por estar com ele. — Só preciso estar com você.

Seus olhos encheram e ele me prendeu em um abraço. Por alguns minutos, manteve-me ali, sem dizer uma palavra. Quando por fim afastou-me de seu corpo, levou minhas mãos aos lábios e me fez um pedido:

— Vou parecer bobo e ridículo por te pedir isso, mas pedirei assim mesmo. Diga aquilo de novo.

Encarei seus olhos confusa e o medo que vi neles, foi a resposta para o que ele queria ouvir novamente.

— Eu te amo — repeti sem nenhuma dificuldade e ele sorriu.

— Só mais uma vez — pediu lançando-me seu melhor olhar pidão.

— Christopher Becker, eu amo você. Mais do que qualquer coisa nessa vida. Eu te amo.

Ele encostou a testa à minha, sua voz emocionada quando falou:

— Ninguém nunca me disse isso. Nunca. E você não sabe o quanto significa para mim que a primeira vez que tenha ouvido essas palavras, tenha sido por você. Que tenha tido sua verdade e paixão. Você não faz ideia do quanto eu seria capaz de fazer por você, minha menina.

O abracei e o mantive ali, em meus braços, sentindo sua respiração no meu pescoço, seu calor tão próximo ao meu. Era isso a definição de felicidade, de paz. Isso o que eu queria sentir e viver até que meu instante final chegasse. Era por esse nível de amor e cumplicidade que as pessoas estavam sempre em busca de novos relacionamentos, de novos sentimentos, de novas formas de sentir. Era esse amor que elas buscavam. E pela primeira vez agradei ao destino, por ter tido a sorte de encontrá-lo.

Apesar do cansaço, de meus olhos fechando, esperei que ele

adormecesse para dormir também, temendo que sua temperatura subisse ou que sentisse dor. Dormimos no sofá-cama da sala, aconchegados um no outro, por boa parte da manhã e tarde. Acordei quando senti fome.

Christopher não estava mais ao meu lado na cama, estava de pé, na cozinha, preparando algo que cheirava divinamente.

— Bom dia, Bela Adormecida — cumprimentou-me com um sorriso lindo.

— Bom dia, chef. Precisa de ajuda?

— Já estou acabando, amor. Sente-se.

— Como você se sente? — perguntei preocupada com seu ferimento.

— Estou tentando definir isso desde que acordei, mas não encontrei palavras que abrigassem tamanho sentimento. Vou resumir na que chega mais perto de como me sinto, feliz.

Sorri de volta para a maneira doce com que me olhava.

— Então, você vai tirar essa barba? Estava assim quando fugiu, pode facilitar para que seja descoberto. Se bem que seu rosto limpo chamaria ainda mais atenção. Eu deveria tingir meu cabelo de alguma cor diferente, não é? Ou quem sabe cortá-lo.

Ele me avaliou com um sorriso divertido.

— Você com certeza não precisa mudar o seu cabelo. Tem uma cor linda, combina perfeitamente com você.

— Mas seremos descobertos se não nos escondermos direito!

Aproximando-se, depositou um beijo em minha testa, ainda rindo.

— Amor, você assistiu filmes demais. Não precisamos de nada disso. Estamos escondidos aqui, em pouco tempo ninguém nos procurará mais, eu te prometo.

— A justiça será feita por ela, então? — perguntei temendo estar quebrando nosso acordo de não falarmos mais nisso, mas precisando saber que sim.

— Sim. Eu prometo isso a você. A justiça será feita por ela.

Agradei e o abracei, até perceber que sua blusa estava suja de sangue.

— A gente precisa trocar isso de novo — comentei preocupada fazendo-o sentar-se.

Os únicos remédios que tínhamos eram os que eu havia levado. Os que tomava para o coração e mais alguns que sempre tinha por precaução. Você costuma ser paranoica com remédios quando sua saúde não é das melhores. Mas não havia levado gases, esparadrapo, nem nada assim. E também não tínhamos um antisséptico nem nada que pudéssemos aplicar em sua ferida. Eu só tinha dado a ele remédios para a dor.

Limpei os pontos da melhor forma que pude e usei uma blusa limpa minha, rasguei-a e amarrei sobre sua ferida, para protegê-la.

— Vocês deviam ter pego algo do hospital, gases, esparadrapo, remédio para febre, essas coisas.

— Não pensamos nisso.

— Está doendo?

Ele negou com a cabeça e o acomodei na cama, deitando-me meu ao seu lado.

— Vai chover. Você está com frio? — perguntei preocupada em cobri-lo demais.

— Muito, vem cá me abraçar pra esse frio passar.

Sorrindo, aconcheguei meu corpo ao seu, mas quando minha testa tocou seu rosto, percebi que estava muito quente.

— Você está ardendo em febre.

— Não estou, amor. Estou bem, relaxa. Fica aqui comigo.

Ele adormeceu antes que eu pudesse responder, eu não sabia se efeito da febre ou do cansaço de tudo o que havia vivido nos últimos dias. Coloquei uma compressa com um paninho gelado em sua testa e fiquei as próximas horas controlando sua temperatura.

Na manhã seguinte, acordou sem febre e fazendo piadas. Estava ansioso para conhecer a ilha onde estávamos, nós dormíamos ouvindo o barulho do mar, e ele queria vê-lo. Então fomos para fora durante o dia e ficamos horas sentados na areia, absorvendo a beleza do mundo de água diante de nós.

— Este lugar parece um paraíso — comentei admirada.

— Estou mesmo me sentindo no céu — concordou com um sorriso travesso e os olhos cravados no meu corpo, já que eu usava apenas um short e a lingerie.

— Você está fraco demais para isso.

— Posso ficar deitado, você fica por cima de mim. Ah, amor, estou salivando só de pensar.

— Então deve estar com fome.

— Faminto.

— De comida! Vou preparar algo para comermos, quer ficar aqui?

Ele negou com a cabeça levantando-se com dificuldade.

— Não quero perder você de vista.

Tão logo voltamos para dentro da cabana, ele revirou as roupas que estava usando no momento de sua fuga, procurando por algo.

— O seu celular está com você? — perguntou-me.

— Claro que não! Acha que eu ia trazer um objeto rastreável na nossa fuga?

Ele riu e se aproximou, acariciando meu cabelo.

— Ah, meu amor, você realmente viu filmes demais!

Então exibiu em sua mão livre um aparelho celular.

— O que é isso? Você trouxe um celular? Não vão nos rastrear?

Ele continuava rindo enquanto eu me desesperava.

— Fique calma, só preciso avisar ao Richard que estamos bem, depois vamos descartá-lo se você preferir, tudo bem?

Ele apertou alguns botões e assim que começou a falar com o irmão, falei alto o bastante para que Richard ouvisse:

— Aproveita e diga ao seu irmão que o plano de fuga dele foi uma merda! Você não estava em condições de dirigir e com certeza não conseguiria se cuidar sozinho, tem um ferimento infectado na barriga e não há uma farmácia por perto, onde ele estava com a cabeça?

Christopher sorriu enquanto ouvia a resposta do irmão, e pouco depois

a transmitiu a mim.

— Ele disse que pensou em tudo isso e por isso deu a você o local e horário em que eu fugiria, para você vir junto e cuidar de mim.

— Que bom que seu irmão é vidente, então.

Ele ficou rindo de mim, e em determinado momento afastou-se, indo concluir sua conversa do lado de fora, e percebi que falariam sobre o verdadeiro assassino da Liz. Eu havia feito uma escolha e não me arrependeria dela, havia escolhido Christopher, independente de seus erros ou seus segredos, ele me prometeu que a justiça por ela seria feita, e eu confiava em sua palavra. Apesar de tudo, eu confiava. Procurei acalmar minha alma e aceitar que já tinha feito tudo o que podia fazer, a justiça faria o resto.

Christopher passou o resto do dia bem, sobre sua conversa com Richard, não perguntei nada, e mesmo assim ele me disse que em breve não precisaríamos mais nos esconder, pois a justiça seria feita. Richard estava cuidando disso. E fiquei feliz por vê-los agindo como irmãos.

Durante a madrugada, porém, acordei com gemidos de Christopher ao meu lado. Toquei sua testa por puro costume e ele estava muito quente. Levantei-me em um pulo e fiz a compressa de água fria em sua testa e barriga. Segurei sua mão e esperei que a febre baixasse. Em um certo momento, ele abriu os olhos, olhou-me ali, debruçada sobre ele e comentou:

— Você vai se casar comigo e vai ter um filho meu.

Sorri com seus devaneios.

— Acho que está sonhando com a mulher errada, amor.

— Não, Ele, estou sonhando com você.

Acaricieei seu cabelo e tentei mantê-lo acordado, mantê-lo conversando, até falamos sobre esse casamento e sobre o filho que ele queria. Não me permiti sonhar com ele, ele estava com uma febre alta, mas eu não. Eu tinha plena consciência da realidade, e essas eram duas coisas que não faríamos com toda certeza. E durante a hora seguinte, isso ficou em minha cabeça, essa vontade repentina de casar-me com ele, de termos filhos, termos uma família. Algo que nenhum de nós dois teve.

Em pouco tempo ele adormeceu de novo, e a febre não parecia querer

ceder. Joguei todos os remédios que havia levado ao chão, nenhum antitérmico, eu não tinha nada que pudesse baixar ou ao menos controlar sua febre. Tentei despi-lo o máximo possível, o ideal seria que tomasse um banho frio, mas ele delirava e eu não conseguia acordá-lo. Chamei seu nome repetidas vezes e tudo o que fez foi falar frases desconexas. Abriu os olhos por poucos segundos, apenas. Nesse segundo em que esteve acordado, não parecia totalmente consciente, segurou minha mão e pediu-me em desespero:

— Não leia o meu diário.

— Que diário? Você o trouxe? Não irei lê-lo. Preciso que você se levante, faça isso por mim!

Mas no segundo seguinte ele dormia de novo. Mal conseguia se manter acordado.

Desesperada, encarei a chuva lá fora para procurar ajuda. Entrei no carro em pânico e arranquei o mais depressa possível. Apenas o mar e algumas árvores em meu caminho, nenhuma casa, nenhum comércio, nada! Richard queria um local escondido e havia conseguido o feito com maestria. Eu não queria ir longe demais, pois não queria deixá-lo muito tempo sozinho. O indicador de combustível no painel deu seu primeiro alerta e decidi voltar para a cabana, não teríamos onde abastecer para sairmos da ilha caso o combustível acabasse.

Mas ele acabou antes que eu chegasse a cabana e só então dei-me conta do quanto havia ido longe e do quanto estávamos sós naquele lugar. Mais do que depressa saltei do carro e comecei a correr. Christopher precisava de mim. Perdi a conta de por quanto tempo corri quando o ar começou a me faltar. Pensei estar alucinando quando vi uma cabana com a luz acesa.

— Christopher! — Tentei chamar, mas minha voz não saía.

Consegui forças para ir até lá, tentei abrir a porta ouvindo o barulho de uma televisão lá dentro, minha mente dando um nó, tentando entender em que momento ele havia conseguido uma televisão. A porta abriu e uma mulher que eu nunca havia visto na vida apareceu.

— Quem é você? — consegui perguntar antes de tudo ficar escuro e eu cair ao chão.

Acordei em uma cama macia, o barulho da televisão bem baixinho por perto e um monte de cobertas sobre mim. Um cheiro de algo delicioso tomava o ambiente e ainda era noite, a chuva ainda caía lá fora.

— Onde estou?

Tentei me levantar, mas a mulher, a mesma que havia aberto a porta, apareceu diante de mim com uma xícara de algo fumegante tentando tranquilizar-me.

— Está tudo bem. Você bateu na minha porta e desmaiou em seguida. Seu pulso estava muito fraco, colocamos você na cama. Você nos deu um susto imenso. Sou Rosiane, esta é meu marido, Stephen.

— Ele precisa de ajuda, onde estamos? Não me lembro de ter uma cabana tão perto da nossa, temos que encontrá-lo.

— Encontrar quem? Você precisa se acalmar.

Mas eu não tinha tempo para ficar calma. Levantei-me apressada, ignorando a tontura e o peso em minhas pernas que não queriam se mover e fui em direção a porta, sendo amparada por Rosiane e seu marido.

— Você não deve sair agora, moça. Está muito fraca — tentou alertar-me, mas não dei ouvidos.

— Ele precisa de ajuda, meu... namorado. Está com febre, tem uma ferida na barriga, precisamos achá-lo.

— Eu sou médico, vou pegar algumas coisas e vamos ajudá-lo, tudo bem? — falou o marido dela.

Olhei o mar, as finas gotas de chuva que ainda caíam, e as árvores à nossa volta.

— Onde estamos?

— Se vocês estão em uma cabana só pode ser a que tem a alguns metros daqui, é do mesmo proprietário desta. Não me lembro de ter mais nada aqui por perto — falou Stephen.

Segui a direção em que ele apontava, e surpreendi-me ao perceber que ela e o marido me seguiam, procurando ajudar-nos. O ar se tornava cada vez mais pesado, eu sentia muito frio, sentia-me cansada e meu peito doía, mas nada disso me impediria de chegar até ele.

Corríamos, corríamos e parecíamos no mesmo lugar, o barulho das

ondas do mar, da chuva caindo sobre elas, o frio, e nada de Christopher. Até que finalmente avistei a cabana. Uma luz ao longe. Meu coração se encheu de esperança, o dia estava nascendo e consegui correr ainda mais. Só que minhas pernas já não me obedeciam. Respirar estava quase impossível, a dor no meu peito não podia mais ser ignorada.

Pensei estar alucinando pela segunda vez em poucas horas quando o vi, andando devagar na areia, gritando meu nome.

— Christopher! — tentei gritar, embora minha voz não tenha saído, mas ele me viu. Olhou em minha direção e veio até mim.

Usei toda minha força para chegar até ele e quando suas mãos tocaram as minhas eu não tinha mais forças.

Acordei novamente em uma cama, desta vez, o sofá-cama da sala. Christopher estava ao meu lado, sua mão segurando a minha e conversava com Rosiane e o marido, que ainda estavam ali.

— Você está bem? — consegui perguntar e Christopher acariciou meu rosto, a preocupação em seus olhos, enquanto me levava para seu colo.

— Que susto você me deu! Nunca mais me faça passar por isso — pediu beijando meu pescoço e apertando-me junto a ele.

— Eu o assustei? Você estava queimando na febre, estava delirando. Achei que fosse perder você.

O abracei de volta ainda mais forte e ficamos um tempo assim, um alívio imenso me tomando ao perceber que ele não parecia mais quente, não tinha mais febre.

— Eu acordei e você não estava. Chovia muito, era madrugada, o carro também não estava. Fiquei desesperado.

— Fui procurar ajuda. A sua febre não cedia, como você está?

— Bem, o doutor Stephen tinha um antitérmico em sua bolsa. Também fez um curativo na minha ferida, quase arrebentei meus pontos. Você me deu um susto enorme, nunca mais faça isso comigo.

— Eu é quem devo te dar este aviso. Minha saúde é mesmo ruim, mas não a sua. Você não acordava, suas frases eram incoerentes, não conseguia manter os olhos abertos, eu pensei... é assim que você se sente cada vez que

meu coração deixa de trabalhar?

Ele assentiu, aninhando-me em seus braços e acalmando-me.

— Uma sensação de impotência misturada com medo? Um desespero imenso que parece tomá-lo e a certeza de que vai perder a pessoa mais importante da sua vida? Sim, é assim que eu me sinto sempre que você tem essas crises perto de mim. Foi assim que me senti quando desmaiou nos meus braços hoje.

— Eu sinto muito!

— O importante é que vocês dois estão vivos e bem. Porque caralho! Vocês nos assustaram! Muito mesmo! Vou precisar de semanas para me recuperar e com certeza estou mais do que pronta para voltar para a casa. Preciso beber — Rosiane desabafou fazendo-nos rir.

Os dois permaneceram conosco até o fim da tarde, cuidando da ferida de Chris e do meu coração. Não tínhamos como agradecer sua ajuda, afinal de contas, eles haviam salvado nossas vidas. E quando estavam de partida, pude ouvir Stephen dizendo a Christopher:

— Você precisa tirá-la daqui e levá-la a um hospital. Vou buscar o carro de vocês com o meu e trazê-lo até aqui, depois disso, convença-a a entrar nele e a leve direto até um especialista.

— Ela trouxe todos os remédios que ajudam...

— Não serão suficientes. Leve-a o quanto antes para um hospital.

Não comentei com Christopher que havia ouvido o pedido do doutor quando ele voltou para dentro da cabana e se aconchegou a mim. Não comentei o medo que me tomava de ser minha última noite com ele, nós só estávamos juntos há três dias! O quão injusto podia ser isso?

— Eu amo você! — disse a ele. — E amo o que você faz comigo. Sabe, você me torna completamente louca. Se eu fosse agir com a razão, o odiaria, ou no mínimo, não permitiria que estivéssemos a sós em uma cabana abandonada, vivendo todo esse amor quando estou prestes a deixá-lo.

— Não diga isso, você não vai a lugar nenhum sem mim — respondeu abraçando-me.

— Eu preciso te dizer. Quando eu ainda conseguia raciocinar perto de você, decidi que era minha principal missão deixá-lo bem. Fazê-lo feliz, fazê-

lo se encontrar e deixá-lo bem quando eu fosse. Estava disposta a me afastar de você para que não se apaixonasse por mim e não sofresse por isso depois. Mas então você disse que me amava. E me mostrou isso da maneira mais clara que se pode provar a alguém o que se sente. E eu já não era mais capaz de me afastar de você. E me senti egoísta, por querer tanto que a gente ficasse junto. E só quando você foi preso, quando achei que não o teria mais, foi que entendi.

— Vale a pena, Elle. Se eu tivesse apenas um dia com você, e fosse morrer por perdê-la em seguida, esse dia valeria a pena. Mais vale um mês ao seu lado tendo a felicidade plena comigo, do que anos com o coração vazio.

— Eu entendi isso. Por isso não estou agindo com a razão e tentando afastá-lo agora. Por isso não deixei que fugisse sem mim. Eu não sei como você vai ficar quando eu me for, mas quero que tenha todos esses momentos para se lembrar quando se sentir sozinho. Não importa onde estarei, a minha presença tem que ser sentida por você, pra você nunca se sentir sozinho — lembrei-me de sua lição sobre a presença de alguém com quem eu estava disposta a dividir o resto da minha vida.

— Eu nunca vou deixar de senti-la. Onde quer que eu esteja, o que quer que faça, você sempre estará comigo. Sempre me lembrarei de você me pedindo para vir comigo dizendo que me ama, valeria a pena todo sacrifício e qualquer dor só para viver esse exato instante.

Não respondi mais, não queria que aquilo soasse como uma despedida. Apenas deitei em seus braços, sentindo seus beijos por meu pescoço, avaliei sua ferida bem protegida por um curativo de um profissional e pedi:

— Faz amor comigo.

— Tem certeza que seu coração aguenta? — perguntou-me tentando esconder a emoção e o medo que também o tomava.

— Ele é mais forte do que parece.

Ele beijou minhas mãos, mas não se moveu em minha direção, nem tentou tirar minha roupa, e precisei insistir.

— A noite está caindo lá fora, está chovendo e está um clima frio tão gostoso! Não sabemos se essa é minha última noite, então por favor, faz amor comigo.

Não precisei pedir de novo. Sua boca tomou a minha e seu corpo caiu sobre o meu, e no minuto seguinte estávamos nus, sob as cobertas, enrolados um no outro. E por horas ficamos ali nos amando como se fosse mesmo nossa última noite juntos.



Capítulo **DEZOITO**

CHRISTOPHER

Poucos dias atrás eu estava lá, preso entre aquelas grades, aceitando que nunca teria uma chance de viver aquele sentimento que me dominava. Que nunca teríamos uma chance real de ficarmos juntos. Não teríamos nosso para sempre.

Mas quem precisa de um para sempre quando se tem o agora?

Ela adormeceu nos meus braços após fazermos amor, no rosto, uma expressão descansada e feliz, seu coração continuava batendo. Deitei minha cabeça em seus seios para ouvi-lo, e descobri ali meu som preferido no mundo. O som do seu coração.

Eu não precisava de uma vida inteira, anos e mais anos com ela para entender que ela era a garota certa. Não precisava ouvir outros “eu te amo” para saber que era o dela que me faria feliz. Não precisava de mais nada. Quem dera tivéssemos mais tempo, quem dera pudéssemos construir uma família grande, feliz, e pudéssemos passar esse amor que era tão grande só para nós dois. Quem dera! Não era o que o destino queria, mas ao menos ele

nos permitiu encontrar-nos. Ao menos ele fez com que ela correspondesse ao amor que eu tinha por ela, na mesma medida.

Não preguei os olhos durante aquela noite. Observando-a dormir, imaginando seus sonhos, pensando em como ela podia ser tão perfeita, e ainda assim, ser de verdade. O sol nasceu e deitei novamente minha cabeça em seus seios, e ali estava, o meu som preferido. Tínhamos mais um dia.

Não precisei insistir para convencê-la a entrar no carro e seguirmos nosso caminho. André ainda não havia sido preso, mas Richard havia entregado o vídeo a polícia, de forma que seu julgamento foi marcado às pressas, ele era um foragido, e Richard o tinha em sua mira. Agiria se ele tentasse deixar a cidade. A polícia não viria atrás de mim.

Chegamos a Vitória e pude ver seus olhos animados observando a bela cidade. Apontando as coisas como uma criança empolgada, mais viva do que já a tinha visto. Não era justo que eu soubesse a verdade sobre a tragédia que mudou sua vida e não pudesse compartilhá-la com ela, não conseguia imaginar como me sentiria se estivesse em seu lugar, e o fato de ela ter aceitado isso, aceitado desistir da justiça que tanto correu atrás para ficar comigo, me fazia apenas amá-la mais. E me fez imensamente feliz ver o quanto ela estava melhor sem o peso da morte da irmã para carregar.

Passamos pelas praias, bares, pessoas e fomos direto a uma casa que eu havia alugado um pouco distante. Não longe demais da civilização, apenas mais afastada. Ela sorriu quando aproximei o carro da garagem.

— Você gosta de ficar sozinho comigo no meio do mato.

— Amor, gosto de ficar sozinho com você em qualquer lugar.

Tudo o que queria era jogá-la naquela enorme e confortável cama e fazer amor com ela até que o dia nascesse, mas esperei que ela tomasse um banho e lhe estendi a mão.

— Precisamos que você faça alguns exames rápidos, tudo bem?

— Não vamos ser reconhecidos? Não há risco de você ser preso?

— Não amor, não há. Vamos?

Cabisbaixa, ela apertou minha mão e entrou comigo no carro. Sendo a mulher corajosa e forte que era. Eu sorri e a mantive calma, mas por dentro, temi que ela não fosse sair daquele hospital comigo mais. E assim que

passamos pela porta dele, arrependi-me de não tê-la jogado naquela cama.

As notícias eram as mesmas e pela primeira vez isso foi uma coisa boa. Seu coração não havia piorado como havíamos imaginado, tampouco melhorado. Levando-se em conta todas as emoções que havia passado, ela estava bem. E pela primeira vez criei coragem de fazer a pergunta que eu nunca fazia. Chamei o cardiologista até a cantina, longe de seus olhares curiosos e quis saber:

— Quanto tempo ela tem de vida?

— Depende muito de como vai levar esse tempo. Se ela vai se cuidar, se alimentar bem, não se estressar e nem ficar chateada, ela pode ter até um ano mais de vida.

Um ano era pouco demais! Na noite passada eu havia achado que seria sua última, deveria estar grato por ter mais trezentos e sessenta e cinco noites com ela, mas não estava. Saber que seu estado era terminal já era algo difícil demais de lidar, mas colocar uma data para o fim dela, como aquele maldito cronômetro que ela odiava, tornava impossível.

Ela saiu do hospital com um sorriso de satisfação por não ter que ficar lá, como havíamos temido e ao invés de ficarmos em casa, onde ela poderia ver no noticiário sobre minha absolvição como assassino, a levei para fora. Para a areia da praia à noite. O céu estrelado compunha um cenário digno de filmes, morrendo nas ondas escuras do mar.

— Há algo que você sempre quis fazer e nunca pôde? Algo que gostaria de fazer antes de partir?

Ela me avaliou por um tempo antes de perguntar receosa:

— O médico te disse quanto tempo tenho de vida?

Eu não queria responder aquela pergunta. Parecia que sempre precisaria mentir para ela.

— Ele disse que tenho pouco tempo? — perguntou em seguida e optei por responder apenas sua segunda pergunta.

— Disse que tem mais do que pensávamos, na verdade. Temos algum tempo para aproveitar, então escolha, o que gostaria de fazer?

— Gostaria de fazer amor em um local público — respondeu com um

sorriso delicioso.

— Sério?

— Jamais teria coragem, claro.

— Há mais alguma coisa dessa sua lista que envolva fazer amor ou qualquer exercício pelados?

Ela riu alto e jogou areia em mim.

— Eu não tenho uma lista de afazeres antes de morrer.

— Deveria, todos deveríamos ter uma.

— Você tem uma? — desafiou-me.

— Tenho. Mas só tem três itens e dois deles eu já cumpri. O primeiro, conhecer o amor da minha vida. O segundo, viver este amor de forma absoluta. E o terceiro, que é o que vou cumprir a partir de agora, fazer desse amor a pessoa mais feliz do mundo, até o último dia de sua vida. Então, vamos fazer sua lista.

Ela segurou a emoção e assentiu, encontrei um graveto na praia, sentei-me ao seu lado e observei enquanto ela escrevia os primeiros itens de sua lista.

FAZER ENQUANTO ESTOU VIVA

1 – Fazer amor em um local público.

2 – Fazer amor no mar.

— Continue com isso de fazer amor e não vou permitir que termine esta lista — ameacei louco para tomá-la em meus braços.

— Não me distraia, a ideia foi sua.

Então escreveu o item 3.

3 – Pular de Asa Delta.

— Você está de brincadeira comigo! Eu pulo de Asa Delta desde pequeno — comentei animado.

— Mentira!

— Juro para você, um dia vou te mostrar no meu celular as milhares de fotos. Talvez possamos pular juntos.

Levando-se em conta que ela havia sido proibida até mesmo de andar de avião, sabia que não faríamos aquilo. Mas amei ver seu sorriso em expectativa.

4 – Casar com o amor da minha vida.

— Acho que é isso — concluiu com um sorriso.

— Qual o quinto item da sua lista?

— Acho que não tenho um quinto item.

— Mas quatro me parece incompleto — insisti.

— Você está apenas fugindo do meu quarto desejo — acusou rindo.

— Na verdade, estou apenas pensando em realizarmos o segundo agora mesmo.

Ela olhou de mim para o mar e um sorriso lindo se abriu em seu rosto. Pôs-se de pé e tirou a roupa. Eu nunca me cansaria de admirar seu corpo, suas curvas, sua beleza, a perfeição de sua pele macia, o volume dos seus seios, cada centímetro dela me fazia querê-la ainda mais.

— Você vai vir ou vai ficar aí babando? — provocou tirando a calcinha e tirei minha roupa toda em menos de dez segundos, arrancando sua risada alta.

A peguei em meus braços e entramos na água, e no instante em que a deslizei por meu corpo para o mar, ela gritou afastando-se.

— Não! Não! Não pensamos direito nesse desejo, a água está fria, quero sair!

Segurei seu braço trazendo-a de volta para mim, rindo em seu ouvido, beijando seu pescoço.

— Onde está a mulher forte e corajosa que conheci? É só uma água fria, logo você se acostuma.

— Mas está gelada!

— Só que vou aquecê-la agora mesmo, amor.

A virei de frente para mim tomando sua boca na minha. Sentindo seus seios se pressionarem ao meu peito, nunca tendo o bastante dela. Apenas as estrelas e a lua de testemunhas do nosso desejo realizado. A suspendi sem qualquer esforço e a posicionei para que pudesse penetrá-la. Seus gemidos aquecendo minha alma. Seu corpo colado ao meu, deslizando por meu peito e barriga, seus braços rodeando meu pescoço, suas mãos puxando meus cabelos, a senti chegar ao ápice e estremecer em meus braços e me perdi nela.

Tão logo nos recuperamos, a tirei correndo da água e fomos fazer amor mais uma vez, dessa vez debaixo da água quente do chuveiro, onde nos encontramos mais uma vez um no outro.

Na tarde seguinte, ela comentou desanimada que a água havia apagado sua lista na areia e respondi prontamente que eu a havia decorado, e antes do que ela imaginava, cumpriríamos o item um, e sua expressão de medo me fez rir por horas. Cada vez que íamos ao mercado, ou apenas passear pela cidade, ela colocava uma calça jeans apertada, e me lembrava de como era difícil tirá-la, e como seria mais difícil ainda colocá-la às pressas. E eu apenas a observava rindo, adorando o quanto o desejo e o medo mexiam com sua cabeça.

Até que uma noite fomos a um luau na praia, dançamos entre os casais, ouvindo uma música legal ao vivo, comemos bastante, escrevemos besteiras na areia. E quando todos estavam envolvidos na música que a banda local cantava, a levei para um banco mais afastado, onde poderíamos ser vistos por olhos atentos, mas não ouvidos. Posicionei-a em meu colo e a beijei, a senti corresponder com todo desejo. Até que toquei sua calcinha e ela afastou sua boca da minha com olhos arregalados.

— O que está fazendo?

— Cumprindo o primeiro item da sua lista.

— Mas as pessoas podem nos ver!

— Não era isso que você queria? O risco?

Ela riu alto, mas não me impediu quando suguei um seio por cima do

fino vestido que usava, enquanto meus dedos procuravam ávidos por seu prazer.

— Você não tem pena do meu coração — comentou antes de sua boca pousar na minha. — Estamos parecendo dois adolescentes com os hormônios à flor da pele.

— Somos um homem e uma mulher perdidamente apaixonados mostrando ao mundo o fogo do nosso amor, apenas. Nada de errado.

— A polícia não pensaria assim — retrucou gemendo quando a toquei.

— Só preciso ter você.

Voltei a beijá-la e suspendi seu vestido, abri minha calça e ela sentou sobre mim, nossos beijos ficando mais intensos, nossos corpos em um movimento delicioso, nossos gemidos se misturando na noite. Em nenhum momento conferi se alguém estava olhando e quando risadas soaram perto de nós, joguei-me para trás no banco, levando-a junto. Ela riu alto e precisei cobrir sua boca. Um casal se beijava apaixonado de pé, próximo a onde estávamos. Não pareciam ter nos visto. Enquanto ela segurava o riso, aproveitei a posição em que estava e a preenchi por trás, cobrindo sua boca para conter seus gemidos, acelerando os movimentos, adorando o quão perto estávamos de sermos descobertos. Ela mordeu minha mão ao gozar e me vinguei tocando-a com força, fazendo com que estremecesse em meus braços, sem que pudesse gritar. Após satisfeitos e entregues, rimos feito bobos da nossa arte, e com um movimento no ar ela riscou mais um item de sua lista.

Um mês após minha fuga, ainda estávamos em Vitória. Gostamos da cidade e já que eu não era mais procurado, não queríamos ir para São Paulo, ou qualquer outra cidade menos paradisíaca. Quando falei com Richard um mês atrás e ele disse que havia entregado o vídeo da morte de Liz para a polícia, percebi que havíamos encontrado um jeito de prender o verdadeiro assassino e inocentar-me, mas não sabia como faria para que Ellen não descobrisse. Ela tinha pouco tempo de vida e se eu tomasse cuidado, conseguiria com que partisse sem saber, e assim evitasse tamanha dor.

A estava mantendo então em lugares mais afastados. Não providenciei um novo aparelho de celular para ela, não que houvesse alguém com quem

ela quisesse falar e eu não permitisse, falava apenas com a Gabriella, e sempre pelo aparelho que Richard havia me dado no hospital.

Eu queria dar o melhor ano possível para ela, as melhores experiências, todo amor e cuidado, tudo o que ela deveria ter tido durante toda sua vida e não teve. E o fato de ela não ter mais uma carga emocional negativa sobre si, a tornava cada dia mais saudável, mais forte. Comecei a ter esperanças de que esse ano se estenderia em vários se eu conseguisse fazê-la sempre feliz.

Uma tarde, a levei a Rampa do Morro do Moreno, em Vila Velha, para vermos as pessoas saltarem de Asa Delta. Ela olhava maravilhada e fechava os olhos quando saltavam, e pude ver a excitação e curiosidade estampadas neles.

— Você queria muito saltar, não é? — perguntei beijando sua cabeça, prendendo-a a mim.

— Sim, devia ter feito isso antes. Por que você não salta?

— Não quero deixá-la sozinha.

— Eu adoraria vê-lo saltar! A não ser que esteja com medo, neste caso, eu posso até fingir que entendo.

Sorri e a beijei.

— Tudo bem. Olhe e aprecie.

Enquanto observava a vista lá em baixo e seus olhos curiosos em minha direção, feliz por mim, a chamei para perto e pedi que todo equipamento fosse amarrado a ela também.

— O que está fazendo? — perguntou-me de olhos arregalados.

— Nada. Você não vai saltar comigo. Apenas vai sentir como é a vista aqui de cima nos meus braços.

Ela virou-se de costas enquanto a equipe a amarrava, sussurrei em seu ouvido:

— Você tem certeza que não pode pular?

— Não acho que meu coração sobreviveria.

— E se você ficasse bastante calma?

— Eu não ficaria calma, já viu a altura a que estamos?

— E se pulasse nos meus braços? Eu não permitiria que nada acontecesse a você.

Ela pensou um pouco, mas negou com a cabeça.

— Não confia em mim? — perguntei fazendo-me de magoado.

— Nem um pouco — respondeu com um sorriso em sua voz.

— Então feche os olhos, não irei tirá-la do chão. Segure as minhas mãos. Sinta o vento no seu rosto agora, imagine que estamos correndo, mais rápido e então saltamos, e você está no ar agora, como um pássaro livre, dona do seu destino. Está acima de qualquer sentença. Você pode voar. Abra seus braços, amor e abra os olhos.

Ela gritou ao perceber que estávamos no ar e por um segundo, temi ter forçado demais seu coração. Mas logo, estava rindo, gritando em alegria, comentando empolgada tudo o que via de lá de cima.

— Isso é o que eu chamo de andar pelo teto — brinquei com ela que apertou minhas mãos em agradecimento.

Pisamos na praia sob os aplausos dos banhistas e tão logo conseguimos nos equilibrar de pé, ela virou-se e me beijou. Havia tanto amor e gratidão em seu beijo que eu poderia ficar ali para sempre.

A ligação de Richard veio na semana seguinte. O julgamento havia acabado, André fora condenado pela morte de Liz. Quando ele me perguntou se eu contaria a Ellen, não sabia o que dizer. Ela merecia saber que a justiça havia sido feita, como eu tinha prometido a ela. Mas não podia nem desconfiar de quem era o culpado. Também me deu a notícia de que Sarah havia sido presa por mandar matar-me. Nem quis saber como ele havia conseguido provas contra ela, meu casamento seria anulado, me bastava saber que eu estava livre para realizar um quarto desejo da mulher que eu amava.

Ao desligar o telefone, após agradecer a Richard por ter salvado minha vida e a dela, a observei sentada na areia admirando o mar. Ela amava fazer isso, amava a paz que o mar trazia a ela. Podia ficar por horas apenas observando-o, sentindo sua brisa, seu cheiro. Pensei que ela havia sacrificado

muito por mim, também. Havia sacrificado a justiça que procurava, havia me perdoado sem qualquer sombra de mágoa, mesmo sabendo que eu escondia algo, mesmo ciente de que eu continuava mentindo para ela. Pensei que talvez pudesse contar a ela, e pedir que não me perguntasse, nem pesquisasse sobre o verdadeiro assassino. Seria demais para ela, um fardo que talvez ela não precisasse, mas talvez, apenas talvez, ela pudesse aceitar que a justiça havia sido feita sem precisar saber dos detalhes.

Enquanto me perguntava o que fazer, me peguei caminhando até ela, sentando-me ao seu lado.

— Era o Richard? Está tudo bem com a Thamara?

— Tudo ótimo.

— Você está bem? — perguntou percebendo que algo me incomodava.

— O julgamento do assassino da sua irmã foi hoje, Elle. Eles apresentaram aquele vídeo, o que você tanto queria ver, lembra-se?

— É o vídeo da morte dela? Ele mostra quem a matou?

Assenti.

— Ele foi condenado. Vai passar praticamente o resto da vida na prisão. A justiça foi feita.

Seus olhos brilharam e lágrimas correram por eles. Pulou sobre mim com genuína felicidade e alívio.

— Eu sabia! Sabia que as coisas se resolveriam! Então a gente pode voltar pra casa?

Assenti, perdendo totalmente o controle da situação.

— Podemos, mas eu não gostaria disso. Você se importaria se ficássemos mais tempo aqui?

— Claro que não! Meu lar é você, só achei que quisesse ver seu irmão, mas onde você quiser ficar, eu fico também.

Sorri e a abracei, completamente aliviado. Quando nos afastamos, ela segurou meu rosto com sua gentileza e disse olhando em meus olhos:

— Você não quer que eu descubra quem a matou. Não consigo entender porque ainda o está protegendo, mas se você acha melhor assim, eu confio em você. Ele está preso, a justiça foi feita, não importa quem foi.

— Eu te amo, sabia? Se você não existisse, eu teria que inventá-la, porque eu não saberia viver sem você. Vem aqui!

A puxei para meu colo, ouvindo seu sorriso gostoso, sentindo-me o homem mais sortudo do planeta.

Por dias pensei que tudo se resolveria assim. Nesses dias, fizemos amor como dois desesperados, vimos filmes bobos no cinema, nadamos nus, compramos a casa da ilha onde estávamos hospedados e Ele começou a decorá-la. As obras no nosso apartamento também estavam completas, e temi contar isso a ela e despertar assim a vontade dela de ir para casa.

Estávamos na mais completa paz, e comecei a conversar com seu cardiologista. Ela parecia bem, não havia passado mal no último mês, o que era quase um recorde para ela. Queria que ele me confirmasse que ela poderia ter mais tempo de vida se continuasse assim e quase urrei de felicidade quando ele disse que era possível. Eu só precisava mantê-la calma, só precisava mantê-la feliz. Não era uma tarefa difícil.

Deixei o hospital após conversar com o cardiologista para encontrá-la na cidade. Íamos jantar no restaurante favorito dela. Cheguei lá e ela não estava, como eu não havia dado um celular a ela, decidi ir até em casa e buscá-la. Ao abrir a porta, senti meu coração congelar, como se algo me avisasse que eu deveria ser forte. Avistei seu corpo caído no chão da sala e ao lado dele, meu diário. A merda do diário que mantive quando estive na prisão, aquele onde contei toda a verdade sobre o André e a Liz.

Deitei minha cabeça em seu peito, chamando seu nome, quase chorei de alívio ao escutar as batidas fracas de seu coração. A tirei dali e a levei para o hospital o mais depressa possível, dirigindo feito um louco. Eu sabia que quando ela desmaiava demorava um pouco a voltar, perdia a cor, o pulso, parecia morta. E mesmo assim vê-la gelada e desacordada ao meu lado no carro estava quase acabando comigo. Tive que ser forte por ela. Apenas eu poderia salvá-la.

— Nós ainda temos dez meses! Dez meses! — gritei para os céus no corredor do hospital. — Por favor, não me tire ela agora. Ainda não. Falta um

item daquela lista.

E nas horas que se seguiram, não deixei minhas preces para que ela acordasse mais aquela vez.



Capítulo **DEZENOVE**

ELLEN

Eu nunca quis tanto estar sonhando. Ao abrir os olhos, queria que fosse apenas um pesadelo, desses que parece tão real, que você acorda com o coração apertado, aquela agonia no peito até ir se acalmando ao se convencer que não passou de um sonho que vai sumir porque você abriu os olhos. Meus olhos estavam abertos e ali estava eu, mais uma vez em um quarto de hospital. Christopher não estava ali dessa vez, e tentei voltar a dormir, tentei impedir que tudo voltasse à minha mente porque eu não queria sentir de novo aquela dor.

Por que fui mexer no maldito diário?

Uma vez, poucas semanas antes, Christopher enquanto delirava, pediu-me que não lesse seu diário. Aquele caderno velho que eu havia dado a ele e que não fazia ideia se ele estava usando. E ele estava. Quando encontrei esse caderno entre suas coisas, o abri apenas para ver se ele usava, em uma página onde ele falava comigo, onde declarava seu amor incondicional. Me perdi naquelas páginas, conhecendo intimamente seus sentimentos, emocionando-

me mais a cada frase lida. Então tive a infeliz ideia de lê-lo desde o começo. Não me parecia um diário, embora ele iniciasse suas declarações sempre com um título “Diário de Christopher Becker”. Mas eram mais declarações a mim. Pensei que o caderno inteiro fosse assim, e não era.

Ali, nas primeiras páginas, li o segredo que ele tanto lutou para guardar de mim. Porque ele havia assumido um crime que não cometeu, porque havia passado aqueles meses na cadeia, sofrendo o que sofreu, sem poder dizer-me a verdade. Eu li ali toda a verdade.

Senti a dor voltar a apertar meu peito conforme me lembrava de sua confissão, sua letra perfeita naquelas páginas amarelas, mas as palavras descritas por ela foram como um veneno para mim. Eu ainda não conseguia acreditar. E mesmo que parecesse impossível demais, não duvidei nem por um segundo do que li, porque de repente estava tão na minha cara e apenas eu não havia visto! Eles tinham um caso. O tempo todo em que estivemos juntos, eles tinham um maldito caso. E ele a matou.

Christopher finalmente apareceu, trazia uma xícara de chá em sua mão e olheiras abaixo dos olhos. Deixou a xícara sobre uma mesa e aproximou-se de mim a passos rápidos, segurando minha mão, perguntando preocupado:

— Como você se sente?

Mas eu não queria falar. Minha mente girava em lembranças, em momentos, em provas que escolhi ignorar sobre as duas pessoas que um dia foram as mais importantes do mundo para mim. Eu mal conseguia ouvir Christopher. Perdida nesse mundo de lembranças falsas.

— Eu sinto muito, meu amor. Sinto muito mesmo. Não era pra isso ter acontecido, não era pra você descobrir — ele repetia.

Eu queria dizer que ele não tinha culpa de nada. Queria agradecê-lo por tomar conta de mim, porque sim, eu concordava com ele, não precisava ter ficado sabendo daquilo. Poderia morrer sem descobrir. Mas as palavras não saíam. Eu me sentia quebrada de uma maneira como nunca havia estado. André era apenas um homem, um que sequer cheguei a amar, um que se tornou covarde e grosso com o passar do tempo, perdendo para mim todo seu encanto. Mas Liz, não, ela era minha irmã, sangue do meu sangue, minha melhor amiga. Ela dividia tudo comigo, cada segundo do seu dia, cada sonho e pensamento. Éramos inseparáveis desde a infância. Quando ela mudou

daquele jeito?

Fechei os olhos e deixei que as lágrimas corressem livres. Christopher tentava em vão consolar-me, mas para aquela dor da traição, não havia consolo. Lembrei de todas as vezes em que Liz chegava em casa com o cabelo bagunçado, os lábios vermelhos e dizia-me com toda paixão sobre o homem comprometido que havia encontrado. Sempre um nome novo, um homem novo. Ela nunca me dizia porque havia terminado com o anterior, e sempre tinha mais um. E eu nunca perguntei, nunca me atentei que ela falava sempre do mesmo homem: o meu noivo.

E então lembrei de quando ela morreu, de como André pareceu arrasado e disse-me que era para este fim que ela havia caminhado por vontade própria, lembrei-me de sua hipocrisia acusando-me de arruinar sua vida, como se fosse realmente inocente. Lembrei de cada vez em que me pedia para não ir ao cemitério vê-la, a culpa que eu via em seus olhos e pensava ser por ele não estar ao meu lado para que eu desabafasse, mas não.

Olhei para Christopher mais uma vez, seus olhos estavam cheios, como os meus. Ele queria me consolar, mas não sabia como, e apertei sua mão. A levei aos meus lábios e depois ao coração e a mantive ali, para que ele ficasse perto de mim, para que parasse de me pedir desculpas e entendesse que mais uma vez, ele apenas havia sido o meu herói, o meu anjo.

Voltei a dormir assim que a enfermeira aplicou um remédio em meu acesso e acordei horas depois. Christopher sentado na poltrona ao meu lado, seu semblante preocupado e cansado. Observei a perfeição de seu rosto, sua lealdade e cuidado e um pouco daquela dor se dissipou ao me dar conta de que se eu tivesse descoberto a traição de Liz antes de conhecê-lo, muito provavelmente teria morrido. Ele era o meu motivo para abrir os olhos. Era ele o responsável pela minha verdadeira felicidade. Esforcei-me para falar com ele, e dessa vez as palavras saíram.

— Eu passei tanto tempo querendo de volta minha antiga vida, aquela em que pensei ter sido mais feliz. Porque eu não fazia ideia do que realmente era felicidade. Só tive isso com você.

Ele sorriu e sentou-se ao meu lado na cama, segurando carinhosamente minha mão.

— E vai continuar tendo, meu amor. É a minha meta de vida, fazê-la feliz.

— Obrigada por me proteger. Se eu tivesse descoberto o vídeo, se tivesse descoberto tudo naquela época, eu...

— Eu sei. Mas você está viva, essa dor vai passar com o tempo e com todo carinho que vou dar a você, e você vai ficar bem, meu amor, eu te prometo.

— Você sempre cumpre suas promessas. Então por que quando fizemos amor a primeira vez, e você me prometeu dar-me o que eu precisava, entregou-se à polícia como se fosse você o assassino dela?

Ele engoliu em seco e abaixou a cabeça, mas olhou em meus olhos ao responder, para que eu visse que não estava mentindo.

— Prometi que daria a você o que mais queria, e naquele momento você queria seu noivo de volta.

— Não entendo porque pensou isso.

— Você me disse, no carro, lembra-se? Disse que queria sua antiga vida de volta, eu não fazia parte dela.

— Não estava falando do André e menos ainda excluindo você. Não entendi a pergunta assim. Só pensei na Liz, eu a queria de volta para poder dividir com ela tudo o que eu sentia por você.

Seus olhos deixaram meu rosto e ele se levantou.

— Você está falando sério? Já estava apaixonada por mim?

— Christopher, eu me apaixonei por você a partir do nosso primeiro beijo. Quando você me tocou a primeira vez, e foi tão diferente de tudo o que eu já tinha vivido e imaginado, percebi que não tinha saída. Você não tinha que ter se entregado.

Ele voltou a se sentar e segurou minha mão junto ao seu peito de novo.

— Sim, Elle, eu tinha. Se ele fosse a julgamento iria contar toda a verdade, você não resistiria a ela. Era um risco alto demais que eu não estava disposto a correr. Eu o libertei para que você o tivesse ao seu lado, para que mantivesse a visão que tinha da sua irmã, sua única família, e cuidei para que ele fosse vigiado e nunca a machucasse.

— E depois que eu morresse? O que você faria?

— Entregaria o vídeo e condenaria o verdadeiro assassino. Talvez. Bem, eu ainda não sei o que vai ser de mim sem você, não acho que vá restar muita vida em mim.

— Não diga isso. Christopher eu amo você, mais do que a minha própria vida, mas por favor, nunca mais se sacrifique por mim. Nunca mais tire suas conclusões, seja para proteger-me ou o que for, sempre fale comigo. Não quero nunca mais que se machuque por minha causa.

— Mas eu não me machuquei. — Olhou bem em meus olhos para que eu entendesse. — Amor, tudo o que passei não foi nada comparado ao que vivemos depois. Tudo valeu a pena. Se nosso caminho tinha que ser esse para chegarmos aqui, então eu faria tudo de novo porque valeu a pena. Cada segundo.

Senti uma lágrima rolar por meu rosto e deixei que ele me desse um beijo terno, aquilo doía tanto, a traição dela, mas o cuidado dele, seu sacrifício, me faziam ver que eu tinha sim alguém que me amava de verdade, incondicionalmente, e que faria tudo valer a pena.

— Então, você nunca teve um caso com ela, não é? — brinquei.

— Não mesmo. A foto que você viu foi de um dia em que segui a Gabriella até o antigo trabalho dela, era em um bar. Estava bêbado demais quando um grupo de pessoas chamou meu nome e se sentou comigo. Sua irmã estava entre essas pessoas. Mal nos falamos, nos abraçamos apenas para tirar a foto e eu sequer me lembrava disso até encontrar aquela foto nas coisas dela.

— Esta foi a foto que você encontrou aquele dia na minha casa? Quando me fez sair correndo da casa para que eu não visse? Porque você pareceu realmente em pânico.

— Não, não foi. A foto que encontrei no porta-joias dela foi uma onde ela e André estavam juntos. Ela a deixava ali, onde você poderia encontrá-la a qualquer momento. O André me disse que nos últimos dias ela havia se arrependido, Elle. Vendeu o apartamento e recuperou o dinheiro para devolvê-lo a você. Assim como terminou com ele.

Abaixei a cabeça querendo encerrar o assunto. Eu ainda sentia muita mágoa, raiva, não estava pronta para começar a redimi-la.

Quando o médico veio me ver, sua expressão preocupada não me passou despercebida. Ele me fez algumas perguntas, olhou meus últimos exames, e com um suspiro exasperado, olhou para Christopher ao dar a notícia.

— Eu não sei como vocês deixaram isso acontecer, mas ela está grávida.

Nenhum de nós reagiu por um bom tempo. Não sabíamos por onde começar a falar, e eu fiz a primeira pergunta, ainda sem processar direito que eu teria um bebê.

— Ele vai nascer com o mesmo problema no coração que eu?

— Sua cardiopatia não é hereditária. Contudo... — Ele olhou para Christopher antes de falar, mas foi para mim que dirigiu a palavra. — Você não deve levar essa gestação adiante, Ellen. Essa gestação irá aumentar o fluxo de sangue no seu corpo, vai exigir muito mais do seu coração, irá matá-la. E nem estou citando outros problemas como seus rins que já não funcionam bem e sua pressão.

— Bem, eu vou morrer de qualquer jeito. Meu coração irá matar-me independente de uma gestação. Você acha que consigo levar essa gestação até o fim?

Christopher ainda não havia dito nada, observando minhas perguntas e as respostas do médico.

— Não. Definitivamente, não. É impossível que consiga e muito mais provável que morra ainda no início da formação do feto. Eu sinto muito, mas considere interrompê-la. Como seu médico, é o que te aconselho a fazer.

Mas eu não ia fazer isso. Não tinha a menor pretensão de interromper minha gravidez, e foi Christopher quem falou:

— Ela vai interromper, o que temos que fazer?

— Não, eu não vou! — Olhei em seus olhos implorando que me ouvisse.

— Vou deixar que você dois decidam, Ellen, você ainda pode ter meses de vida, se continuar como estava, cuidando-se e mantendo-se calma, pode ter mais de um ano. Sei que é difícil ouvir isso, mas o seu corpo não tem estrutura para levar uma gestação adiante, por mais que acredite em milagres,

você não vai sobreviver e não vai conseguir salvar o bebê. Você pode pesquisar, se quiser, pode conhecer outros casos de pessoas como você, e vai ver que estou falando a verdade.

Assenti concordando, mas não mudei de ideia. Christopher juntou minhas coisas para irmos embora e não dissemos uma palavra o caminho todo até em casa. Ajudou-me a tomar banho com a calma e amor de sempre, o observei cozinhar e comemos juntos, sem tocar no assunto, sem trocar uma palavra. Quando fomos nos deitar, pedi que deixasse a luz acesa, eu precisava fazê-lo entender.

— Eu sei o que você quer falar, mas por favor, não faça isso comigo — ele pediu sentando-se de frente para mim com os olhos cheios.

— Vou fazer isso por você.

— Eu não quero! Não quero uma lembrança sua, não preciso disso, eu quero você. Não importa se você tem mais um ano ou dez meses, é o tempo que temos, um dia com você importa. Não me tire nenhum desses dias, eu te imploro!

— Amor, você está vendo isso pelo ângulo errado. — Segurei seu rosto entre as mãos, acariciando-o, admirando aqueles olhos azuis que eu tanto amava, imaginando se nosso filho também os teria. — Chris eu vou morrer de qualquer jeito, minha doença não tem cura, não tem qualquer expectativa de melhora, não há uma saída para mim, exceto um milagre. Mas quando eu me for, se puder deixar um pedaço de mim aqui, um pedaço de nós dois, você não ficará sozinho. Não poderá morrer comigo porque alguém vai ser totalmente dependente de você.

Ele negou com a cabeça.

— Não preciso disso. Preciso de você.

— Mas você não me terá. Se houvesse uma escolha a ser feita, ou eu ou o bebê, mas não há. Vou morrer de qualquer jeito. Por favor, vamos tentar levar isso adiante!

— Elle, você não está se ouvindo! Está me pedindo para deixar que acelere sua morte para tentar algo que não vai dar certo! Não posso deixá-la morrer mais rápido só para tentar algo que vai me deixar bem depois.

— Eu quero isso, Chris. Eu sempre quis ser mãe. Então veio meu

diagnóstico e tirei isso da cabeça, mas desde que conheci você, desde que nos apaixonamos, não foram poucas as vezes em que me imaginei carregando um filho seu. E você também pensou nisso, você me disse isso quando estava delirando.

— Eu não dizia coisa com coisa, você mesma disse.

— Mas disse isso, disse que sonhou comigo, e eu tinha um filho seu. Quando eu morrer, minha vida terá valido a pena só porque conheci você e amei você. Mas se eu puder deixar uma parte de mim aqui, se eu puder gerar outra vida, e deixá-la bem e viva, então partirei feliz. Partirei em paz. Por favor, não me tira esse sonho.

— Não, amor. Sinto muito, não posso fazer isso. Não me peça isso. Eu daria minha vida a você, se pudesse, daria meu coração, daria qualquer coisa, mas não minha permissão para que você adiante sua morte. Isso não. Estou lutando para mantê-la viva. Minha vida está ligada à sua, não faça isso conosco.

Não ia adiantar discutir. Tudo era novo demais para ele. Lamentei não ter um aparelho celular que pudesse usar para pesquisar sobre casos assim enquanto ele dormia. E na manhã seguinte, usei o aparelho dele. Mas como o médico havia dito, minhas pesquisas não renderam bons resultados. Ninguém na minha situação havia vencido.

Eu estava de quatro semanas, Christopher queria que eu interrompesse a gestação o mais rápido possível e eu tentava convencê-lo, apesar de entender perfeitamente seus motivos para não aceitar.

Duas semanas depois, acordei uma manhã e o deixei na cama. Fiquei um tempo olhando o mar à minha frente, pensando se estava sendo injusta com ele. Mas havia uma vida dentro de mim, e se ela estava ali havia um motivo maior. Se eu não fosse capaz de gerá-la, se fosse meu último ato em vida e ainda assim um ato falho, Deus não teria me dado essa esperança, certo? Eu não podia acreditar que sim.

Com um graveto, escrevi na areia uma conhecida lista, e esperei que ele aparecesse.

Pouco depois ele acordou e veio em minha direção, um sorriso preocupado direcionado a mim. Acariciou meu cabelo e então viu a lista que eu havia desenhado.

FAZER ENQUANTO ESTOU VIVA.

- 1 – Fazer amor em um local público.
- 2 – Fazer amor no mar.
- 3 – Pular de Asa Delta.
- 4 – Casar com o amor da minha vida.
- 5 – Dar um filho ao amor da minha vida.

Ele ficou totalmente parado, observando a lista que eu havia feito.

— Falta um item da sua lista que você disse que cumpriria, Chris. Era fazer o amor da sua vida feliz, lembra-se?

Depois de muitos minutos em silêncio, finalmente ele respondeu:

— Tudo bem. Se é isso o que você quer, tudo bem.

Levantei-me e olhei em seus olhos, segurando suas mãos nas minhas.

— Mas eu quero fazer isso direito. Não quero que veja este bebê como algo que irá matar-me mais rápido. Quero ter o pai dele ao meu lado, feliz pela família que estamos construindo. Eu sei o quanto isso soa irracional, mas eu quero que você ame... — Ele me interrompeu depositando seus lábios nos meus em um beijo preguiçoso e terno.

— Tudo bem — disse abraçando-me. — Vamos fazer isso direito, vamos marcar seu pré-natal, vou ser chato em dobro com você, terei muito mais cuidado e você não pode reclamar de nada, tudo bem?

Assenti animada.

— Mas e o bebê? Você vai amá-lo?

— Eu amo você, Elle. Como poderia não amar um pedaço seu?

— Obrigada, Christopher, obrigada!

Na semana seguinte fui ao meu primeiro pré-natal, e ouvimos o coração

do bebê. Batia mais forte que o meu, foi a primeira vez que tive um coração saudável dentro de mim e isso fez com que minha fé de que esse bebê sobreviveria, crescesse bem mais. Eu já não podia pensar no que aconteceria com Christopher se eu morresse e o bebê não sobrevivesse. Então só me restava ter fé, esperar pelo milagre e acreditar nele.

Decidi voltar para Caxambu para que Christopher pudesse estar com a família. Para que tivesse apoio quando eu partisse, que não tivesse que se virar com nosso bebê sozinho. Fizemos a viagem em silêncio, ele não estava nada animado a conversar, respondendo com educação o mínimo possível. Mal chegamos à cidade, ele me levou até a casa da Gabriella e sumiu. Sequer me levou para ver nosso apartamento. Tentei não demonstrar o quanto fiquei sentida e até mesmo não ficar sentida, ele fazia tanto por mim!

Voltar à cidade foi mais difícil do que eu havia pensado. A primeira coisa que fiz quando me vi sozinha na casa de Richard e Gabriella, foi ir até o presídio para ver André. Esperei que ele aparecesse, e ele não teve coragem de olhar em meus olhos ao sentar-se diante de mim.

— Não esperava você aqui, Ellen. Mas fico feliz por saber que está bem.

Eu não sabia o que pensar, o que dizer ou sentir. Precisei ir até ali para encerrar um ciclo, pensei que fosse odiá-lo com tudo de mim, mas eu partiria em breve, tinha uma vida dentro de mim e não queria deixar essa herança para ela. De raiva e ódio. Por mais que André merecesse.

Mesmo com meu silêncio, ele não teve coragem de olhar em meus olhos, mantendo a cabeça baixa, como se tivesse um pinga de decência. Eu havia pensado em tantas coisas que queria jogar na cara dele, mas ali, diante dele, derrotado e envergonhado, não disse nada. A justiça havia sido feita, ele ia apodrecer na cadeia. Minhas palavras não serviriam de nada, não mudariam nada. Apenas levantei-me e fui embora sem olhar para trás. Eu tinha alguém que me amava de verdade, tinha uma família, que era dele, mas que estava me adotando. Não precisava desejar mal a ninguém para ficar melhor.

A segunda coisa difícil que precisava fazer naquela cidade antes de partir era encerrar minha história com Liz. Mas não o fiz naquele dia, eu

precisaria de Christopher ao meu lado para isso, e ele havia desaparecido.

Cheguei a casa de Gabriella, que me convidou para jantar fora. Eu não tinha ânimo para sair, mas não tive escolha, fui praticamente arrastada. Ela havia me dado algumas roupas de quando estava grávida, e isso me deu um ânimo renovado. Ela não me julgou por querer levar a gravidez adiante, nem Richard. Eles entenderam e me apoiaram, assim como prometeram ajudar Christopher no que fosse preciso com o bebê depois. Ela insistiu que eu usasse um vestido pérola, composto por renda, claramente feito para uma ocasião especial, como um noivado, ou batizado. E fez questão de me maquiar e arrumar meu cabelo. Senti-me exagerada para um jantar, mas por fim decidi fazer a vontade dela.

Perguntei se Christopher havia aparecido e me disseram que ele se encontraria com a gente no restaurante. E ele se encontrou. O restaurante estava fechado, possuía um lindo jardim nos fundos, que estava perfeitamente decorado com luzes imitando estrelas. A noite estava linda, o lugar era aberto e as estrelas reais deixavam o ambiente ainda mais perfeito. Uma música suave soava pelo alto falante, embalando o som de um mar calmo, um som que eu amava. Um tapete vermelho estava estendido e ao final dele, Christopher me esperava vestido impecavelmente com um terno branco e um sorriso lindo no rosto. Havia feito a barba e cortado o cabelo e tinha aquele brilho apaixonado nos olhos.

Nós íamos nos casar.

Travei por um momento completamente surpresa. Até que Richard tomou meu braço, a marcha nupcial se iniciou e ele me guiou até Christopher, meu futuro marido, o pai do meu filho, amor da minha vida. Eu não conseguia conter as lágrimas, queria ter prestado mais atenção em meu próprio casamento, mas mal ouvi o que foi dito pelo padre porque estava ocupada demais amando ainda mais meu marido. Ele colocou a aliança em meu dedo jurando seu amor eterno e sincero, e ao imitar seu gesto, não consegui falar, apenas repeti que o amava com tudo de mim, e ele aceitou isso de bom grado. Eu nunca havia me sentido tão feliz na vida, nunca.

Entramos em nosso apartamento como a tradição manda, ele me

carregou em seus braços. A decoração estava pronta e linda. Olhei cada pedacinho dele encantada, e fizemos amor da maneira mais cuidadosa e intensa que se pode amar alguém.

Na semana seguinte, ele me acompanhou ao cemitério. Olhei para a lápide com o nome de Liz, aquele local onde eu havia passado tantos dias, onde havia desabafado tantas coisas, pensando estar dividindo algo com minha melhor amiga. Mas nunca fomos amigas de verdade. Fiquei ali olhando para o nome dela, pensando em como deveria agir. De certa forma, ela foi quem mais pagou por seus erros. Não cabia mais a mim julgá-la. Christopher me estendeu uma flor, que segurei por um tempo pensando no que poderia dizer. E disse apenas a verdade.

— Que você descanse em paz, Eliza. Que Deus a tenha perdoado pelos seus erros e a esteja cuidando agora. Não levarei comigo qualquer mágoa por você, apenas descanse em paz.

Joguei a flor lá dentro e saí dali, apesar da dor da traição, da dor de não tê-la conhecido de verdade, eu não a odiava. Apenas encerraria esse capítulo sabendo que estava ali mais alguém da minha família que eu havia perdido, e não minha melhor amiga.

Nós curtimos cada segundo da gestação, conforme o bebê foi se desenvolvendo, quando começou a se mexer, tudo era uma emoção nova. Eu não me sentia cansada, não tinha tanta falta de ar, e havia diminuído drasticamente o uso de medicamentos para não afetar em nada o bebê. Apesar do que diziam os médicos, a cada vez que íamos a um lugar novo, sempre me orientando a interromper a gestação, o bebê estava se formando bem e saudável.

Quando eu estava no sétimo mês de gestação, porém, o esforço dobrado cobrou seu preço. Acordei uma noite com falta de ar e uma dor aguda no peito, uma dor que nunca havia sentido. Minha cabeça parecia prestes a explodir, como se estivesse inchando e inchando sem parar. Consegui chamar Christopher, ele chamou uma ambulância e ouvi quando orientou o motorista a nos levar para um hospital específico, ele queria que um médico específico

me atendesse. Apaguei antes de chegar ao lugar.

Acordei num quarto de hospital, Christopher estava ao meu lado, havia uma enfermeira e aparentemente dois médicos, eles olhavam de um para o outro atônitos. Eu queria saber o que estava acontecendo, mas ao ver que eu estava acordada, a enfermeira aplicou algo em meu acesso.

— Não consigo entender o que aconteceu, isso é um milagre — um médico disse.

— Vamos colocá-la agora mesmo de volta na fila de transplante, vamos pedir urgência, ela deve ser prioridade caso apareça um doador compatível — falou o outro médico com urgência.

Eles fariam um transplante? Daria tempo de salvar meu bebê? Não entendia o que estava acontecendo, mas o sono me tomou e voltei a dormir.

Quando acordei de novo, estava sendo encaminhada para a sala de cirurgia, meu peito doía, e eu estava confusa.

Christopher segurou minha mão enquanto passávamos pelo corredor e disse com sua voz doce, tentando acalmar-me.

— Amor, o bebê precisa nascer agora, tudo bem? O seu coração está parando, mas vamos dar um jeito. Você vai conhecer nosso filho, eu sei que vai, vai ser uma mãe perfeita. Ensine a ele tudo o que me ensinou, ensine-o a ser ele mesmo, e o ame acima de tudo.

Eu queria perguntar do que ele estava falando, já que era ele quem criaria nosso filho. Meu coração estava parando, eu ia morrer ali. Meus olhos começaram a pesar de novo, mas pude ouvir suas últimas palavras com o médico.

— Você precisa fazer isso agora.

— Christopher! Você tem certeza disso? É muito arriscado, não fizemos exames, ela pode rejeitar seu coração, não concordo em nada com isso.

— Eu já fiz os exames, somos compatíveis, apenas faça! Você prometeu!

O quê? Ele ia doar o coração para mim? Por isso estava me falando

como criar nosso filho? Tentei abrir os olhos e falar com ele, tentei desesperadamente gritar.

“Não faça isso, Christopher! Não me dê seu coração! Fique vivo, não faça isso!”

Mas minha voz não saiu, e meus olhos foram mais fortes, fechando-se antes que eu pudesse salvá-lo.

Diário de Christopher Becker

Vitória - ES – 13 de setembro de 2015

Seu caderno velho, não acredito que ainda está aqui. Mas bem, já que o encontrei, acho que você merece receber as notícias desse ano que se passou desde que nos falamos pela última vez. Trazê-lo para esta casa foi um enorme erro, caderno velho. As coisas que você carrega, quase mataram minha esposa, e serviu para que descobríssemos que ela estava grávida.

No começo, foi difícil aceitar, eu sabia que essa criança apenas aceleraria sua morte, e por mais que soubesse seu destino eu nunca estaria pronto para perdê-la. Nunca.

Por isso, quando soube de sua gestação e ela me pediu que a deixasse levá-la adiante, tive que agir. Entrei em contato com um amigo meu que era médico, estava praticando medicina em Massachusetts, Estados Unidos, e participava de uma pesquisa que buscava desenvolver um coração artificial que poderia substituir completamente um coração doente. A pesquisa não estava avançada ao ponto de eu poder usar um desses para salvar minha Elle, mas ele tinha outra opção. Um coração artificial que faria as funções do coração dela em seu lugar, ele precisaria ficar ligado a pequenas baterias e ela teria que carregá-las para todo o lado, mas era um incômodo pequeno para mantê-la viva.

Estávamos esperando que o bebê nascesse para que pudéssemos propor isso a ela, visto que não poderíamos fazer essa cirurgia durante a gestação. Mas então o coração dela começou a parar no sétimo mês. Tivemos que fazer uma cesariana de emergência, e recebemos a notícia de que milagrosamente seu corpo resistiria ao transplante. Ela foi colocada de volta na fila, mas não daria tempo. Até acharmos um doador compatível, não daria. Para nossa sorte o doutor Werner, esse meu velho amigo estava na capital, e atendeu ao meu chamado urgente, trazendo consigo o coração artificial que havia me prometido. Temi que não fosse dar tempo e o fiz jurar

que caso esse aparelho não funcionasse, ele tiraria o meu coração e o daria a ela. Foi difícil convencê-lo, mas o desespero em meus olhos o fez por mim.

Graças a Deus não foi preciso. O coração artificial funcionou perfeitamente. Ela viu nosso filho, é um menino, a propósito, se chama Rafael, significa “curado por Deus”, pelo milagre que causou nela, tornando possível que ela resistisse até receber o coração artificial. Quando nosso pequeno tinha três meses de vida, encontramos um doador. Ela fez o transplante e deu tudo certo. Temos uma família linda, e não temos mais um maldito cronômetro sobre nossas cabeças contando o tempo da nossa felicidade. Ele tem seis meses agora, é esperto e saudável, e estamos planejando aumentar a família assim que ele aprender a andar.

Nos amamos cada dia mais, esse tipo de felicidade que só existe em livros e filmes, que ela não ousava acreditar, nós a temos. A construímos, cuidamos dela, nos esforçamos por ela, e a mantemos.

Vou encerrar você agora, diário velho, deixando registrado aqui nossa felicidade, uma felicidade que nem em meus mais desvairados sonhos pensei que alcançaria, mas que é minha e dela. E vai nos acompanhar para sempre, como o típico final de um livro lindo.

Oláaaaaaaaaa

Obrigada por chegar até aqui conosco!

Espero de coração que tenha se apaixonado e se emocionado a cada página com Chris e Elle.

Quer ganhar um Kit deste livro contendo marcadores, botton e chaveiro do livro? É muito simples! Basta avaliar o livro na Amazon, após concluir sua leitura e em seguida enviar o print da sua avaliação, com o seu endereço, para o e-mail avaliacoes.carlie@gmail.com

E pronto! Enviarei a você esse kit lindo!

Agradecimentos

Três anos depois, finalmente aqui estamos nós! A emoção que senti ao finalizar este livro é algo que não pode ser descrito!

Então só posso agradecer, mais uma vez e sempre, a Deus, meu Pai, meu protetor, meu melhor amigo e guia, te peço que cuide sempre de mim, Pai, a cada passo.

Obrigada a toda minha família por seu apoio incondicional e amor, às minhas primas lindas que leem o que escrevo e me ajudam sempre, aos meus irmãos, por dividirem esse sonho comigo, e aos meus pais, minha base!

A você que chegou até aqui comigo, mais uma vez, ou pela primeira vez, espero vê-la sempre em novas emoções, muito obrigada!

Obrigada Ellen, minha amiga linda e irmã, por cada dia ao meu lado, por cada conselho e ajuda. Amo você!

Maria Rosa, minha amiga amada, nunca terei palavras para agradecê-la por tudo! Que Papai do céu continue abençoando nosso anjinho!

A Rayane e Dani, o que seria de mim sem vocês? Simplesmente não imagino minha vida sem vocês!

Emanuela Dias, muito obrigada minha beta linda por sua ajuda e carinho!

Ellah Castro, minha vaquinhaaaaa mais amada! Obrigada por seu apoio, amor e amizade!

A Míddian Meireles, com um parágrafo só seu, obrigada por tudo sempre! Que sua estrela brilhe cada vez mais alto!

A Bia Tomaz e Tatiana Pinheiro, obrigada por dividirem confissões, por dividirem tanto talento e inspiração, por dividirem sonhos, obrigada!

A Amanda Lopes, gringa, obrigada por cada vez em que me salvou com uma capa linda! Por cada vez em que me salvou.

A Sara Rodrigues, minha vaquinha anjinha linda, obrigada por tudo! Desde

sempre e para sempre! E Kamila Cavalcante, você me abandonou, mas te amo assim mesmo! Acompanhando de perto todo seu sucesso.

A Cleidi Natal, amiga e beta linda, obrigada por seu carinho e paciência sempre! E ao Mô, Paulooo obrigada pelo apoio sempre e por cuidar dela!

A Aline Mendes, por cada palavra de incentivo que me deixou com olhos marejados e esperança no coração.

Às minhas vizinhas que amo demais! Alinne Leite, Laís Pereira, Tati Silva e mamis Eliane, Larissa Lorrane e Thaís Martins (divaaaaaaa).

Às minhas meninas mais lindas do mundo, que me ouvem, entendem e apoiam, e me matam de rir com seus planos e leilões. Amo vocês! Drika, Danielle Oliveira, Jheniffer, Jennifer Torres, Mony, Carla Carvalho, Rosa Alexandrina, Joseania e Nay, Emily, Duda e todas que fazem parte do meu grupo!

À Shirley Nonato, Michelle Gleice e Amanda Souza, Rozzy Lima, Nathalia Mattos, Sheyla Mesquita, Nessah Candido, Maria Augusta, Nadia Nnsmach, Flavia Clementino, Thay Braz, Rosiane Conrado, Danny Lobo, Elaine Mendes, Joice Gums, Vick Duque, Willer Jones, Mariazinha Franco, Camila Lima, Suelen Xavier, Juliana Cardoso, Regiane Valim, obrigada sempreeee!

Às meninas lindas que me dão muito apoio no Wattpad e Face, comentando, compartilhando e me animando a continuar, não consigo por o nome de todas, mas vocês sabem que são vocês, que estão sempre ali comigo, Rosiane Conrado, Carem Daniela, Luciana Ramos, Christiane Aparecida, Brenda Amorim, Thami Silva, Carlet Garcias, Cynthia Barreto, Jurema Andrade, Alessandra Regina, Jessica Rayane, Fernanda Maria, Luzhya S. Moura, Eliane Ely, Andressa Fernandes, Mary Souza, Ericarla Carvalho, Dine Bessa, Thays Silveira, Anna Rodrigues, Jôsi Mafra, Emilene, Jis Rocha, Ana Carolina, Cristina Marreira, Fernanda Costa, Luanna Esther, Juliana Gaspar, Aleh Bernardo, Walquiria Quaresma, Tayná Andrade, Adriana Rodrigues, Mya Nogueira, Ana Carolina Nadu, Silvana Aparecida, Dirce Américo, Jaysa Silva.

Às minhas divas que me inspiram e apoiam, meu eterno obrigada, Camila Moreira, Nana Pavoulih, Alc Alves, Ali Graciotte, Ana Paula Vilar, Cristina Melo, Priscila Tigre, Debora Gomes, Lety Friederich, Jô Magrini.

A Bianca Patacho, Aline Silva, Vanessa Fiorio e Gracielle Rattes, sempre! E ao Livros do coração, Lunáticas por romance, Blog Literalmente Rosa, Morgana das fadas e Luiza Literárias por todo apoio!

Não perca os próximos lançamentos!

TESTE DRIVE

Stephen Ryan pode ser considerado um homem fora do comum. Apesar de seu hobbie favorito (luta livre em um clube clandestino), das tatuagens e da cara de mau, é na verdade romântico ao extremo, doce, atencioso e virgem! Ele apenas espera aquela garota que o fará apaixonar-se perdidamente para pertencer a ela. Após perder sua primeira paixão, não está em busca de aventurar-se nos caminhos do coração tão cedo.

O que ele não contava era que seu pai, desconfiado de sua masculinidade, imporia à sua vida a espezitada Sabrina Vega. Uma conhecida garota de programa que tem mais mistérios em seu passado do que é possível contar.

Sabrina tem uma missão muito fácil: seduzir Stephen e fazer o teste drive. Depois, contar ao pai dele o resultado. Seria fácil se ela não fosse a única garota de programa do mundo que é ruim de cama. Ela não esperava que seu futuro cliente fosse tão bonito. Mas é ao conhecê-lo melhor que o trabalho de Brin é posto à prova, pois, além de ser o homem mais bonito que já conheceu, Stephen é doce, atencioso e a respeita como ninguém jamais respeitou. Para ela, acostumada ao desprezo e homens sempre iguais, o diferente Stephen pode se tornar a melhor experiência de sua vida!

Agora, ela quer seduzi-lo apenas para ser dele, e mal se lembra do trabalho que lhe foi solicitado. Mas como impedir seu coração de se apaixonar perdidamente por ele?

ESTUPIDAMENTE ENLOUQUECIDOS

Maria Rosa Dantas é a doce e delicada caçula da família.

Diogo Vaughn, o atrapalhado e apaixonado namorado de infância dela. O relacionamento dos dois sempre foi previsível e certo...

Até o momento em que Maria Rosa decide se entregar ao seu amor, e, junto com sua virgindade, oferece sua verdadeira personalidade.

Assustado, Diogo reage da maneira mais estúpida possível.

Irritada, ela decide revidar.

Enlouquecidos, eles iniciam uma disputa para mostrar ao outro, quem pode ser mais quente, apaixonado e estúpido.

DESDE QUE ERREI

Cansado de viver sob as amarras do pai, João Pedro decide seguir seu próprio caminho, e viver seu grande amor com a jovem de origem humilde, Laura, romance esse não aceito por sua família. Porém, sem o apoio financeiro do pai, acaba se envolvendo com as pessoas erradas, na tentativa de ganhar dinheiro fácil, consegue perder a mulher que ama, a filha recém-nascida, e sua liberdade.

Agora, após cinco anos pagando por seus erros na prisão, ele está livre, e disposto a tudo para reconquistar sua mulher e conhecer sua filha. O problema é que Laura o odeia, e um simples pedido de desculpas não será o suficiente para apagar as marcas que cada um de seus erros deixou nela. E talvez o caminho mais fácil para o coração de Laura, seja fazendo com que ela o odeie ainda mais.

Até onde vale a pena ir para apagar as marcas do passado e viver um futuro que lhe foi prometido ao lado da mulher que ama?

CONTATO COM A AUTORA

E-mail: carlieferrers@gmail.com

Site: <http://carlieferrers.wixsite.com/autora>

Página no facebook: <https://www.facebook.com/carlieferrerautora>

Perfil no Wattpad: https://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

Instagram: <https://www.instagram.com/carlie.ferrer/>